

A MALDICAÇÃO DO VENCEDOR



MARIE RUTKOSKI

PLATA
FORMA 3D

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A MALDIÇÃO DO VENCEDOR

A MALDIÇÃO DO VENCEDOR



A TRILOGIA DO VENCEDOR: LIVRO UM

uma saga de

MARIE RUTKOSKI

tradução

GUILHERME MIRANDA

PLATA
FORMA

Star Books Digital

título original *The Winner's Curse*
© 2014 by Marie Rutkoski. Publicado mediante acordo com
Charlotte Sheedy Literary Agency. Todos os direitos reservados.
© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.



edição Fabrício Valério e Flavia Lago
editora-assistente Thaíse Costa Macêdo
preparação Raquel Nakasone
revisão Carla Bitelli
direção de arte Ana Solt
diagramação e epub Pamella Destefi
foto de capa © 2014 by Ali Smith
capa Elizabeth H. Clark

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rutkoski, Marie

A maldição do vencedor [livro eletrônico] / tradução Guilherme Miranda. – São Paulo:
Vergara & Riba Editoras, 2016. – (A trilogia do vencedor; v. 1)

1,9 Mb; ePUB.

Título original: The Winner's Curse.

ISBN 978-85-7683-978-1

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

16-01096

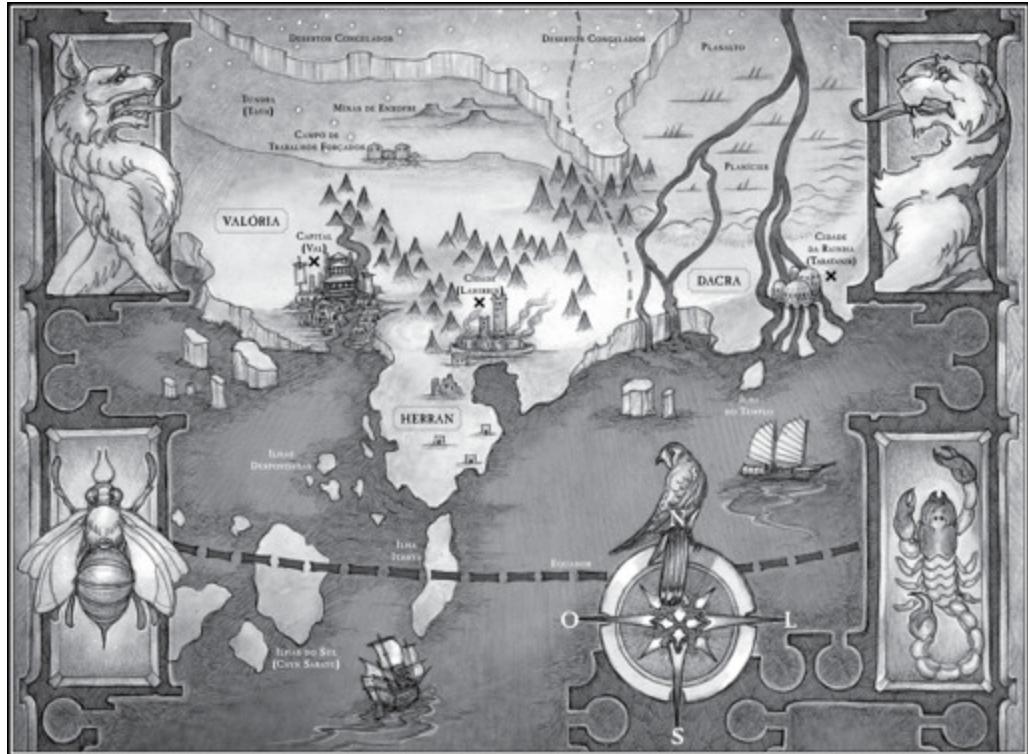
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à
vergara & riba editoras s.a.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
cep 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
vreditoras.com.br
editoras@vreditoras.com.br

De novo, para Thomas



NÃO DEVERIA TER FICADO TENTADA.

Foi o que Kestrel pensou enquanto tirava a prata dos marinheiros na mesa de jogos improvisada, num canto do mercado.

– Não vá embora – pediu um deles.

– Fique – pediu outro, mas Kestrel fechou a pequena bolsa de veludo. O sol tinha baixado, caramelizando tudo, o que significava que tinha jogado por tempo suficiente para ser vista por alguém.

Alguém que contaria ao pai dela.

Ela nem gostava tanto de jogar cartas. E a prata nem pagaria o estrago em seu vestido de seda, desfiado pelas farpas do caixote que usara como banco. Mas os marinheiros eram adversários muito melhores que o aristocrata comum. Eles viravam as cartas com truques ferozes, xingavam quando perdiam, xingavam quando ganhavam, arrancavam do amigo até a última moeda de pilares de prata. E roubavam. Kestrel sentia especial prazer quando eles roubavam. Ficava um pouco menos fácil vencê-los assim.

Ela sorriu e foi embora. Então fechou seu sorriso. Aquela emocionante hora vivida teria um preço. Não era o jogo nem mesmo a companhia que enfureceria seu pai. Não, o general Trajan ia querer saber por que sua filha estava no mercado da cidade sozinha.

As outras pessoas estavam curiosas. Ela via isso em seus olhos, enquanto percorria as bancas do mercado que ofereciam sacos abertos de temperos, cujos aromas se misturavam ao ar salgado que soprava do porto. Kestrel adivinhava as palavras que as pessoas não ousavam dizer quando ela passava. Claro que elas não falavam. Sabiam quem ela era. E ela sabia o que elas diriam.

Onde está o séquito de lady Kestrel?

E, se ela não tinha nenhum amigo ou parente disponível para acompanhá-la ao mercado, onde estavam seus escravos?

Bom, quanto aos escravos, eles tinham sido deixados na casa de campo. Kestrel não precisava deles.

Quanto ao paradeiro de seu séquito, ela estava se perguntando o mesmo.

Jess perambulava, olhando as mercadorias. Kestrel a tinha visto pela última vez passeando por entre as bancas feito uma abelha bêbada de néctar, com o pálido cabelo louro quase branco sob o sol do verão. Tecnicamente, Jess poderia ter tantos problemas em casa quanto Kestrel. Uma jovem valoriana que não fazia parte do exército não tinha permissão para andar sozinha. Mas os pais de Jess eram doidos de amor por ela, e estavam longe de ter o mesmo conceito de disciplina que o general da patente mais alta no exército valoriano.

Kestrel examinou as bancas em busca da amiga, e finalmente avistou o brilho das tranças louras penteadas na última moda. Jess estava conversando com uma joalheira que lhe mostrava um par de brincos. As gotículas de ouro translúcido reluziam.

Kestrel se aproximou.

– Topázio – a mulher mais velha dizia a Jess. – Para realçar seus lindos olhos castanhos. Apenas dez pilares.

Havia um tom duro na voz da joalheira. Kestrel olhou nos olhos cínceros da mulher e notou que sua pele cheia de rugas era amarronzada devido aos anos de trabalho sob o sol. Ela era herrani, mas uma marca em seu punho revelava que era liberta. Kestrel se perguntou como ela tinha conseguido sua liberdade. Escravos libertos pelos próprios donos eram raros.

Jess ergueu os olhos.

– Ah, Kestrel – ela murmurou. – Estes brincos não são perfeitos?

Talvez, se o peso da prata na bolsa de Kestrel não tivesse apertado seu punho, ela não teria dito nada. Talvez, se o peso em seu punho não tivesse apertado seu coração de medo, Kestrel teria pensado antes de falar. Em vez disso, ela soltou a verdade óbvia.

– Não são topázio. São de vidro.

Fez-se uma bolha súbita de silêncio. Ela se expandiu, mais fina e translúcida. As pessoas ao redor delas estavam ouvindo. Os brincos tremeram em pleno ar.

Porque os dedos esqueléticos da vendedora de joias estavam tremendo.

Porque Kestrel havia acabado de acusá-la de tentar enganar uma valoriana.

E o que aconteceria depois? O que aconteceria com qualquer herrani na situação daquela mulher? O que a multidão presenciaria?

Um oficial da guarda da cidade sendo chamado à cena. Um apelo de inocência, ignorado. Mão velhas amarradas ao tronco. Chicotadas até o

sangue escurecer o chão de terra batida.

– Deixe-me ver – Kestrel disse com a voz imperiosa, porque ela era muito boa em ser imperiosa. Pegou os brincos e fingiu examiná-los. – Ah. Parece que me enganei. São *mesmo* topázio.

– Pode levar – sussurrou a joalheira.

– Não somos pobres. Não precisamos de um presente de uma pessoa como você. – Kestrel colocou algumas moedas na mesa da mulher. A bolha de silêncio estourou e os fregueses voltaram a discutir qualquer produto que lhes chamasse a atenção.

Kestrel deu os brincos para Jess e a levou para longe.

Enquanto caminhavam, Jess examinou um dos brincos, balançando-o como uma sineta.

– Então são *mesmo* de verdade?

– Não.

– Como você sabe?

– São completamente claros – Kestrel disse. – Não têm nenhuma falha. Dez pilares seria barato demais para um topázio dessa qualidade.

Jess poderia ter comentado que dez pilares era caro demais para vidro. Mas disse apenas:

– A herrani diria que o deus das mentiras deve amar você, você vê tudo com tanta clareza.

Kestrel lembrou-se dos olhos cinzentos e apavorados da mulher.

– Os herranis contam histórias demais. – Eles eram sonhadores. Seu pai sempre dizia que esse era o motivo por que tinham sido tão fáceis de conquistar.

– Todo mundo ama histórias – Jess disse.

Kestrel parou para pegar os brincos de Jess e colocá-los nas orelhas da amiga.

– Então use estes brincos no próximo jantar da sociedade. Diga para todo mundo que pagou um valor absurdo, eles vão acreditar que são joias de verdade. Não é isso que as histórias fazem? Transformam coisas reais em falsas e coisas falsas em reais?

Jess sorriu, virando a cabeça de um lado para o outro para que os brincos cintilassem.

– E aí? Estou bonita?

– Tonta. Você sabe que está.

Jess guiava o caminho agora, passando por uma mesa com tigelas de latão cheias de corante em pó.

– É a minha vez de comprar alguma coisa para você.

– Eu tenho tudo de que preciso.

– Parece uma velha falando! Vão pensar que você tem 70 anos, em vez de 17.

A multidão estava mais densa agora, tomada pelo dourado dos valorianos, com seus cabelos e peles e olhos em tons que variavam de mel a marrom-claro. As raras cabeças morenas eram de escravos domésticos bem-vestidos, que tinham vindo com seus donos e não saíam do lado deles.

– Não fique com essa cara angustiada – Jess disse. – Venha, vou achar alguma coisa para te deixar feliz. Um bracelete?

Mas isso lembrou Kestrel da vendedora de joias.

– Melhor a gente ir para casa.

– Partitura?

Kestrel hesitou.

– Ahá – disse Jess. Ela pegou a mão da amiga. – Não solte.

Era uma brincadeira antiga. Kestrel fechou os olhos e foi puxada às cegas por Jess, que ria; então Kestrel riu também, como fizera anos antes, quando se conheceram.

O general estava impaciente com o luto da filha. “Sua mãe já morreu faz seis meses”, ele dissera. “É tempo suficiente.” Por fim, ele ordenou um senador de uma casa de campo vizinha a trazer a filha, também de oito anos de idade, para uma visita. Os homens entraram na casa. As meninas receberam ordens de ficar do lado de fora. “Vão brincar”, mandou o general.

Jess tentou conversar com Kestrel, que a ignorou. Por fim, Jess parou. “Feche os olhos”, ela disse.

Curiosa, Kestrel obedeceu.

Jess pegou sua mão: “Não solte!”. Elas atravessaram os gramados do general, escorregando e tropeçando e rindo.

Foi como agora, exceto pelo mar de gente em volta delas.

Jess diminuiu a velocidade. Então se deteve e disse:

– Ah.

Kestrel abriu os olhos.

As meninas tinham ido parar numa cerca de madeira na altura da cintura, que dava para um fosso lá embaixo.

– Você me trouxe *aqui*?

– Não era minha intenção – disse Jess. – Eu me distraí com o chapéu de uma mulher... Você sabia que chapéus estão na moda? Eu a estava seguindo para olhar mais de perto e...

– E você nos trouxe para o mercado de escravos.

A multidão tinha congelado atrás delas, barulhenta, numa ansiedade inquieta. Haveria um leilão em breve.

Kestrel deu um passo para trás. Ela ouviu um xingamento abafado quando seu calcanhar pisou nos dedos de outra pessoa.

– Nunca vamos conseguir sair agora – Jess disse. – Melhor a gente ficar até o fim do leilão.

Centenas de valorianos estavam reunidos atrás da cerca, que se curvava num semicírculo largo. Todos na multidão vestiam roupas de seda, cada um com uma adaga presa ao quadril, embora alguns, como Jess, a usassem mais como um ornamento do que como uma arma.

O fosso estava vazio, exceto por um grande palco de madeira para o leilão.

– Pelo menos temos uma vista boa. – Jess encolheu os ombros.

Kestrel sabia que Jess tinha entendido por que ela dissera em voz alta que os brincos de vidro eram de topázio. Jess comprehendia por que tinham sido comprados. Mas o jeito da menina lembrou Kestrel que certos assuntos elas não poderiam discutir.

– Ah. Finalmente. – comentou uma mulher com o queixo pontudo ao lado de Kestrel.

Os olhos dela se estreitaram na direção do fosso e do homem atarracado caminhando para o centro. Ele era um herrani, com seu típico cabelo preto, mas sua pele pálida indicava uma vida fácil, sem dúvida graças a algum favoritismo que lhe garantira aquele trabalho. Era alguém que havia aprendido como agradar seus conquistadores valorianos.

O leiloeiro parou diante do palco.

– Mostre uma menina primeiro! – pediu a mulher ao lado de Kestrel, com a voz ao mesmo tempo alta e lânguida.

Muitas vozes estavam gritando agora, cada uma pedindo o que queria ver. Kestrel achou difícil respirar.

– Uma menina! – berrou a mulher de queixo pontudo, mais alto desta vez.

O leiloeiro, que vinha acenando as mãos para si mesmo, como se colhesse os gritos e a euforia, parou quando o grito da mulher cortou o vozerio. Ele olhou para ela, depois para Kestrel. Uma centelha de surpresa pareceu surgir em seu rosto. Mas ela pensou que devia tê-la imaginado, pois em seguida ele passou para Jess, depois examinou o semicírculo de todos os valorianos encostados na cerca acima e em volta dele.

Ele ergueu a mão. Caiu um silêncio.

– Tenho algo muito especial para vocês.

O fosso tinha sido construído de forma que a acústica conduzisse um murmúrio, e o leiloeiro era bom em seu ofício. Sua voz suave fez todos se aproximarem.

Ele fez um sinal em direção à estrutura aberta, ainda coberta e sombreada. Ela era baixa e pequena no fundo do fosso. Ele fez sinal com os dedos uma, duas vezes, e algo se agitou no redil.

Um jovem saiu.

A multidão murmurou. O espanto cresceu conforme o escravo caminhava devagar pela areia amarela. O jovem subiu no palco de leilão.

Ele não tinha nada de especial.

– Dezenove anos e em ótimas condições. – O leiloeiro deu um tapinha nas costas do escravo. – Este aqui seria ótimo para a casa.

Gargalhadas correram pela multidão. Os valorianos cutucaram uns aos outros e elogiaram o leiloeiro. Ele sabia como entreter.

O escravo era uma péssima mercadoria. Ele parecia um bruto, pensou Kestrel. Um hematoma fundo na bochecha era prova de uma briga e promessa de que ele seria difícil de controlar. Seus braços nus eram musculosos, o que provavelmente só confirmava a ideia do público de que ele teria mais proveito para alguém com um chicote em mãos. Talvez, em outra vida, ele pudesse ter sido usado para trabalho doméstico; seu cabelo era castanho, claro o suficiente para agradar alguns valorianos e, embora Kestrel não conseguisse discernir seus traços a distância, havia um ar orgulhoso na forma como ele se portava. Mas sua pele era bronzeada pelo trabalho ao sol, e sem dúvida era a esse tipo de

trabalho que ele retornaria. Ele poderia ser comprado por alguém que precisasse de um estivador ou de um construtor de paredes.

Mesmo assim, o leiloeiro continuou com a piada.

– Ele pode servir sua mesa.

Mais gargalhadas.

– Ou ser seu valete.

Os valorianos levavam uma mão à barriga e erguiam a outra, implorando para que o leiloeiro parasse, parasse, ele era engraçado demais.

– Quero ir embora – Kestrel disse a Jess, que fingiu não ouvir.

– Está bem, está bem. – O leiloeiro sorriu. – O rapaz tem, sim, algumas habilidades. Juro pela minha honra – acrescentou, colocando a mão no peito, e a multidão riu de novo, porque era de conhecimento geral que não existia honra entre o povo herrani. – Este escravo foi treinado como ferreiro. Seria perfeito para qualquer soldado, especialmente para um oficial com guarda própria e armas para cuidar.

Houve um murmúrio de interesse. Ferreiros herranis eram raros. Se o pai de Kestrel estivesse ali, ele provavelmente faria uma oferta. Fazia tempo que a guarda dele reclamava da qualidade do trabalho do ferreiro da cidade.

– Vamos começar os lances? – disse o leiloeiro. – Cinco pilastras. Eu ouvi cinco pilastras de bronze pelo rapaz? Senhoras e senhores, não daria nem para *contratar* um ferreiro por tão pouco.

– Cinco! – alguém gritou.

– Seis.

E os lances começaram.

Os corpos atrás de Kestrel pareciam feitos de pedra. Ela não conseguia se mover. Não conseguia olhar para o seu povo. Não conseguia chamar a atenção de Jess nem fixar o céu iluminado demais. Esses eram os motivos, ela concluiu, por que era impossível observar qualquer outra coisa além do rosto do escravo.

– Ah, ora essa – disse o leiloeiro. – Ele vale pelo menos dez.

Os ombros do herrani se enrijeceram. Os lances continuaram.

Kestrel fechou os olhos. Quando o preço chegou a vinte e cinco pilastras, Jess perguntou:

– Kestrel, você está passando mal?

– Sim.

– Vamos sair assim que acabar. Não falta muito agora.

Houve uma pausa nos lances. Pareceu que o escravo seria vendido por vinte e cinco pilastras – um preço deplorável, mas o máximo que estavam dispostos a pagar por uma pessoa que trabalharia até a inutilidade.

– Meus caros valorianos – disse o leiloeiro. – Esqueci uma coisa. Têm certeza de que ele não daria um ótimo escravo doméstico? Porque *este rapaz sabe cantar*.

Kestrel abriu os olhos.

– Imagine a música durante o jantar, como seus convidados ficariam encantados. – O leiloeiro ergueu os olhos para o escravo, que parecia alto no pequeno palco. – Vamos lá. Cante para eles.

Só então o escravo mudou de posição. Foi um movimento ligeiro e logo contido, mas Jess inspirou fundo, como se ela, assim como Kestrel, imaginasse uma briga começando no fosso lá embaixo.

O leiloeiro murmurou raivoso para o escravo num herrani rápido, baixo demais para que Kestrel entendesse.

O escravo respondeu em sua língua. Sua voz era baixa:

– Não.

Talvez ele não soubesse da acústica do fosso. Talvez não se importasse ou não se preocupasse com o fato de que qualquer valoriano conhecia o mínimo de herrani para entender o que ele havia dito. Não fazia diferença. O leilão tinha acabado agora. Ninguém iria querer aquele rapaz. A pessoa que tinha oferecido vinte e cinco pilastras já devia estar arrependida por ter feito um lance por alguém tão intratável, que não obedecia nem à sua própria raça.

Mas a recusa dele comoveu Kestrel. A estrutura pétreas dos ombros do escravo a lembraram de si mesma, quando seu pai exigia algo que ela não podia dar.

O leiloeiro ficou furioso. Ele devia concluir a venda ou, pelo menos, fingir exigir um preço mais alto, mas ficou simplesmente parado, com os punhos cerrados, tentando encontrar uma forma de punir o jovem antes de encaminhá-lo para o sofrimento de cortar rochas ou para o calor da forja.

A mão de Kestrel se moveu sozinha.

– Um pilar! – ela gritou.

O leiloeiro se virou. Ele vasculhou a multidão. Quando encontrou Kestrel,

um sorriso iluminou sua expressão numa alegria astuta.

– Ah – ele suspira –, agora, sim, alguém que entende de valores.

– Kestrel. – Jess puxou a sua manga. – O que você está fazendo?

A voz do leiloeiro ribombou:

– Dou-lhe uma, dou-lhe duas...

– Doze pilares! – gritou um homem encostado na cerca na frente de Kestrel, do outro lado do semicírculo.

O queixo do leiloeiro caiu.

– Doze?

– Treze! – veio outro grito.

Kestrel pestanejou internamente. Se ela tivesse de dar algum lance – Por quê? Por que tinha feito isso? –, não deveria ter sido tão alto. Todas as pessoas aglomeradas em volta do fosso estavam olhando para ela: a filha do general, um pássaro da alta sociedade, que voava de uma casa respeitável à outra. Eles pensaram...

– Quatorze!

Pensaram que, se *ela* queria o escravo, ele devia merecer o preço. Devia haver um motivo para querê-lo.

– Quinze!

E o delicioso mistério do *porquê* fez um lance superar o outro.

O escravo estava olhando fixamente para ela agora, o que não era nenhuma surpresa, visto que ela tinha iniciado aquela loucura. Kestrel sentiu algo dentro de si se equilibrando na linha entre o destino e a escolha.

Ela ergueu a mão.

– Ofereço vinte pilares.

– Meu deus, garota – disse a mulher de queixo pontudo à sua esquerda. – Desista. Por que fazer um lance por *ele*? Só porque ele sabe cantar? Deve cantar no máximo uma daquelas músicas herranis obscenas sobre bebida.

Kestrel não olhou para ela nem para Jess, embora pudesse sentir a menina torcendo os dedos. Não abandonou o olhar do escravo.

– Vinte e cinco! – gritou uma mulher do fundo.

O valor agora era maior do que Kestrel tinha na bolsa. O leiloeiro mal parecia saber o que fazer. As ofertas foram subindo, uma voz impelia a outra até parecer que uma flecha com corda trespassava a multidão, amarrando-os

uns aos outros com a euforia.

A voz de Kestrel saiu dura:

– Cinquenta pilares.

O silêncio súbito, perplexo, feriu seus ouvidos. Jess abafou um grito de surpresa.

– Vendido! – gritou o leiloeiro. Seu rosto estava selvagem de alegria. – À lady Kestrel, por cinquenta pilares! – Ele puxou o escravo para fora do palco e foi só então que o jovem tirou os olhos dela. Ele mirou a areia, tão fixamente que parecia estar lendo seu futuro ali, até o leiloeiro o empurrar na direção do redil.

Kestrel inspirou, trêmula. Seus ossos pareciam feitos de água. O que ela tinha feito?

Jess colocou a mão sob o cotovelo dela para apoiá-la.

– Você está *mesmo* passando mal.

– E com a mão bem aberta, eu diria – zombou a mulher de queixo pontudo. – Parece que alguém está sofrendo da maldição do vencedor.

Kestrel se voltou para ela.

– O que quer dizer?

– Você não frequenta leilões, não é? A maldição do vencedor é quando você vence as ofertas, mas só pagando um preço exorbitante.

A multidão estava diminuindo. O leiloeiro já trazia outra pessoa, mas a corda de euforia que havia atado os valorianos ao fosso havia se desfeito. O espetáculo tinha acabado. O caminho estava livre agora para Kestrel ir embora, mas ela não conseguia se mover.

– Não entendo – Jess disse.

Kestrel também não entendia. O que ela tinha na cabeça? O que estava tentando provar?

Nada, ela disse a si mesma. De costas para o fosso, obrigou seus pés a darem o primeiro passo para longe do que ela tinha feito.

Absolutamente nada.

A SALA DE ESPERA DO REDIL ERA ABERTA PARA o cheiro de carne não lavada. Jess continuava perto, olhando para a porta de ferro montada na parede. Kestrel tentou não fazer o mesmo. Era a primeira vez dela ali. Os escravos domésticos costumavam ser comprados pelo seu pai ou pelo mordomo da família, que os supervisionava.

O leiloeiro estava esperando perto das cadeiras acolchoadas, preparadas para os clientes valorianos.

– Ah. – Ele sorriu ao ver Kestrel. – A vencedora! Queria estar aqui antes de você chegar. Saí do fosso assim que pude.

– Você sempre cumprimenta seus fregueses pessoalmente? – Ela ficou surpresa com a ansiedade dele.

– Os bons, sim.

Kestrel se perguntou quanto dava para ouvir através da janelinha trancada da porta de ferro.

– Senão – continuou o leiloeiro –, deixo a transação final nas mãos da minha assistente. Ela está na fossa agora, tentando se livrar dos gêmeos. – Ele revirou os olhos pela dificuldade de manter famílias unidas. – Enfim – ele deu de ombros –, alguém pode querer um par combinando.

Dois valorianos entraram na sala de espera, um homem e uma mulher. O leiloeiro sorriu, perguntou se eles queriam sentar e disse que logo mais os atenderia. Jess sussurrou no ouvido de Kestrel que o casal se acomodando nas cadeiras baixas no outro canto eram amigos dos pais dela. Kestrel se importaria se ela fosse cumprimentá-los?

– Não, vai lá – ela respondeu.

Era compreensível que Jess ficasse incomodada com os detalhes baixos da compra de pessoas, mesmo que a coisa em si moldasse todas as horas da vida dela, desde o momento em que uma escrava lhe trazia o banho matinal até quando outra desfazia suas tranças para que fosse dormir.

Depois que Jess saiu para conversar com o casal, Kestrel olhou séria para o leiloeiro. Ele acenou com a cabeça. Tirou uma chave grossa do bolso,

destrancou a porta e entrou.

– Você – Kestrel o ouviu dizer em hirani. – Hora de sair.

Houve uma movimentação e o leiloeiro voltou. O escravo caminhava atrás dele.

Ele ergueu os olhos para encarar os de Kestrel. Seus olhos eram de um cinza claro e frio.

Eles a deixaram espantada. Mas ela já devia esperar ver essa cor num hirani; Kestrel pensou que era provavelmente o hematoma arroxeados na bochecha dele que tornava a expressão em seus olhos tão perturbadora. Mesmo assim, sentiu-se desconfortável sob o olhar dele. Então, ele abaixou os olhos. Encarou o chão, deixando o longo cabelo obscurecer seu rosto, ainda inchado de um lado pela briga ou surra.

Ele parecia perfeitamente indiferente a tudo que acontecia ao redor. Kestrel não existia, nem o leiloeiro, nem ele próprio.

O leiloeiro trancou a porta de ferro.

– Agora. – Ele bateu as mãos numa única palma. – A pequena questão do pagamento.

Ela lhe ofereceu a bolsa.

– Eu tenho 24 pilares.

Ele parou, em dúvida.

– Vinte e quatro não são cinquenta, milady.

– Vou mandar meu mordomo com o restante mais tarde.

– Ah, mas e se ele se perder?

– Sou filha do general Trajan.

Ele sorriu.

– Eu sei.

– A quantia total não é nenhum problema para nós – Kestrel continuou. – Simplesmente preferi não carregar cinquenta pilares hoje. Minha palavra é o suficiente.

– Claro. – Ele não disse que Kestrel poderia retornar em qualquer outro momento para buscar a compra e pagar o valor total, e Kestrel não falou nada sobre a raiva que tinha visto no rosto dele quando o escravo o desafiou, nem sobre sua desconfiança de que o leiloeiro se vingaria. A chance de isso acontecer aumentava a cada minuto que o escravo continuava ali.

Kestrel observou o leiloeiro pensar. Se ele insistisse que ela voltasse depois, correria o risco de offendê-la e perderia o valor total. Ou poderia embolsar o que não era nem metade dos cinquenta pilares agora e talvez nunca conseguir o restante.

Mas ele era esperto.

– Posso acompanhar a senhorita até sua casa com a aquisição? Gostaria de ver Smith instalado com segurança. Assim, seu mordomo já pode cuidar do pagamento.

Ela olhou de soslaio para o escravo. Ele piscou ao ouvir seu nome, mas não ergueu o rosto.

– Pode ser – ela respondeu ao leiloeiro.

Ela atravessou a sala de espera até Jess e perguntou ao casal se eles poderiam acompanhar a menina até em casa.

– Claro – disse o homem. Senador Nicon, Kestrel lembrou. – Mas e você?

Ela apontou para os dois homens atrás de si.

– Eles vão me acompanhar.

Jess sabia que um leiloeiro herrani e um escravo rebelde não eram o séquito ideal. Kestrel também sabia disso, mas uma faísca de ressentimento pela sua situação – pela situação que ela mesma havia criado – a deixou cansada de todas as regras que regiam seu mundo.

Jess perguntou:

– Tem certeza?

– Sim.

O casal ergueu as sobrancelhas, mas eles claramente decidiram que a situação não era da sua conta exceto como uma fofoca a espalhar.

Kestrel saiu do mercado de escravos com o leiloeiro e Smith atrás dela.

Ela andou rápido pelas vizinhanças que separavam aquela parte esquálida da cidade do Distrito Jardim. As ruas eram ordenadas, com ângulos retos, projetadas por valorianos. Ela sabia o caminho, mas tinha a estranha sensação de que estava perdida. Hoje, tudo parecia estranho. Quando passou pelo Quartel dos Guerreiros, cujos barracões densos havia percorrido na infância, imaginou os soldados se insurgindo contra ela.

Se bem que, é claro, qualquer um daqueles homens e mulheres armados morreria para protegê-la, e esperava que Kestrel se tornasse um deles. Bastava

que ela obedecesse os desejos de seu pai e se alistasse.

Quando as ruas começaram a mudar, torcendo-se em direções irracionais e se dobrando feito água, Kestrel ficou aliviada. As árvores formavam uma cobertura verde de folhas sobre ela. Podia ouvir as fontes atrás dos muros altos de pedra.

Ela chegou a uma enorme porta de ferro. Um dos guardas do seu pai espiou através da janelinha e abriu.

Kestrel não disse nada a ele nem aos outros guardas, e eles também não disseram nada a ela. A garota guiou o caminhão através do terreno. O leiloeiro e o escravo a seguiram.

Estava em casa. Mas os passos atrás dela na trilha de lajotas a lembraram que nem sempre foi assim. Essa propriedade e todo o Distrito Jardim tinham sido construídos por herranis, que os chamavam de outro nome quando a terra era deles.

Ela pisou no gramado. Os homens fizeram o mesmo, os passos agora abafados pela grama.

Um pássaro amarelo cantou e voou entre as árvores. Kestrel ficou ouvindo até a canção terminar. E continuou na direção da casa de campo.

O som de suas sandálias no chão de mármore da entrada ecoou baixo contra as paredes pintadas com criaturas saltitando, flores e deuses que ela desconhecia. Seus passos se misturaram ao sussurro da água borbulhando no tanque raso instalado no chão.

– Linda casa – elogiou o leiloeiro.

Ela lhe lançou um olhar cortante, embora não tivesse ouvido nada áspido na voz do homem. Procurou nele algum sinal de que reconhecia a casa, de que a tinha visitado – como um convidado de honra, um amigo ou mesmo um membro da família – antes da Guerra de Herran. Mas essa era uma ideia tola. As casas de campo no Distrito Jardim pertenceram aos herranis aristocratas e, se o leiloeiro fosse um deles, não teria acabado com este trabalho. Seria um escravo doméstico, talvez um tutor de crianças valorianas. Se ele *conhecia* a casa, era porque já tinha entregado escravos ali para seu pai.

Ela hesitou em olhar para Smith. Quando o fez, ele se recusou a encará-la de volta.

A governanta veio na direção dela atravessando o longo corredor que se

estendia depois da fonte. Kestrel a mandou entrar, com a ordem de buscar o mordomo e lhe pedir para trazer 26 pilares. Quando Harman chegou, suas sobrancelhas louras estavam frouxas e suas mãos, que seguravam um pequeno cofre, estavam tensas. E ficaram ainda mais tensas quando ele viu o homem e o escravo.

Kestrel abriu o cofre e contou o dinheiro enquanto o colocava na mão estendida do leiloeiro. Ele embolsou a prata, depois esvaziou a bolsa dela, que carregava consigo. Com uma leve reverência, devolveu a bolsa vazia para ela.

– Foi um prazer fazer negócios com a senhorita. – Ele se virou para ir embora.

Ela disse:

– É melhor que não haja nenhuma marca nova nele.

Os olhos do leiloeiro se voltaram para o escravo e percorreram seus farrapos, seus braços sujos e cobertos de cicatrizes.

– Fique à vontade para inspecionar, minha senhoria – o leiloeiro disse, com a voz arrastada.

Kestrel franziu a testa, incomodada com a ideia de inspecionar qualquer pessoa, que dirá *aquela* pessoa. Mas, antes que pudesse formular uma resposta, o leiloeiro já tinha ido embora.

– Quanto? – Harman perguntou. – Quanto, no total, custou isso?

Ela respondeu.

Ele inspirou fundo.

– O seu pai...

– Deixe que eu conto para o meu pai.

– Bom, o que eu faço com *ele*?

Kestrel olhou para o escravo. Ele não tinha se movido, continuava parado no mesmo piso preto como se ainda estivesse no palco de leilão. Ele havia ignorado a conversa inteira, sem prestar atenção no valoriano, que provavelmente não entendia direito. Seus olhos estavam erguidos, pousados num rouxinol pintado que decorava uma parede do outro lado.

– Este é Smith – Kestrel disse ao mordomo.

O nervosismo de Harman diminuiu um pouco.

– Um ferreiro? – Às vezes os escravos recebiam nomes de acordo com seu trabalho. Smith era o nome dos ferreiros. – Ele pode ser útil. Vou mandá-lo

para a forja.

– Espere. Ainda não sei onde quero que ele fique. – Ela perguntou a Smith em herrani: – Você canta?

Então ele olhou para ela e Kestrel encontrou a mesma expressão que tinha visto na sala de espera. Seus olhos cinzas eram gélidos.

– Não.

Smith tinha respondido na língua dela com um sotaque leve.

Ele desviou os olhos. O cabelo castanho caiu para a frente, cobrindo seu perfil.

Kestrel cravou as unhas nas palmas das mãos.

– Arranje um banho para ele – ela disse a Harman numa voz que esperava soar mais apressada do que frustrada. – E umas roupas de verdade.

Ela começou a descer o corredor, então parou. As palavras saíram como um raio de sua boca:

– E corte o cabelo dele.

Kestrel sentiu o frio do olhar de Smith nas suas costas enquanto se retirava. Agora, era fácil dar nome à expressão nos olhos dele.

Desprezo.

KESTREL NÃO SABIA O QUE DIZER.

Seu pai, recém-saído do banho depois de um dia quente treinando soldados, diluía seu vinho. O terceiro prato foi servido: frango recheado com passas temperadas e amêndoas amassadas. Estava seco demais para ela.

– Você treinou? – ele perguntou.

– Não.

Ele parou de mover as mãos grandes.

– Eu vou treinar – explicou ela. – Depois. – Kestrel bebeu de sua taça. Em seguida, passou o polegar pelo vidro verde, esfumaçado, moldado com delicadeza. Ele tinha vindo com a casa. – Como são os recrutas novos?

– Ingênuos, mas não é um grupo ruim. – Ele deu de ombros. – Precisamos deles.

Kestrel concordou com a cabeça. Os valorianos sempre enfrentaram invasões bárbaras nas fronteiras de seus territórios e, com o crescimento de seu domínio nos últimos cinco anos, os ataques tinham se tornado mais frequentes. A península Herran não estava sob ameaça, mas o general Trajan treinava batalhões para serem enviados às fronteiras longínquas do império.

Com o garfo, ele perfurou uma cenoura coberta por mel. Kestrel olhou para o utensílio de prata, cujos dentes refletiam a intensa luz das velas. Absorvida pela cultura dela havia tanto tempo, aquela invenção herrani tornava fácil esquecer que os valorianos já haviam comido com as mãos.

– Pensei que você tinha ido ao mercado com Jess à tarde – ele disse. – Por que ela não veio jantar com a gente?

– Ela não me acompanhou até em casa.

Ele pousou o garfo no prato.

– Quem acompanhou então?

– Pai, eu gastei cinquenta pilares hoje.

Ele gesticulou com a mão para indicar que a soma era irrelevante. Sua voz transmitia uma calma simulada.

– Se você atravessou a cidade sozinha, *de novo...*

– Não vim sozinha. – Ela então lhe contou quem a tinha acompanhado e por quê.

O general esfregou a sobrancelha e apertou os olhos.

– *Esse* foi o seu séquito?

– Não preciso de um séquito.

– Não precisaria mesmo, se você se alistassem.

E lá estavam eles, envolvidos de novo em uma antiga discussão.

– Eu nunca vou virar soldada – ela disse.

– Você já deixou isso claro.

– Se uma mulher pode lutar e morrer pelo império, por que não pode andar sozinha?

– Essa é a questão. Uma *soldada* já provou sua força, por isso não precisa de proteção.

– Eu também não preciso.

O general colocou as mãos na mesa. Quando uma menina veio tirar os pratos, ele vociferou para que ela saísse.

– Você sinceramente não acredita que *Jess* poderia me oferecer alguma proteção – emendou Kestrel.

– Apenas soldadas podem andar sozinhas. É o costume.

– Nossos costumes são absurdos. Os valorianos se orgulham de sobreviver com pouca comida, se necessário, mas é um insulto se não servirem pelo menos sete pratos todo jantar. Eu sei lutar bem o suficiente, mas, se não for uma soldada, é como se esses anos de treinamento não tivessem existido.

O pai a olhou firme.

– Sua força militar nunca esteve em combate.

Era uma maneira de dizer que ela não era uma boa guerreira.

Mais gentilmente, ele acrescentou:

– Você é uma estrategista.

Kestrel deu de ombros.

Seu pai continuou:

– Quem sugeriu que eu atraísse os bárbaros dracanos para as montanhas quando eles atacaram a fronteira leste do império?

Tudo o que ela tinha feito foi apontar o óbvio. Era evidente que os bárbaros estavam fazendo um uso excessivo de cavalaria, e era claro que as montanhas

estéreis ao leste matariam os cavalos de sede. Se alguém era um estrategista, era o pai dela. Ele estava empregando uma estratégia naquele exato momento, usando de bajulação para conseguir o que queria.

– Imagine como o império se beneficiaria se você realmente trabalhasse comigo e usasse esse talento para proteger nossos territórios, em vez de ficar destruindo a lógica dos costumes que ordenam nossa sociedade.

– Nossos costumes são mentiras. – Os dedos de Kestrel apertaram a base frágil da taça.

O olhar do pai pousou sobre a mão tensa dela, e ele estendeu a mão para tocá-la. Com a voz baixa e firme, ele disse:

– Essas não são as minhas regras. São do império. Lute por ele e você terá sua independência. Senão, aceite suas limitações. Seja como for, você vive de acordo com as nossas leis. – Ele ergueu um dedo. – E não reclame.

Então ela não diria mais nada, decidiu. Retirou a mão e se levantou, lembrando como o escravo tinha usado o silêncio como arma. Ele tinha sido vendido, empurrado, puxado, inspecionado. Tomaria um banho, teria o cabelo cortado, receberia roupas. Mas tinha se recusado a desistir de tudo.

Kestrel reconhecia uma força quando a encontrava.

O pai dela também. Seus olhos castanho-claros se estreitaram na sua direção.

Ela saiu da sala de jantar. Desceu a passos largos pela ala norte da casa, chegou a uma porta dupla e a abriu. Encontrou o caminho tateando através da escuridão até encontrar uma pequena caixa de prata e uma lamparina à óleo. Seus dedos já estavam acostumados a esse ritual. Não teve dificuldade para acender a lamparina às cegas. Ela também sabia tocar às cegas, mas não queria errar nenhuma nota. Não naquela noite, não depois de um dia em que não tinha feito nada além de tatear e andar a esmo.

Deu a volta no piano no centro da sala, passando a mão por sua superfície lisa e polida. O instrumento era uma das poucas coisas que sua família tinha trazido da capital. Pertencera à sua mãe.

Kestrel abriu as portas de vidro que davam para o jardim. Inspirou o ar da noite, deixando-o se acumular em seus pulmões.

Sentiu o cheiro de jasmins. Imaginou as pequenas flores se abrindo na escuridão, cada pétala rígida, pontuda e perfeita. Voltou a pensar no escravo,

sem saber por quê.

Olhou para sua mão traiçoeira, a que tinha se erguido para chamar a atenção do leiloeiro.

Balançou a cabeça. Não pensaria mais no escravo.

Sentou-se diante das quase cem teclas brancas e pretas do piano.

Esse não era nem de longe o tipo de treino que seu pai tinha em mente. Ele estava se referindo às sessões diárias com o capitão da guarda dele. Bom, ela não queria praticar Agulhas ou o que quer que seu pai considerasse que ela deveria aprender.

Seus dedos pousaram nas teclas. Ela as tocou de leve, sem força suficiente para que os martelos dentro do piano acertassem o tear de cordas metálicas.

Inspirou fundo e começou a tocar.

ELA TINHA SE ESQUECIDO DELE.

Três dias se passaram e a dona da casa parecia ignorar completamente o fato de que tinha comprado um escravo para aumentar a coleção de 48 do general.

O escravo não sabia se devia se sentir aliviado.

Os dois primeiros dias tinham sido uma bênção. Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha se dado ao luxo de ter preguiça. O banho estava incrivelmente quente e o sabão o fazia olhar surpreso através do vapor. A espuma era mais aromática do que qualquer uma de que ele se recordasse. Tinha cheiro de lembranças.

Sentiu em sua pele uma sensação de renovação. Manteve a cabeça rígida quando outro escravo herrani cortou seu cabelo e depois ficou o tempo todo erguendo a mão para jogar para o lado cachos que não existiam mais, mas, no segundo dia, percebeu que não se importava tanto. A mudança lhe dava uma visão mais clara do mundo.

No terceiro dia, o mordomo veio procurá-lo.

O escravo, como não tinha recebido ordens, vinha vagando pelo terreno. A casa lhe era proibida, mas ele se bastava observando-a de fora, contando suas janelas e portas. Ele se deitava na grama, deixando a estática verde e quente fazer cócegas nas suas palmas, contente por suas mãos estarem calejadas demais para sentir. O ocre amarelo das paredes da casa brilhava sob a luz e então apagava. Ele listava mentalmente quais quartos da casa ficavam escuros a que hora do dia. Erguia os olhos para as laranjeiras. Às vezes, ele dormia.

Os outros escravos se esforçavam para ignorá-lo. No começo, lançaram olhares que variavam de ressentimento a confusão e a desejo. Ele mal se importou. Assim que foi direcionado ao alojamento dos escravos, que ficava numa construção parecida com os estábulos, ele entendeu a hierarquia dos herranis do general. Ele estava abaixo de todos.

Ele comia seu pão com o restante deles e dava de ombros sempre que lhe perguntavam por que não tinham lhe atribuído tarefas. Ele respondia às perguntas diretas. Na maior parte do tempo, porém, só ficava ouvindo.

No terceiro dia, já conseguia fazer um mapa mental das dependências: o alojamento dos escravos, os estábulos, os barracões da guarda particular do general, a forja, os pequenos galpões de estoque, uma casinha perto do jardim. A propriedade era grande, especialmente por ainda estar dentro da cidade. O escravo achou que tinha sorte por ter tantas horas livres para estudá-la.

Ele estava sentado numa ladeira suave perto do pomar, a uma altura que lhe permitia ver o mordomo vindo da casa na direção dele muito antes de o valoriano chegar. Isso agradou o escravo. Confirmou sua suspeita: não seria fácil defender aquela casa se ela fosse atacada da maneira certa. A propriedade devia ter sido oferecida ao general porque era a maior e a mais elegante da cidade, ideal para manter cavalos e uma guarda particular, mas as colinas cobertas de árvores cercando a casa seriam vantajosas para uma força inimiga. O escravo se perguntou se o general realmente não via isso. Mas, enfim, valorianos não sabiam como era ser atacado em sua própria casa.

O escravo deteve seus pensamentos. Eles ameaçavam invadir seu passado. Ele queria que sua mente fosse como terra congelada: dura e infértil.

Ele se concentrou na visão do mordomo subindo a colina, esbaforido. Ele era um dos poucos servos valorianos, assim como a governanta; suas posições eram importantes demais para serem dadas a herranis. O escravo supôs que o mordomo fosse bem pago. Ele sem dúvida estava bem-vestido, usando os tecidos dourados de que os valorianos gostavam tanto. O cabelo amarelo e fino voava sob a brisa. Quando se aproximou, o escravo o ouviu murmurar em valoriano e soube que ele era o alvo da irritação do homem.

– Você – o mordomo falou em herrani com um sotaque forte. – Aí estar você, seu inútil preguiçoso.

O escravo lembrou do nome dele – Harman –, mas não o usou. Smith não disse nada, só deixou que Harman desse vazão à sua raiva. Ele via graça em ouvir o homem assassinando sua língua. O sotaque do mordomo era ridículo, sua gramática ainda pior. Seu único conhecimento era um rico vocabulário de insultos.

– Você vem. – Harman fez sinal com a mão para indicar que devia ser seguido.

O escravo logo entendeu que estava sendo levado à forja.

Outra herrani o esperava do lado de fora. Ele a reconheceu, embora só a

visse durante as refeições e à noite. Seu nome era Lirah e ela trabalhava na casa. Era bonita; mais jovem que ele, provavelmente jovem demais para se lembrar da guerra.

Harman começou a falar com ela em valoriano. O escravo tentou ser paciente enquanto Lirah traduzia.

– Lady Kestrel não pode ser importunada para encontrar uma posição para você, então eu – ela ficou vermelha –, quero dizer, *ele* – apontou para Harman – decidiu pôr você para trabalhar. Normalmente, a própria guarda do general cuida dos reparos das armas e um ferreiro valoriano da cidade é contratado regularmente para forjar armas novas.

O escravo assentiu. Havia bons motivos para que os valorianos treinassem poucos ferreiros herranis. Bastava olhar para uma forja para entender. Qualquer pessoa que visse as ferramentas pesadas imaginaria a força necessária para manipulá-las.

– Você vai fazer isso daqui para a frente – Lirah continuou –, caso se prove competente.

Harman tomou o silêncio que se seguiu como um convite para voltar a falar. Lirah traduziu.

– Hoje você vai fazer ferraduras.

– Ferraduras? – Era fácil demais.

Lirah lhe abriu um sorriso compassivo. Quando falou, foi com a sua própria voz, e não uma repetição estanque da fala de Harman.

– É um teste. Você deve fazer o máximo possível até o pôr do sol. Você sabe colocar a ferradura num cavalo também?

– Sim.

Lirah pareceu se arrepender dessa resposta por ele. Ela contou ao mordomo, que disse:

– Então é isso que você vai fazer amanhã. Todos os cavalos do estábulo precisam de ferraduras. – Ele bufou. – Vamos ver como esse animal se dá com os outros.

Antes da guerra, os valorianos admiravam, até invejavam – sim, invejavam – os herranis. Depois, era como se o feitiço tivesse se quebrado ou outro tivesse sido lançado. O escravo nunca conseguiu acreditar direito. De alguma forma, agora era possível rebaixá-lo a um animal. A palavra se referia a *ele*. Essa era

uma descoberta de dez anos que, ainda assim, se refazia diariamente. Deveria ter se enfraquecido com o tempo. Em vez disso, o constante corte da surpresa doía. Ele estava amargurado de tanto engolir a raiva.

A expressão agradável e treinada no rosto de Lirah não vacilou. Ela apontou para o depósito de carvão, os gravetos, e os montes de ferro bruto e usado. O mordomo colocou uma caixa de fósforos sobre a bigorna. Depois eles saíram.

O escravo olhou ao redor da forja e considerou se seria melhor passar ou reprovar no teste.

Ele suspirou e acendeu o fogo.



Suas férias tinham chegado ao fim. Em seu primeiro dia na forja, o escravo fez mais de cinquenta ferraduras – o suficiente para parecer dedicado e habilidoso sem chamar muita atenção. No dia seguinte, calçou todos os cavalos, mesmo os que tinham ferraduras novas. O cavalariço advertiu que alguns dos animais poderiam ser difíceis de controlar, especialmente os garanhões do general, mas o escravo não teve problemas. Tomou o cuidado, porém, de fazer com que a tarefa durasse o dia inteiro. Ele gostava de ouvir os relinchos baixos dos cavalos, e sentir a respiração quente e suave deles. Além disso, os estábulos eram um bom lugar para ouvir notícias – ou teriam sido, se algum soldado tivesse vindo para exercitar um cavalo.

Ou a menina.

O escravo foi julgado uma boa compra. Lady Kestrel tinha um olho bom, Harman disse de má vontade, e ele recebeu várias armas para consertar, assim como recebeu ordens para produzir novas.

Todo anoitecer, quando o escravo atravessava o terreno da forja até seu alojamento, a casa ardia com as luzes. Era o toque de recolher e a hora de dormir para os herranis, mas os valorianos inquietos ficavam acordados por um longo tempo. Eles treinavam para viver com pouquíssimo sono, talvez seis horas por noite – menos, se necessário. Era uma das coisas que os tinham ajudado a vencer a guerra.

O escravo foi o primeiro a se estender em seu catre. Toda noite, ele tentava relembrar os acontecimentos do dia e encontrar informações úteis a partir

deles, mas tudo que experimentava era trabalho duro.

Exausto, ele fechou os olhos. Perguntou-se se aqueles dois dias de idílio teriam sido um golpe de má sorte. Aquele período o fez esquecer de quem ele era. Iludiu a sua mente.

Às vezes, às margens do sono, ele acreditava ouvir música.

KESTREL COSTUMAVA VER SUA CASA COMO UM LU

repleto de quartos praticamente inabitados, ainda que adoráveis. Os campos também eram silenciosos, com seus sons baixinhos: o capinar de uma enxada no jardim, os passos suaves de cascos de cavalos no estábulo longe da casa, o farfalhar das árvores. Kestrel gostava de como o espaço e o silêncio deixavam seus sentidos mais despertos.

Nos últimos tempos, porém, ela não tinha paz em casa. Ela se isolava com sua música, mas tocava apenas peças difíceis, com notas agrupadas demais, os dedos perseguindo uns aos outros pelas teclas. A tensão era pequena e em pontos localizados – nos punhos, na lombar –, contudo, quando não estava tocando, ela não conseguia ignorar as pontadas. Toda manhã, jurava a si mesma que tocaria com delicadeza. Porém, ao anoitecer, depois de horas se sentindo sufocada – não, melhor, era como se estivesse se *escondendo* em sua própria casa –, ela se comprometia com outra peça exigente.

Numa tarde, talvez oito dias depois do leilão, chegou um bilhete de Jess. Kestrel o abriu ansiosa, contente pela distração. Jess, com sua típica letra floreada e suas frases curtas e ansiosas, perguntava por que Kestrel estava fugindo dela. Por favor, ela poderia fazer uma visita hoje? Seu conselho sobre o que vestir para o piquenique de lady Faris era necessário. Jess acrescentou um *postscriptum* – uma frase pequena em caligrafia menor, com letras agrupadas e apressadas, sinalizando que Jess não tinha conseguido resistir a deixar a insinuação óbvia, mesmo tendo medo de incomodar Kestrel: *Aliás, meu irmão andou perguntando de você.*

Kestrel pegou as botas de montaria.

Enquanto dava a volta pelos cômodos da sua suíte, avistou por uma janela a cabana de palha perto do jardim.

Kestrel parou, batendo as botas de couro contra a coxa. A cabana não era muito longe do alojamento dos escravos, que se assomava no canto da janela. Ela sentiu uma pontada de desconforto.

Claro que sentiu. Então desviou o olhar e se concentrou na cabana de Enai.

Fazia dias que não ia ver sua antiga ama-seca. Não era nenhuma surpresa que a visão a perturbasse, quando mostrava a linda casinha que Kestrel construiria para a mulher que a havia criado. Bom, ela visitaria Enai no caminho para os estábulos.

Mas, quando terminou de calçar as botas e desceu a escada, o mordomo já tinha ouvido a fofoca quase instantânea da criadagem de que Kestrel estava saindo. Harman a surpreendeu na porta da sala de estar.

– Indo cavalgar, milady?

Ela vestiu uma luva.

– Como você pode ver.

– Não precisa pedir um séquito. – Ele estalou os dedos para um homem herrani mais velho que esfregava o chão. – Este aqui serve.

Kestrel suspirou devagar.

– Eu vou *cavalgando* para a casa de Jess.

– Tenho certeza de que ele pode cavalgar – Harman disse, embora os dois soubessem muito bem que isso era improvável. Os escravos não eram ensinados a cavalgar. Ou eles já tinham essa habilidade desde antes da guerra ou nunca teriam. – Senão, vocês podem dividir a carroça. O general teria o maior prazer em ceder dois cavalos para a carroça para garantir que você seja acompanhada apropriadamente.

Kestrel assentiu, bem de leve. Virou-se para sair.

– Milady, mais uma coisa...

Kestrel sabia o que era essa outra coisa, mas não tinha como impedi-lo de falar, pois isso seria admitir que sabia e que preferia não saber.

– Passou uma semana desde a sua aquisição daquele jovem escravo – disse o mordomo. – A senhorita não deu nenhuma instrução sobre o emprego dele.

– Esqueci – Kestrel mentiu.

– Claro. A senhorita tem coisas mais importantes para resolver. No entanto, tenho certeza de que não tinha intenção de que ele ficasse vadiando por aí, sem fazer nada, por isso o mandei para a forja, para servir como ferrador dos cavalos. Ele se deu muito bem. Meus parabéns, lady Kestrel. A senhorita é uma excelente juíza do mercado herrani.

Ela olhou para ele.

Na defensiva, ele emendou:

– Só o coloquei para trabalhar na forja porque ele servia para aquilo.

Ela se voltou para a porta. Quando a abriu, não viu nada além de árvores. Não havia vista nenhuma para perturbá-la.

– Você tomou a decisão certa – ela disse. – Faça com ele o que achar adequado.

Kestrel saiu, com seu acompanhante a seguindo sem dizer uma palavra.

No fim, não passou na cabana. Andou diretamente até os estábulos. O velho cavalariço herrani estava lá, como sempre. Não havia mais ninguém. Kestrel foi acariciar o focinho de seu cavalo – um animal de ossos largos, treinado para a guerra e escolhido para ela pelo general.

Passos atrás dela anunciaram que alguém entrava nos estábulos. Ela se virou. Dois soldados andaram até o cavalariço e ordenaram que seus cavalos fossem selados. Kestrel olhou além deles e viu o escravo herrani que Harman tinha escolhido como seu séquito esperando pacientemente perto da porta.

Ela não tinha a menor vontade de perder tempo descobrindo se ele sabia cavalgar. Queria partir agora. Quando chegassem à casa de Jess, ela o mandaria para a cozinha para não ter que vê-lo até a hora de voltar para casa.

– Prepare minha carruagem primeiro – ela disse ao cavalariço, lançando um olhar aos soldados que os desafiava a discutir. Eles sequer tentaram, mas ficaram visivelmente irritados. Ela não se importou. Precisava sair, e quanto antes melhor.



– Este aqui?

Kestrel olhou para cima, sentada num divã baixo cheio de vestidos espalhados.

– Kestrel – Jess disse –, preste atenção.

Kestrel pestanejou. Uma menina de cabelo preto, escrava de Jess, estava amarrando uma cinta em volta da cintura de sua senhora, prendendo as saias floreadas para que adquirissem forma de sino na altura dos quadris. Kestrel perguntou a Jess:

– Você já não experimentou esse vestido?

– *Não*. – Jess tirou a cinta das mãos da escrava e a jogou na pilha de seda

perto de Kestrel. – Você odiou, não foi?

– Não – Kestrel respondeu, mas Jess já estava tirando o vestido com dificuldade enquanto sua escrava, aflita, tentava abrir os botões antes que estourassem. As saias cor-de-rosa caíram no colo de Kestrel.

– O que você vai vestir? – Jess estava apenas de combinação. – O piquenique de lady Faris é o evento do verão. Você não pode ficar menos do que deslumbrante.

– Esse não vai ser um problema para Kestrel – disse um homem arrumado e vestido com estilo, recostado no umbral da porta que tinha aberto sem que elas ouvissem. O irmão de Jess sorriu para Kestrel.

Kestrel sorriu de volta para Ronan, mas de uma maneira torta, demonstrando que ela sabia que seu estilo exagerado de flerte estava em voga entre os rapazes valorianos daquele tempo e que não devia ser levado a sério. Ela também sabia que era para isso – para essa sessão de trocas de roupa, para ouvir os elogios inofensivos de Ronan – que tinha vindo, na esperança de que sua mente ficasse ocupada demais para pensar por conta própria.

Ele cruzou a sala, atirou os vestidos do divã no chão e sentou ao lado de Kestrel. Aflita, a escrava morena se ajoelhou para recolher os tecidos delicados.

Kestrel sentiu um impulso súbito de dizer algo mordaz, mas não sabia ao certo para quem. Então as notas de música vindas do corredor a salvaram de deixar todos na sala, incluindo ela própria, sem jeito.

– O noturno Senesta – ela disse, reconhecendo a peça.

Ronan recostou a cabeleira loura contra a madeira entalhada com adornos que circundava o divã. E se deitou no assento macio, estendendo as pernas que calçavam botas de cano alto, erguendo os olhos para Kestrel.

– Mandei Olen tocar – ele disse, referindo-se a seu herrani músico. – Sei que é uma das suas favoritas.

Kestrel escutava. As notas saíam cuidadosas, mas num ritmo estranho. Ela ficou tensa com a aproximação de uma passagem difícil e não se surpreendeu ao ouvi-lo errar.

– Eu poderia tocar – ela se ofereceu.

Os irmãos trocaram um olhar.

– Outra hora – Ronan disse. – Nossos pais estão em casa.

– Eles nem vão notar.

– Você é talentosa demais. – Ele colocou a mão sobre a dela. – Eles vão notar.

Kestrel tirou a mão. Sem se deixar incomodar, Ronan pegou um laço solto e ficou brincando com a tira de tecido, enrolando-a entre os dedos pálidos.

– Então – ele disse –, ouvi sobre sua compra extravagante no leilão. Todos estão falando disso.

– Estavam – disse Jess –, até começarem a falar sobre o duelo entre os primos Trenex.

– Duelo mortal? – perguntou Kestrel.

Os duelos tinham sido proibidos pelo imperador, mas eram um costume arraigado demais para ser erradicado facilmente. As autoridades costumavam fazer vista grossa desde que não houvesse morte e, mesmo assim, a única punição era uma multa.

– Não – disse Jess, eufórica –, mas sangue será derramado.

– Me conte tudo.

Jess inspirou, pronta para fazer a fofoca, mas Ronan ergueu o dedo com a fita enrolada e apontou para Kestrel.

– Você – ele disse – está fugindo do assunto. Vamos lá. Explique o mistério que lhe custou cinquenta pilares.

– Não tem mistério nenhum. – Ela decidiu expor um motivo sensato, que nada tinha a ver com o motivo real de ter comprado Smith.

E *qual* era esse motivo?

Compaixão, talvez. Aquela estranha sensação de afinidade.

Ou será que não foi nada além de um simples sentimento ignobil de posse?

– O escravo é ferreiro – Kestrel disse. – Meu pai tem uma guarda particular. Precisamos de alguém para cuidar das ferramentas.

– Foi o que o leiloeiro anunciou – Jess disse, colocando outro vestido. – O escravo era perfeito para a casa de Kestrel.

Ronan arqueou a sobrancelha.

– Pelo preço de cinquenta pilares?

– E eu ligo para o preço? – Kestrel queria pôr um fim naquela conversa. – Sou rica. – Ela tocou na manga de Ronan. – E quanto – ela passou os dedos pela seda – custou isto?

Ronan, cuja camisa adornada com esmero devia custar o mesmo que o

escravo, aceitou que ela tinha razão.

– Ele vai durar mais do que esta camisa. – Kestrel soltou o tecido. – Eu diria que foi uma barganha.

– Fato – Ronan disse, parecendo desapontado, embora Kestrel não soubesse dizer se porque ela tinha tirado a mão ou porque o mistério, afinal, não era tão misterioso assim. Ela preferia a segunda opção. Queria esquecer o escravo, e queria que todos o esquecessem também.

– Por falar em roupas – Jess disse –, ainda não decidimos o que vou vestir.

– Que tal este? – Kestrel levantou, contente por ter uma justificativa para sair do divã, e atravessou o vestiário para pegar um vestido cuja manga escapava do guarda-roupa aberto. Ela o ergueu, olhando para o tom extremamente claro de lilás. Passou a mão sob a manga e a deixou cair, admirando seu brilho prateado. – O tecido é lindo.

– Kestrel, você está doida? – Os olhos de Jess estavam arregalados. Ronan deu risada, achando que ela tinha feito uma piada, Kestrel percebeu. – Nem sei por que tenho esse vestido – Jess continuou. – A cor está tão fora de moda. Ora essa, ele é praticamente cinza!

Kestrel lançou um olhar surpreso para Jess, mas não viu o rosto da amiga. Viu apenas a lembrança dos olhos belos e amargurados do escravo.

O ESCRAVO PUXOU UMA TIRA DE METAL INCANDI
fogo e a colocou na face da bigorna. Ainda segurando o metal com a pinça, usou um martelo para deixá-lo liso e nivelado. Rapidamente, antes que esfriasse, colocou a tira contra o chifre da bigorna e a martelou até que se curvasse. Lembrou-se de que também precisava se curvar. Precisava assumir a forma que esperavam dele ali, na casa do general, ou nunca conseguiria o que desejava.

Ao terminar, guardou as ferraduras num engradado de madeira. Examinou a última, passando um dedo pela linha de buracos onde os pregos seriam enfiados no casco do cavalo. A ferradura era, à sua maneira, perfeita. Resistente.

E, depois de pregada ao cavalo, raramente vista.

Ele levou as ferraduras aos estábulos. A menina estava lá.

Ela estava acariciando um dos cavalos de corrida. Tinha voltado com a carruagem, mas parecia ter a intenção de cavalgar pelo terreno, pois usava botas. O escravo manteve distância, empilhando as ferraduras em meio ao restante das tachas. Ela se aproximou, trazendo o cavalo.

Kestrel hesitou, embora ele não entendesse a razão.

– Estou achando que a ferradura de Dardo está saindo – ela disse em herrani. – Dê uma olhada, por favor.

Seu tom era educado, mas o “por favor” o irritou. Era uma mentira, uma máscara para fazer com que suas palavras não parecessem uma ordem. Uma camada de tinta fresca numa prisão.

E ele não gostava de ouvir a voz dela, pois ela falava sua língua bem demais. Parecia ser sua língua materna. Isso o incomodava. Ele se concentrou na única palavra valoriana.

– Dardo. – Ele experimentou o nome do cavalo.

– É uma arma. Como uma lança.

– Eu sei – ele falou, depois se arrependeu. Ninguém, muito menos ela ou o general, podia descobrir que ele entendia algo da língua valoriana.

Mas ela não tinha notado. Estava ocupada demais acariciando o pescoço do cavalo.

Afinal, por que ela prestaria atenção no que um escravo falava?

O animal se recostou nela como um gatinho.

– Eu dei esse nome quando era nova – ela murmurou.

Ele olhou de soslaio para ela.

– Você é nova.

– Quando era nova o bastante para querer impressionar meu pai. – Havia uma melancolia em seu rosto.

Ele deu de ombros. Respondeu de modo casual, fingindo não perceber que ela tinha compartilhado algo que soava como um segredo:

– O nome combina com ele – o escravo disse. Mas o enorme bicho era carinhoso demais com ela para que isso fosse inteiramente verdade.

Ela tirou os olhos do cavalo e o encarou.

– O seu não combina com você. Smith.

Talvez fosse surpresa. Ou a ilusão de sua pronúncia impecável. Depois, ele diria a si mesmo que era porque tinha certeza de que o próximo passo dela seria dar um novo nome para ele, como os valorianos costumavam fazer com seus escravos. E, se isso acontecesse, ele certamente faria ou diria algo idiota, e então todos os seus planos seriam arruinados.

Mas, para ser sincero, ele não soube por que falou:

– Smith é como meu primeiro dono me chamava. Não é o meu nome de verdade. Eu me chamo Arin.

O GENERAL ERA UM HOMEM OCUPADO. MAS NÃO O para não descobrir se Kestrel desrespeitasse suas vontades. Desde o dia do leilão, ela se sentia observada. Então tomou cuidado para comparecer aos treinamentos com Rax, o capitão da guarda de seu pai.

Não que Rax se importasse se ela não comparecesse à sala de treino anexa aos barracões dos guardas. Quando ela era criança e tinha uma ânsia feroz de provar seu valor, Rax foi, do seu jeito, gentil. Ele não fez muito mais do que observar que ela não tinha nenhum talento natural para o combate. Ele sorria diante dos esforços dela e tomava cuidado para que ela fosse razoável com as armas que todo soldado precisava usar.

Mas, com o passar dos anos, a paciência dele foi se esgotando. Kestrel ficou descuidada. Baixava a guarda na esgrima. Seus olhos não paravam de devanear, mesmo quando ele gritava. Ela lançava flechas ao largo, com a cabeça inclinada, como se estivesse ouvindo algo que ele não conseguia ouvir.

Kestrel lembrava das suspeitas crescentes dele, dos avisos para ela parar de proteger as mãos. Ela segurava a espada de treino com delicadeza, recuava se achasse que o ataque de Rax poderia machucar seus dedos e levava golpes que teriam sido fatais se a espada dele fosse de aço e não de madeira.

Um dia, quando ela tinha quinze anos, ele jogou o escudo dela no chão e esmagou seus dedos com a parte plana da espada. Ela caiu de joelhos, sentindo o rosto ficar branco de dor e medo, e soube que não deveria ter chorado, não deveria ter aninhado os dedos junto ao peito, não deveria ter arqueado o corpo para esconder as mãos de outro ataque. Ela não deveria ter confirmado aquilo que Rax já sabia.

Ele foi até o general e lhe disse que, se quisesse um músico, poderia comprar um no mercado.

O pai de Kestrel a proibiu de tocar. Mas uma de suas poucas habilidades militares reais era dormir pouco. Nisso a garota se igualava ao general. Assim, quando o inchaço de sua mão esquerda passou e Enai desfez o rígido curativo que prendia seus dedos, Kestrel começou a tocar à noite.

E foi pega.

Ela se lembrava de ter corrido atrás do pai, puxando seus braços, cotovelos, roupas, enquanto ele caminhava a passos largos até os barracões no meio da noite, em busca de uma clava. Ele ignorou suas súplicas.

Ele teria destruído o piano facilmente. O instrumento era grande demais, e ela, muito pequena para ficar no caminho da clava. Se ela tivesse protegido as teclas, ele teria quebrado a caixa. Ele teria estilhaçado os martelos, cortado as cordas.

“Eu odeio você”, ela dissera a ele. “E minha mãe também odiaria.”

Não foi o tom triste de sua voz, Kestrel pensou depois. Não foram as lágrimas. Ele já tinha visto homens e mulheres chorarem por coisa pior. Não foi isso que o fez soltar a clava. Contudo, mesmo depois de anos, Kestrel não sabia se ele havia poupado o instrumento por amor a ela ou aos mortos.

– O que vai ser hoje? – Rax se levantou lentamente do banco do outro lado da sala de treino. Ele passou a mão pela cabeça grisalha, depois pelo rosto, como se pudesse se livrar do tédio.

Kestrel pretendia responder, mas se pegou olhando para as pinturas nas paredes, embora as conhecesse bem. Elas mostravam meninas e meninos saltando nas costas de touros. As pinturas eram valorianas, assim como aquele prédio em particular, construído por valorianos. Cabelos louros, ruivos e até castanho-claros ondeavam ao vento nos jovens retratados, que pulavam sobre os chifres dos touros, colocando as mãos nas costas dos animais, dando cambalhotas em suas costas. Era um rito de passagem que, antes de ser banido pela mesma lei que proibia os duelos, todos os valorianos tinham de se submeter ao completar quatorze anos. Kestrel tinha feito isso. Ela se lembrava muito bem daquele dia. Seu pai tinha ficado orgulhoso dela. Oferecera qualquer presente de aniversário que ela desejasse.

Kestrel se perguntou se o escravo – Arin – vira os quadros, e o que ele pensaria deles.

Rax suspirou.

– Você não precisa treinar para ficar parada olhando. Nisso você já é boa.

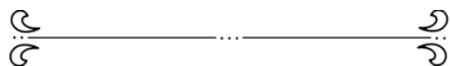
– Agulhas. – Ela expulsou os pensamentos sobre o escravo de sua cabeça. – Vamos treinar Agulhas.

– Que surpresa. – Ele não comentou que eles tinham treinado aquilo no dia

anterior, e no outro, e no outro antes deste. Era a única técnica que ele conseguia suportar vê-la tentando aperfeiçoar.

Rax avaliou o peso de uma espada larga enquanto ela amarrava as pequenas facas nas panturrilhas, na cintura e nos antebraços. Cada lâmina cega de treino cabia perfeitamente em sua mão. As agulhas eram as únicas armas que a permitiam esquecer que eram armas.

Rax bloqueou facilmente a primeira que ela lançou do outro lado da sala. A lâmina dele derrubou a dela em pleno ar. Mas ela tinha mais. E, quando chegasse o combate corpo a corpo, como Rax sempre fazia questão, ela até poderia conseguir vencê-lo.



Ela não venceu. Atravessou a grama até a casa de Enai, mancando.

No seu aniversário de quatorze anos, Kestrel tinha pedido ao pai a liberdade da mulher. Segundo a lei, os escravos pertenciam ao chefe da casa. Enai era a ama de Kestrel, mas era propriedade do general.

Ele não ficou contente com o pedido. Mas tinha prometido qualquer coisa à filha.

E, embora Kestrel estivesse grata agora por Enai ter decidido continuar na propriedade, por saber que ela estaria lá hoje, quando batesse na porta, suada e exausta, Kestrel se lembrava de como sua felicidade tinha se desfeito quando contara a Enai sobre seu presente de aniversário e como a herrani a tinha encarado.

“Livre?”, Enai tocara o próprio punho, onde estaria a marca.

“Sim. Você não está... feliz? Pensei que queria isso.”

As mãos da mulher caíram sobre o colo. “Para onde eu iria?”

Kestrel viu, então, o que Enai via: as dificuldades de uma velha herrani – ainda que livre – em seu país ocupado. Onde ela dormiria? Como ganharia o suficiente para comer e quem a empregaria, se os herranis não podiam雇用 ninguém e os valorianos tinham escravos?

Kestrel usou parte da herança que coube a ela depois da morte da mãe para mandar construir a cabana.

Hoje, Enai fechou a cara ao abrir a porta.

– Por onde você andou? Eu não devo significar nada, para você me ignorar por tanto tempo.

– Sinto muito.

Enai se acalmou, colocando um dos cachos desgrenhados de Kestrel de volta no lugar.

– Você está mesmo com cara de quem está sentindo dor. Entre, minha filha.

Uma pequena chama tremulava na lareira. Kestrel se deixou cair na cadeira diante dela e, quando Enai perguntou se estava com fome e ouviu um não, a herrani lhe lançou um olhar inquisitivo.

– Qual é o problema? Você já devia estar acostumada a apanhar do Rax.

– Tem uma coisa que eu tenho medo de te contar.

Enai fez sinal de que era bobagem.

– Eu sempre guardei seus segredos.

– Não é segredo. Quase todo mundo sabe. – O que ela disse em seguida soava pequeno para algo que parecia tão grande. – Eu fui ao mercado com Jess mais de uma semana atrás. Fui a um leilão.

A expressão de Enai ficou desconfiada.

– Ah, Enai – Kestrel disse. – Cometí um erro.

ARIN ESTAVA SATISFEITO. ELE TINHA RECEBIDO MAIS armas e reparos, e tomou a falta de reclamações da guarda como sinal de que seu trabalho era valorizado. Mesmo que o mordomo sempre ordenasse mais ferraduras do que eram necessárias, até para um estábulo tão grande quanto o do general, Arin não via mal naquela rotina e naquele trabalho fácil. Acalmava sua mente. Era como se ela fosse preenchida com neve.

À medida que foi deixando de ser um novato entre os escravos do general, começaram a conversar mais com ele durante as refeições, e estavam menos cuidadosos com as palavras. Arin se tornou uma presença tão comum nos estábulos que logo passou a ser ignorado pelos soldados. Ouviu relatos sobre os treinamentos fora das muralhas da cidade. Ouviu, segurando as rédeas de um cavalo com tanta força que as articulações de seus dedos ficaram brancas, histórias assombrosas de como o general, na época tenente, tinha aberto um caminho de destruição pelas montanhas daquela península até a cidade portuária e posto fim à Guerra de Herran.

Arin foi soltando os dedos, um a um, e seguiu para cuidar de suas tarefas.

Uma vez, no jantar, Lirah sentou ao lado dele. Ela era tímida e lançou olhares curiosos na direção dele várias vezes antes de perguntar:

– O que você era, antes da guerra?

Ele ergueu uma sobrancelha.

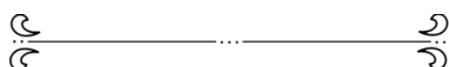
– O que você era?

O rosto dela se fechou.

– Não lembro.

Assim como ela, Arin mentiu:

– Eu também não.



Ele não quebrou nenhuma regra.

Outros escravos poderiam ficar tentados, durante a caminhada pelo pomar

de laranjeiras situado entre a forja e o alojamento, a colher uma fruta, descascá-la apressadamente, enterrar a casca brilhosa na terra e comer. Às vezes, enquanto engolia seu pão e ensopado, Arin pensava nisso. Quando caminhava sob as árvores, chegava a ser insuportável. O cheiro cítrico deixava sua garganta seca. Mas ele não tocava nas frutas. Desviava os olhos e continuava andando.

Arin não sabia ao certo qual deus tinha ofendido. O deus do riso, talvez. Aquele com o espírito indolente e cruel, que olhava para a sequência exemplar de bom comportamento dele, sorria e dizia que não havia como durar para sempre.

Estava quase escurecendo. Arin voltava dos estábulos para o alojamento dos escravos quando ouviu.

Música. Ficou imóvel. Seu primeiro pensamento foi que os sonhos de quase todas as noites subiam à sua cabeça. Então, como as notas continuaram a trespassar as árvores a farfalhar, mais altas do que o canto das cigarras, ele percebeu que eram reais.

Estava vindo da casa. Os pés de Arin se moveram na direção da música antes que sua mente pudesse mandá-lo parar e, quando sua mente entendeu o que estava acontecendo, também se encantou.

As notas eram rápidas, límpidas. Debatiam-se umas contra as outras de forma maravilhosa, como contracorrentes no mar. Então pararam.

Arin ergueu os olhos. Ele tinha chegado a uma clareira. O céu escurecia num tom arroxeadão.

O toque de recolher estava próximo.

Ele quase recuperou os sentidos, quase deu as costas, quando algumas notas baixas e furtivas cortaram o ar. Um noturno. Arin se virou na direção do jardim. Além dele, portas de vidro ardiam sob a luz.

O toque de recolher já tinha sido dado, mas ele não se importou.

Ele viu quem tocava. Os traços do rosto dela estavam iluminados. Ela franzia a testa de leve, debruçada sobre uma passagem que crescia, dedilhando algumas notas altas sobre o som atribulado.

A noite tinha caído por completo. Arin se perguntou se ela ergueria os olhos, mas não teve medo de ser visto entre as sombras do jardim.

Ele conhecia a lei das coisas: pessoas em lugares muito iluminados não são capazes de ver nas trevas.

MAIS UMA VEZ, O MORDOMO PAROU KESTREL ANT conseguisse sair da casa.

– Indo para a cidade? – ele perguntou, bloqueando a porta do jardim. – Não se esqueça, milady, que a senhorita precisa de...

– Um acompanhante.

– O general me deu ordens.

Kestrel decidiu irritar Harman tanto quanto ele a irritava.

– Então mande buscar o ferreiro.

– Para quê?

– Para me servir como acompanhante.

Ele começou a rir, então percebeu que ela falava sério.

– Ele não serve.

Disso ela sabia.

– É rabugento – Harman disse. – Indisciplinado. Soube que quebrou o toque de recolher ontem à noite.

Ela não se importava.

– Ele simplesmente não tem a aparência adequada para a função.

– Cuide para que tenha – ela disse.

– Lady Kestrel, ele é problemático. A senhorita é inexperiente demais para perceber. Não vê o que está bem diante dos seus olhos.

– Não? Eu vejo você. Vejo alguém que ordenou que nosso ferreiro fizesse centenas de ferraduras nas duas semanas em que esteve aqui, sendo que a principal importância dele para nós é a construção de armas e que apenas uma fração das ferraduras feitas está no estábulo. O que eu não vejo é onde as ferraduras restantes foram parar. Imagino que eu consiga encontrá-las no mercado, vendidas com um bom lucro. Ou talvez as encontre transformadas no que, sem dúvida, deve ser um lindo relógio.

Harman levou a mão à corrente de ouro do relógio que saía de seu bolso.

– Faça o que eu digo, Harman, ou você vai se arrepender.



Kestrel poderia ter enviado Arin para a cozinha quando chegaram à casa de Jess. Lá dentro, ela não tinha nenhuma necessidade oficial de um acompanhante. Mas o deixou ficar na sala enquanto ela e Jess tomavam chá gelado de osmanthus e comiam bolos de hibisco com laranjas descascadas. Arin permaneceu em pé, tenso, encostado contra a parede do outro lado, com o azul-escuro de suas roupas se camuflando ao da cortina. Mesmo assim, era difícil para ela ignorá-lo.

Ele estava vestido de acordo com as expectativas da sociedade. O colarinho de sua camisa era alto, na moda da aristocracia herrani antes da guerra. Todos os escravos domésticos se vestiam assim. Mas, se fossem prudentes, não mostrariam expressões de ressentimento.

Pelo menos suas mangas longas ocultavam os músculos e as cicatrizes que indicavam uma década de trabalho braçal. Isso era um alívio. No entanto, Kestrel achava que o escravo escondia mais do que isso. Ela o observava pelo canto do olho. Tinha uma teoria.

– Os primos Trenex voltaram a brigar – disse Jess, começando a contar sobre a última rixa entre os dois.

Arin parecia entediado. Claro, ele era incapaz de entender a conversa valoriana. Ainda assim, Kestrel desconfiava que ele estaria igualmente entediado mesmo se *estivesse* acompanhando tudo o que era dito.

E ela achava que ele compreendia o idioma, sim.

– Eu juro – continuou Jess, mexendo nos brincos que Kestrel havia comprado naquele dia no mercado. – É só uma questão de tempo até um dos primos estar morto e o outro precisar pagar o dote da morte.

Kestrel se lembrou da única palavra que Arin lhe falou em valoriano: *não*. Como seu sotaque era suave. Ele também tinha reconhecido o nome de Dardo. Talvez isso não fosse raro; Arin era um ferreiro e já devia ter feito dardos para valorianos. Mesmo assim, lhe parecia estranho que ele conhecesse aquela palavra.

Na verdade, foi a *facilidade* com que ele a tinha reconhecido que a surpreendera.

– Não acredito que o piquenique de lady Faris é só daqui a alguns dias! – Jess continuou tagarelando. – Você passa aqui uma hora antes para ir na nossa carruagem? Ronan me pediu para te chamar.

Kestrel se imaginou dividindo o espaço apertado de uma carruagem com Ronan.

– Acho melhor irmos separados.

– Só porque você não sabe se divertir! – Jess hesitou antes de dizer: – Kestrel, você poderia ser mais... normal na festa?

– Normal?

– Bom, sabe, todo mundo acha você um pouco excêntrica.

Kestrel sabia.

– Claro, as pessoas *adoram* você. Mas, quando libertou aquela sua ama, espalharam boatos. Teriam esquecido, mas você sempre faz *outra* coisa. A sua música não é mais segredo, não que seja exatamente errado.

Elas já haviam tido essa conversa antes. O problema era a dedicação de Kestrel. Se ela tocasse de vez em quando, como sua mãe, teria passado despercebida. Se os herranis não valorizassem tanto a música antes da guerra, a situação também seria outra. Aos olhos da sociedade valoriana, porém, a música era um prazer a ser recebido, não praticado, e muitos simplesmente não entendiam que praticar e receber poderiam ser a mesma coisa.

Jess não tinha parado de falar.

– ...daí teve o leilão... – Ela lançou um olhar constrangido para Arin.

Kestrel também olhou. O rosto dele estava impassível, só um pouco mais alerta.

– Você está com vergonha de ser minha amiga? – Kestrel perguntou a Jess.

– Como você pode dizer isso? – Jess parecia sinceramente magoada, e Kestrel se arrependeu da pergunta. Não era justo, ainda mais porque Jess tinha acabado de convidá-la para ir ao piquenique com a família dela.

– Vou tentar – Kestrel disse.

Jess ficou aliviada. Ela fez o possível para dissipar a tensão prevendo, com detalhes, quais pratos seriam servidos na festa e quais casais tinham mais chances de fazer escândalo.

– Todos os rapazes bonitos estarão lá.

– Hum – Kestrel disse, girando a taça num círculo sem levantá-la da mesa.

- Eu te contei que Faris vai debutar o bebê no piquenique?
- Como assim? – A mão de Kestrel se deteve.
- Claro. O menininho está com seis meses agora e parece que o tempo vai estar perfeito. É a oportunidade ideal de apresentá-lo à sociedade. Por que você ficou tão surpresa?

Kestrel deu de ombros.

- Achei ousado.
- Não vejo por quê.
- Porque o pai do bebê não é o marido de Faris.
- *Não* – Jess murmurou, fingindo horror. – Como você sabe?
- Não tenho certeza. Mas visitei a casa de Faris faz pouco tempo e vi o bebê. Ele é lindo demais. Não lembra nem um pouco os filhos mais velhos dela. Quer dizer – Kestrel bateu os dedos de leve no vidro –, se for *mesmo* verdade, o melhor jeito de esconder é fazer exatamente como Faris planeja. Ninguém pensaria que uma dama da alta sociedade debutaria descaradamente um filho ilegítimo na maior festa da estação.

Jess ficou boquiaberta, depois gargalhou.

- Kestrel, o deus das mentiras deve amar você!
- Kestrel teve a impressão de sentir, e não apenas ouvir, a inspiração súbita do outro lado da sala.
- O que você disse? – Arin murmurou em valoriano. Ele estava encarando Jess.

Jess olhou para ele e depois para Kestrel, sem saber o que dizer.

- O deus das mentiras. O deus herrani. Os valorianos não têm deuses, você sabe.

– Claro que vocês não têm deuses. Vocês não têm alma.

- Kestrel se levantou. Ele tinha avançado na direção delas. Ela se lembrou de quando o leiloeiro pediu para ele cantar, e a pele do escravo tremeu tanto de raiva que pareceu prestes a cair.

– Basta – ela ordenou.

- Meu deus *ama* você? – Os olhos cinzentos de Arin se estreitaram. Seu peito arfou uma vez. Então ele guardou a fúria no fundo do peito. Manteve o olhar fixo em Kestrel, e ela percebeu que ele sem querer revelara como falava bem a língua dela. Numa voz determinada e firme, Arin perguntou a Jess: –

Como você sabe que ele a ama?

Kestrel fez menção de falar, mas Arin ergueu a mão para impedir. Chocada, Jess disse:

– Kestrel?

– Fale – Arin exigiu.

– Bom... – Jess tentou rir. – Ele deve amar, não? Kestrel enxerga a verdade das coisas com tanta clareza.

A boca dele fez uma expressão cruel.

– Disso eu duvido.

– Kestrel, ele é *sua* propriedade. Você não vai fazer nada?

A pergunta, em vez de fazê-la agir, a paralisou.

– Você acha que enxerga a verdade – ele disse a Kestrel em herrani – porque as pessoas *deixam* você acreditar nisso. Se você acusar um herrani de mentir, você acha que ele vai ter coragem de negar?

Um pensamento terrível passou pela cabeça dela. Ela sentiu o sangue se esvair frio de seu rosto.

– Jess, me dê seus brincos.

– Quê? – Jess hesitou, numa confusão angustiada.

– Empreste os seus brincos para mim. Por favor. Eu vou devolver.

Jess desatarraxou os brincos e os colocou na mão estendida de Kestrel. As gotas de vidro dourado reluziram diante dela. Seriam *mesmo* vidro? A vendedora de joias do mercado dissera que eram topázio, antes de vacilar sob a acusação de Kestrel de que não eram.

Kestrel tinha pagado mais do valiam se fossem de vidro, mas nada perto do custo de joias verdadeiras. Talvez *realmente* fossem topázio e a vendedora estivesse com medo demais para insistir na verdade.

Um calafrio de culpa atingiu Kestrel. Havia caído um silêncio sobre a sala. Jess mexia nos punhos rendados de suas mangas, enquanto Arin tinha um ar diabolicamente contente por suas palavras terem causado efeito.

– Vamos embora – ela disse.

Ele não ofereceu nenhum sinal de resistência. Kestrel soube que não era por medo de que fosse puni-lo. Era porque agora ele tinha certeza de que ela nunca o puniria.



Kestrel saiu com tudo da carruagem e entrou a passos largos na loja do joalheiro valoriano mais renomado na cidade. Arin a seguiu.

– Quero saber se são legítimas. – Kestrel deixou cair os brincos, que rolaram sonoramente diante do joalheiro.

– Topázio? – ele perguntou.

Era difícil para ela falar.

– É o que vim descobrir.

O joalheiro espiou as pedras com uma lente, então disse:

– Difícil dizer. Gostaria de compará-las com pedras que sei que são legítimas. Pode demorar um tempo.

– Fique à vontade.

– Milady. – Arin falou na língua dele, com uma voz gentil, como se seu acesso de raiva na sala de visitas nunca tivesse acontecido. – Posso dar uma volta pelo mercado?

Ela olhou de relance para ele. Era um pedido incomum e ele não deveria ter muitas esperanças de que fosse concedido, especialmente depois de seu comportamento naquele dia.

– A senhorita está em um ambiente fechado – ele disse – e por isso não precisa de um acompanhante no momento. Eu gostaria de ver um amigo.

– Um amigo?

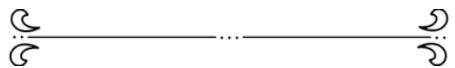
– Eu tenho amigos. – Ele acrescentou: – Vou voltar. Acha que eu chegaria longe se tentasse fugir?

A lei sobre fugitivos capturados era clara. Seus ouvidos e nariz eram cortados. Essa desfiguração não impedia um escravo de trabalhar.

Kestrel percebeu que não aguentava olhar para Arin. No fundo, ela *queria* que ele tentasse fugir e fosse bem-sucedido, para que ela nunca mais o visse.

– Leve isto. – Ela tirou um anel de seu dedo, estampado com as penas de um pássaro. – Você vai ser questionado se andar sozinho sem uma marca de liberdade ou o meu selo.

Ela o liberou.



Arin queria ver o cabelo claro dela cortado e enfiado embaixo de um lenço de trabalho. Ele a queria na prisão. Queria ter a chave – quase conseguia sentir o peso frio do objeto em sua mão. O fato de ela não ter reclamado o deus dele para si não diminuía seu ódio.

Um vendedor no mercado anunciava seus produtos. O som cortou os pensamentos de Arin, acalmando sua rotação sombria. Ele tinha um objetivo ali. Precisava chegar à casa de leilão. E precisava esfriar a cabeça.

Nada poderia estragar seu humor agora, nem mesmo aquele gosto amargo no fundo da garganta. Ele deixou o sol banhar seu rosto e inspirou a poeira do mercado. Tinha um aroma ainda mais fresco que o pomar de frutas cítricas do general, porque ali, pelo menos, ele podia fingir que era livre enquanto sorvia o ar. Caminhou, pensando nas coisas que havia descoberto na sala de visitas. Sua mente tocava nelas, considerando suas formas e tamanhos, como se fossem contas num cordão.

Ele se demorou por um momento num fato particular: sua nova dona tinha libertado uma escrava. Deixou essa informação descer pelo cordão de sua mente, chocar-se com as outras e cair em silêncio. Isso não significava nada.

Ele não tinha entendido muitas coisas que aconteceram naquela última hora. Não fazia ideia do motivo por que a menina tinha ficado tão nervosa ao segurar aqueles brincos. Ele só sabia que, de alguma forma, tinha ganhado a discussão – ainda que a um preço alto. Agora, ela tomaria cuidado ao conversar em valoriano perto dele.

Arin foi detido apenas uma vez no caminho e o soldado permitiu que ele passasse. Não demorou muito para chegar à casa de leilão, onde pediu para ver Logro, que gostava tanto de seu apelido valoriano que ninguém sabia como ele se chamava antes da guerra. “Logro é o nome perfeito para um leiloeiro”, ele sempre dizia.

Logro entrou na sala de espera. Ao vê-lo, abriu um sorriso largo. O clarão perverso de seus dentes lembrou Arin do que o leiloeiro tentava esconder de muita gente. Logro era baixinho e, ainda que atarracado, gostava de cultivar uma aparência tranquila e uma postura preguiçosa. Poucos diriam que ele era um guerreiro. Até ele sorrir.

– Como você conseguiu *isso*? – Logro traçou a mão no ar para sublinhar a presença de Arin diante dele, bem-vestido e sozinho.

– Culpa, acho.

– Bom para você. – O leiloeiro indicou a cela. Eles entraram, depois abriram uma porta estreita lá dentro, escondida dos olhos de qualquer valoriano que pudesse se prolongar na sala de espera para buscar uma compra. Arin e Logro ficaram na escuridão do cômodo sem janelas até o leiloeiro acender uma lâmpada.

– Não podemos contar com outra oportunidade como esta – Logro disse –, então é melhor você começar logo a falar.

Arin ofereceu um relato das últimas duas semanas. Descreveu a disposição da casa do general, esboçando um mapa com o pedaço de papel e o carvão que Logro enfiou na sua mão. Traçou o terreno com seus prédios externos e indicou onde a terra era inclinada e onde era plana.

– Só entrei na casa uma vez.

– Acha que pode mudar isso?

– Talvez.

– O que você descobriu sobre os movimentos do general?

– Nada fora do comum. Sessões de treinamento fora das muralhas da cidade. Ele quase nunca fica em casa, mas também nunca está longe.

– E a menina?

– Faz visitas sociais. Fofoca. – Arin achou melhor não contar que havia algo de perspicaz nos comentários dela sobre o bebê de lady Faris, nem mencionar a completa falta de surpresa no rosto dela quando ele falara em valoriano.

– Ela fala sobre o pai?

Aquela conversa nos estábulos contava? Não, para Logro não contaria. Arin balançou a cabeça.

– Ela nunca discute assuntos militares – disse.

– Não significa que não vá discutir. Se o general tiver um plano, ele pode incluí-la. Sabemos que ele quer que ela se aliste.

Arin não pretendia dizer, mas escapou da sua boca e soou como uma acusação:

– Você devia ter me dito que ela era pianista.

Logro estreitou os olhos para ele.

– Não era relevante.
– Relevante o suficiente para tentar me vender como cantor.
– Graças ao deus do acaso eu fiz isso. Ela não estava aproveitando a oportunidade de um ferreiro. Você sabe há quanto tempo tento colocar alguém naquela casa? Você quase destruiu tudo com a sua rebeldia infantil. Eu avisei como seria, no fosso. Só pedi para você cantar para o público. Você só precisava obedecer.

– Você não é meu dono.

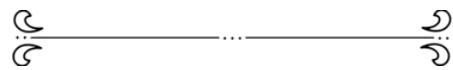
Logro bagunçou o cabelo curto de Arin.

– Claro que não. Escute, rapaz, da próxima vez que eu te colocar como espião numa casa valoriana de alto nível, *prometo* que vou contar do que a senhorita gosta mais.

Arin revirou os olhos. Virou-se para sair.

– Ei – Logro chamou –, e as minhas armas?

– Estou trabalhando nisso.



Pelo canto do olho, Kestrel viu Arin entrar na joalheria a tempo de ouvir o velho dizer:

– Desculpa, milady, mas essas pedras são falsas. São só belos pedaços de vidro.

Kestrel suspirou aliviada.

– Não precisa ficar desapontada – o joalheiro lhe disse. – Pode dizer para os seus amigos que são topázio. Ninguém vai saber.

Mais tarde, na carruagem, ela disse a Arin:

– Quero que você me diga a verdade.

O rosto dele pareceu ficar pálido.

– A verdade?

Ela hesitou. Então percebeu o mal-entendido. Ela não conseguiu evitar sentir uma pontada de ofensa: Arin a via como o tipo de senhora que se intromete na vida pessoal do escravo, querendo detalhes sobre um encontro com um amigo. Ela o examinou e a mão dele fez um gesto estranho, erguendo-se à têmpora para limpar algo invisível.

– Não estou tentando invadir sua privacidade – ela disse. – Seus segredos são seus.

– Então você quer que eu espione outros escravos – ele disse, inexpressivo. – Que eu denuncie os malfeitos deles para você, conte se alguém roubar pão da despensa ou uma laranja do pomar. Eu não vou fazer isso.

– Não é isso que estou pedindo. – Kestrel mediou as palavras antes de voltar a falar. – Você tem razão. As pessoas me dizem o que acham que quero ouvir. O que eu desejo é que você se sinta livre para ser honesto comigo, como foi na sala de visitas de Jess. Eu gostaria de saber como você realmente vê as coisas.

Lentamente, ele falou:

– Isso seria importante para você. A minha honestidade.

– Sim.

Houve um silêncio. Então ele disse:

– Eu poderia me sentir mais livre para falar se fosse mais livre para ir e vir.

Kestrel ouviu a barganha por trás das palavras dele.

– Posso cuidar disso.

– Quero os privilégios de um escravo doméstico.

– São todos seus.

– *E* o direito de visitar a cidade sozinho. Só de vez em quando.

– Para ver seu amigo.

– Minha namorada, na verdade.

Kestrel hesitou.

– Muito bem – ela respondeu.

– AH, NÃO. – KESTREL SORRIU DO OUTRO LADO jogos. Ela e os outros três jogadores de Morder e Picar estavam sentados no terraço, de onde tinham uma vista plena dos convidados de lady Faris passeando pela grama. – Você não vai querer fazer *isso* – Kestrel disse ao rapaz sentado na frente dela.

Os dedos de lorde Irex hesitaram na peça que ele tinha acabado de colocar na mesa, prestes a virá-la e mostrar a gravura do lado oculto. Sua boca ficou tensa, e depois se curvou num sorriso de desprezo.

Ronan olhou rapidamente para Kestrel do seu canto na mesa. Ele também conhecia o caráter implacável de Irex, e os dois sabiam que isso lhe servia bem, pelo menos no combate corpo a corpo. Ele tinha vencido o último torneio de primavera, um evento organizado anualmente para os valorianos não alistados no exército exibirem suas habilidades com armas.

– Eu ouviria Kestrel se fosse você – Ronan disse, misturando suas peças brancas preguiçosamente.

Benix, o quarto jogador, guardou seus pensamentos para si. Nenhum deles sabia que Irex tinha abordado Kestrel depois de receber o prêmio. Na festa de celebração oferecida pelo governador, ele a encurralou numa alcova e avançou. Seus olhos eram quase pretos, embebidos de arrogância. Kestrel riu e escapou.

– Tenho certeza de que você está muito contente por ter um par de raposas – Kestrel disse a Irex –, mas vai ter que fazer mais do que isso.

– Já abaixei minha peça – Irex disse friamente. – Não posso pegar de volta.

– Deixo você pegar de volta. Só desta vez.

– Você *quer* que eu pegue de volta.

– Ah. Então você admite que sei qual carta você quer jogar.

Benix se mexeu na cadeira delicada de lady Faris. Ela rangeu.

– Vire a maldita carta, Irex. E você, Kestrel, pare de provocar.

– Só estou oferecendo um conselho de amiga.

Benix bufou.

Kestrel observou Irex a observando; a raiva dele ia crescendo enquanto não

decidia se as palavras de Kestrel eram uma mentira, uma verdade bem-intencionada ou uma verdade que ela queria que ele considerasse mentira. Ele virou a carta: uma raposa.

– Que pena – Kestrel disse, e virou uma de suas peças, acrescentando uma terceira abelha ao par de peças iguais. Ela puxou as quatro moedas de ouro para o seu lado da mesa. – Viu, Irex? Eu só queria o seu bem.

Benix soltou um suspiro longo. Ele se recostou na cadeira que resmungava, dando de ombros. Era a imagem perfeita da resignação divertida. Manteve a cabeça baixa enquanto embaralhava as peças, mas Kestrel o viu lançar um olhar de cautela para Irex. Benix também tinha visto a raiva que endurecera o rosto de Irex.

Irex saiu da mesa. Caminhou pomposo pelo terraço de pedras até a grama, que vicejava com os membros da alta sociedade valoriana.

– Não precisava disso – Benix falou para Kestrel.

– Precisava, sim – ela disse. – Ele me cansa. Não vejo mal em tirar o dinheiro dele, mas não consigo suportar sua companhia.

– Você não pensou em mim antes de afugentar o rapaz? Talvez *eu* quisesse a oportunidade de ganhar o ouro dele.

– Lorde Irex tem de sobra – Ronan acrescentou.

– Bom, eu não gosto de maus perdedores – disse Kestrel. – É por isso que jogo com vocês.

Benix resmungou.

– Ela é um demônio – Ronan concordou, sorrindo.

– Então por que você joga com ela?

– Gosto de perder para Kestrel. Dou tudo que ela quiser.

– Enquanto eu vivo com esperanças de ganhar algum dia – Benix disse, dando um tapinha amigável na mão de Kestrel.

– Sim, sim – Kestrel disse. – Vocês são muito lisonjeiros. Agora façam suas apostas.

– Precisamos de um quarto jogador – Benix comentou. Morder e Picar era jogado em duas ou quatro pessoas.

Sem perceber, Kestrel olhou para Arin, que estava parado não muito longe, avaliando o jardim ou a casa além dele. De onde estava, tinha uma boa visão das peças de Irex e Ronan. Mas não podia ver as dela. Ela se perguntou o que

ele pensou do jogo – se é que tinha se importado em acompanhar.

Como se sentisse o olhar dela sobre ele, Arin a encarou. Seus olhos eram calmos, desinteressados. Ela não conseguiu ver nada neles.

– Acho que nosso jogo acabou então – ela disse aos dois lordes com um sorriso. – Vamos nos juntar aos outros?

Ronan jogou o ouro na bolsa dela e prendeu a alça de veludo em seu pulso, ajustando o laço, sem necessidade, até ele ficar rente à pele de Kestrel. Ele ofereceu o braço e ela aceitou, pousando a mão na manga de seda fria dele. Benix os acompanhou, e os três caminharam na direção da festa murmurante. Kestrel sabia, mesmo sem ver, que Arin tinha mudado de posição e os seguido, como a sombra de um relógio solar.

Era exatamente isso que ele tinha de fazer como criado dela no piquenique de lady Faris, mas ela tinha a sensação incômoda de estar sendo seguida.

Kestrel ignorou esse pensamento, que vinha do desagradável jogo com Irex. Bem, o comportamento daquele jovem lorde não era culpa dela. Ele tinha insistido em jogar sem ser convidado. Mas parecia melhor agora, sentado aos pés de Jess e das belas filhas do senador Nicon. Rosa, vermelho e laranja eram a moda da estação para as saias de tule das mulheres. Parecia que a grama tinha atraído nuvens de pôr do sol para a terra e as prendido ali, no jardim de lady Faris.

Kestrel guiou Ronan para onde a anfitriã estava, bebericando água com limão enquanto seu bebê brincava sentado na grama ao lado dela sob o olhar atento de uma escrava. Vários rapazes cercavam Faris e, enquanto se aproximava, Kestrel comparou o rosto bochechudo do bebê com cada um dos favoritos da madame, tentando encontrar o par.

– ...claro que é um escândalo assustador – Faris dizia.

A curiosidade de Kestrel se aguçou. Um escândalo? Se fosse de caráter romântico, a estima de Kestrel por Faris estaria prestes a subir. Só uma mulher de nervos de aço fofocaria sobre as aventuras de outras pessoas enquanto o fruto de sua própria aventura ria e pegava na grama com seus punhos minúsculos.

– Adoro escândalos – Ronan disse, enquanto ele, Kestrel e Benix se sentavam.

– Deve adorar mesmo – Benix disse. – Você vive causando.

– Não os que eu mais quero. – Ronan sorriu para Kestrel.

Faris deu uma pancadinha no ombro dele com o leque. O gesto parecia de repreensão, mas todos no círculo sabiam que era um estímulo para que ele continuasse seu flerte espirituoso, que tornaria aquela festa um sucesso – desde que os elogios fossem voltados à anfitriã.

Ronan imediatamente elogiou o vestido decotado com mangas bufantes de Faris. E admirou o cabo incrustado de joias de sua adaga, amarrada na cinta como todas as damas usavam.

Kestrel ouviu. Ela percebeu, novamente, que os elogios de seu amigo eram apenas frutos de arte e artifício. Eram cisnes de papel, dobrados com astúcia para flutuarem no ar por alguns momentos. Nada além disso. Kestrel sentiu algo dentro dela minguar. Não sabia, porém, se era tensão acalmando-se em alívio ou expectativa desfazendo-se em decepção.

Ela colheu uma flor silvestre da grama e a ofereceu para o bebê. Ele a pegou, maravilhado, fitando com seus olhos castanhos as pétalas que se amassavam em sua mão. Ele sorriu e uma covinha surgiu em sua bochecha esquerda.

Os elogios de Ronan tinham dado início à competição entre os outros rapazes, então Kestrel precisou esperar um tempo até que a conversa voltasse ao xis da questão: o escândalo.

– Mas, cavalheiros, vocês estão me distraindo! – Faris disse. – Não querem minha novidade?

– Eu quero – Kestrel disse, passando outra flor para o bebê.

– Deve querer mesmo. Seu pai não vai ficar nada contente.

Kestrel tirou os olhos da criança e, ao fazer isso, notou Arin ouvindo a conversa com uma expressão atenta.

– O que meu pai tem a ver com isso? – Ela achava impossível crer que ele tinha se envolvido romanticamente com alguém. – Ele nem está na cidade. Está conduzindo um treinamento a um dia de caminhada daqui.

– Pode até ser. Mas, quando o general Trajan retornar, o senador Andrax vai pagar um preço ainda maior.

– Pelo quê?

– Ora, por vender barris de pólvora negra para os selvagens orientais.

Houve um silêncio de espanto.

– Andrax vendeu armas para os inimigos do império? – Benix perguntou.

– Diz ele que os barris foram roubados. Mas fica a pergunta: como podem ter sido roubados? Estavam sob a guarda dele. E agora sumiram. Todo mundo sabe que Andrax gosta de encher os bolsos com subornos. O que o impediria de negociar ilegalmente com os bárbaros?

– Você tem razão – Kestrel disse. – Meu pai vai ficar furioso.

Com um tom eufórico, lady Faris começou a listar as possíveis punições contra o senador, que tinha sido preso até que a capital fosse contatada para dar instruções.

– Meu marido foi discutir a questão pessoalmente com o imperador. Ah, o que vai *acontecer* com Andrax? Uma execução, vocês acham? Banimento para a tundra do norte, no mínimo! – O círculo de admiradores de Faris se juntou a ela, inventando punições tão absurdamente cruéis que acabaram se tornando piadas de humor negro. Apenas Ronan continuava em silêncio, observando o bebê de Faris subir no colo de Kestrel e babar na manga dela.

Kestrel segurou o bebê, observando distraída os cabelos finos e brancos do menino, que voavam como dentes-de-leão sob a brisa leve. Ela temia o retorno do general. Ela sabia o que aquela notícia causaria: ele ficaria consternado com a traição do senador e usaria a novidade para insistir que Kestrel percebesse a necessidade de aumentar o número de soldados leais ao império. A pressão dele só aumentaria. Ela não conseguia respirar.

– Você é boa nisso – Ronan disse.

– Quê?

Ele se agachou para acariciar a cabeça do bebê.

– Em ser mãe.

– O que você quer dizer com isso?

Ronan pareceu constrangido. Então falou com uma voz superficial:

– Nada, se não tiver gostado. – Ele olhou de relance para Benix, Faris e os outros, mas eles discutiam sobre aparelhos de tortura e nós de força. – Não quis dizer nada. Retiro o que eu disse.

Kestrel colocou o bebê na grama ao lado de Faris.

– Você não pode retirar.

– Só desta vez – ele replicou, ecoando o que ela tinha dito durante o jogo.

Ela se levantou e saiu andando.

Ele a seguiu.

– Poxa, Kestrel. Só falei a verdade.

Eles estavam sob a sombra das árvores densas de laranja-lima, cujas folhas tinham cor de sangue. Logo elas cairiam.

– Não é que eu não queira ter um filho algum dia – Kestrel explicou a Ronan.

Visivelmente aliviado, ele disse:

– Que bom. O império precisa de vida nova.

Sim. Ela sabia disso. Como o império valoriano estava se estendendo pelo continente, havia o problema de manter os territórios conquistados. As soluções eram o talento militar e o aumento da população valoriana, por isso o imperador tinha proibido todas as atividades que colocassem vidas em riscos desnecessários – como os duelos e as brincadeiras de pular sobre touros que antes marcavam as cerimônias de maioridade. O casamento se tornou mandatório aos vinte anos de idade para todos os que não eram soldados.

– É só que... – Kestrel tentou novamente. – Ronan, eu me sinto encurrallada. Entre o que meu pai quer e...

Ele ergueu a palma da mão em defesa.

– *Eu* não estou tentando encurralar você. Sou seu amigo.

– Eu sei. Mas, quando você só tem duas opções, exército ou casamento, você não fica se perguntando se não existe uma terceira, quarta ou talvez até mais opções?

– Você tem muitas opções. A lei diz que você deve se casar até daqui a três anos, mas não diz *com quem*. Enfim, você tem tempo. – Ele roçou no ombro dela, como uma criança começando uma briga de mentira. – Tempo suficiente para eu te convencer da escolha certa.

– Benix, claro. – Ela deu risada.

– Benix. – Ronan fechou o punho e o apontou para o céu. – Benix! – ele gritou. – Desafio você para um duelo! Onde você está, seu paspalho? – Ronan saiu de baixo das árvores de laranja-lima a passos firmes, com todo o talento de um ator de comédia.

Kestrel sorriu, observando-o. Talvez seus flertes bobos disfarçassem algo real. Era difícil ter certeza sobre os sentimentos das pessoas. Uma conversa com Ronan era como um jogo de Morder e Picar, em que ela não sabia dizer se a verdade parecia uma mentira ou se uma mentira parecia a verdade.

E se fosse verdade?

Ela hesitou, acariciando o brilho de uma risada dentro de si. A pergunta que ela se fez continuou sem resposta.

Alguém – um homem – chegou por trás dela e colocou o braço traiçoeiro em volta de sua cintura.

Não era um flerte. Era agressão.

Kestrel deu um passo para o lado e se virou, tirando a adaga da bainha.

Irex. A adaga dele também estava em punho.

– Uma luta, cara Kestrel? – Sua postura era tranquila. Ele não sabia jogar Morder e Picar, mas seu talento com armas era superior ao dela.

– Não aqui – ela disse, tensa.

– Não, não aqui. – A voz dele era suave. – Mas em qualquer lugar, se quiser.

– O que exatamente você pensa que está fazendo, Irex?

– Agora há pouco? Ah, sei lá. Talvez eu estivesse tentando te roubar. – Seu tom sugeria um duplo sentido vulgar.

Kestrel colocou a adaga na bainha.

– É o único jeito de você conseguir meu ouro. Roubando. – Ela saiu da cobertura das árvores e viu, com uma gratidão vacilante, que a festa continuava, que o som de porcelana e colheres ainda tilintava e que ninguém tinha percebido nada.

Ninguém, exceto talvez Arin. Ele estava esperando por ela. Ela sentiu um lampejo de uma sensação desagradável – vergonha, talvez – enquanto se perguntava o quanto ele tinha ouvido naquela tarde. Talvez medo, por pensar que ele poderia ter presenciado aquela última conversa com Irex e interpretado mal. Ou será que ela estava perturbada por outro motivo? Talvez fosse a ideia de que Arin sabia perfeitamente bem o que tinha acontecido atrás das árvores e não tinha feito nada para intervir, para ajudar.

Não era papel dele intervir, ela se lembrou. E ela não tinha pedido a ajuda dele.

– Vamos embora – ela lhe disse.



Kestrel deixou sua raiva ferver no silêncio da carruagem. Até que não aguentou

mais o ciclo vicioso de seus pensamentos, a maneira como ficavam voltando a Irex e sua decisão idiota de humilhá-lo no jogo de Morder e Picar.

– E então? – ela perguntou a Arin.

Ele estava sentado diante dela na carroça, mas não ergueu os olhos para encará-la. Ficou examinando suas próprias mãos.

– Então o quê?

– O que você achou?

– Do quê?

– Da festa. De tudo. Do nosso acordo. De você pelo menos fingir ser agradável.

– Você quer fofocar sobre a festa. – Ele parecia cansado.

– Quero que você *fale* comigo.

Então ele a olhou. Ela notou que vinha segurando suas saias de seda com o punho cerrado e as soltou.

– Por exemplo, sei que você ouviu sobre o senador Andrax. Você acha que ele merece tortura? Pena de morte?

– Ele merece o que receber – respondeu e ficou em silêncio.

Kestrel desistiu. Mergulhou em sua raiva.

– Não é isso o que está te incomodando. – A voz de Arin era relutante, quase incrédula, como se não pudesse acreditar nas palavras que saíam da sua boca.

Kestrel esperou.

Ele disse:

– Aquele homem é um cretino.

Era claro de quem ele estava falando. Era claro que nenhum escravo nunca deveria falar isso de qualquer valoriano. Mas foi mágico ouvir as palavras em voz alta. Kestrel soltou uma risada.

– E eu sou uma tonta. – Ela colocou as mãos frias na testa. – Eu sei como ele é. Nunca deveria ter jogado Morder e Picar com ele. Ou deveria tê-lo deixado vencer.

O canto da boca de Arin se contorceu.

– Gostei de vê-lo perder.

Caiu um silêncio e Kestrel, mesmo se sentindo reforçada, soube que Arin havia compreendido praticamente tudo da festa. Ele tinha, *sim*, esperado

atrás das árvores de laranja-lima, ouvindo sua conversa com Irex. Será que ele não faria nada se algo tivesse acontecido?

– Você sabe jogar Morder e Picar? – ela perguntou.

– Talvez.

– Ou sabe ou não sabe.

– Não importa se eu sei ou não.

Ela soltou um suspiro impaciente.

– Por quê?

Os dentes dele reluziram sob o lusco-fusco do fim da tarde.

– Porque você não gostaria de jogar contra *mim*.

AO CHEGAR EM CASA E FICAR SABENDO SOBRE

Andrax, o general nem quis se lavar da sujeira dos últimos dias. Montou novamente no cavalo e o esporou na direção do presídio.

Já era de tarde quando ele voltou para casa e Kestrel, que de seus aposentos tinha ouvido o cavalo dele, desceu a escada e o viu agachado perto da fonte, na entrada. Ele jogou água no rosto e molhou o cabelo espetado de suor.

– O que vai acontecer com o senador? – Kestrel perguntou.

– O imperador não gosta de sentenças de morte, mas acho que ele vai abrir uma exceção neste caso.

– Talvez os barris de pólvora negra tenham *mesmo* sido roubados, como Andrax alega.

– Ele era o único além de mim com a chave para esse arsenal específico, e não há nem sinal de arrombamento. Eu estava com a minha chave e fiquei fora por três dias.

– Os barris podem estar na cidade ainda. Imagino que alguém tenha ordenado que os navios fossem mantidos no porto para serem vasculhados?

Seu pai pestanejou.

– Só você para pensar no que o governador deveria ter feito dois dias atrás. – Ele fez uma pausa, então acrescentou: – Kestrel...

– Sei o que você vai dizer. – Era por isso que ela tinha vindo falar com o pai e trazido o assunto da traição do senador à tona; ela não queria esperar que o general usasse o tema como arma contra ela. – O império precisa de pessoas como eu.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Então você vai se alistar?

– Não. Tenho uma sugestão. Você diz que tenho um cérebro para a guerra.

Lentamente, ele falou:

– Você tem talento para conseguir o que quer.

– Mas há anos meu treinamento militar se concentrou no lado físico, e tudo que consegui foi me transformar numa lutadora no máximo razoável. – Veio à

mente de Kestrel a imagem de Irex parado diante dela, segurando a adaga com tanta naturalidade que parecia ter brotado de sua mão. – Isso não é o suficiente. Você deveria estar me ensinando história. Deveríamos estar inventando cenários de batalha, discutindo as vantagens e desvantagens das disposições do batalhão. Enquanto isso, ficarei com a mente aberta à possibilidade de lutar pelo império.

Os olhos castanho-claros de seu pai estavam enrugados nos cantos, mas a boca dele estava séria.

– Não sei...

– Não gostou da minha sugestão?

– Estou curioso para saber o que você vai querer em troca.

Kestrel se preparou. Agora vinha a parte difícil.

– O fim das minhas sessões com Rax. Ele sabe tão bem quanto eu que cheguei ao meu limite. Estamos desperdiçando o tempo dele.

O general balançou a cabeça.

– Kestrel...

– *E* você vai parar de me pressionar para me alistar. Se vou ou não entrar para o exército é escolha minha.

O general esfregou as palmas molhadas; suas mãos ainda estavam sujas. A água que pingava delas era marrom.

– Vou fazer uma contraoferta. Você vai estudar estratégia comigo, conforme minha agenda permitir. Suas sessões com Rax vão continuar, mas só uma vez por semana. E você vai tomar uma decisão até a primavera.

– Não preciso decidir antes dos vinte anos.

– Kestrel, é melhor para nós dois se soubermos logo o que vai acontecer.

Ela estava prestes a concordar, mas ele ergueu um dedo.

– Se você não escolher a minha vida – ele disse –, vai se casar na primavera.

– É uma armadilha.

– Não, é uma aposta. Aposto que você gosta demais da sua independência para não lutar ao meu lado.

– Queria que você percebesse a ironia do que acabou de dizer.

Ele sorriu.

– Você vai parar de tentar me convencer? – Kestrel perguntou. – Sem mais sermões?

- Nenhum.
- Vou tocar piano quando eu quiser. Você não vai dizer uma palavra sobre isso.

O sorriso dele diminuiu.

- Tudo bem.
- E – a voz dela vacilou –, se eu me casar, vai ser com quem eu escolher.
- Claro. Qualquer valoriano da nossa sociedade serve.

Ela achou justo.

- Concordo.

O general acariciou a bochecha dela com a mão úmida.

- Boa menina.



Kestrel desceu o corredor. Na noite anterior ao retorno do seu pai, ela não tinha conseguido dormir, relembrando as três peças de abelha, a faca de Irex e sua própria faca. Ela ficou pensando em como havia se sentido poderosa numa situação e impotente na outra. Examinou sua vida como um jogo de peças de Morder e Picar. Acreditou ver um plano de jogo claro.

Mas esqueceu que foi seu pai quem lhe ensinara aquele jogo.

Kestrel tinha a impressão de que havia acabado de fazer um péssimo acordo.

Ela passou pela biblioteca, então parou e voltou para a porta do cômodo, aberta. Duas escravas domésticas estavam lá, tirando o pó. Elas se detiveram ao ouvir o som de seus pés no batente e olharam para ela – não, elas a *julgaram*, como se pudessem ver todos os erros estampados em seu rosto.

Lirah, uma menina linda de olhos esverdeados, disse:

- Milady...
- Sabe onde Smith está? – Kestrel não entendeu o que a tinha feito usar o outro nome de Arin. Foi só nesse momento que percebeu que não tinha contado o verdadeiro nome dele para ninguém.
- Na forja – Lirah respondeu prontamente. – Mas...

Kestrel se virou e caminhou na direção das portas do jardim.



Ela pensou que queria uma distração trivial. Mas, quando ouviu o clangor do metal contra metal e viu Arin raspando um cabo de aço contra a bigorna com uma ferramenta enquanto batia nele com outra, Kestrel soube que tinha vindo ao lugar errado.

– Pois não? – ele disse, ainda de costas para ela. Sua camisa de trabalho estava empapada de suor e suas mãos estavam cobertas de fuligem. Ele deixou a lâmina da espada esfriando sobre a bigorna e se virou para colocar outro pedaço menor de metal na chama, o que marcou seu perfil com uma luz instável.

Ela forçou sua voz a parecer normal.

– Pensei que poderíamos jogar uma partida.

Ele franziu a sobrancelha.

– De Morder e Picar – Kestrel disse. Acrescentou com mais firmeza: – Você sugeriu que sabia jogar.

Ele usou uma pinça para atiçar a chama.

– Sugerí.

– Sugeriu que conseguiria me vencer.

– Sugerí que não havia motivo para uma valoriana jogar contra um herrani.

– Não, você escolheu as palavras com cuidado para ser interpretado dessa forma. Mas não foi isso que você quis dizer.

Ele se voltou para ela com os braços cruzados diante do peito.

– Não tenho tempo para joguinhos. – A ponta de seus dedos, suas unhas e cutículas estavam sujas de carvão. – Tenho trabalho a fazer.

– Não se eu disser que não tem.

Ele virou para o outro lado.

– Gosto de terminar aquilo que começo.

Ela quis sair. Quis deixá-lo a sós com o barulho e o calor. Quis não falar mais nada. Em vez disso, Kestrel se pegou desafiando-o.

– Você não é páreo para mim.

Ele lhe lançou o olhar que ela reconhecia bem, aquele olhar de desprezo comedido. Desta vez, porém, ele deu risada.

– Onde você propõe que a gente jogue? Aqui? – Ele apontou para a forja ao

redor.

– Nos meus aposentos.

– Nos seus aposentos. – Arin balançou a cabeça, incrédulo.

– Na minha sala de estar – ela disse. – Ou na sala de visitas – acrescentou, embora a incomodasse pensar em jogar Morder e Picar com ele num lugar tão público para os moradores da casa.

Ele se recostou contra a bigorna, considerando.

– Sua sala de estar serve. Vou para lá quando terminar esta espada. Afinal, tenho privilégios domésticos agora. Preciso aproveitar. – Arin começou a falar, então parou, com o olhar pousado no rosto dela. Ela ficou constrangida.

Ele estava encarando, ela percebeu. Encarava o rosto dela.

– Você está com uma sujeira no rosto – ele disse, rapidamente.

E voltou ao trabalho.

Mais tarde, em sua sala de banho, Kestrel viu. No momento em que virou o espelho para pegar a luz baixa e amarelada do fim da tarde, ela viu o que ele tinha visto, assim como Lirah, que havia tentado avisá-la. Uma leve mancha em sua maçã do rosto escurecia sua bochecha, e descia pela linha de seu maxilar. Era a marca de uma mão. Era a sombra deixada pela mão suja de seu pai, quando ele tocara seu rosto para fechar o acordo entre eles.

ARIN TINHA TOMADO BANHO. ESTAVA USANDO ROUI

e, quando Kestrel o viu parado no batente, os ombros dele estavam relaxados. Sem esperar pelo convite, ele entrou na sala, puxou uma cadeira ao lado da pequena mesa onde Kestrel esperava, e se sentou. Colocou os braços numa posição de tranquilidade negligente e se recostou na cadeira decorada com brocados, como se fosse da casa. Ele parecia à vontade, pensou Kestrel.

Mas ele também tinha aquele ar na forja. Kestrel desviou os olhos, empilhando as peças de Morder e Picar em cima da mesa. Passou pela cabeça dela que Arin tinha um talento para ficar à vontade em ambientes bem diversos. Kestrel se perguntou como ela se sairia no mundo dele.

– Esta não é uma sala de estar – ele observou

– Ah? – Kestrel misturou as peças. – E eu aqui pensando que era.

A boca dele se curvou de leve.

– É uma sala de escrita. Ou melhor – ele puxou suas seis peças –, era.

Kestrel também pegou as suas. Decidiu não mostrar nenhum sinal de curiosidade. Não podia se dar ao luxo de uma distração. Arrumou suas peças com a face voltada para baixo.

– Espere – ele disse. – O que vamos apostar?

Ela tinha pensado bastante nisso. Tirou uma caixinha de madeira do bolso da saia e a colocou em cima da mesa. Arin a pegou e chacoalhou, ouvindo o guizo deslizante dentro dela.

– Fósforos. – Ele jogou a caixa de volta na mesa. – Nem de perto uma aposta alta.

Mas o que seria uma aposta apropriada para um escravo que não tinha nada? Aquilo tinha incomodado Kestrel desde que propusera o jogo. Ela deu de ombros e disse:

– Talvez eu esteja com medo de perder. – Ela dividiu os fósforos entre eles.

– Hum – ele disse, e os dois colocaram a primeira aposta.

Arin posicionou as peças de modo que pudesse ver as gravuras sem as revelar para Kestrel. Seus olhos passearam por elas rapidamente, depois se ergueram

para examinar o luxo em volta dele. Isso a irritou – tanto porque não conseguiu entrever nada em sua expressão como porque ele estava agindo como um cavalheiro ao desviar os olhos, oferecendo-lhe um momento para estudar suas peças sem medo de revelar nada a ele. Como se ela precisasse desse tipo de vantagem.

– Como você sabe? – ela disse.

– Como eu sei o quê?

– Que era uma sala de escrita. Eu nunca tinha ouvido falar disso. – Ela começou a posicionar suas peças. Foi só quando viu os desenhos que cogitou se Arin tinha sido mesmo gentil ao desviar os olhos ou se a estava provocando de maneira deliberada.

Ela se concentrou em sua mão, aliviada ao ver que tinha um bom jogo. Um tigre (a peça de valor mais alto), um lobo, um camundongo, uma raposa (um trio que, exceto pelo rato, não era nada mau) e um par de escorpiões. Ela gostava das peças de Picar. Eram quase sempre subestimadas.

Kestrel percebeu que Arin estava esperando para responder à pergunta dela. Ele a observava.

– Eu sei – ele disse – por causa da posição desse cômodo na sua suíte, da cor creme das paredes e dos quadros de cisnes. Era aqui que uma senhora herrani escreveria suas cartas ou leria o jornal. É um cômodo particular. Eu não deveria ter permissão de entrar aqui.

– Bom – Kestrel disse, incomodada –, não é mais o que era antigamente.

Ele jogou sua primeira peça: um lobo. Isso representava uma chance a menos para ela conseguir outro lobo. Ela jogou a raposa.

– Mas como você reconhece o cômodo? – Kestrel insistiu. – Já foi um escravo doméstico antes?

O dedo dele se contraiu contra o lado oculto de uma peça. Kestrel não pretendia deixá-lo nervoso, mas viu que ele tinha ficado.

– Todas as casas da aristocracia herrani tinham salas de escrita – ele disse. – É de conhecimento geral. Qualquer escravo poderia ter lhe dito isso. Lirah poderia, se você perguntasse para ela.

Kestrel não tinha imaginado que ele conhecia Lirah – pelo menos não a ponto de trazer o nome dela casualmente à conversa. Embora fosse óbvio que ele conhecesse. Ela lembrou como Lirah tinha sido rápida em informar o

paradeiro de Arin mais cedo. A menina tinha falado como se a resposta já estivesse tremulando na superfície da sua mente, como uma libélula sobre a água, muito antes de Kestrel perguntar.

Kestrel e Arin jogaram em silêncio, descartando peças, puxando novas, jogando outras, falando apenas para apostar.

Então as mãos de Arin pararam.

– Você sobreviveu à praga.

– Ah. – Kestrel não tinha notado que suas mangas largas e bufantes tinham caído, revelando a pele do lado de dentro de seus braços. Ela tocou a cicatriz curta sobre o cotovelo esquerdo. – Sim. Muitos valorianos pegaram a praga durante a colonização de Herran.

– A maioria dos valorianos não foi curada por herranis. – Ele fitou a cicatriz.

Kestrel se cobriu com as mangas. Pegou um fósforo e o girou entre os dedos.

– Eu tinha sete anos na época. Não lembro de muita coisa.

– Mas tenho certeza de que sabe o que aconteceu.

Ela hesitou.

– Você não vai gostar.

– Não importa do que eu gosto.

Ela colocou o fósforo na mesa.

– Minha família tinha acabado de chegar. Meu pai não ficou doente. Acho que ele tinha uma imunidade natural. Ele sempre pareceu... invulnerável.

O rosto de Arin ficou tenso.

– Mas minha mãe e eu fomos muito doentes. Lembro de dormir do lado dela. Sua pele estava quente. Os escravos receberam ordens de nos separar, para que a febre dela não aumentasse a minha e vice-versa, mas eu sempre acordava na cama dela. Meu pai notou que nenhum herrani parecia afetado pela praga e que, quando a pegavam, eles não morriam. Ele encontrou um médico herrani.

– Ela deveria ter parado aí. Mas os olhos cinzas de Arin estavam firmes e ela sentiu que não dizer mais nada seria uma mentira que ele notaria facilmente. – Meu pai falou para o médico escolher entre nos curar ou ser morto.

– Então o médico curou. – Havia repulsa na voz de Arin. – Por temor à vida.

– Não foi por isso. – Kestrel olhou para suas peças. – Não sei por quê. Porque eu era criança, talvez? – Kestrel balançou a cabeça. – Ele cortou meu

braço para sangrar a doença. Imagino que seja o que todos os médicos herranis fazam, já que você reconhece a cicatriz. Ele suturou a ferida. Depois se matou.

Algo cintilou nos olhos de Arin. Kestrel se perguntou se ele estava tentando, como ela fazia tantas vezes ao se olhar no espelho, imaginá-la criança, enxergar o que havia dentro dela que fez o médico decidir salvar sua vida.

– E sua mãe? – ele perguntou.

– Meu pai tentou cortá-la do mesmo jeito que o médico tinha me cortado. Disso eu me lembro. Ela sangrou muito. E morreu.

No silêncio, Kestrel ouviu uma folha roçar contra o vidro da janela, aberta contra o céu que escurecia. Estava quente, mas o verão chegava ao fim.

– Jogue suas peças – Arin disse, seco.

Kestrel virou as dela, sem sentir nenhum prazer com a certeza de que tinha vencido o jogo. Ela tinha quatro escorpiões.

Arin virou as dele. O som do marfim contra a mesa de maneira era anormalmente alto.

Quatro víboras.

– Ganhei – ele disse, puxando os fósforos para si.

Kestrel fitou as peças dele, sentindo um torpor formigar pelos seus membros.

– Bom – ela disse. Pigarreou. – Muito bem jogado.

Ele abriu um sorriso sem humor.

– Avisei você.

– Sim. Avisou.

Ele se levantou.

– Acho que vou me retirar enquanto estou com a vantagem.

– Até a próxima. – Kestrel percebeu que tinha oferecido a mão para ele. Ele olhou e então apertou. Ela sentiu o torpor diminuir, sendo substituído por um tipo diferente de surpresa.

Ele soltou sua mão.

– Tenho coisas para fazer.

– Como o quê, por exemplo? – Ela arriscou descontrair.

Ele respondeu no mesmo tom.

– Como contemplar o *que* eu vou fazer com essa fortuna inesperada de fósforos. – Ele arregalou os olhos, fingindo alegria, e Kestrel sorriu.

– Vou acompanhá-lo até a saída – ela disse.

– Acha que vou me perder? Ou roubar alguma coisa no caminho?

Ela sentiu sua própria expressão ficar altiva.

– Estou saindo também – ela disse, embora não estivesse planejando fazer isso até as palavras deixarem sua boca.

Atravessaram a casa em silêncio e chegaram ao térreo. Kestrel viu os passos dele diminuírem quase imperceptivelmente enquanto passavam pelas portas fechadas que escondiam o seu piano.

Ela parou.

– Qual é o seu interesse nesse cômodo?

O olhar que ele lhe lançou foi cortante.

– Não tenho interesse nenhum na sala de música.

Os olhos dela se estreitaram enquanto o observava sair.

A PRIMEIRA AULA DE KESTREL COM SEU PAI ACC

biblioteca, um cômodo escuro com prateleiras embutidas abarrotadas de ponta a ponta com livros lindamente encadernados. Havia poucos na língua dela; o império não tinha uma grande tradição literária. A maioria dos livros era em herrani e, se poucos valorianos falavam bem essa língua, menos ainda conseguiam ler, já que até o alfabeto era diferente. Mesmo assim, todos os colonizadores valorianos haviam mantido intactas as bibliotecas conquistadas. Elas eram mais úteis assim.

Seu pai estava em pé, olhando pela janela. Ele não gostava de se sentar. Kestrel se acomodou numa poltrona de leitura, como um gesto deliberado para se diferenciar.

Ele disse:

– O projeto do império valoriano começou 24 anos atrás, quando conquistamos a tundra do norte.

– Um território fácil de conquistar. – Kestrel não podia provar seu valor com uma espada, mas pelo menos podia mostrar que conhecia história. – A população era pequena, espalhada em tribos distantes que viviam em tendas. Invadimos no verão, com poucas mortes de ambos os lados. Foi um teste, para ver se os vizinhos de Valória se oporiam à nossa expansão. Foi também uma vitória simbólica, com o objetivo de encorajar nosso povo. Mas a tundra não oferece nenhuma agricultura, tem pouca carne e poucos escravos. É quase inútil.

– Inútil? – O general abriu uma das gavetas embaixo das prateleiras e tirou um mapa enrolado, que abriu e fixou numa mesa com pesos de vidro. Kestrel se levantou e chegou perto para estudar os contornos do continente e da extensão do império.

– Talvez não *inútil* – ela concordou. Apontou para a tundra, que formava um trecho estreito de terra sobre grande parte do norte do império, até o território congelado se estender a leste e se expandir, mergulhando ao sul para fazer uma curva no canto oriental do império. – Serve como uma barreira

natural contra as invasões bárbaras. A tundra não é um terreno bom para a guerra, muito menos agora que nós a defendemos.

– Sim. Mas a tundra tem outro valor para nós, um que não dá para ver nesse mapa. É um segredo de Estado, Kestrel. Estou confiando que você vai guardá-lo.

– Claro. – Ela não pôde evitar sentir um frêmito de curiosidade e alegria por ter a confiança do pai, mesmo sabendo que era exatamente o que ele queria que ela sentisse.

– Espiões foram enviados à tundra muito antes de atacarmos. Fazemos isso com todos os territórios que queremos conquistar; com a tundra não foi diferente. Os espiões encontraram depósitos minerais lá. Um pouco de prata, que está sendo minada e ajuda a financiar nossas guerras. E o mais importante: havia uma enorme quantidade de enxofre, um ingrediente básico para fabricar pólvora negra.

Ele sorriu ao ver os olhos dela se arregalarem. Depois descreveu em ricos detalhes as preparações para a invasão, as primeiras batalhas e como a tundra foi conquistada pelo general Daran, que tinha visto talento no pai de Kestrel quando ele era um jovem soldado e lhe ensinara as peculiaridades da guerra.

Quando seu pai terminou, Kestrel apontou para a península de Herran.

– Me conte sobre a Guerra de Herran.

– Queríamos este território muito antes de o conquistarmos. Quando o conquistei, os colonizadores valorianos estavam ansiosos por um pedaço do prêmio. Durante décadas antes da guerra, os herranis faziam alarde da riqueza de seus países, de suas mercadorias, de sua beleza, de sua terra rica, de sua quase *perfeição*, sem contar que pode ter sido uma ilha. – O general passou o dedo em volta do contorno da península, cercada pelo mar do sul por quase todos os lados, exceto onde uma cordilheira a separava do resto do continente. – Os herranis nos viam como meros selvagens estúpidos e sanguinários. Eles só gostavam de nós para mandarem navios ao continente com itens de luxo para nos vender. Não faziam ideia de que todo vaso de alabastro ou saco de temperos era uma tentação para o imperador.

Embora Kestrel soubesse de quase tudo isso, parecia que a história que ela conhecia era uma escultura bruta e as palavras de seu pai a golpeavam com um cinzel, talhando detalhes no mármore até conseguir enxergar a verdadeira

forma oculta dentro da pedra bruta.

– Os herranis se consideravam intocáveis – ele continuou. – Eles estavam quase certos. Tinham dominado o mar. A marinha deles era muito mais sofisticada que a nossa, tanto em termos de navios como de treinamento. Mesmo se nossa marinha fosse páreo para a deles, o mar estava contra nós.

– As tempestades verdes – observou Kestrel.

A temporada de tempestades estava vindo. Duraria até a primavera, com rajadas de vento surgindo do nada ao longo das rotas marítimas, acertando as costas e deixando o céu num tom de verde sobrenatural.

– Invasão pelo mar seria suicídio. Por terra era impossível. Não tinha como trazer um exército pelas montanhas. Havia um desfiladeiro, mas era tão estreito que uma tropa teria que se espremer numa fila única, avançando muito devagar, permitindo que as forças herranis nos reduzissem a pó.

Kestrel sabia o que seu pai fizera, mas não tinha notado uma coisa até agora.

– Vocês conseguiram toda a pólvora negra na conquista anterior, na tundra.

– Sim. Nós a usamos nas montanhas e explodimos aquele desfiladeiro, alargando-o até o exército conseguir descer em direção à vitória. Os herranis não estavam preparados para uma invasão por terra. O forte deles era o mar. E fizeram a besteira de se renderem logo. Claro, depois que tomei a cidade, não havia muito o que eles pudessem fazer. Mas eles ainda tinham a marinha; uma frota de quase cem navios veleiros com canhões. De qualquer jeito, duvido que reconquistassem a cidade. Os marinheiros teriam que vir à terra em algum momento e eles estavam em menor número que nós, por isso não tinham muitas chances contra a cavalaria. Mas seus navios poderiam ter nos infernizado com ataques piratas. Poderiam ter levado a guerra às águas valorianas e aproveitado para negociar melhores condições de rendição. Mas eu estava com a cidade e sua população... e tinha uma reputação.

Kestrel se virou. Tirou um livro de poesia herrani da prateleira e o folheou. Seu pai não estava mais olhando para ela, mas para o passado.

– Então os herranis se renderam – ele disse. – Preferiram uma vida como escravos à morte. Eles nos deram seus navios e, com eles, nossa marinha se tornou a maior do mundo. Todo soldado valoriano sabe velejar bem agora. Fiz questão que você aprendesse também.

Kestrel encontrou a passagem que estava procurando. Era o começo de um

canto sobre uma jornada a ilhas mágicas, onde o tempo não significava nada. Era um chamado aos marinheiros para guiar o navio em direção ao mar aberto. *Vira a quilha para as ondas que quebram*, ela leu. *Vira adiante no mar de coração salgado.*

– Existem muitos motivos por que vencemos – seu pai disse – e eu vou ensiná-los a você. Mas o motivo mais básico é simples. Eles eram fracos. Nós não.

Ele pegou o livro das mãos dela e o fechou.



Os encontros com o general não eram frequentes. Ele andava ocupado, e Kestrel ficava grata por isso. Aquelas conversas a faziam alternar muito facilmente demais entre fascínio e repulsa.

Mais folhas foram caindo das árvores. O calor do verão deixava o ar. Kestrel mal notou de tanto que ficava em casa, descobrindo que conseguia esquecer quase tudo que aprendera com o pai enquanto tocava piano. Agora que podia, ela tocava em quase todas as horas livres. A música a fazia sentir como se estivesse segurando uma lâmpada que lançava uma auréola de luz em torno dela e, mesmo sabendo que havia pessoas e responsabilidades na escuridão ao redor, ela não conseguia vê-las. As chamas do que ela sentia ao tocar lhe causavam uma cegueira deliciosa.

Até o dia em que encontrou algo esperando por ela em sua sala de música: uma pequena peça de Morder e Picar equilibrada bem no meio do piano, em uma tecla. A peça estava com a face para baixo. O lado branco estava voltado para cima.

Aquilo a atingiu como uma pergunta... ou um convite.

– ESTAVA ACHANDO QUE VOCÊ NÃO JOGARIA COM /
não pudesse vencer – Arin disse.

Kestrel ergueu os olhos do piano ao vê-lo parado na porta aberta à frente, então olhou para o jogo de Morder e Picar na mesa ao lado das janelas que davam para o jardim.

– Não é isso – Kestrel disse. – Andei ocupada.

O olhar dele apontou para o piano.

– Foi o que eu ouvi.

Kestrel se sentou na mesa e disse:

– Fiquei intrigada com o cômodo que você escolheu.

Ele hesitou e ela achou que o escravo negaria qualquer responsabilidade de escolha, que fingiria que um fantasma tinha deixado aquela peça no piano. Então ele fechou as portas atrás de si. O cômodo grande de repente pareceu apertado. Arin atravessou a sala para se juntar a ela na mesa.

– Não gostei de jogar na sua suíte – ele disse.

Ela decidiu não tomar aquilo como uma ofensa. Afinal, tinha pedido para que ele fosse sincero. Kestrel misturou as peças, mas, quando colocou uma caixa de fósforos na mesa, ele falou:

– Vamos apostar outra coisa.

Kestrel não tirou a mão da tampa da caixa. De novo, se perguntou o que ele poderia oferecer a ela, o que ele poderia apostar, e não chegou a conclusão nenhuma.

– Se eu vencer, vou fazer uma pergunta e você vai responder.

Ela sentiu uma palpitação nervosa.

– Eu poderia mentir. As pessoas mentem.

– Estou disposto a arriscar.

– Se é isso que você vai apostar, presumo que meu prêmio seja o mesmo.

– Se você vencer.

Ainda assim, ela hesitava.

– Perguntas e respostas são apostas muito irregulares em Morder e Picar –

ela disse, irritada.

– Enquanto fósforos são apostas perfeitas e muito empolgantes.

– Está bem. – Kestrel jogou a caixa no carpete, onde caiu fazendo um som abafado.

Arin não pareceu ficar satisfeito, nem achar engraçado nem nada. Ele simplesmente pegou suas peças. Ela fez o mesmo. Eles jogaram muito concentrados. Kestrel estava decidida a vencer.

Ela perdeu.

– Eu quero saber – Arin disse – por que você ainda não entrou para o exército.

Kestrel não saberia dizer o que imaginou que ele perguntaria, mas definitivamente não era aquilo. A pergunta de Arin trouxe à sua mente anos de discussão que ela preferia esquecer. Ela foi breve.

– Tenho dezessete anos. Ainda não sou obrigada pela lei a me alistar ou me casar.

Ele se recostou na cadeira, mexendo em uma de suas peças vencedoras. Ele batia o lado fino contra a mesa, girava a peça nos dedos e depois batia o outro lado.

– Essa não é uma resposta completa.

– Acho que não especificamos o tamanho das respostas. Vamos jogar de novo.

– Se você ganhar, vai ficar satisfeita se eu der o mesmo tipo de resposta que me deu?

Devagar, ela disse:

– O exército é a vida do meu pai. Não a minha. Não sou uma boa guerreira.

– Jura? – Sua surpresa parecia sincera.

– Eu me viro. Consigo me defender como todo valoriano, mas não sou boa no combate. Sei como é ser boa em alguma coisa.

Arin olhou de soslaio para o piano.

– Tem também a questão da música – Kestrel admitiu. – Pianos não são exatamente portáteis. Eu nunca poderia levá-lo comigo se fosse enviada à batalha.

– Tocar é coisa de escravos – Arin disse. – Como cozinar ou limpar.

Kestrel ouviu a raiva nas palavras dele, mergulhada como leito de rocha sob

as ondulações descuidadas de sua voz.

– Nem sempre foi assim.

Arin ficou em silêncio. Por mais que Kestrel tivesse, a princípio, tentado responder à pergunta dele da maneira mais breve possível, ela se sentiu obrigada a explicar o grande motivo por trás de sua resistência ao general.

– Além disso... eu não quero matar. – Isso fez Arin fanzir a testa, e Kestrel riu para deixar a conversa mais leve. – Deixo meu pai maluco. Mas todas as filhas são assim. Então fizemos uma trégua. Concordei que, na primavera, vou me alistar ou me casar.

Ele parou de girar a peça entre os dedos.

– Você vai se casar, então.

– Sim. Mas pelo menos vou ter seis meses de paz antes disso.

Arin deixou a peça cair na mesa.

– Vamos jogar de novo.

Desta vez, Kestrel venceu. Ela não estava preparada para a forma como seu sangue borbulhou com o triunfo.

Arin ficou encarando as peças. Apertou os lábios.

Mil perguntas passaram pela cabeça de Kestrel, atropelando-se, lutando para ser a primeira. Mas ela ficou tão surpresa quanto Arin com a que saiu de sua boca.

– Por que treinaram você como ferreiro?

Por um momento, Kestrel achou que ele não iria responder. O queixo dele endureceu.

– Fui escolhido porque era o último menino de nove anos do mundo que poderia servir como ferreiro. Eu era raquítico. Sonhava acordado. Vivia com medo. Você já viu as ferramentas na forja? O martelo? É bom pensar com cuidado que tipo de escravo você deixaria pegar aquilo. Meu primeiro traficante de escravos olhou para mim e acreditou que eu não era o tipo que ergueria a mão de raiva. Ele me escolheu. – O sorriso de Arin era frio. – Bom, gostou da minha resposta?

Kestrel ficou sem palavras.

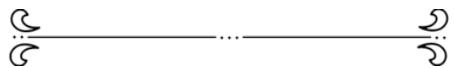
Arin empurrou suas peças para o lado.

– Quero ir para a cidade.

Por mais que tivesse dito que ele podia e soubesse que não havia nada de

errado com um escravo querendo ver a namorada, ela quis dizer não.

- Mas já? – ela conseguiu dizer.
- Já faz um mês.
- Ah. – Kestrel supôs que um mês devia ser um longo tempo para ficar sem ver a pessoa amada. – Claro. Vá.



– Fiz umas trinta armas – Arin disse ao leiloeiro. – A maioria adagas, boas para ataques de curta distância. Algumas espadas. Embalei tudo e vou jogar pelo muro sudoeste da propriedade do general hoje à noite, quatro horas antes do amanhecer. Mande alguém esperar do outro lado.

- Fechado – Logro disse.
- Vai ter mais depois. E os barris de pólvora negra?
- Estão seguros.
- Queria saber se devo tentar recrutar alguns dos escravos do general. Eles podem ser úteis.

Logro fez que não.

- Não vale a pena o risco.
- Se não tivéssemos gente na casa do senador Andrax, nunca teríamos conseguido roubar a pólvora negra. Tudo que nosso homem precisou fazer foi pegar a chave do dono e devolver no lugar certo depois. Podemos estar perdendo uma oportunidade dessas na casa do general.

– Eu disse não.

O coração de Arin parecia subir pelo peito de tanta raiva. Mas ele sabia que Logro estava certo, e seu mau humor não era culpa do leiloeiro. Era dele próprio. Ou dela. Ele não sabia o que o tinha incomodado mais naquele último jogo: ele nas mãos dela, ou ela nas dele.

- E a menina? – Logro quis saber, e Arin desejou que ele tivesse feito qualquer outra pergunta.

Arin hesitou, depois disse:

- As histórias da habilidade militar de lady Kestrel são exageradas. Ela não vai ser um problema.



— Aqui. — Kestrel entregou à sua antiga ama um pequeno pote de cerâmica. — Xarope para sua tosse.

Enai suspirou, o que lhe causou mais um acesso de tosse. Ela se recostou nas almofadas que Kestrel havia colocado atrás de seus ombros, depois ergueu os olhos para o teto da cabana.

— Odeio o outono. E o deus da boa saúde.

Kestrel se sentou na beira da cama.

— Pobre *amma* — ela disse, usando a palavra herrani para “mãe”. — Quer que eu conte uma história, como você fazia comigo quando eu ficava doente?

— Não. Vocês, valorianos, são maus contadores de história. Sei o que você vai dizer: “Nós lutamos. Vencemos. Fim”.

— Acho que consigo fazer mais que isso.

Enai balançou a cabeça.

— Melhor reconhecer as coisas que você não tem como mudar, minha filha.

— Bom, então, quando você ficar melhor, vá para casa e eu vou tocar para você.

— Sim. Disso eu sempre gosto.

Kestrel saiu do lado dela e se moveu pela cabana de dois cômodos, tirando as comidas da cesta e organizando tudo.

— Conheci o Smith — Enai gritou.

As mãos de Kestrel pararam. Ela voltou para o quarto.

— Onde?

— Onde você acha? No alojamento dos escravos.

— Pensei que você não fosse lá — Kestrel disse. — Você não devia sair até melhorar .

— Não se preocupe. Fui lá alguns dias atrás, antes de adoecer.

— E?

Enai deu de ombros.

— Não conversamos muito. Mas as pessoas parecem gostar dele. Ele fez amigos.

— Quem, por exemplo?

— Ele e o cavalariço... o mais novo, esqueci o nome dele... ficaram amigos.

Nas refeições, Smith costuma sentar com a Lirah.

Kestrel se concentrou em arrumar o cobertor sobre o peito de Enai. Ela arrumou e arrumou, pensando no rosto oval e na voz suave de Lirah.

– Lirah é um doce. É uma boa amiga.

Enai pegou sua mão.

– Sei que você se arrepende da compra, mas existem lugares piores para ele.

Kestrel fraziu a testa ao se dar conta de que não se arrepentia mais da compra. Que tipo de pessoa ela tinha se tornado para se sentir assim?

– Dei privilégios domésticos para ele – ela disse, sabendo que seu tom era defensivo. – Ele também serve como meu acompanhante na cidade.

Enai engoliu o xarope e fez uma careta.

– Sim, fiquei sabendo pelos outros. A alta sociedade fala sobre isso?

– Sobre o quê?

– Sobre Smith. A alta sociedade fala sobre ele aparecer como seu acompanhante?

– Não que eu saiba. Teve um pouco de fofoca sobre o preço que paguei por ele, mas todo mundo já esqueceu isso.

– Pode ser, mas acho que ele ainda chama a atenção.

Kestrel observou o rosto da mulher.

– Enai, o que você está tentando dizer? Por que as pessoas falariam sobre ele?

Enai examinou o pote liso de xarope. Finalmente, disse:

– Por causa da aparência dele.

– Ah. – Kestrel ficou aliviada. – Quando ele usa trajes domésticos, não parece tão rústico. Ele se comporta bem. – Esse pensamento pareceu prestes a liberar outros, mas ela balançou a cabeça. – Não, acho que ele não dá motivos para ninguém reclamar da aparência dele.

Enai disse:

– Tenho certeza de que você está certa.

Kestrel teve a impressão de que as palavras da mulher eram menos um sinal de concordância do que uma decisão de deixar o assunto para lá.

AS PALAVRAS DE ENAI PERTURBARAM KESTREL. MA o suficiente para que ela mudasse seu modo de agir. Ela continuava a levar Arin consigo em suas visitas à sociedade. Gostava da mente afiada dele – e de sua língua ainda mais afiada. No entanto, ela precisava admitir que as conversas deles em herrani criavam uma falsa sensação de privacidade. Pensou que era culpa da língua em si; o herrani sempre soava mais íntimo do que o valoriano, talvez porque, depois da morte de sua mãe e como seu pai tinha pouco tempo para ela, foi Enai quem preencheu esse vazio, distraindo Kestrel de suas lágrimas e lhe ensinando a gramática herrani.

Kestrel sempre precisava se lembrar de que Arin conhecia a língua dela tão bem quanto ela a dele. Às vezes, quando o via de relance ouvindo uma conversa de jantar absurda, ela se perguntava como ele tinha dominado o valoriano de maneira tão completa. Poucos escravos tinham esse domínio.

Não muito depois do segundo jogo de Morder e Picar com Arin, eles foram à casa de Jess.

– Kestrel! – Jess a abraçou. – Você se esqueceu da gente.

A amiga ficou esperando uma explicação, mas, quando Kestrel repassou mentalmente seus motivos – as aulas de estratégia com o pai, as horas de prática no piano, e os jogos de Morder e Picar que ocupavam muito mais tempo em sua mente do que na prática –, ela disse apenas:

– Bom, agora estou aqui.

– Com um pedido de desculpas pronto, espero. Senão, vou me vingar de você.

– Oh. – Kestrel seguiu Jess até a sala de visitas, ouvindo os passos de Arin atrás delas se attenuarem quando ele passou do piso de mármore do corredor para o carpete. – Devo ficar com medo?

– Sim. Se você não implorar meu perdão, não vou com você à costureira encomendar vestidos para o baile de Primeiro Inverno do governador.

Kestrel deu risada.

– Falta séculos para o primeiro dia de inverno.

– Mas espero que não para o seu pedido de desculpas.

– Me desculpe, por favor, Jess.

– Tudo bem. – Os olhos de Jess brilharam de alegria. – Perdão você, com a condição de que me deixe escolher seu vestido.

Kestrel lhe lançou um olhar desamparado. E olhou de soslaio para Arin, encostado à parede. Embora a expressão dele fosse neutra, teve a sensação de que ele ria dela.

– Você se veste de maneira muito modesta, Kestrel. – Quando Kestrel fez menção de protestar, Jess pegou suas mão entre as dela e a chacoalhou. – Pronto. Acordo feito. Fechado. Um valoriano honra a sua palavra.

Kestrel se afundou no sofá ao lado da amiga, admitindo a derrota.

– Ronan vai ficar triste de ter perdido sua visita – Jess falou.

– Ele saiu?

– Foi visitar lady Faris.

Kestrel ergueu uma sobrancelha.

– Aposto que o charme dela vai desfazer qualquer tristeza que ele possa sentir por não me ver.

– Não me diga que está com ciúmes. Você sabe o que Ronan sente por você.

Kestrel ficou perfeitamente consciente da presença de Arin na sala. Ela relanceou em sua direção novamente, esperando ver a expressão entediada que ele costumava ter na companhia de Jess. Não viu nada. Ele parecia estranhamente atento.

– Pode ir – ela falou para ele.

Por um momento, pareceu que ele desobedeceria. Então ele deu meia-volta e saiu da sala a passos largos.

Quando a porta se fechou, Kestrel disse a Jess:

– Ronan e eu somos amigos.

Jess bufou, impaciente.

– E só existe um motivo para um rapaz como ele visitar lady Faris – Kestrel continuou, pensando no bebê e na covinha de seu sorriso. Ela considerou a possibilidade de o filho ser de Ronan. Isso não a incomodou, e foi essa *ausência* de incômodo que a perturbou. Não deveria se importar? Não gostava da atenção de Ronan? No entanto, a ideia de ele ter gerado um filho passou pela superfície da sua mente e afundou calmamente, sem um esguicho nem

onda ou reverberação.

Bom, se o bebê fosse dele, ele o tinha concebido mais de um ano antes. E, se Ronan estivesse com Faris agora, quais eram as chances entre ele e Kestrel?

– Faris é uma figura pública – ela disse a Jess. – Além disso, o marido dela está na capital.

– Os rapazes a visitam porque o marido dela é um dos homens mais influentes na cidade e querem que ela os ajude a virar senadores.

– Que preço você acha que ela os faz pagar?

Jess pareceu escandalizada. Kestrel emendou:

– Por que você acha que Ronan se importaria em pagar? Faris é bonita.

– Ele nunca faria uma coisa dessas.

– Jess, se acha que pode me convencer de que Ronan é inocente e que nunca esteve com uma mulher, você está enganada.

– Se pensa que Ronan preferiria Faris a você, está doida. – Jess balançou a cabeça. – Tudo o que ele quer é um sinal do seu afeto. Ele já deu muitos.

– Elogios vazios.

– Você que se recusa a ver. Não acha o meu irmão bonito?

Kestrel não tinha como negar que Ronan era tudo o que ela esperava. Ele era um colírio para os olhos. Era espíritooso, bem-humorado. E não via mal em sua música.

Jess continuou:

– Você não gostaria que virássemos irmãs?

Kestrel pegou uma das muitas tranças pálidas e brilhantes de Jess. Ela a retirou do penteado curvilíneo da menina, depois a colocou no lugar.

– Nós já somos.

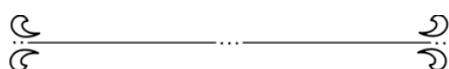
– Irmãs *de verdade*.

– Sim – Kestrel disse com a voz baixa. – Gostaria. – Ela sempre quis fazer parte da família de Jess, desde que era criança. Jess tinha um irmão mais velho perfeito e pais bonzinhos.

Jess soltou um gritinho de alegria. Kestrel lhe lançou um olhar cortante.

– Não ouse falar isso para ele.

– Eu? – Jess disse, com o rosto inocente.



Mais tarde naquele dia, Kestrel estava sentada com Arin na sala de música. Ela jogou suas peças: um par de lobos e três camundongos.

Arin virou as dele com um suspiro resignado. Ele não tinha um conjunto ruim, mas não era bom o suficiente, e estava abaixo de seu nível de habilidade natural. Ele enrijeceu na cadeira; parecia se preparar para a pergunta dela.

Kestrel examinou as peças dele. Ela tinha certeza de que ele poderia ter conseguido mais do que um par de vespas. Pensou nas peças que ele havia mostrado antes no jogo e na maneira descuidada como tinha descartado outras. Se não soubesse que ele não gostava de perder para ela, teria desconfiado que perdera de propósito.

– Você parece distraído – ela disse.

– Essa é a sua pergunta? Você está me perguntando por que estou distraído?

– Então você admite que está distraído.

– Você é *mesmo* um demônio. – Ele ecoou as palavras de Ronan durante a partida na festa de Faris. Depois, parecendo irritado por suas próprias palavras, disse: – Faça a sua pergunta.

Ela poderia ter insistido no assunto, mas a distração dele era um mistério menos interessante se comparado a um outro que crescia na mente dela. Ela não achava que Arin era o que parecia ser. Ele tinha o corpo de alguém que cresceria sob trabalho árduo, mas sabia muito bem jogar um jogo valoriano. Ele falava a língua dela como alguém que tinha estudado com dedicação. Sabia – ou fingia saber – os hábitos de uma dama herrani e a ordem dos seus cômodos. Tinha demonstrado tranquilidade e experiência perto do garanhão dela e, embora isso pudesse não significar nada – afinal, ele não tinha *cavalgado* Dardo –, Kestrel sabia que, antes da guerra, a equitação era marca da classe alta entre os herranis.

Kestrel achava que Arin era alguém que havia caído muito na vida.

Ela não poderia investigar se isso era verdade. Lembrava-se da resposta furiosa que recebera quando o questionou por que ele fora treinado como ferreiro; a pergunta parecera inocente, mas o tinha machucado.

Ela não queria machucá-lo.

– Como você aprendeu a jogar Morder e Picar? – ela perguntou. – É um jogo valoriano.

Ele pareceu aliviado.

– Houve um tempo em que os herranis gostavam de velejar para o seu país. Nós gostávamos do seu povo. E sempre fomos admiradores das artes. Nossos marinheiros trouxeram o Morder e Picar muito tempo atrás.

– Morder e Picar é um jogo, não uma arte.

Ele cruzou os braços na frente do peito, achando graça.

– Se é o que você diz.

– Fico surpresa em ouvir que os herranis gostavam de algo dos valorianos. Achava que vocês nos consideravam selvagens estúpidos.

– Criaturas silvestres – ele murmurou.

Kestrel tinha certeza de que havia entendido mal.

– Quê?

– Nada. Sim, vocês não tinham cultura nenhuma. Comiam com as mãos. Sua ideia de entretenimento era ver quem conseguia matar o outro primeiro. Mas – ele a encarou, depois desviou o olhar – vocês eram conhecidos por outras coisas também.

– Que coisas? Do que você está falando?

Ele balançou a cabeça. Fez aquele gesto estranho de novo, erguendo os dedos para estalar o ar ao lado da têmpora. Em seguida, entrelaçou as mãos, desentrelaçou e começou a misturar as peças.

– Você já fez muitas perguntas. Se quiser mais, precisa ganhar.

Ele não mostrou nenhum sinal de distração desta vez. Enquanto jogavam, ignorou as tentativas dela de provocá-lo e fazê-lo rir.

– Já vi seus truques com outras pessoas – ele disse. – Não vão funcionar comigo.

Ele venceu. Kestrel esperou, nervosa, e se perguntou se a forma como se sentia agora era como ele se sentia ao perder.

A voz dele saiu hesitante.

– Você tocaria para mim?

– Tocar para você?

Arin pestanejou. Num tom mais determinado, disse:

– Sim. Algo que eu escolher.

– Pode ser. É só que... quase ninguém nunca pede.

Ele se levantou da mesa, procurou nas prateleiras ao longo da parede e voltou com um calhamaço de partituras. Ela pegou.

– É para flauta – ele disse. – Você provavelmente vai demorar para transpor para o piano. Eu posso esperar. Talvez depois do nosso próximo jogo...

Impaciente, ela abanou o papel para que ele ficasse quieto.

– Não é tão difícil.

Ele assentiu, depois se sentou na poltrona mais distante do piano, perto das portas de vidro. Kestrel gostou da distância. Ela se sentou no banco, folheando a partitura. O título e as anotações estavam em hiragana, e as páginas estavam amareladas pelos anos. Ela apoiou o papel no suporte do instrumento, levando mais tempo que o necessário para ajeitar a partitura. Uma excitação percorreu seus dedos, como se ela já tivesse afundado as mãos na música, mas aquela sensação estava envolta por uma camada metálica de medo.

Ela queria que Arin não tivesse escolhido uma música para flauta. A beleza daquele instrumento estava na sua simplicidade, na sua semelhança com a voz humana. Sempre tinha um som claro. Um som solitário. O piano, por outro lado, era uma rede de partes, como um navio – os fios como cordames, o corpo como casco, e a tampa erguida como uma vela. Kestrel sempre pensou que o piano não soava como um instrumento único, mas geminado, com suas metades baixa e alta se unindo ou se distanciando.

Peça para flauta, ela pensou, frustrada, e se recusou a olhar para Arin.

Suas notas de abertura foram um desastre. Ela parou, entregou a melodia para a mão direita e começou a improvisar com a esquerda, tirando da mente frases ricas e lúgubres. Sentiu o contraponto ganhar vida. Esquecendo-se da dificuldade do que estava fazendo, ela simplesmente tocou.

Era uma música suave, soturna. Kestrel ficou triste quando chegou ao fim. Seus olhos buscaram Arin do outro lado da sala.

Não sabia se ele a tinha visto tocar. Ele não a observava agora. Seu olhar estava desfocado, voltado para o jardim, sem parecer vê-lo de verdade. As linhas de seu rosto tinham suavizado. Ele estava diferente, Kestrel percebeu. Ela não entendia por quê, mas ele estava diferente agora.

Então, ele a encarou, e ela ficou tão surpresa que deixou uma mão cair sobre as teclas com um som nada musical.

Arin sorriu. Era um sorriso sincero, que mostrou a ela que todos os outros tinham sido falsos.

– Obrigado – ele disse.

Kestrel se sentiu corar. Ela se concentrou nas teclas e tocou mais alguma coisa, qualquer coisa. Um padrão simples para se distrair do fato de que ela não era alguém que corava com facilidade, muito menos sem um motivo claro.

Percebeu que seus dedos traçavam os contornos de um tenor.

– Você realmente não canta?

– Não.

Ela considerou o timbre da voz dele e levou as mãos a um tom mais baixo.

– Mesmo?

– Mesmo, Kestrel.

Suas mãos abandonaram as teclas.

– Que pena – ela disse.

QUANDO KESTREL RECEBEU UMA MENSAGEM

C convidando-a para cavalgar com ele e Jess, ela lembrou de algo que seu pai havia dito recentemente sobre como avaliar um inimigo.

“Tudo na guerra diz respeito ao que você sabe sobre as habilidades e vantagens do seu adversário”, ele dissera. “Sim, a sorte tem algum papel. O terreno é crucial. Números são importantes. Entretanto, é mais provável que, acima de tudo, a forma como você vence os pontos fortes do seu oponente é o que vai decidir a batalha.”

Arin não era inimigo de Kestrel, mas as partidas de Morder e Picar tinham feito com que ela o visse como um oponente digno. Assim, ela considerou as palavras do seu pai. “Seu adversário vai querer esconder as vantagens dele até o momento final. Use espiões se puder. Senão, como vai fazê-lo revelar as informações que busca?” O general respondeu à própria pergunta: “Ataque o orgulho dele”.

Kestrel mandou um escravo da casa para a forja, pedindo que Arin a encontrasse nos estábulos. Quando ele chegou, Dardo já estava selado e Kestrel estava à espera, vestida para cavalgar.

– O que é isto? – Arin disse. – Pensei que você queria um acompanhante.

– Eu quero. Escolha um cavalo.

Desconfiado, ele disse:

– Se eu for com você, vamos precisar da carruagem.

– Não se você souber cavalgar.

– Eu não sei.

Ela montou em Dardo.

– Então acho que você deve me seguir na carruagem.

Ela juntou as rédeas nas mãos.

– Aonde você vai? – Arin perguntou.

– Ronan me convidou para cavalgar no terreno dele – ela lhe disse, e guiou Dardo a meio-galope. Saiu dos estábulos cavalgando e atravessou a propriedade, parando apenas para dizer aos guardas no portão que um escravo

estava vindo atrás dela. – Provavelmente – acrescentou, esporando Dardo antes que eles pudessem questionar a irregularidade daquilo tudo. Ela guiou Dardo por uma das muitas trilhas de cavalo que os valorianos tinham aberto nas partes mais verdes da cidade, criando caminhos apenas para os cavaleiros que viajavam a uma boa velocidade. Kestrel resistiu ao impulso de diminuir o ritmo e pressionou ainda mais o animal, ouvindo os cascos baterem na terra coberta de folhas cor de fogo.

Demorou um tempo até ela escutar o galope atrás de si, e só então reduziu a velocidade, virando Dardo instinctivamente para observar o cavalo e seu cavaleiro descendo a trilha ao longe.

Arin diminuiu a velocidade e cavalgou ao lado dela. Os cavalos relincharam. Ele olhou para Kestrel, para o sorriso que ela não conseguia esconder, e o rosto dele parecia exibir tanto frustração quanto alegria.

– Você mente mal – ela lhe disse.

Ele deu risada.

Ela achou difícil encará-lo, e seu olhar desceu para o garanhão dele. Os olhos de Kestrel se arregalaram.

– É esse o cavalo que você escolheu?

– É o melhor – Arin disse, sério.

– É o do meu pai.

– A culpa não é do cavalo.

Foi a vez de Kestrel dar risada.

– Venha. – Arin impulsionou o garanhão adiante. – Não vamos nos atrasar – ele disse e, no entanto, sem discutir a velocidade, eles cavalgaram mais devagar do que era permitido na trilha.

Kestrel não tinha mais dúvidas de que, dez anos antes, Arin estava numa posição muito semelhante à dela: de fortuna, paz e erudição. Embora soubesse que não tinha ganhado o direito de lhe fazer uma pergunta e não quisesse denunciar seu medo crepitante, Kestrel não conseguiu ficar em silêncio.

– Arin – ela o chamou, sondando o rosto dele. – Era na *minha* casa? Na nossa propriedade? Era lá que você morava antes da guerra?

Ele puxou as rédeas. Seu garanhão freou com tudo.

Quando ele falou, sua voz era como a música que ele tinha pedido para ela tocar.

– Não – ele disse. – Aquela família se foi.
Eles cavalgaram em silêncio até Arin dizer:
– Kestrel.

Ela esperou, então percebeu que ele não estava exatamente falando com ela. Estava apenas dizendo seu nome, considerando-o, explorando as sílabas da palavra valoriana.

Ela falou:

– Espero que você não finja que não sabe o significado.
Ele lhe lançou um olhar de viés.
– É o nome de um falcão caçador.
– Sim. O nome perfeito para uma guerreira.
– Bom... – O sorriso dele era discreto, mas estava lá. – Imagino que nenhum de nós seja quem esperavam que fôssemos.



Ronan estava aguardando nos estábulos da família. Ele mexia nas luvas em suas mãos enquanto observava Kestrel e Arin cavalgarem na sua direção.

– Pensei que você fosse pegar a carruagem – Ronan disse a Kestrel.
– Para cavalgar? Jura, Ronan?
– Por causa de seu acompanhante. – Seus olhos se voltaram para Arin, montado tranquilo sobre o garanhão. – Pensei que nenhum de seus escravos sabia cavalgar.

Kestrel observou Ronan puxar os dedos das luvas.

– Tem alguma coisa errada?
– Agora que você está aqui, claro que não. – Mas sua voz estava tensa.
– Porque, se você não gosta da maneira como eu vim, pode cavalgar até minha casa da próxima vez que me convidar, depois me acompanhar de volta até a sua propriedade, depois me levar para casa em segurança de novo e voltar do jeito que veio.

Ele respondeu como se ela estivesse flirtando.

– Seria um prazer. Por falar em prazer, vamos providenciar. – Ele montou no cavalo.
– Cadê a Jess?

– Com dor de cabeça.

Sem saber por quê, Kestrel duvidou. Mas não disse nada e deixou que Ronan guiasse o caminho para fora dos estábulos. Ela virou para segui-lo e Arin fez o mesmo.

Ronan olhou para trás, com seu cabelo louro roçando sobre o ombro.

– Você não pretende que ele venha com a gente, certo?

O cavalo de Arin, perfeitamente calmo até então, começou a se agitar e empacar. Ele estava sentindo a tensão que Kestrel não podia ver em seu cavaleiro, que olhou para ela, impassível, esperando que a garota traduzisse as palavras de Ronan para o herrani, a fim de manter a farsa.

– Espere aqui – ela disse a Arin na língua dele. Ele guiou o cavalo de volta para os estábulos.

– Você devia variar seus acompanhantes – Ronan sugeriu a Kestrel enquanto Arin se afastava. – Esse daí anda perto demais de você.

Kestrel se perguntou quem havia orquestrado aquele passeio a sós com Ronan, se a irmã ou ele próprio. Ela arriscaria Ronan – era quem, afinal, tinha mandado o convite, e não teria enfrentado resistência se pedisse a Jess para ficar em casa para que pudesse ter algumas horas sozinho com ela. Mas o mau humor de Ronan, algo raro nele, a fez pensar que não. Ele estava agindo como se sua irmã casamenteira o tivesse obrigado a fazer algo que ele não queria.

O dia, que até então estava bonito para ela, não parecia mais contudo, quando eles pararam para sentar embaixo de uma árvore, o sorriso de Ronan retornou. Ele abriu o alforje para mostrar o almoço, depois estendeu a toalha de piquenique com um floreio, sentou-se nela e esticou o corpo longo. Kestrel se juntou a ele. Ronan serviu uma taça de vinho e ofereceu a ela.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– É uma quantidade bem grande de vinho para esta hora do dia.

– Quero embebedá-la para que me diga coisas das quais você não se arrependerá.

Ela deu um gole, observando-o servir uma segunda taça, e perguntou:

– Você não tem medo por você?

Ele bebeu.

– Por que eu teria?

– Talvez seja você quem vai revelar coisas de que não gostaria. Soube que

andou fazendo visitas a lady Faris.

– Está com ciúmes, Kestrel?

– Não.

– Que pena. – Ele suspirou. – A triste e enfadonha verdade é que Faris tem as melhores fofocas.

– Que você vai compartilhar.

Ronan se virou para se apoiar num cotovelo.

– Bom, o senador Andrax foi transferido para a capital, onde aguarda julgamento por vender pólvora negra aos nossos inimigos. A pólvora não foi encontrada, apesar das buscas, o que não é nenhuma grande surpresa, na verdade. Já deve ter desparecido pelo leste há muito tempo. Bom, que mais? A filha do senador Linux fugiu por algumas horas com um marinheiro, a bordo de um dos navios do porto, e os pais dela a trancaram em seus aposentos até o fim do outono, talvez durante o inverno também. Meu amigo Hanan perdeu toda a herança no jogo. Não se preocupe, Kestrel, ele vai recuperar. Mas, por favor, por favorzinho, não jogue Morder e Picar com ele por alguns meses. Ah, e o capitão da guarda da cidade cometeu suicídio. Mas disso você já sabia.

Ela quase cuspiu o vinho.

– Não. Quando aconteceu?

– Anteontem. Você realmente não sabia? Bom, seu pai deve ter viajado *de novo*. E você passa tempo demais trancada naquela casa. Não faço ideia de como não fica louca de tédio.

Kestrel conhecia o capitão. Oskar tinha jantado na casa dela. Ele era amigo do seu pai e, ao contrário da maioria dos amigos dele, era jovial e muito querido.

– Fui um suicídio de honra – Ronan explicou, o que significava que o capitão tinha se jogado na própria espada.

– Mas por quê?

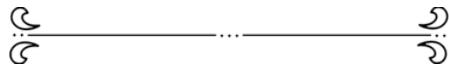
Ronan deu de ombros.

– Pressão do cargo?

– Ele era capitão desde a colonização. Era excelente no trabalho dele e muito respeitado.

– Problemas pessoais, talvez. – Ronan ergueu as mãos. – Sério, não faço ideia, e preferia não ter entrado num assunto tão deprimente. Este dia não está

sendo nem um pouco como eu esperava. Vamos, por favor, falar sobre algo que não seja suicídio?



No caminho para casa, Arin perguntou:

– Sua cavalgada não foi agradável?

Kestrel ergueu os olhos, sobressaltada pelo tom cáustico dele. Ela percebeu que estava com a testa franzida, perdida em pensamentos.

– Ah, foi agradável. Só estou perturbada com uma notícia.

– Que notícia?

– O capitão da guarda da cidade se matou.

– Você fica... triste com isso? Você o conhecia?

– Sim. Não. Bem, eu o conhecia, ele era amigo do meu pai, mas não o suficiente para sofrer pela morte dele.

– Então não entendo por que isso afeta você.

– Afeta a cidade inteira. Com certeza vai haver desordem quando o governador apontar um novo capitão, e a transição pode ser conturbada. Oskar era muito bom em policiar a cidade e seus guardas. Mas não é isso o que me incomoda. – Kestrel balançou a cabeça. – O suicídio dele é a segunda coisa que acontece recentemente que não faz sentido.

– O que você quer dizer?

– O senador Andrax. Ele ama ouro, claro, mas só porque quer conforto, boa comida, amantes. Ele gosta de subornos, é um dinheiro fácil. Se recusa a jogar uma partida de Morder e Picar comigo de tanto medo de perder. Como *ele* poderia arriscar tudo para vender pólvora negra para os bárbaros?

– Talvez haja um lado dele que você nunca viu. Mas isso não tem nada a ver com o capitão.

– *Exceto* que os dois acontecimentos são estranhos. Oskar não tinha motivo para cometer suicídio. Até o imperador elogiou o desempenho dele como capitão. Seus guardas o admiravam. Ele parecia feliz.

– E daí? Você não sabe de tudo. As pessoas são infelizes por muitos motivos.

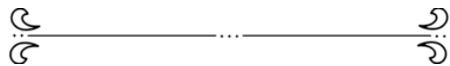
– A voz de Arin era impaciente e ela achou que eles não estavam mais falando sobre o capitão. – O que você sabe sobre infelicidade? O que faz você pensar

que consegue ver dentro do coração dos homens?

Ele esporou o cavalo adiante, e o mistério do senador e do capitão sumiu da mente dela enquanto se concentrava em acompanhar o ritmo.

O PAI DE KESTREL NÃO IGNOROU A MORTE DO CA mesma facilidade que Ronan e Arin. Durante as aulas seguintes na biblioteca, ele ouviu Kestrel trazer o assunto à tona, franzindo a testa em profundas rugas.

- Oskar tinha inimigos? – ela perguntou.
 - Todo mundo tem inimigos.
 - Talvez alguém tenha dificultado a vida para ele.
 - Ou alguém tenha *feito* com que ele caísse na própria espada. – Quando o general viu a surpresa no rosto dela, ele emendou: – Não é difícil fazer um assassinato parecer um suicídio de honra.
 - Não tinha pensado nisso – ela disse baixo.
 - E o que você pensa agora?
 - Se foi homicídio, ele pode ter sido morto por alguém que tem chances de herdar seu cargo como capitão.
- Seu pai repousou a mão no ombro dela.
- Pode ser só o que parece: um suicídio. Mas vou discutir nossas suspeitas com o governador. Esta história merece mais investigação.



Kestrel, porém, não tinha tempo para aquilo. Enai não estava melhorando.

- A sua tosse está começando a me preocupar – ela disse à ama. Estavam sentadas perto da lareira da cabana dela.
- Eu até gosto. Me faz companhia. E faz você me visitar com mais frequência... quando não está jogando Morder e Picar.

Kestrel não gostou do olhar inocente de Enai ou do fato de que era quase impossível esconder o que acontecia dentro da sua casa. Aqueles jogos eram secretos.

Com a voz cortante, Kestrel disse:

- Me deixe chamar um médico.
- Ele vai dizer que é velhice.

– Enai...

– Não quero ver um médico. Não tente me dar ordens.

Isso silenciou Kestrel. Ela decidiu não insistir no assunto. Afinal, o brilho febril nos olhos de Enai tinha passado fazia tempo. Para mudar de assunto, a jovem perguntou sobre algo que Arin dissera. Algo que tinha ficado como uma agulha numa parte sombria de sua mente, bordando desenhos invisíveis.

– Os herranis gostavam de negociar com os valorianos antes da guerra?

– Ah, sim. Seu povo sempre tinha ouro para as mercadorias herranis. Valória era a maior compradora das nossas exportações.

– Mas nós éramos famosos por alguma outra coisa? Além de sermos ricos e selvagens?

Enai deu um gole do chá, espiando Kestrel por sobre a borda da xícara. Ela se sentiu desconfortável e torceu para que Enai não perguntasse o que havia inspirado aquelas perguntas. Mas a mulher disse apenas:

– Vocês eram conhecidos pela beleza. Mas, claro, isso era antes da guerra.

– Sim – Kestrel disse, baixo. – Claro.



Da janela de seu vestiário, Kestrel podia ver o jardim. Numa manhã, com o cabelo ainda solto, ela notou Arin e Lirah conversando perto das fileiras da horta de outono. Arin estava com roupas de trabalho, de costas para a janela, sem dar a Kestrel a oportunidade de ler sua expressão. A de Lirah, porém, era clara como o dia.

Kestrel percebeu que tinha se aproximado demais da janela. O frio do vidro atingia sua pele, e suas unhas cravavam na madeira do parapeito. Ela recuou. Não queria ser pega espiando. Apertou o robe de veludo mais firme em volta do corpo e deixou que a vista do céu rosado enchesse seus olhos. Mesmo assim, ainda parecia que tudo o que conseguia ver era a adoração evidente no rosto de Lirah.

Sentou-se na frente do espelho engonçado da penteadeira; depois, questionou por que tinha feito a besteira de se olhar. Seu reflexo só comprovou seu desprazer. Por que ela deveria se importar com o que tinha visto no jardim? Por que sentia que sua confiança havia sido traída?

Seu reflexo franziu a testa. Por que ela *não* deveria se sentir assim? Ela tinha uma obrigação com o bem-estar de seus escravos. Havia algo de desonroso no fato de Arin aceitar as atenções de Lirah sendo que tinha namorada. Kestrel duvidava que Lirah soubesse da mulher do mercado.

A mão de Kestrel empurrou o espelho oval, girando-o em seus próprios gonzos até ficar virado para a parede e ela fitar seu lado incolor de madrepérola. Ela se recusava a voltar a pensar naquilo. Não se tornaria uma daquelas senhoras que seguiam todos os movimentos dos escravos e fofocavam sobre eles por falta de coisas mais interessantes para fazer.

Mais tarde, naquele dia, Arin foi à sala de música pedir para visitar a cidade. Kestrel foi especialmente bondosa. Ela lhe deu o anel com seu selo e lhe disse para levar o tempo que quisesse, desde que voltasse antes do toque de recolher. Quando ele fez menção de se demorar ali, ela se sentou ao piano, deixando clara sua dispensa. Mas ela só tocou depois que Arin partiu e quando sentiu que ele já tinha saído da propriedade e estava a certa distância.



Quando Logro viu Arin, o cumprimentou como homens herranis faziam, pressionando a palma brevemente na face do outro. Arin sorriu e fez o mesmo. Fazia anos que conhecia Logro, desde que era um menino e tinha acabado de passar do primeiro ao segundo proprietário. Eles tinham se conhecido numa pedreira fora da cidade. Arin se lembrava de como o pó das rochas cinzentas fazia tudo parecer velho, empoando os cabelos e ressecando a pele. Logro, porém, parecia cheio de uma vida quase feroz, e naquela noite não houve dúvida sobre quem os lideraria no alojamento de escravos.

– As coisas estão indo muito bem – Logro lhe disse. – Quase todas as casas da cidade têm herranis devotados à nossa causa, e agora, graças a você, eles estão armados.

– Vou jogar o último lote de armas pelo muro hoje à noite, mas não sei quantas mais vou conseguir fazer – Arin falou. – Ninguém notou o que faço porque entrego os pedidos do mordomo a tempo, mas, se alguém quiser verificar, vai ficar claro quanto ferro e aço estão faltando.

– Então pare. A sua posição é importante demais para colocá-lo em risco.

Vou preparar alguém para invadir o arsenal da cidade antes que apontem o novo capitão para substituir Oskar.

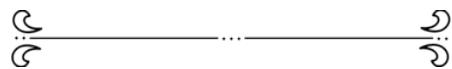
Logro tinha sido guarda da cidade antes da guerra. Naquela época, ele observou Arin, que tinha doze anos, o chamou de filhote de patas grandes e disse: “Você ainda vai gostar delas”. Depois do toque de recolher, ele ensinava Arin a lutar. Aquilo diminuiu a tristeza de Arin, embora parte dela tenha retornado dali a dois anos, quando Logro conseguiu sair da pedreira por meio de adulações e conspirações. Mas as habilidades que Logro lhe ensinara jamais foram esquecidas.

– Você devia planejar a invasão ao arsenal *depois* que o novo capitão for nomeado – Arin sugeriu. – Assim, se notarem que algumas armas estão faltando, vai parecer que ele é incompetente.

– Bom raciocínio. Enquanto isso, você e eu continuamos nos encontrando. Precisamos do nosso momento na propriedade do general. É você quem vai nos proporcionar isso.

Agora seria a hora para Arin contar a Logro que Kestrel estava começando a notar uma relação entre os acontecimentos. Deveria ter revelado que ela tinha achado algo de estranho na morte do capitão, mesmo não tendo como saber que dois dos escravos dele o tinham segurado enquanto outro se ajoelhava no chão com a espada do homem, esperando o empurrão final.

Arin deveria ter contado isso a seu líder. Mas não disse nada.



Ele se manteve longe da casa. Era muito fácil dar de cara com Kestrel.

Certo dia, Lirah veio à forja. Arin teve certeza de que estava sendo chamado para servir como acompanhante de Kestrel a algum lugar. Sentiu um medo sôfrego.

– Enai quer ver você – Lirah disse.

Arin pousou o martelo na bigorna.

– Por quê? – Suas interações com Enai tinham sido limitadas, e ele gostaria que continuassem assim. Os olhos daquela mulher eram penetrantes demais.

– Ela está muito doente.

Arin considerou isso, depois concordou com a cabeça e seguiu Lirah.

Quando entraram na cabana, eles ouviram Enai ressonar do outro lado do quarto. Ela tossiu e Arin ouviu líquido nos pulmões dela.

A tosse parou, dando lugar a uma respiração dissonante.

– Deviam chamar um médico – Arin disse a Lirah.

– Lady Kestrel foi buscar um. Ela estava muito triste. Vai voltar logo, espero. – Hesitante, Lirah disse: – Queria ficar com vocês, mas preciso ficar na casa. – Arin mal notou o toque dela em seu braço antes de sair.

Sem querer acordar Enai, Arin examinou a cabana. Era aconchegante e bem cuidada. O piso não rangia. Em toda parte, havia sinais de conforto. Chinelas. Uma pilha de lenha seca. Arin passou o dedo pela cornija lisa da lareira até tocar numa caixa de porcelana. Ele a abriu. Dentro, havia uma pequena trança de cabelo louro-escuro com um tom avermelhado, enrolado e amarrado com um arame dourado.

Mesmo sabendo que não devia, Arin tocou a trança com a ponta do dedo.

– Isso não é seu – disse uma voz.

Ele tirou a mão. Virou-se, com o rosto vermelho. Pela porta aberta do quarto, Arin viu Enai olhando fixamente para ele de onde estava deitada.

– Sinto muito. – Ele fechou a tampa da caixa.

– Eu duvido – ela murmurou, e pediu para ele se aproximar.

Arin obedeceu, devagar. Ele tinha a impressão de que não ia gostar daquela conversa.

– Você passa muito tempo com Kestrel – Enai disse.

Ele deu de ombros.

– Eu faço o que ela pede.

Enai o encarou. Contra sua vontade, ele desviou os olhos primeiro.

– Não a machuque – a mulher disse.

Era pecado quebrar uma promessa feita no leito de morte.

Então Arin saiu sem fazer uma.

DEPOIS DA MORTE DE ENAI, KESTREL FICOU SENTA
aposentos se lembrando de como a mulher lhe ensinara a pintar uma árvore, soprando com uma pena oca uma pocinha de nanquim no papel. Kestrel viu a página branca. Sentiu a dor em seus pulmões, imaginou os galhos pretos se espalhando e pensou que era assim o seu luto: ele cavava raízes e galhos em seu corpo.

Ela tivera uma mãe, que já não estava mais ali. Depois, tivera outra mãe, que também já não estava mais com ela.

O dia chegou, passou e continuou sem que Kestrel tivesse noção do tempo. Ela ignorou a comida que os escravos lhe trouxeram. Recusou-se a ler as cartas. Não conseguia nem pensar em tocar piano, porque foi Enai quem a estimulou a continuar praticando depois da morte da mãe. Em sua memória, ela ouviu Enai lhe dizendo como aquela melodia era bonita e se Kestrel podia, por favor, tocar mais uma vez. Essa lembrança foi se tornando um refrão – ecoando, decrescendo, retornando. Então Kestrel voltava a ver rosto descarnado de Enai, o sangue, a tosse, e soube que a culpa era sua, que deveria ter insistido na visita de um médico, e agora Enai estava morta.

Era fim de tarde e ela estava sentada sozinha em sua sala de café da manhã, com o olhar vazio, observando o mau tempo pela janela, quando ouviu passos firmes e rápidos se aproximando.

– Pare de chorar. – O tom de Arin era severo.

Kestrel levou os dedos à bochecha. Eles ficaram úmidos.

– Você não devia estar aqui – ela disse, com a voz rouca. Homens não tinham permissão para entrar na sala de café da manhã.

– Não me importo. – Ele fez Kestrel se levantar, e o choque a forçou a encarar o olhar dele. O preto de seus olhos estava dilatado de sentimento.

De raiva.

– Pare – ele exigiu. – Pare de fingir que está sofrendo por alguém que não era do seu sangue.

A mão dele era como ferro em volta do seu punho. Ela se soltou; a

crueldade do que ele disse trouxe novas lágrimas a seus olhos.

- Eu a amava – Kestrel sussurrou.
- Você a amava porque ela fazia tudo o que você mandava.
- Não é verdade.
- *Ela* não te amava. Ela nunca poderia te amar. Onde está a *verdadeira* família dela, Kestrel?

Ela não sabia. Sempre teve medo de perguntar.

- Onde está a filha dela? Os netos? Se Enai te amava, era porque não tinha escolha. Porque não sobrou ninguém.
- Saia – Kestrel ordenou, mas ele já havia saído.

A luz diminuía. O céu foi se tingindo num tom de esmeralda. Era a primeira tempestade verde da estação e, enquanto ouvia o vento bater na casa, ela teve a certeza de que Arin estava errado. Já fazia meses que ele a queria punir. Ela não o tinha comprado? Não era dona dele? Aquilo era vingança. Nada além disso.

A chuva mostrou suas garras, que atacavam as vidraças. A sala ficou quase enegrecida. Kestrel ouviu a voz de Arin mais uma vez em sua cabeça e de repente se sentiu destruída. Mesmo não tendo dúvidas sobre seus sentimentos por Enai, havia um fundo de verdade nas palavras dele.

Ela não percebeu quando Arin voltou. A tempestade era estrondosa. Inspirou, assustada, ao notar que ele estava perto. Pela primeira vez, lhe ocorreu ter medo dele.

Mas ele só riscou um fósforo e o encostou no pavio da lamparina. Ele estava ensopado da chuva. Sua pele brilhava.

Quando Kestrel o olhou, ele se crispou.

- Kestrel. – Ele suspirou. Passou a mão no cabelo úmido. – Não devia ter dito aquilo.

– Foi sincero.

– Sim, mas... – Arin parecia exausto e confuso. – Eu teria ficado furioso se você *não* chorasse por Enai. – Ele estendeu a mão que estava nas sombras ao lado do seu corpo e, por um momento incerto, a jovem achou que ele a tocaria. Mas estava apenas oferecendo algo. – Isto estava na cabana dela – ele disse.

Era uma trança do cabelo de Kestrel. Ela a pegou com cuidado; mesmo

assim, seu dedo mindinho roçou a mão dele. Ele a abaixou na mesma hora.

Ela examinou a trança, virando-a em seus dedos, sabendo que ela não escolheria entre Kestrel e Arin. Aquilo não era prova do amor de Enai. Mas era um consolo.

– É melhor eu ir – Arin disse, mas não se moveu.

Kestrel olhou para o seu rosto, iluminado pela luz da lamparina. Percebeu que estava tão próxima dele que seu pé descalço pisava no carpete encharcado onde Arin estava parado, pingando água da chuva. Um calafrio percorreu sua pele.

Kestrel deu um passo para trás.

– Sim – ela disse. – É melhor.



Na manhã seguinte, o pai de Kestrel entrou em sua sala de visitas e disse:

– Essa sua reclusão já durou tempo demais. – Ele parou diante da poltrona, com os pés abertos. O general sempre assumia essa posição para não ficar andando de um lado para o outro. – Conheço seu apego pela ama e acho que, apesar de tudo, é compreensível. Mas você já perdeu uma sessão de treino com Rax, uma aula comigo e eu não criei você para ficar arrasada desse jeito diante de qualquer dificuldade.

– Estou bem, pai. – Kestrel se serviu de uma xícara de chá.

Foi só então que ele realmente olhou para ela. Ela estava certa de que estava com olheiras, mas estava vestida de maneira impecável para um dia de fim de outono na alta sociedade.

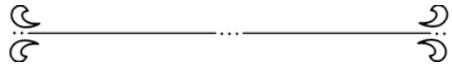
– Bom – seu pai disse. – Que bom. Porque mandei chamar Jess. Ela está esperando lá embaixo na sala de estar.

Kestrel colocou a xícara no pires e se levantou para receber a amiga.

– Kestrel. – O general tocou no ombro dela. Quando ele falou, sua voz estava estranhamente hesitante. – É dever de todo filho viver mais que os seus pais. A minha profissão não é uma profissão segura. Eu gostaria... Kestrel, quando eu morrer, não sofra por mim.

Ela sorriu.

– Você não manda em mim – ela disse, e deu um beijo no rosto dele.



Jess estava à vontade em seu mundo. Ela enfiou Kestrel dentro da sua carruagem e parou em frente à melhor costureira da cidade.

– Você prometeu – ela avisou, descendo do coche.

Kestrel olhou para ela.

– Eu prometi que deixaria você escolher o tecido para o meu vestido.

– Mentirosa. Eu posso escolher *tudo*.

– Ah, tudo bem – Kestrel se rendeu, porque o entusiasmo de Jess amainava a sua tristeza. Afinal, que mal Jess poderia fazer?

Quando entraram na loja, Jess desprezou os tecidos que Kestrel teria escolhido, e esboçou desenhos para a costureira que fizeram os olhos de Kestrel se arregalarem.

– Jess, esse vestido é para o baile de Primeiro Inverno. Eu vou *congelar*. Posso, por favor, ter mangas?

– Não.

– E o decote...

– Fique quieta. Ninguém quer a sua opinião.

Kestrel desistiu e subiu no bloquinho enquanto a costureira prendia o tecido em volta dela e Jess dava instruções. Então, as duas moças deixaram Kestrel sozinha e foram para a sala de materiais, onde rolos de tecido cintilavam nas prateleiras. Jess sussurrou, e a costureira respondeu com outro sussurro. Se esforçando para entender a conspiração animada delas, Kestrel começou a desconfiar que Jess estava encomendando não um, mas dois vestidos.

– Jess – Kestrel chamou –, eu ouvi você dizer que queria que o vestido de noite fosse bordado *e* o de baile liso?

– Claro. Você também precisa de um vestido de noite para o jantar do lorde Irex.

Um alfinete espetou a cintura de Kestrel.

– Ele vai dar uma festa?

– Já não era sem tempo. Ele quer virar senador algum dia, então precisa começar a mostrar seu lado simpático para a sociedade. Além disso, os pais dele

viamaram para a capital para passar a temporada de inverno. Ele está com a casa só para ele.

– Eu não vou – Kestrel disse, categórica.

– Você *precisa* ir.

– Não fui convidada.

– Claro que foi. Você é filha do general Trajan, e se essa é a primeira vez que ouviu falar da festa é porque você não abre suas cartas há mais de uma semana.

Kestrel lembrou do olhar ameaçador de Irex.

– Não. De jeito nenhum.

– Por quê?

– Não gosto dele.

– E isso importa? Vão dezenas de pessoas, e a casa é grande o bastante para você evitar encontrá-lo. Vai estar todo mundo lá. O que as pessoas vão achar se você não for?

Kestrel pensou numa partida de Morder e Picar. Ela precisava admitir que, se o convite de Irex fosse uma peça, e não um papel dobrado e selado, ela o teria usado friamente.

Jess se aproximou e pegou as mãos de Kestrel.

– Não gosto de ver você triste. Venha comigo e com Ronan, e vamos mantê-la longe de Irex e fazer você rir dele. Vamos, Kestrel. Não vou desistir até você dizer que sim.

QUANDO O VESTIDO PARA O JANTAR DE IRE
embrulhado em musselina e amarrado com barbante, foi Arin quem levou o pacote para Kestrel. Ela não o via desde a primeira tempestade de inverno. Não gostava de se lembrar daquele dia. Por causa do seu luto, concluiu ela. Estava aprendendo a conviver com a dor. Tinha voltado a tocar, e deixado que isso e as suas lições contornassem a morte de Enai, suavizando as pontas doídas.

Passava pouco tempo na casa. Não convidou mais Arin para jogar Morder e Picar. Para se apresentar à sociedade, escolhia outros acompanhantes.

Quando ele entrou na sala de estar, que, na realidade, era uma sala de escrita, Kestrel colocou o livro que estava lendo a seu lado no divã com a capa para baixo, para que ele não visse o título.

- Hum – Arin disse, virando o embrulho nas mãos. – O que poderia ser?
- Tenho certeza de que você sabe.

Ele o pressionou.

- Um tipo muito macio de arma, imagino.
- Por que você está entregando meu vestido?
- Vi Lirah com ele. Perguntei se podia trazer para você.
- E ela deixou, claro.

Ele arqueou a sobrancelha diante do tom dela.

– Ela estava ocupada. Pensei que ela ficaria contente com uma coisa a menos para fazer.

– Foi gentil da sua parte então – Kestrel afirmou, mas sua voz sugeriu o contrário. Ficou irritada consigo mesma.

Devagar, ele disse:

- O que você quer dizer?
 - Nada.
 - Você me pediu para ser sincero com você. Você acha que eu tenho sido?
- Ela se lembrou das palavras duras dele durante a tempestade.
- Sim.
 - Não posso pedir o mesmo de você?

A resposta era não; nenhum escravo poderia pedir nada a ela. A resposta era não; se ele quisesse ter acesso a seus pensamentos, poderia tentar conquistá-los numa partida de Morder e Picar. Mas Kestrel engoliu um acesso súbito de nervosismo e admitiu a si mesma que prezava a sinceridade de Arin – e a dela mesma quando estava com ele. Não havia nada de errado em dizer a verdade.

– Acho que você não está sendo justo com Lirah.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Não estou entendendo.

– Não é justo que você dê esperanças para Lirah se seu coração pertence a outra pessoa.

Ele inspirou fundo. Kestrel achou que ele poderia lhe dizer que não era da sua conta, afinal, não era mesmo, mas então viu que ele não estava ofendido, apenas surpreso. Ele puxou uma cadeira com aquele seu jeito natural e possessivo e se deixou cair nela, pousando o vestido sobre os joelhos. Ele a examinou. Ela se esforçou para não desviar os olhos.

– Eu não tinha pensado em Lirah dessa forma. – Arin balançou cabeça. – Não estou pensando com clareza. Preciso ser mais cuidadoso.

Kestrel imaginou que deveria se sentir tranquilizada.

Arin colocou o pacote sobre o divã em que ela estava sentada.

– Um vestido novo significa um evento em breve.

– Sim, um jantar. Lorde Irex vai oferecer.

Ele franziu a testa.

– Você vai?

Ela encolheu os ombros.

– Precisa de um acompanhante?

Kestrel pretendia dizer que não, mas mudou de ideia ao ver a determinação nos traços de Arin. Ele parecia quase... protetor. Ela ficou surpresa. Talvez tenha sido sua confusão que a fez dizer:

– Para ser sincera, ficaria feliz com a sua companhia.

Os olhos dele encararam os dela. Depois, desviaram para o livro. Antes que ela pudesse impedir, ele o pegou rapidamente e leu o título. Era uma história valoriana sobre impérios e suas guerras.

O rosto de Arin mudou. Ele devolveu o livro e saiu.



— Aonde estamos indo? — Arin olhava fixo pela janela da carruagem para as árvores do Distrito Jardim, com seus galhos desfolhados e arroxeados sob o poente.

Kestrel ficou mexendo na saia.

— Arin, você sabe que estamos indo à festa de Irex.

— Sim — ele disse brevemente, mas não tirou os olhos das árvores que passavam.

Era melhor que ele olhasse para as árvores do que para ela. Seu vestido era vermelho-escuro, e suas saias pareciam propositalmente amarrrotadas. Duas folhas bordadas em ouro subiam juntas na direção do corpete, onde se entrelaçavam e refletiam a luz. Chamava a atenção. O vestido chamava a atenção para ela. Kestrel se afundou no canto da carruagem, sentindo a adaga em seu torso. A noite na casa de Irex não seria nada fácil.

Arin parecia pensar o mesmo. Estava tão rígido no banco diante dela que parecia feito de madeira. A tensão crepitava no ar entre eles.

Quando tochas iluminaram a escuridão e o cocheiro parou em fila atrás das outras carruagens que esperavam para entrar na propriedade de Irex, Kestrel propôs:

— Talvez devêssemos voltar.

— Não — Arin disse. — Quero ver a casa. — Ele abriu a porta.

Eles ficaram em silêncio enquanto subiam a trilha. Embora não fosse tão grande quanto a mansão de Kestrel, aquele também era um antigo lar herrani: elegante, belamente projetado. Arin se manteve atrás dela, como era esperado dos escravos, mas isso a deixou incomodada. Era perturbador senti-lo tão perto e não ver seu rosto.

Eles entraram com os outros convidados e caminharam até a recepção, decorada com armas valorianas.

— Elas não deviam estar aqui — ouviu Arin dizer. Kestrel se virou para vê-lo olhando com espanto para as paredes.

— Irex é um lutador excepcional — disse Kestrel. — E nem um pouco modesto.

Arin não disse nada, por isso ela também ficou em silêncio. Estava se

preparando para o momento em que a fila de convidados adiante diminuisse e ela precisasse agradecer a Irex pela hospitalidade.

– Kestrel. – Irex pegou a mão dela. – Pensei que não viria.

– Por que eu não viria?

Ele a puxou para perto. Embora o aperto em sua mão fosse doloroso, ela permitiu. As pessoas andavam de um lado para o outro em volta deles, e ela não achou que seria bom humilhá-lo na frente de seus convidados.

– Não vamos guardar rancor entre nós. – Ele sorriu e uma covinha se afundou na sua bochecha esquerda, fazendo-o parecer estranhamente infantil. Sua voz era desagradável. – Nunca se perguntou por que eu queria jogar Morder e Picar com você?

– Porque queria me derrotar. Mas não vai conseguir. – Ela colocou a mão livre sobre a mão que segurava a dela. Para quem visse os dois, pareceria um gesto amigável, mas Irex sentiu uma pressão em seu nervo, que o obrigou a soltar a mão cativa dela. – A festa está um encanto. Minha gratidão só é páreo à graça que você me demonstrou.

O sorriso escapou de seu rosto. Lady Faris estava atrás de Kestrel e Arin, sedenta por atenção, então foi fácil abrir lugar para que ela rapidamente puxasse Irex para si, dizendo como era uma *pena* que seu marido não pudesse estar com eles.

Um escravo com roupas de serviçal ofereceu vinho a Kestrel, depois lhe mostrou o caminho até um solário aberto com uma fonte baixa e flores de estufa. Músicos tocavam discretamente atrás de uma tela de ébano enquanto os convidados se cumprimentavam, alguns conversando em pé, outros se retirando para conversas baixas nos bancos de pedra que cercavam a fonte.

Kestrel se virou para Arin.

Os olhos dele estavam zonzos de fúria, seus punhos estavam cerrados.

– Arin – ela começou, preocupada, mas ele desviou o olhar e se fixou num ponto do outro lado do salão.

– Seus amigos estão aqui – ele disse.

Ela seguiu o olhar dele, e avistou Jess e Ronan rindo de algo que Benix havia dito.

– Me dispense – Arin pediu.

– Como assim? – ela perguntou. Ele era, de fato, o único acompanhante no

solário. Os escravos que percorriam a multidão eram serviçais de Irex.

– Vá falar com seus amigos. Não quero mais ficar aqui. Me mande para a cozinha.

Ela respirou fundo, depois concordou com a cabeça. Ele deu meia-volta e desapareceu.

Ela se sentiu subitamente sozinha. Não estava esperando por isso. E, quando se perguntou o que esperava, veio-lhe uma imagem dela e de Arin sentados juntos num banco.

Kestrel ergueu os olhos para o teto de vidro, uma pirâmide transparecendo o céu arroxeadão. Ela viu o nítido contorno da lua e lembrou de Enai dizendo que era melhor reconhecer as coisas que não podemos mudar.

Atravessou o solário para cumprimentar seus amigos.



Kestrel comeu pouco no jantar e bebeu ainda menos, embora Ronan, sentado à sua direita, estivesse muito atento ao prato e à taça dela. Ela ficou contente quando o último prato foi servido e todos passaram para o salão de baile anexo, pois começara a se sentir aprisionada na mesa, e a conversa de Ronan era previsível demais. Preferia ouvir música. Mesmo em meio à multidão, Kestrel sentiria um prazer plácido no que quer que o flautista tocassem para o baile. Pensou que, se estivesse ali, Arin sentiria o mesmo.

– Kestrel – Ronan tocou no longo brinco dela para fazê-lo balançar –, você está distante. O que ocupa tanto a sua mente?

– Nada – ela respondeu, e ficou aliviada quando Benix caminhou na direção deles para pedir a ajuda de Ronan.

– As gêmeas Raul – Benix disse, com a voz suplicante, lançando um olhar para as irmãs idênticas. – Uma não dança sem a outra, Ronan, então, se você não se importar...

Ronan pareceu irritado.

– Que foi? – Benix perguntou. Quando olhou de Ronan para Kestrel, fez um sinal de desprezo. – Somos velhos amigos, nós três. Kestrel pode ficar sem você durante uma dança.

Kestrel definitivamente podia. Mas fingiu ficar chateada, de um jeito que

indicava que não via mal nenhum naquilo e que, ao mesmo tempo, via um pouco, sim – sendo que, na verdade, ela estava pouco se importando. Ela disse aos rapazes que encontraria Jess em um canto onde elas pudessem fofocar.

– Só *uma* dança – Ronan disse a Benix, e eles atravessaram o salão se aproximando das gêmeas. A dança começou, mas Kestrel não procurou Jess. Ela encontrou uma cadeira entre as sombras e se sentou. Ouviu, com os olhos fechados, o som da flauta.

– Lady Kestrel? – chamou uma voz receosa.

Abriu os olhos para encontrar uma menina usando um uniforme herrani de serviçal.

– Pois não?

– A senhorita pode, por favor, vir comigo? Houve um problema com o seu acompanhante.

Kestrel se levantou.

– Qual é o problema?

– Ele roubou uma coisa.

Kestrel saiu correndo do salão, desejando que a menina se movesse mais rápido pelos corredores da casa. Devia ter havido algum engano. Arin era inteligente e precavido demais para fazer algo tão perigoso. Ele devia saber o que acontecia com ladrões herranis.

A menina levou Kestrel até a biblioteca. Vários homens estavam reunidos ali: dois senadores, que seguravam Arin pelos braços, e Irex, cuja expressão ao ver Kestrel era de satisfação perversa, como se tivesse tirado uma peça alta em Morder e Picar.

– Lady Kestrel – ele disse –, o que exatamente a senhorita trouxe para dentro da minha casa?

Ela olhou para Arin, que se recusou a retribuir seu olhar.

– Ele nunca roubaria. – Ouviu um tom de desespero em sua própria voz.

Irex também devia ter ouvido. Ele sorriu.

– Nós vimos – disse um dos senadores. – Ele estava colocando isto dentro da camisa. – Apontou para um livro que tinha caído no chão.

Não. A acusação não poderia ser verdadeira. Nenhum escravo correria esse risco para roubar um livro. Kestrel se empertigou.

– Posso? – ela perguntou a Irex, apontando para o volume.

Ele fez sinal para indicar que sim.

Kestrel se curvou para pegá-lo e os olhos de Arin encontraram os dela.

Seu coração parou. O rosto dele estava contorcido de angústia.

Ela considerou o livro de capa de couro em suas mãos. Reconheceu o título: era uma obra comum de poesia herrani. Ela também tinha um exemplar em sua biblioteca. Kestrel ficou segurando o objeto, sem entender, sem ver nada de valor nele. Por que roubar da biblioteca de Irex sendo que a dela poderia muito bem servir aos propósitos de Arin?

Uma desconfiança murmurou algo em sua mente. Ela se lembrou da estranha pergunta de Arin na carruagem: *Aonde estamos indo?* Ele estava incrédulo, mas sabia qual era o destino. Agora, Kestrel estava se perguntando se ele havia reconhecido algo que ela não tinha como reconhecer na paisagem, e se a fala dele tinha sido somente palavras automáticas de alguém arrebatado por uma compreensão súbita.

Abriu o livro.

– Não – Arin pediu. – Por favor.

Mas ela já tinha lido a dedicatória.

Para Arin, dizia, de Amma e Etta, com amor.

Aquela era a casa de Arin. Aquela casa tinha sido dele, aquela biblioteca, aquele livro, dedicado a ele por seus pais, cerca de dez anos antes.

Kestrel inspirou devagar. Seus dedos repousaram na página, logo abaixo da dedicatória. Ergueu os olhos para encontrar um sorriso perverso no rosto de Irex.

Sua mente se acalmou. Ela avaliou a situação como seu pai avaliaria uma batalha. Sabia seu objetivo. Sabia o objetivo de seu oponente. Entendia o que podia perder e o que não podia.

Fechou o livro, colocou-o sobre uma mesa e virou as costas para Arin.

– Lorde Irex – ela disse, com a voz cordial –, é apenas um livro.

– É *meu* livro – Irex retrucou.

Ouviu um som sufocado atrás de si. Sem olhar, Kestrel disse em herrani:

– Você deseja ser retirado do recinto?

A resposta de Arin foi baixa.

– Não.

– Então fique quieto. – Ela sorriu para Irex. Em valoriano, disse: – Este

claramente não é um caso de roubo. Quem teria a ousadia de roubar você? Tenho certeza de que ele só pretendia olhar o livro. Você não pode culpá-lo por ficar curioso em relação aos luxos que a sua casa ostenta.

– Ele não deveria sequer ter entrado na biblioteca, que dirá tocar no que há dentro dela. Além disso, há testemunhas. Um juiz vai decidir a meu favor. Esta é minha propriedade, então eu vou decidir o número de chibatadas.

– Sim, é sua propriedade. Mas não vamos esquecer que também estamos discutindo sobre a *minha* propriedade.

– Ele será devolvido a você.

– É o que diz a lei. Mas em que condições? Não desejo vê-lo ferido. Ele tem mais valor do que um livro numa língua que ninguém se interessa em ler.

Os olhos castanhos de Irex se moveram para olhar além de Kestrel, e depois voltaram a ela com um ar de astúcia.

– Você tem um interesse óbvio no bem-estar de seu escravo. Gostaria de saber o que você faria para evitar uma punição que é meu direito dar. – Ele pousou a mão no braço dela. – Talvez possamos resolver a questão entre nós.

Kestrel ouviu Arin inspirar ao entender a sugestão de Irex. Sentiu uma raiva súbita pela forma como sua mente se prendeu ao som daquela respiração. Sentiu raiva de si mesma por se sentir vulnerável porque Arin estava vulnerável. Sentiu raiva de Irex por seu sorriso astuto.

– Sim. – Kestrel decidiu distorcer as palavras de Irex. – Entre nós e o destino.

Tendo proferido as palavras formais de um desafio a um duelo, Kestrel se desvencilhou do toque de Irex, sacou a adaga e a empunhou lateralmente na altura do peito, como se houvesse uma linha entre ele e ela.

– Kestrel – Irex disse –, não era isso que eu tinha em mente quando disse que podíamos resolver a questão.

– Acho que vamos gostar mais deste método.

– Um desafio. – Ele estalou a língua. – Vou deixar você retirar o que disse. Só desta vez.

– Não posso retirar.

Diante disso, Irex sacou a adaga e imitou o gesto de Kestrel. Eles permaneceram imóveis, depois embainharam as lâminas.

– Deixo até você escolher as armas – Irex disse.

- Agulhas. Agora cabe a você escolher a hora e o lugar.
- Meu terreno. Amanhã, duas horas depois do pôr do sol. Assim terei tempo para juntar o dote da morte.

Isso fez Kestrel hesitar. Mas ela assentiu e, finalmente, se voltou para Arin.

Ele parecia nauseado. Estava cedendo sob as mãos dos senadores. Parecia que não estavam o prendendo, mas o mantendo de pé.

- Podem soltar – Kestrel disse aos senadores e, quando eles soltaram, ela ordenou que Arin a seguisse.

Ao saírem da biblioteca, Arin disse:

– Kestrel...

– Nem uma palavra. Só abra a boca quando estivermos na carruagem.

Eles percorreram os corredores – os corredores de Arin. De soslaio, Kestrel viu que ele ainda parecia estupefato e zonzo. Ela já tinha ficado mareada, no começo de suas aulas de navegação, e se perguntou se era assim que Arin se sentia, cercado por sua própria casa – como quando os olhos conseguem se fixar no horizonte, mas o estômago não.

Seu silêncio se quebrou quando a porta da carruagem se fechou atrás deles.

- Você está maluca. – O tom de Arin era furioso, desesperado. – Era meu livro. Minha ação. Você não tinha direito de interferir. Acha que eu não seria capaz de suportar a punição por ter sido pego?

– Arin. – O medo tremeu em sua voz quando ela enfim se deu conta do que tinha feito. Esforçou-se para soar calma. – Um duelo é apenas um ritual.

– Não é uma luta sua.

– Você sabe que *você* não pode lutar. Irex nunca aceitaria e, se você apontasse uma lâmina para ele, todos os valorianos da vizinhança retalhariam você. Irex não vai me matar.

Ele lhe lançou um olhar cético.

– Vai negar que ele é um lutador melhor que você?

– Ele vai me fazer sangrar primeiro. Vai ficar satisfeito, e nós dois vamos embora com a nossa honra.

– Ele falou algo sobre o dote da morte.

Era a penalidade legal para um duelo até a morte. O vencedor tinha que pagar uma soma alta à família do duelista morto. Kestrel fez sinal de desdém.

– Vai custar mais que ouro para Irex matar a filha do general Trajan.

Arin deixou o rosto cair entre as mãos. Começou a xingar, recitar todos os insultos contra os valorianos que os herranis já haviam inventado, amaldiçoando-os em nome de todos os deuses.

– Sério, Arin.

Ele retirou as mãos e disse:

– Você também. Que coisa idiota de se fazer. Por que você fez aquilo? Por que fez uma coisa tão idiota?

Kestrel pensou na acusação dele de que Enai nunca poderia tê-la amado ou que, se tivesse, era um amor forçado.

– Você pode não me ver como amiga – Kestrel disse a Arin –, mas eu vejo você como um.

KESTREL DORMIU BEM NAQUELA NOITE. ATÉ DE amizade a Arin, não sabia que era assim que ela se sentia. Ele tinha ficado em silêncio na carroagem e parecia estranho, como alguém que bebeu vinho esperando ser água. Mas ele não contestou as palavras de Kestrel, e ela já o conhecia bem o suficiente para crer que ele teria contestado se quisesse.

Um amigo. A ideia a acalmou. Isso explicava muitas coisas.

Quando fechou os olhos, lembrou de algo que seu pai sempre lhe dizia quando ela era criança, e que também dizia aos soldados na noite anterior à batalha: “Nada nos sonhos pode ferir você”.

O sono caiu sobre ela como veludo.

Então veio o amanhecer, claro e frio. A paz de Kestrel tinha desaparecido. Ela vestiu um roupão e caçou no guarda-roupa seu traje ceremonial de combate. Seu pai lhe encomendava um novo conjunto todo ano, e este estava enterrado atrás dos vestidos. Porém, lá estava: calças pretas, túnica e jaqueta rígida. Uma pulga de apreensão correu atrás da sua orelha enquanto olhava as roupas. Ela as deixou onde estavam por enquanto.

Não que tivesse medo do duelo, Kestrel pensou enquanto fechava a porta do guarda-roupa. Ela não temia o primeiro sangue; não tinha como ser pior do que o que sofria em seus treinos. Ela não tinha medo de perder para Irex. Uma derrota num duelo não trazia vergonha nenhuma aos olhos da sociedade.

Mas seus motivos para lutar, sim.

A sociedade fala sobre isso?, Enai questionara. Kestrel pressionou a mão contra a porta do guarda-roupa, depois repousou a testa nos dedos. Agora a sociedade falaria sobre Arin, se já não falava antes. Ela imaginou a notícia do duelo se espalhando entre os convidados de Irex, que deviam ter ficado entre o fascínio e o choque. Uma dama lutando em nome de seu escravo ladrão? Isso já tinha acontecido antes?

Obviamente não.

Ela poderia esperar um público grande. O que diria a eles? Que estava protegendo um amigo?

Seu sonho tranquilo era uma mentira. Não havia nada de tranquilo naquela história.

Kestrel se empertigou. Seu desafio tinha sido feito, aceito e testemunhado. Não havia desonra em perder, mas havia em se acovardar.

Ela escolheu um vestido simples, com a intenção de visitar os barracões para confirmar que seu pai só voltaria da sessão de treinamento no dia seguinte. Kestrel sabia que não teria como manter o duelo em segredo. Nem seu pai conseguiria escapar das fofocas. No entanto, ela preferia que ele chegasse depois.

Quando abriu a porta externa da suíte, encontrou uma escrava no corredor com os braços pendendo sob o peso de um pequeno baú.

– Lady Kestrel – ela disse. – Acabou de chegar isto de lorde Irex.

Kestrel pegou, mas suas mãos ficaram moles ao entender o que a caixa continha. Não conseguiu agarrar o objeto.

O baú tombou no piso de mármore do corredor, derrubando seu conteúdo. Moedas de ouro giraram e rolaram pelo chão, ressoando como sinetas.

O dote da morte. Kestrel não precisou contar as moedas para saber que chegavam a quinhentas. Não precisou tocar no ouro para lembrar o que tinha ganhado de Irex em Morder e Picar. E ficou apreensiva ao pensar que algum dia ele poderia se tornar um bom jogador, se entendia a psicologia da intimidação a ponto de pagar um dote da morte *antes* de o duelo começar.

Ficou imóvel, banhada por um pavor ácido. *Respire*, ela disse a se mesma. *Mexa-se*. Mas não conseguiu fazer nada além de ficar parada olhando enquanto a escrava caçava as moedas perdidas e outra menina descia o corredor para ajudar a encher o baú novamente.

Kestrel avançou um passo. Depois outro, e mais outro, e já estava prestes a fugir da visão do ouro derramado até uma lembrança perpassar seu pânico irracional: a covinha no sorriso de Irex. Sentiu a mão dele apertando a sua. Viu as armas na parede, ele virando a peça de Morder e Picar, suas botas esmagando o gramado de lady Faris, seus calcanhares cavando um torrão de grama e terra. Viu os olhos dele, tão escuros que eram quase pretos.

Kestrel soube então o que precisava fazer.

Ela desceu a escada até a biblioteca e escreveu duas cartas. Uma para seu pai, outra para Jess e Ronan. Dobrou-as, selou-as com seu anel e guardou os

materiais de escrita. Estava segurando as cartas em uma mão, sentindo a cera firme ainda quente contra a pele, quando ouviu passos cada vez mais próximos ecoando pelo corredor de mármore.

Arin entrou na biblioteca e fechou a porta.

– Você não vai – ele disse. – Não pode duelar com ele.

A visão do jovem a deixou balançada. Ela não conseguia pensar direito se ele continuasse a falar daquele jeito, a olhar para ela daquele jeito.

– Você não manda em *mim*. – Kestrel começou a sair.

Ele bloqueou o caminho.

– Fiquei sabendo da entrega. Ele mandou o dote da morte.

– Primeiro meu vestido e agora isto? Arin, parece até que você está monitorando tudo que envio e recebo. Não é da sua conta.

Ele a segurou pelos ombros.

– Você é tão *pequena*.

Kestrel sabia o que ele estava fazendo e odiava isso. Odiava que ele a lembrasse de sua fraqueza física, do fracasso que seu pai presenciava sempre que a via lutar com Rax.

– Me solte.

– Me *obrigue*.

Ela olhou para Arin. Ele viu algo nos olhos dela que o fez relaxar as mãos.

– Kestrel – ele disse, mais baixo –, eu já fui chicoteado antes. Açoite e morte são coisas bem diferentes.

– Eu não vou morrer.

– Deixe Irex infligir minha punição.

– Você não está prestando atenção. – Ela teria dito mais, porém se deu conta de que as mãos dele ainda estavam pousadas em seus ombros. Um polegar pressionava gentilmente sua clavícula.

Kestrel perdeu o ar. Arin teve um sobressalto, como se despertasse de um sonho, e tirou a mão.

Ele não tinha direito, Kestrel pensou. Não tinha direito de confundi-la. Não agora, quando ela precisava de clareza.

Tudo tinha parecido ser tão simples na noite anterior, na escuridão da carruagem.

– Você não tem permissão de me tocar – Kestrel disse.

O sorriso de Arin saiu amargurado.

– Suponho que isso quer dizer que não somos mais amigos.

Ela não disse nada.

– Que bom – ele disse –, assim você não tem motivo para lutar contra Irex.

– Você não entende.

– Não entendo a sua maldita honra valoriana? Não entendo que seu pai preferiria ver você destripada a ter uma filha covarde?

– Você tem pouquíssima confiança em mim para achar que Irex vai vencer.

Ele passou a mão pelo cabelo curto.

– Onde a *minha* honra fica nessa história, Kestrel?

Eles se encararam e ela reconheceu aquela expressão. Era a mesma que ela via quando jogavam Morder e Picar. A mesma que tinha visto no fosso, quando o leiloeiro mandara Arin cantar.

Recusa. Uma determinação tão fria que era capaz de queimar a pele, como metal no inverno.

Então ela soube que ele a impediria. Talvez tentasse usar astúcia. Poderia falar com o mordomo pelas costas dela, contar do roubo e do desafio, e pedir para ser levado diante do juiz e de Irex. Se esse plano não funcionasse, ele encontraria outro.

Arin seria um problema.

– Você tem razão – ela lhe disse.

Ela pestanejou, depois estreitou os olhos.

– Na verdade – ela continuou –, se você tivesse me deixado explicar, eu teria dito que já tinha decidido cancelar o duelo.

– Já tinha decidido?

Ela lhe mostrou as duas cartas. Uma estava endereçada ao pai. Deixou apenas a ponta da outra à mostra.

– Uma é para o meu pai, contando o que aconteceu. A outra é para Irex, pedindo desculpas e convidando-o para buscar suas quinhentas moedas de ouro quando quiser.

Arin ainda parecia cético.

– Ele também vai buscar *você*, obviamente. Pelo que conheço dele, vai mandar chicotear você até a inconsciência, talvez além. Tenho certeza de que, quando acordar, você vai ficar feliz por eu ter feito exatamente o que você

queria.

Arin bufou.

– Se duvida de mim, pode vir comigo até os barracões para me ver entregar a carta a um soldado, com ordens de envio rápido.

– Vou sim. – Ele abriu a porta da biblioteca.

Eles saíram da casa e atravessaram o terreno. Kestrel sentiu um calafrio. Ela não tinha pegado um casaco. Não podia correr o risco de Arin mudar de ideia.

Quando entraram nos barracões, Kestrel olhou para os seis guardas à paisana. Ficou aliviada, pois pensou que encontraria apenas quatro, e não Rax, que era em quem mais confiava. Aproximou-se dele, com Arin logo atrás.

– Levem esta carta para o general o mais rápido possível. – Ela estendeu a primeira a Rax. – Mande um mensageiro entregar esta outra para Jess e Ronan.

– Como assim? – Arin perguntou. – Espere...

– E prendam este escravo.

Kestrel virou as costas para não ver o que aconteceria em seguida. Ouviu o barracão mergulhar em caos. Ouviu uma luta, um berro, o som de punhos acertando alguém.

Fechou a porta atrás de si e saiu andando.



Ronan a aguardava depois do portão protegido do terreno. Pelo jeito, fazia um tempo que ele estava esperando. Seu cavalo farejava a grama marrom enquanto ele estava sentado num seixo próximo, atirando pedrinhas no muro do general. Ao ver Kestrel atravessar o portão no lombo de Dardo, atirou o punhado de pedras na trilha. Continuou sentado, com os cotovelos apoiados nos joelhos flexionados, encarando-a com o rosto aflito e pálido.

– Estou prestes a derrubar você do seu cavalo – ele disse.

– Recebeu minha mensagem, então.

– E cavaguei até aqui na mesma hora. Os guardas me falaram que a dona da casa tinha dado ordens estritas para não deixar ninguém entrar, nem mesmo eu. – Ele a olhou de cima a baixo, examinando suas roupas pretas de combate.

– Não acreditei. *Continuo* não acreditando. Depois que você desapareceu ontem à noite, todo mundo na festa ficou falando sobre o duelo, mas eu tinha

certeza de que não passava de um boato que Irex tinha começado por causa de sei lá o quê que provocou esse mal-estar entre vocês. Kestrel, como você pôde se expor a isso?

Kestrel apertou as rédeas com firmeza. Pensou que, quando as soltasse, suas mãos teriam cheiro de couro e suor. Concentrou-se em imaginar aquele cheiro. Era mais fácil que ceder ao enjoo dentro dela. Ela sabia o que Ronan ia dizer.

Tentou desviar. Tentou falar sobre o duelo em si, sobre seus motivos para ter feito o desafio. Com a voz descontraída, disse:

– Parece que ninguém acredita que eu possa vencer.

Ronan desceu da rocha, caminhou a passos largos até o cavalo dela e segurou na maçaneta da sela.

– Você vai conseguir o que quer. Mas o *que* você quer? *Quem* você quer?

– Ronan – Kestrel engoliu em seco –, pense bem no que vai dizer.

– Só o que todo mundo está dizendo. Que lady Kestrel tem um amante.

– Não é verdade.

– Ele é a sombra dela, esconde-se atrás dela, ouvindo, observando.

– Ele não é – Kestrel tentou dizer e ficou horrorizada ao ouvir sua voz vacilar. Sentiu lágrimas nos olhos. – Ele tem namorada.

– Como você *sabe* disso? E daí se tiver? Isso não importa. Não aos olhos da sociedade.

Os sentimentos de Kestrel eram como bandeiras estalando sob uma tempestade, se enroscando e se retorcendo em volta dela. Ela se concentrou e, ao falar, encheu a voz de desprezo.

– Ele é um escravo.

– Ele é um *homem*, assim como eu.

Kestrel apeou, e ficou frente a frente com Ronan. Mentiu:

– Ele não significa nada para mim.

A fúria de Ronan diminuiu um pouco. Ele esperou, atento.

– Eu nunca deveria ter desafiado Irex. – Kestrel achou melhor costurar um pouco de verdade em sua história, para fortalecer o tecido. – Mas eu e ele temos um histórico de antipatia. Ele me fez uma oferta na última primavera. Eu o rejeitei. Desde então, ele tem sido... agressivo.

Ela tinha a solidariedade de Ronan nisso, o que a deixava grata, porque não saberia o que fazer se ele e Jess tivessem virado as costas para ela. Precisava deles

— não só hoje, mas sempre.

— Irex me deixou furiosa. O escravo foi só uma desculpa. — Seria tudo tão mais simples se fosse apenas isso. Mas Kestrel não se permitia considerar a verdade. Não queria conhecer sua forma ou ver sua face. — Fui irracional e impulsiva, mas tirei minhas peças e preciso jogar. Você vai me ajudar, Ronan? Vai fazer o que pedi na carta?

— Sim. — Ele ainda parecia descontente. — Mas, até onde posso ver, não vou ter muito o que fazer além de ficar parado assistindo ao duelo.

— E Jess? Ela vai ao duelo?

— Sim, assim que terminar de enxugar as lágrimas. Que susto que você nos deu, Kestrel!

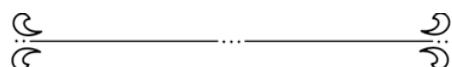
Kestrel abriu um alforje e entregou a Ronan a bolsa com o dote da morte. Ele a pegou, reconhecendo o peso. A carta dela tinha lhe dito para esperar por isso. Com a voz branda, ele disse:

— Você *me* assustou.

Ela se aproximou e lhe deu um abraço. Os braços de Ronan relaxaram em volta dela. O queixo dele pousou em sua cabeça, e ela sentiu o perdão. Tentou afastar as lembranças de Arin no palco do leilão, do olhar dele ao lhe perguntar onde ficaria sua honra, ou de ele xingando os guardas em herrani. Apertou Ronan com mais força, pressionando a bochecha contra o peito dele.

Ronan suspirou.

— Vou acompanhá-la até a casa de Irex — o rapaz disse — e trazê-la de volta em segurança depois da sua vitória.



A trilha até a casa de Irex estava repleta de carruagens. A alta sociedade comparecia em peso para aquele duelo: Kestrel viu centenas de homens e mulheres bem-vestidos conversando animados, as respirações enevoando o ar do fim de outono. Ronan desmontou e ela também, deixando seus cavalos pastarem com os demais.

Examinou a multidão que cercava a clareira entre as árvores. As pessoas sorriram ao vê-la, contudo não eram sorrisos gentis. Notou olhares tímidos e rostos que exibiam um fascínio mórbido, como se aquele não fosse um duelo,

mas um enforcamento, e a única dúvida era se o pescoço do criminoso se quebraria instantaneamente. Kestrel se perguntou quantas pessoas reunidas sob o poente sabiam que Irex já havia pagado o dote da morte.

Kestrel estava fria e dura. Um esqueleto ambulante.

Ronan colocou o braço em volta dela. Entendeu que a intenção era tanto provar algo à sociedade como tranquilizá-la – estava protegendo a reputação dela e a dele também. Ela não havia pedido que ele fizesse isso, e o fato de ele ter visto algo que faltava no seu plano a fez se sentir aliviada por tê-lo ao seu lado, e com ainda mais medo que antes.

– Não estou vendendo meu pai. – Os dedos de Kestrel tremiam.

Ronan segurou suas mãos nas dele e, apesar de seus olhos estarem cheios de dúvida, ele lhe abriu um sorriso para a multidão ver. Em voz alta, disse:

– Como suas mãos estão geladas! Vamos acabar logo com essa coisa chata e ir para algum lugar mais quente?

– Kestrel! – Benix se destacou da multidão, segurando a mão de Jess e acenando animado para os amigos. Ele trazia uma empáfia alegre enquanto caminhava na direção deles, mas Jess não conseguia jogar tão bem aquele jogo. Ela parecia péssima. Seus olhos estavam vermelhos e seu rosto, manchado.

Benix puxou Kestrel num abraço apertado e depois fingiu duelar com Ronan – algo que divertiu alguns dos espectadores, mas que trouxe novas lágrimas aos olhos de Jess.

– Isso não é brincadeira.

– Ah, irmã – Ronan brincou. – Você leva as coisas muito a sério.

A multidão se remexeu, desapontada pela chegada de Kestrel não ter causado nenhuma explosão emotiva entre seus amigos mais próximos. Quando as pessoas se viraram, Kestrel viu uma rota clara até Irex – alto, vestido de preto, no centro do espaço marcado para o duelo. Ele sorriu e Kestrel ficou tão fora de si que só notou a chegada de seu pai quando sentiu a mão dele em seu ombro.

Ele estava sujo de pó e cheirava a cavalo.

– Pai – ela disse, e quase se jogou em seus braços.

Ele olhou para ela.

– Este não é o momento.

Ela ficou vermelha.

– General Trajan – Ronan cumprimentou alegre. – Que bom que o senhor pôde vir. Benix, são as gêmeas Raul ali na frente, perto do terreno do duelo? Não, seu morcego cego. *Ali*, bem ao lado de lady Faris. Por que não assistimos à luta com elas? Você também, Jess. Precisamos da sua presença feminina para fingir que só estamos interessados nas gêmeas porque você quer falar sobre chapéus de penas com elas.

Jess apertou a mão de Kestrel. Os três teriam saído imediatamente se o general não os tivesse detido.

– Obrigado – ele disse.

Os amigos de Kestrel pararam de fingir felicidade, algo que Jess não estava fazendo muito bem, de qualquer jeito. O general encarou Ronan, medindo-o como fazia com um recruta novo. E fez algo raro: acenou a cabeça em sinal de aprovação. O canto da boca de Ronan se ergueu num pequeno sorriso apreensivo enquanto levava os outros embora.

O pai de Kestrel a olhou nos olhos. Quando ela mordeu o lábio, ele disse:

– Agora não é o momento de demonstrar nenhuma fraqueza.

– Eu sei.

Ele examinou as faixas nos antebraços, quadris e panturrilhas dela, apertando o couro que prendia seis pequenas facas ao seu corpo.

– Mantenha distância de Irex – ele disse, com a voz baixa, embora as pessoas mais próximas tivessem recuado para lhes dar um pouco de privacidade, em respeito ao general. – Sua melhor chance é manter isto como uma competição de atirar facas. Você pode desviar das agulhas dele, atirar as suas e até arrancar o primeiro sangue. Faça com que ele esvazie as bainhas. Se vocês dois perderem todas as seis agulhas, será empate. – Ele endireitou a jaqueta dela. – Não deixe que isto vire um combate corpo a corpo.

O general se sentara ao lado dela no torneio de primavera. Tinha visto Irex lutar e, logo em seguida, tentou alistá-lo no exército.

– Quero que você fique na frente da multidão – Kestrel disse.

– Eu não ficaria em nenhum outro lugar. – Uma pequena ruga surgiu entre as sobrancelhas de seu pai. – Não deixe que ele chegue perto.

Kestrel concordou com a cabeça, embora não pretendesse seguir o conselho dele.

Ela atravessou os grupos de pessoas para enfrentar Irex.

UMA CONVERSA EM PARTICULAR ERA IMPOSSÍVEL I

e Irex, o que provavelmente era do agrado dele. Ele gostava de ser ouvido e observado, e não demonstrou nenhum interesse em se afastar da multidão. Os dois se posicionaram nos lugares designados em pontos opostos do espaço circular, marcado com tinta preta na grama morta.

– Lady Kestrel. – Ele falou claramente para o público que ouvia atento. – A senhorita recebeu o meu presente?

– E o trouxe para devolvê-lo.

– Isso significa que vai desistir? Venha, concorde em me entregar seu escravo e me dê sua mão. Vou furar seu mindinho. O primeiro sangue será meu, nossos amigos vão para casa contentes e você vai aceitar jantar comigo.

– Não, gosto dos planos como estão. Com você no seu lugar e eu a cinquenta passos de distância.

Os olhos castanhos de Irex se estreitaram. Sua boca, que muitos considerariam charmosa, desfez o sorriso. Ele virou as costas para ela e assumiu seu lugar. Ela fez o mesmo.

Irex, na posição de desafiado, havia indicado um amigo para anunciar o início do duelo. Quando o jovem deu o grito, Irex pegou a adaga do braço e a lançou.

Kestrel desviou da lâmina com perfeição, esperando que ele assumisse a ofensiva. A adaga silvou pelo ar, enterrando-se numa árvore.

O público se afastou da arena. Outros duelos já tinham feito vítimas colaterais, e Agulhas era um esporte especialmente perigoso de assistir.

Irex não pareceu preocupado com o fracasso de sua primeira tentativa. Ele se agachou, tirando uma agulha da bainha da panturrilha. Ele a experimentou, observando Kestrel. Simulou um ataque, mas uma das poucas habilidades dela era não se deixar enganar por um blefe, especialmente porque Irex não tinha nenhum desejo real de esconder seus sentimentos. Ele avançou correndo e atirou.

A velocidade dele era espantosa. Kestrel tombou no chão, e sua bochecha

esquerda raspou a terra. Levantou-se antes que Irex pudesse pegá-la numa posição vulnerável. Enquanto se erguia, viu algo brilhar no chão: a ponta de sua trança, arrancada pela faca.

A respiração de Kestrel estava rápida. Irex manteve a posição a cerca de trinta passos dela.

Ela se equilibrou na ponta dos pés, aguardando, e viu que a raiva de Irex tinha passado, ou se misturado ao prazer a ponto de fazê-lo parecer de bom humor. O primeiro lançamento tinha sido furioso e não muito inteligente, visto que ele havia sacado uma agulha de um dos dois pontos de acesso mais fáceis. Quando o combate de Agulhas ia para o corpo a corpo, era uma desvantagem ter menos facas e ter perdido as dos antebraços ou mesmo as dos quadris. Kestrel sabia que Irex tinha consciência disso, senão não teria lançado a segunda faca da panturrilha. Ele era arrogante, mas precavido. O que dificultava a tarefa de Kestrel.

Quase dava para sentir a frustração do general. As pessoas ficavam gritando sugestões, mas Kestrel não ouvia a voz do pai. Ela se perguntou se era difícil para ele não gritar ordens para ela lançar algumas de suas agulhas. Sabia que era o que ele queria. O mais sensato para um combatente menos forte fazer: torcer para o duelo terminar logo com um golpe em qualquer parte do corpo do oponente.

Mas Kestrel queria chegar perto de Irex, perto o suficiente para falar sem que ninguém ouvisse. Ela precisaria de todas as suas facas quando estivesse ao alcance de um braço dele.

Irex inclinou a cabeça. Ou ele estava desnorteado por Kestrel não estar assumindo a única estratégia razoável ou estava desapontado porque ela não estava fazendo quase nada. Ele provavelmente esperava uma luta mais justa. Kestrel tinha se esforçado muito para nunca revelar suas medíocres habilidades com armas, então a sociedade presumia que a filha do general era uma excelente lutadora.

Irex recuou, sem demonstrar interesse em esvaziar outras bainhas. Ele não avançou, o que era um problema. Se Kestrel não pudesse fazê-lo se aproximar, ela teria que ir até ele.

Os gritos foram ficando incoerentes e cresceram até se tornarem algo como um silêncio estrondoso.

O pai de Kestrel achava que era melhor ela se manter firme onde estava. Em vez disso, ela sacou as duas adagas da panturrilha e avançou correndo. Uma lâmina saiu voando de sua mão e errou ao largo – um péssimo lançamento, que distraiu Irex do segundo, que por sua vez poderia tê-lo atingido se ele não tivesse desviado e lançado uma de suas agulhas.

Ela deslizou na grama seca para desviar. Seu torso atingiu a terra no exato momento em que a arma perfurou o chão ao lado de sua perna. Sua mente paralisou, travando subitamente.

Ele era rápido, rápido demais. Ela nem tinha visto sua mão se movendo.

Então Irex chutou as suas costelas. Kestrel perdeu o ar de dor, mas se obrigou a se levantar e tirou uma faca da bainha do braço. Cortou o ar à frente, mas Irex recuou com um salto, arrancou a lâmina da mão dela e girou de lado para pegá-la.

O peito dela arfava. Doía respirar. Doía pensar. Ela imaginou brevemente seu pai fechando os olhos, consternado. *Nunca arme seu oponente*, ele sempre dizia.

Mas ela tinha conseguido o que queria. Ela e Irex estavam no centro do círculo agora, longe demais dos gritos do público para que suas palavras fossem ouvidas.

– Irex – sua voz saiu fina e fraca –, precisamos conversar.

Ele chutou o joelho dela. Ela sentiu algo se quebrar e ceder logo antes de cair no chão. A força da queda fez sua patela voltar ao lugar. Soltou um grito.

O choque era grande demais para sentir dor. Então veio o estalo, um espasmo que percorreu sua perna e subiu até seu cérebro.

Não foi o medo que obrigou Kestrel a se levantar. Ela estava tão atordoada que não havia espaço para mais nada. Não entendeu como conseguiu se erguer, mas Irex deixou.

– Nunca gostei de você – ele murmurou. – Tão metida a superior.

A visão de Kestrel embranquecia. Teve a estranha sensação de que estava nevando, mas, quando a brancura perpassou o rosto de Irex, ela percebeu que não havia neve nenhuma. Estava prestes a desmaiar.

Irex deu um tapa na sua cara.

Isso a despertou. Ela ouviu um grito e não soube dizer se vinha da multidão ou da sua própria garganta. Precisava falar agora e logo, ou o duelo acabaria

com Irex a derrotando antes mesmo de finalizar com o golpe de uma agulha. Era difícil encontrar ar. Ela sacou uma adaga. Ajudava um pouco sentir algo sólido em sua mão.

– Você é o pai do bebê de Faris.

Ele vacilou.

– O quê?

Kestrel rezou para que não estivesse enganada.

– Você dormiu com a mulher do senador Tiran. Gerou um filho com ela.

Irex voltou a levantar a guarda, e a adaga brilhou sob o poente, flamejante. Mas ele mordeu o lado de dentro da bochecha, fazendo seu rosto parecer mais magro, e aquele ligeiro traço de preocupação a fez pensar que poderia sobreviver ao duelo. Ele disse:

– O que faz você pensar isso?

– Me dê um golpe fácil de bloquear que eu respondo.

Ele obedeceu e o som da lâmina dela empurrando a dele deu forças a Kestrel.

– Vocês têm os mesmos olhos – ela disse. – O bebê tem uma covinha na bochecha esquerda, assim como você. Faris ficou pálida quando assumimos nossos lugares para lutar, e notei que ela está na frente da multidão. Não imagino que esteja preocupada *comigo*.

Devagar, ele disse:

– O fato de você saber um segredo como esse não me deixa menos inclinado a matar você.

Ela inspirou, trêmula, contente por estar certa, contente por ele hesitar mesmo ante os gritos da multidão.

– Você não vai me matar – ela disse – porque contei para Jess e Ronan. Se eu morrer, eles vão revelar para todo mundo.

– Ninguém vai acreditar neles. A sociedade vai pensar que eles estão sofrendo pela sua morte e querem me ferir.

– Será que a sociedade vai continuar achando isso quando começarem a comparar o rosto do menino com o seu? E o senador Tiran? – Manca, Kestrel o cercou. Ele deixou, mesmo sacando outra agulha e empunhando as duas facas com destreza. Irex movimentava os pés velozmente enquanto ela se esforçava para não tropeçar. – Se Ronan tiver alguma dificuldade para começar um

escândalo, ele vai alimentá-lo com dinheiro. Entreguei as quinhentas moedas de ouro para ele, e ele vai subornar os amigos para jurarem que o boato é verdadeiro, que viram você na cama com Faris, que você tem um cacho do cabelo do bebê junto ao peito. Eles vão dizer tudo, seja verdade ou não. Poucas pessoas são tão ricas quanto você. Ronan tem muitos amigos, como o coitado do Hanan, que ficaria feliz em aceitar o ouro para arruinar a reputação de alguém de que ninguém gosta mesmo.

Os braços de Irex relaxaram. Ele pareceu meio fraco.

Kestrel insistiu.

– Você dormiu com Faris para que ela incentivasse o marido a garantir um lugar para você no Senado. Você pode ter feito isso por outros motivos também, mas é isso o que importa. Você *devia* se importar com isso, porque, se Tiran desconfiar de você, ele não vai só retirar o apoio. Vai voltar o Senado contra você.

Ela viu o combate se esvair dele.

– Mesmo se este duelo não tiver quebrado regras, ele também não foi limpo – ela disse. – Você começou uma luta de braço. A sociedade vai comentar sua desaprovação mesmo antes de Ronan e Jess destruírem sua reputação.

– A sociedade vai me desaprovar? – Irex riu com desprezo. – A sua reputação não é tão cristalina assim, amante de escravo.

Kestrel cambaleou. Precisou de um momento para falar e, quando falou, não tinha certeza se o que dizia era verdade.

– O que quer que as pessoas falem de mim, não importa. Meu pai vai ser seu inimigo.

O rosto de Irex ainda estava cheio de ódio, mas ele disse:

– Muito bem. Você pode viver. – Sua voz ficou hesitante. – Você contou ao general sobre Faris?

Kestrel recordou a carta que escrevera para o pai. Tinha sido simples. *Desafiei lorde Irex para um duelo*, dizia. *Vai acontecer na propriedade dele hoje, faltando duas horas para o pôr do sol. Por favor, venha.*

– Não. Teria frustrado meu objetivo.

Irex lançou um olhar a Kestrel, um que ela já tinha visto no rosto de seus oponentes em Morder e Picar.

– Objetivo? – ele disse, cauteloso.

Kestrel sentiu o triunfo crescer dentro dela, mais forte que a dor em seu joelho.

– Quero que meu pai acredite que venci este duelo de maneira legítima. Você está prestes a perder. Vai entregar o jogo e me dar uma vitória limpa. – Ela sorriu. – Quero o primeiro sangue, Irex. Meu pai está assistindo. Faça com que seja bonito de se ver.

DEPOIS DO DUELO, O GENERAL PRECISOU AJUDAR, montar no cavalo, que só avançou alguns passos antes de ela envergar na sela. Seu joelho direito latejava. Parecia que um nó dentro dele estava se desfazendo, pressionando bobinas quentes contra a parede interna de sua pele.

Seu pai deteve Dardo.

– Podemos pegar uma carroagem emprestada.

– Não. – De que adiantava ter derrotado Irex se ela não conseguia montar? Kestrel nunca tinha percebido o quanto era orgulhosa. Ela poderia não querer a vida militar do pai, mas, pelo visto, ainda queria a aprovação dele, como quando era pequena.

O general fez menção de discordar, mas então disse:

– Foi uma vitória decisiva. – Ele montou em seu cavalo e impôs um ritmo lento.

Kestrel fez uma careta a cada solavanco dos cascos do garanhão. Ficou feliz quando a noite tingiu o céu. Sentia seu rosto se afinar de dor, mas lembrou a si mesma que nem seu pai podia ver na escuridão. Ele não podia ver seu pavor.

Ela estava à espera da pergunta: por que tinha desafiado Irex para um duelo?

Mas ele não falou nada. Logo se tornou impossível pensar em qualquer coisa além de se manter no lombo do cavalo. Ela mordeu o lábio. Quando chegaram em casa, sua boca tinha gosto de sangue.

Nem notou quando atravessou o portão. A mansão simplesmente surgiu, iluminada e meio que tremendo nas bordas. Ouviu vagamente seu pai dizer algo, e então as mãos dele estavam na sua cintura, tirando-a de cima de Dardo como se ela fosse uma menina.

Ele colocou Kestrel de pé. O joelho dela cedeu. Ela sentiu um som sufocar sua garganta, e desmaiou.



Quando abriu os olhos, estava deitada na cama. Alguém tinha acendido a

lareira, que emitia reverberações de luz alaranjada no teto. Uma lamparina a óleo queimava na mesa de cabeceira, iluminando o rosto de seu pai, ressaltando sombras e ossos. Ele tinha puxado uma cadeira ao pé da cama e estava com cara de sono, mas seus olhos estavam alertas.

– Seu joelho precisa ser punctionado – ele disse.

Ela olhou para a perna. Alguém – seu pai? – havia cortado, na altura da coxa, o lado direito da calça justa e, sob o tecido preto tosquiado, seu joelho tinha o dobro do tamanho normal. Ela o sentiu tenso e quente.

– Não sei o que isso significa – Kestrel disse –, mas não parece muito bom.

– Irex deslocou sua patela. Ela voltou para o lugar, mas o golpe deve ter rompido o músculo. Seu joelho está se enchendo de sangue. É isso que está causando tanta dor: o inchaço. – Ele hesitou. – Tenho certa experiência com esse tipo de ferimento no campo de batalha. Posso drenar. Você vai se sentir melhor. Mas vou ter que usar uma faca.

Kestrel se lembrou dele cortando o braço da mãe, do sangue perpassando seus dedos enquanto ele tentava fechar a ferida. Quando ele a olhou, ela pensou que ele estava vendo a mesma cena, ou vendo Kestrel se lembrar dela, e que os dois estavam refletindo o pesadelo um do outro.

O general desviou o olhar para suas mãos cheias de cicatrizes.

– Mandei chamar uma médica. Você pode esperar até ela chegar, se preferir. – A voz dele era inexpressiva, mas estava carregada de uma tristeza que só ela podia ouvir. – Eu não sugeriria se não me considerasse capaz e se não achasse que seria melhor fazer isso agora. Mas a escolha é sua.

Os olhos dele encontraram os dela. Algo neles a fez pensar que seu pai nunca teria deixado Irex matá-la, que teria entrado no campo e enfiado uma lâmina nas costas do rapaz se achasse que sua filha poderia morrer, que ele jogaria sua própria honra no lixo junto com a dela.

Claro, não tinha como ter certeza. Mas concordou. Ele mandou uma escrava trazer panos limpos, que acomodou sob o joelho dela. Depois, foi até a lareira e colocou uma pequena faca nas chamas para esterilizá-la.

Em seguida, voltou para o lado dela com a faca enegrecida nas mãos.

– Eu juro – ele disse, mas Kestrel não entendeu se ele pretendia dizer que jurava que isso a ajudaria, que ele sabia o que estava fazendo ou que a teria salvado de Irex. Ele enfiou a faca devagar, e ela desmaiou outra vez.



Ele estava certo. Kestrel se sentiu melhor no momento em que abriu os olhos. O joelho estava dolorido e envolto por um curativo, mas o inchaço febril tinha passado, bem como a dor intensa.

Seu pai estava em pé, de costas para ela, olhando pela janela escurecida.

– É melhor você me liberar do nosso acordo – ela disse. – O exército não vai me aceitar agora, não com um joelho lesionado.

Ele virou e imitou seu sorriso fraco.

– Nos seus sonhos – ele disse. – Por mais doloroso que seja, esse não é um ferimento grave. Você vai estar em pé logo mais e andando normalmente antes do fim do mês. Não terá nenhum dano permanente. Se duvida e acha que estou cego pela esperança de ver você se tornar uma soldada, a médica vai lhe dizer o mesmo. Ela está na sala de estar.

Kestrel olhou para a porta fechada do quarto e se perguntou por que a mulher não estava com eles agora.

– Quero perguntar uma coisa – seu pai disse. – Prefiro que ela não ouça.

De repente, pareceu que era o coração de Kestrel, e não o joelho, que doía. Que era ele que tinha sido cortado e sangrado.

– Que tipo de acordo você fez com Irex? – seu pai perguntou.

– quê?

Ele a encarou.

– O duelo estava indo mal para você. Depois, Irex recuou e vocês pareceram ter uma conversa muito interessante. Quando a luta recomeçou, ele parecia outra pessoa. Ele não deveria ter perdido para você, pelo menos não daquele jeito, a não ser que você tenha dito algo que o obrigasse a perder.

Ela não soube o que responder. Enquanto seu pai lhe fazia a pergunta, ela se sentiu tão terrivelmente aliviada por ele não estar sondando seus motivos para o duelo que não ouviu algumas de suas palavras.

– Kestrel, só quero ter certeza de que você não deu a Irex nenhum tipo de poder sobre você.

– Não. – Ela suspirou, desapontada por seu pai ter enxergado a verdade em sua vitória. – É ele quem está em meu poder.

– Ah, que bom. Vai me dizer como?

– Eu sei um segredo.

– *Muito* bom. Não, não me conte qual é. Prefiro não saber.

Kestrel olhou para a lareira. Deixou que as chamas hipnotizassem seus olhos.

– Você acha que eu me importo com como você venceu? – seu pai disse, com a voz suave. – Você venceu. Os métodos não importam.

Kestrel pensou sobre a Guerra de Herran. Pensou no sofrimento que seu pai trouxera ao país e em como as ações dele a fizeram se transformar em uma senhora, e Arin em um escravo.

– Você realmente acha isso?

– Sim – ele afirmou. – Acho.



Arin ouviu os barracões rangerem. O som o fez se levantar na mesma hora, porque somente uma pessoa viria à sua cela àquela hora da noite. Então, ele ouviu os passos pesados, e suas mãos se afrouxaram em volta das grades de metal. Não era ela. As passadas eram de uma pessoa grande. Sólida, lenta. Um homem, provavelmente.

A luz da tocha pulsou na direção da cela. Quando viu quem a carregava, se afastou das grades. Viu um pesadelo de infância ganhar vida.

O general colocou a tocha no candeeiro. Ele o encarou, analisando os novos hematomas de Arin, sua altura, seus traços. O general franziu a testa.

Aquele homem não parecia em nada com Kestrel. Ele era pura massa e músculo. Mas Arin a viu na forma como seu pai erguia o queixo. Seus olhos transmitiam a mesma inteligência perigosa.

– Ela está bem? – Arin perguntou. Quando não obteve resposta, perguntou novamente em valoriano. E, como já tinha se condenado com uma pergunta que não poderia ter feito, disse algo que havia jurado nunca dizer. – Senhor.

– Ela está ótima.

Uma sensação tomou conta de Arin, algo entre o sono ou a súbita ausência de dor.

– Se eu tivesse escolha, mataria você – disse o general –, mas isso só causaria mais falatório. Você vai ser vendido. Não imediatamente, porque não quero

que pensem que estou reagindo a um escândalo. Mas em breve. Vou passar mais tempo em casa e ficar de olho em você. Se chegar perto da minha filha, vou esquecer minha clareza de julgamento. Vou mandar quebrar você membro por membro. Estamos entendidos?

CARTAS CHEGARAM. NOS PRIMEIROS DIAS DEPOIS

Kestrel as abria avidamente, ansiosa por qualquer coisa que a distraísse do confinamento na cama, desesperada para saber o que a sociedade pensava dela agora. Ela sem dúvida tinha ganhado algum respeito derrotando o melhor lutador da cidade, não?

Mas quase todas as cartas vinham de Jess e Ronan, repletas de falsas congratulações. E então veio o bilhete.

Pequeno, dobrado num quadrado grosso. Selado com cera negra. Escrito com uma letra de mulher. Sem assinatura.

Você acha que é a primeira?, dizia o bilhete. A única valoriana a levar um escravo para a cama? Tolinha!

Permita-me lhe dizer as regras.

Não seja tão óvia. Por que você acha que a sociedade permite que um senador chame uma serviçal bonita a seus aposentos tarde da noite? Ou que a filha do general faça longos passeios de carruagem com um “acompanhante” tão primoroso?

Não é que as relações secretas sejam impossíveis. Fingir que elas são impossíveis é o que permite que todos façam vista grossa ao fato de que podemos usar nossos escravos como bem entendermos.

Ela sentiu seu rosto arder e se encher de rugas, como o papel que amassou.

Quis jogar a carta no fogo. Quis esquecer, esquecer tudo.

Mas, quando tirou a perna direita de baixo dos cobertores, seu joelho gritou de dor. Sentou na beira da cama, olhando para a lareira, depois para seu pé descalço no chão. Tremeu e disse a si mesma que era por causa da dor no joelho enfaixado. Porque suas pernas não conseguiam suportar o seu peso. Porque ela não conseguia fazer algo tão simples quanto sair da cama e atravessar o quarto.

Transformou a carta em um nevoeiro de papel.

Na primeira noite depois do duelo, Kestrel acordou sem o pai. Uma escrava dormia na cadeira ao pé da cama. Ela viu as olheiras sob os olhos da mulher, a

inclinação torta de seu pescoço, e a maneira como sua cabeça se inclinava para a frente e para trás como alguém que precisava de sono. Mas Kestrel a chacoalhou.

– Você precisa fazer uma coisa – Kestrel disse.

A mulher piscou, com os olhos turvos.

– Diga para os guardas soltarem Smith. Ele está preso nos barracões. Ele...

– Eu sei – a mulher respondeu. – Ele já foi solto.

– Foi? Por quem?

A escrava desviou os olhos.

– Rax. Ele disse que você poderia reclamar com ele se não gostasse.

Aquelas últimas palavras soaram como mentira. Elas nem mesmo faziam sentido. Mas a mulher deu um tapinha na sua mão e disse:

– Eu vi Smith no alojamento dos escravos. Ele não está num estado tão ruim. Não se preocupe, milady. – O rosto dela, cujo nome Kestrel havia esquecido, se encheu de tanta compaixão que ela acabou lhe pedindo para sair.

Kestrel lembrou da expressão da mulher. Olhou para o papel rasgado e voltou a ver as palavras escritas – tão sarcásticas, tão comprehensivas.

Mas eles não entendiam. Ninguém entendia. Estavam errados.

Kestrel voltou para debaixo dos cobertores.

Algumas horas depois, mandou chamar uma escrava e lhe pediu para abrir a janela. O ar frio entrou com tudo e Kestrel sentiu calafrios até ouvir um som distante, o barulho de um martelo contra a bigorna. Arin deveria saber que ela não tinha como ir até ele. Por que ele não vinha até ela?

Ela poderia obrigá-lo. Se ela mandasse uma ordem, ele obedeceria.

Mas ela não queria a obediência dele. Queria que ele quisesse vê-la.

Kestrel se crispou com esse pensamento e com a dor que ele lhe trouxe.

Ela sabia que, se todos acreditavam em algo errado sobre ela... eles estavam perto demais da verdade.



– Você devia ter permitido minha visita antes – Jess disse, com as bochechas radiantes pelo ar fresco lá de fora. – Faz uma semana desde o duelo.

Kestrel voltou a se afundar nos travesseiros. Ela sabia que ver Jess a deixaria

triste, a lembraria que havia vida fora daquele quarto.

– Ronan não pode.

– Claro que não! Eu não vou deixar que ele a veja até você melhorar. Você está horrível. Ninguém quer beijar uma inválida.

– Obrigada, Jess. Fico muito feliz por você ter vindo.

Jess revirou os olhos. Ela começou a falar, mas então seu olhar pousou na mesa de cabeceira.

– Kestrel, você não anda abrindo suas cartas.

Elas tinham se acumulado numa pilha, como um ninho de serpentes.

– O que elas me contariam? – Kestrel perguntou. – Que minha reputação está mais arruinada do que nunca?

– Não é nada que não possamos resolver.

Kestrel adivinhou o que Jess diria. Que ela deveria ir com Ronan ao baile de Primeiro Inverno. Ronan teria o maior prazer. Ele adoraria. Isso acabaria com parte das fofocas e iniciaria outras.

Era, em partes, uma solução.

Kestrel sorriu um pouco e balançou a cabeça.

– Você é tão leal.

– *E* inteligente. Tenho uma ideia. Falta um bom tempo para o baile e...

– Estou entediada nesta cama o tempo todo. Por que você não me distraia, Jess? Melhor ainda, por que *eu* não faço alguma coisa por *você*? Estou te devendo uma.

Jess tirou o cabelo da testa de Kestrel.

– Não, não está.

– Você ficou do meu lado. Vou te compensar. Quando estiver melhor, vou vestir o que você quiser.

Jess pressionou a mão na testa de Kestrel de brincadeira.

– Você deve estar com febre.

– Vou ensinar você a jogar Morder e Picar para que ninguém seja capaz de derrotá-la.

Jess deu risada.

– Não precisa. Não gosto de jogos.

– Eu sei. – Kestrel sentiu seu sorriso se desfazer. – É uma das coisas que admiro em você.

Jess ficou intrigada.

- Você nunca esconde quem é – Kestrel disse.
- E você acha que *você* esconde? Acha que não sei que, mesmo me pedindo para distrair você, você estava tentando *me* distrair?

Kestrel pestanejou.

- Você disfarçaria melhor se não estivesse de cama. E angustiada.
- Kestrel pegou a mão dela e a apertou.
- Foi sincero o que eu disse.
- Então pare com esses joguinhos. Existe uma resposta óbvia para os seus problemas.

Ela entendeu que Jess tinha mais em mente do que o baile. Kestrel soltou a mão.

Jess suspirou.

- Está bem. Não vamos falar sobre Ronan. Não vamos falar sobre casamento. Não vamos falar sobre o fato de que, por mais que você goste de vencer, está agindo como se estivesse decidida a perder.



Arin atiçou o fogo da forja. Não para aquecer, mas para ver sua cor. Ele ansiava pelo fogo nos meses frios. Tinha sido uma criança enferma, e essa época do ano era a que mais o lembra de casa, de se sentir preso, sem saber que um dia sonharia com aquelas paredes pintadas, com as cortinas cor de índigo, com o azul do vestido da mãe.

Frio lá fora, cores lá dentro. Era assim nessa época.

Observou o fogo queimar carmesim. Depois saiu e avaliou o terreno, notando pelas árvores desfolhadas que não havia ninguém por perto. Ele podia relaxar alguns minutos.

Voltou para a forja e se recostou contra a bigorna. Com uma mão, tirou um livro do esconderijo atrás da caixa de lenha e, com a outra, segurou o martelo para que, caso fosse pego, pudesse rapidamente fingir que estava trabalhando.

Começou a ler. Era um livro que ele tinha visto nas mãos de Kestrel, sobre o império valoriano. Ele o tinha pegado da biblioteca depois que ela o devolvera, semanas atrás.

O que ela diria se o visse lendo um livro sobre o seu inimigo, em sua língua inimiga? O que ela faria?

Arin sabia: Kestrel o mediria e ele sentiria uma mudança de percepção dentro dela. Sua opinião sobre ele mudaria como a luz do dia, aumentando ou diminuindo as trevas. Sutilmente. Seria quase imperceptível. Ela o veria de maneira diferente, embora ele não soubesse dizer de que forma. Arin não saberia o que essa mudança significaria. Aquilo já tinha acontecido várias e várias vezes desde que ele tinha chegado ali.

Às vezes, ele desejava nunca ter entrado naquela casa.

Bom. Kestrel não tinha como vê-lo na forja nem saber o que ele andava lendo, já que ela não conseguia deixar seus aposentos. Não conseguia nem andar.

Arin fechou o livro e segurou-o entre os dedos rígidos. Quase o atirou no fogo.

Vou mandar quebrar você membro por membro, o general disse.

Não foi por isso que Arin manteve distância. Não mesmo.

Ele arrancou esses pensamentos da cabeça. Escondeu o livro onde estava antes. Ocupou-se com o trabalho, concentrado, aquecendo o ferro e o carvão num crisol para produzir aço.

Levou um tempo para perceber que estava cantarolando uma canção lúgubre. Pela primeira vez, ele não se deteve. A pressão da música era forte demais, assim como a necessidade de distração. Então ele se deu conta de que a música engaiolada atrás de seus dentes era a melodia que Kestrel tinha tocado para ele meses antes. Ele sentiu a música, baixa e viva, dentro de sua boca.

Por um momento, imaginou que não era a melodia que tocava seus lábios, e sim Kestrel.

Esse pensamento paralisou sua respiração e também a música.

QUANDO NINGUÉM ESTAVA OLHANDO, KESTRE caminhar pela suíte. Precisou se apoiar na parede para se equilibrar, mas conseguiu chegar até a janela.

Ela nunca via o que queria, o que a fazia se perguntar se era puro acaso ou se Arin a estava evitando tão completamente que fazia outros trajetos para não passar pela vista dela.

Ela não era capaz de descer a escada, o que significava que uma visita à sala de música era impossível, a menos que aceitasse ser carregada, o que ela recusava. No entanto, se pegava dedilhando melodias fantasmas nos móveis, nas coxas. A ausência de música se tornou uma dor dentro dela. Não entendia como Arin aguentava não cantar, se é que realmente cantava.

Pensou nos longos lances de escada e obrigou seus músculos fracos a trabalharem.

Estava em pé na sua sala de visitas, com as mãos segurando o encosto entalhado de uma poltrona, quando seu pai entrou.

– Esta é a minha garota – ele disse. – Já está de pé. Não vai demorar nada para virar uma oficial militar com uma atitude dessas.

Kestrel se sentou e lhe abriu um leve sorriso irônico.

Ele retribuiu.

– O que quis dizer é que fico feliz que você esteja melhor, e que sinto muito por eu não poder ir ao baile de Primeiro Inverno.

Ainda bem que ela já estava sentada.

– Por que *você* quer ir a um *baile*?

– Pensei em levar você.

Ela ficou olhando sem entender.

– Percebi que nunca dancei com a minha filha – ele disse. – Teria sido um gesto sensato.

Um gesto sensato.

Uma demonstração de força, então. Um lembrete do respeito pela família do general.

– Você ouviu os boatos – Kestrel disse, baixinho.

Ele ergueu a mão, com a palma voltada para ela.

– Pai...

– Chega.

– Não é verdade. Eu...

– Não vamos ter esta discussão. – Ele levou a mão para tapar os olhos, depois a baixou. – Kestrel, não estou aqui para isso. Vim dizer que vou viajar. O imperador está me mandando para o leste para combater os bárbaros.

Não era a primeira vez que seu pai era mandado à guerra, mas o medo que ela sentia era sempre o mesmo, sempre agudo.

– Por quanto tempo?

– Pelo tempo que for necessário. Parto com meu regimento na manhã do baile.

– O regimento inteiro?

Ele notou o tom da voz dela. Soltou um suspiro.

– Sim.

– Quer dizer que não haverá soldados na cidade nem nas cercanias? Se houver algum problema...

– A guarda da cidade vai estar aqui. O imperador acredita que eles podem lidar com qualquer problema, pelo menos até a chegada de uma força da capital.

– Então o imperador é um tolo. O capitão da guarda da cidade não está preparado para uma tarefa dessas. Você mesmo disse que o novo capitão é um atrapalhado, que só alcançou essa posição porque ficava bajulando o governador...

– Kestrel. – Seu tom era de reprimenda. – Já expressei minhas reservas ao imperador. Mas ele me deu ordens. Vou partir daqui a alguns dias.

Kestrel examinou seus dedos, a maneira como se entrelaçavam. Ela não disse “volte inteiro”, e ele não respondeu “eu sempre volto”. Ela disse o que se esperava de uma valoriana:

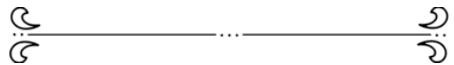
– Lute bem.

– Vou lutar.

Ele estava a meio caminho da porta quando olhou para trás e disse:

– Confio que você vai fazer o que é certo na minha ausência.

O que significava que ele não confiava nela – não propriamente.



Mais tarde naquele dia, Lirah trouxe o almoço de Kestrel. A escrava não olhou para ela. Com movimentos apressados, trêmulos, colocou a bandeja na mesa baixa perto do divã onde Kestrel descansava. Derramou um pouco do chá.

– Não precisa ter pressa – Kestrel disse.

As mãos da menina se acalmaram, mas sua respiração ficou irregular e áspera. Um lágrima desceu pela bochecha dela.

Kestrel entendeu de repente por que Lirah estava com pressa: porque era insuportável ficar um minuto a mais que o necessário no mesmo cômodo que a sua senhora.

A senhora que todo mundo acreditava haver tomado o amante que Lirah desejava para si.

Kestrel deveria sentir pena, vontade de explicar que o que Lirah pensava – o que a cidade inteira pensava – não era verdade. Em vez disso, não pôde deixar de encarar a beleza da garota, a maneira como as lágrimas deixavam seus olhos mais verdes. Ela se perguntou como seria a aparência da namorada de Arin, se nem Lirah era capaz de mudar a escolha dele.

Enquanto tentava imaginar a garota no mercado – a garota de Arin –, um pensamento lento passou pela cabeça dela.

Seria esse o motivo por que Arin a evitava? Porque o escândalo havia chegado aos ouvidos de sua namorada?

Um rompante de raiva subiu pela garganta de Kestrel.

Ela sentiu ódio. Ódio daquela mulher sem rosto e sem nome.

– Busque uma sombrinha para mim – Kestrel disse a Lirah. – E vá embora.



A sombrinha não era uma bengala muito boa. Sua ponta perfurava a terra dura e sem grama, e o cabo curvo rangia enquanto Kestrel atravessava o terreno, mancando. Mas a levou aonde ela precisava ir.

Encontrou Arin no pomar de laranjeiras sem frutos, com arreios de cavalo sobre os ombros. Eles chacoalharam quando ele parou para encará-la, imóvel, com os ombros tensos. Ao se aproximar, Kestrel viu que o maxilar dele estava cerrado e que não havia nenhum vestígio do que os guardas tinham feito com ele. Nenhum hematoma. Nem deveria haver, pois já tinha se passado quase um mês.

– Eu envergonhei você? – Kestrel perguntou.

Algo estranho passou pelo semblante dele.

– Me envergonhou? – Arin repetiu. Ele ergueu os olhos para os galhos vazios, como se esperasse encontrar alguma fruta ali, como se já não fosse quase inverno.

– O livro. A dedicatória. O duelo. A maneira como enganei você. A ordem que dei para o prenderem. Eu envergonhei você?

Ele cruzou os braços diante do peito e balançou a cabeça, sem nunca tirar os olhos das árvores.

– Não. O deus das dívidas sabe o que preciso pagar.

– E o que é? – Kestrel estava se esforçando tanto para não perguntar sobre os boatos nem sobre a mulher do mercado que acabou falando algo pior. – Por que você não está olhando para mim?

– Eu não devia nem estar falando com você – ele murmurou.

Ela entendeu de repente por que não tinha feito sentido que Rax tivesse libertado Arin.

– Meu pai – ela disse. – Arin, você não precisa se preocupar com ele. Ele vai partir na manhã do baile de Primeiro Inverno. Todo o regimento foi mandado para o leste para combater os bárbaros.

– O quê? – Ele olhou para ela bruscamente.

– As coisas podem voltar a ser como antes.

– Acho que não.

– Mas... você é meu amigo. – A expressão dele mudou, mas de uma maneira que Kestrel não conseguiu entender. – Só me diga qual é o problema, Arin. Me diga a verdade.

Quando ele falou, sua voz era seca.

– Você está me devendo. Como pode achar que vou dizer a verdade? Por que eu faria isso?

A sombrinha tremeu na mão de Kestrel. Ela abriu a boca para responder, mas se deu conta de que, se respondesse, não seria capaz de se controlar.

– Vou lhe dizer algo que você pode ter certeza de que é verdade. – Arin a encarou. – Nós não somos amigos.

Kestrel engoliu em seco.

– Você tem razão – ela murmurou. – Não mesmo.



Arin quase teve sua garganta cortada.

– Que o deus da vida o preserve – Logro arfou e recuou, trôpego, com a faca cintilando nas trevas de seu quartinho. – Que diabos está fazendo aqui? Invadindo minha casa como um ladrão no meio da noite? Entrando pela janela? Tem sorte de eu ter visto seu rosto a tempo.

– Preciso contar uma coisa para você.

– Comece com o motivo por que não pôde vir à casa de leilão num horário decente. Pensei que você tinha passe livre. E o anel com o selo da menina?

– Indisponível.

Logro estreitou os olhos para Arin, batendo a parte cega da pequena faca contra a coxa. Sob a luz fraca do poste, um sorriso lento se abriu em seu rosto.

– Teve uma briga com a patroa, foi? Discussão de namorados?

Arin sentiu o rosto ficar tenso e sombrio.

– Calma lá, rapaz. Só me diz uma coisa: os boatos são verdade?

– *Não*.

– Tudo bem. – Logro ergueu as mãos como quem se rende, segurando a faca sem firmeza. – Se você diz, eu acredito.

– Logro, quebrei o toque de recolher, escalei o muro do general e atravessei a cidade protegida para falar com você. Você não acha que tenho coisas mais importantes para discutir do que fofoca de valorianos?

Logro ergueu uma sobrancelha.

– O general vai partir para lutar no leste. Vai levar todo o regimento. Na manhã do baile de Primeiro Inverno. É a oportunidade que estávamos esperando.

Logro deixou a faca cair numa mesa. Soltou o ar, que cresceu numa

gargalhada.

– Que beleza – ele disse. – Perfeito.

Arin viu, em sua mente, o rosto delicado de Kestrel. Viu seu joelho enfaixado. Seus dedos brancos. Ouviu a voz dela embargar.

– A revolução vai acontecer na noite do baile – Logro disse. – A pólvora negra vai estar posicionada. Vou liderar o ataque aos terrenos do general. Ele vai deixar sua guarda particular para trás, então podemos esperar resistência. Mas não é nada que não possamos enfrentar com as armas que você fez. Conquistar aquela propriedade vai ser uma vitória importante. Enquanto isso, no baile, aqueles valorianos da alta sociedade vão encontrar uma surpresinha no vinho. Arin – Logro franziu a testa para ele –, não fique assim. Nem você vai conseguir encontrar uma falha neste plano. Vai funcionar perfeitamente. A cidade será nossa. – Logro pousou a mão no ombro do amigo e o apertou. – A liberdade será nossa.

Aquelas palavras trespassaram os nós emaranhados dentro de Arin. Lentamente, ele concordou com a cabeça. Virou-se em direção à janela.

– O que está fazendo? – Logro perguntou. – Você já se arriscou demais vindo até aqui, e vai se arriscar ainda mais voltando para aquela propriedade. Fique. Posso escondê-lo até a invasão.

Por que você não está olhando para mim?, Kestrel tinha perguntado. A mágoa na voz dela o machucara. Ainda o machucava. Fazia com que ele se lembrasse de quando seu pai lhe dera um cavalo de vidro fundido no seu oitavo dia onomástico. Arin se lembrava das pernas afiladas do cavalinho, do seu pescoço arqueado. Era um objeto de clareza estrelar. Arin se atrapalhou, e o cavalinho se estilhaçou nos ladrilhos do chão.

– Não – Arin disse a Logro. – Eu vou voltar. Preciso estar lá quando acontecer.

PELO MENOS, A CAMINHADA ATÉ O POMAR AJUDOU

Kestrel, aliviando a tensão. Ela se obrigou a andar mais todos os dias e, em pouco tempo, parou de mancar. Voltou a tocar piano. Seus dedos voavam, permitindo que notas selvagens crivassesem sua mente até não conseguir pensar. Era uma bênção não lembrar do pomar frio, do que ela tinha dito e feito e pedido e desejado.

Kestrel tocou. Ela esqueceu tudo, menos a música que se desdobrava ao seu redor.



Na véspera do baile, a governanta valoriana lhe entregou um pacote envolto em musselina.

– Da costureira – ela disse.

Kestrel segurou o pacote e quase viu um brilho através do tecido.

Ela o pôs de lado.

No fim da tarde, um escravo trouxe um bilhete de seu pai. *Tem uma pessoa aqui que deseja ver você.*

Ronan, talvez. A ideia não a deixou feliz. Veio e foi embora sem a afetar, exceto quando se deu conta da própria indiferença.

Havia algo de errado com ela. Ela devia ficar feliz por ver um amigo. Devia querer que Ronan fosse mais que um amigo.

Nós não somos amigos, Arin dissera.

Mas ela não queria pensar em Arin.

Vestiu-se com cuidado para o jantar.



Do corredor, Kestrel reconheceu a voz do homem vinda da sala de jantar, mas não soube dizer quem era o princípio.

– Obrigado por não confiscar meu navio – ele disse. – Eu teria perdido muito dinheiro, talvez até o próprio navio, se o império o pegasse para a campanha de guerra.

– Não me agradeça – respondeu o pai de Kestrel. – Se eu precisasse, teria pegado.

– Não é suficientemente grande para você, Trajan? – ele brincou.

Kestrel, parada atrás da porta, soube de repente quem era. Ela se lembrou de quando era pequena, dos sorrisos descontraídos de um homem grisalho, de partituras trazidas para ela de terras distantes.

– Pelo contrário, capitão Wensan – ela disse, entrando na sala. Os homens se levantaram de suas cadeiras. – Acredito que meu pai não pegou seu navio porque ele é um dos melhores, carregado com canhões, e ele não quer deixar o porto desprotegido quando partir amanhã.

– Kestrel. – O capitão não a cumprimentou com um aperto de mão, mas pousou a palma brevemente na cabeça dela, como se fazia com uma criança querida. Não ficou decepcionada por ser ele, e não Ronan, o convidado. – Você me superestima – Wensan disse. – Sou um simples mercador.

– Talvez – Kestrel disse enquanto os três se sentavam à mesa em seus lugares esperados, com o pai na ponta, ela à sua direita, o capitão à esquerda. – Mas duvido que os canhões de cinco quilos nos dois convéses estejam lá de enfeite.

– Eu carrego mercadorias valiosas. O canhão afasta os piratas.

– Sua tripulação também. Ela tem uma reputação e tanto.

– São ótimos combatentes – concordou seu pai –, embora não tenham a melhor das memórias.

O capitão lhe lançou um olhar penetrante.

– Você não tem como saber disso.

– Que sua tripulação não lembra o código de chamada?

O código de chamada era a senha que os marujos no convés pediam a seus companheiros nos botes lá embaixo quando estava escuro demais para ver quem vinha remando da costa.

– Inspecionei todos os navios e tripulações antes de decidir quais levar para a batalha – disse o pai de Kestrel. – Gosto de ser minucioso. – Ele examinou seu prato. Estava vazio, aguardando o início do jantar. O general tocou na borda branca, virando-o para centralizar o desenho de um pássaro. Havia algo

de deliberado em seu gesto.

Wensan olhou para o prato, depois para o seu próprio, para o de Kestrel, e para os três outros na mesa, em honra aos mortos da família.

– Você é mesmo. – Ele acrescentou, desnecessariamente: – Eu concordo.

Uma mensagem estava sendo passada entre os dois homens. Kestrel examinou a porcelana que seu pai por algum motivo escolhera para aquela noite. Eles tinham inúmeros conjuntos, com diversos desenhos. Aquele em particular era de estilo valoriano, e cada prato mostrava uma ave de rapina: falcão, milhafre, lancelim, coruja-rastelo, águia-pesqueira e kestrel. Era uma referência a uma canção marcial que as crianças valorianas aprendiam.

– Você está usando as aves da “Canção das penas de morte” como senha para o seu navio? – Kestrel perguntou ao capitão.

Wensan revelou surpresa por um breve momento, mas seu pai não. Kestrel sempre foi rápida para descobrir segredos.

Com a voz triste, Wensan disse:

– É a única coisa que a tripulação consegue lembrar. A senha deve mudar toda noite, sabe. A ordem das aves na canção é um padrão fácil de lembrar.

O general pediu que os escravos trouxessem o primeiro prato. Wensan começou a narrar histórias de viagens, e Kestrel pensou que esse talvez fosse o motivo de seu pai tê-lo convidado: para melhorar o humor dela. Então, ela olhou para o prato do capitão mais atentamente e se deu conta de que não era aquilo.

O prato dele exibia um kestrel.

Obviamente, não era por serem velhos amigos que seu pai não confiscara o navio dele, nem porque o canhão poderia proteger o porto. Aquilo era uma troca. Um favor que exigia uma recompensa. “Eu concordo”, o capitão Wensan dissera, olhando para o seu prato.

Concordara em cuidar de Kestrel na ausência do general.

Kestrel percebeu que estava imóvel. Os olhos dela se ergueram para o pai, que lhe disse:

– O capitão Wensan vai ao baile de Primeiro Inverno.

Escravos chegaram trazendo a comida e serviram os pratos. Kestrel observou os três pratos vazios – dois eram para o irmão e a irmã de seu pai, que haviam morrido em batalha, e a coruja-rastelo era para a mãe. A jovem se perguntou se

as coisas teriam sido diferentes se ela estivesse viva. Talvez Kestrel e seu pai não se comunicassem por códigos nem usassem estratégias um contra o outro, nem para o outro. Talvez pudesse falar a verdade.

O que ela diria? Que sabia que seu pai queria que o capitão cuidasse dela e também garantisse que ela não transgrediria as normas, não pecaria contra a sociedade nem contra ele?

Bom, ela poderia dizer que entendia a falta de confiança, já que nem ela confiava mais em si mesma.

Poderia dizer que via o amor e a preocupação de seu pai.

– Que ótimo para o capitão Wensan – Kestrel disse com um sorriso, pegando o garfo e a faca. – Tenho certeza de que ele vai adorar o baile. Eu, por outro lado, não pretendo ir.



Ao amanhecer, Kestrel pegou a carruagem para atravessar a cidade até o porto. Seu pai tinha dito que não queria que ela o visse partir, por isso ela evitou a névoa da manhã, momento em que os navios se preparavam para sair para o mar. Mas, na hora fria do nascer do sol, ela parou na doca quase vazia. O vento batia e o ar salgado trespassava seu casaco.

Ela viu os navios, duzentos ao todo, velejando em direção ao mar aberto. Apenas meia dúzia de embarcações mercantis ficaram, incluindo a do capitão Wensan, balançando contra suas âncoras. Alguns poucos navios pesqueiros se prendiam à costa, pequenos demais para servir ao Exército. Ela os contou preguiçosamente.

Kestrel se perguntou se seu pai estava no convés de um dos navios de guerra e se ele podiavê-la.

A frota se afastou, deslizando numa dança inatingível.

“A felicidade depende de ser livre”, o pai de Kestrel sempre dizia, “e a liberdade depende de ter coragem”.

Ela pensou no vestido de baile envolto em musselina.

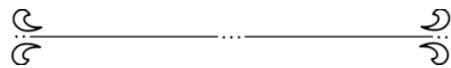
Por que não queria ir ao baile? O que tinha a temer?

Os olhares?

Eles que olhassem. Ela não era indefesa nem precisava da proteção do pai ou

do capitão.

Kestrel tinha sido ferida, mas já estava recuperada.



O tecido parecia quase líquido. O vestido era frio contra a sua pele, caindo em linhas simples e douradas, pálidas como o sol de inverno. Deixava seus braços nus e evidenciava seu colo.

Foi fácil vesti-lo, a escrava precisou apenas prender alguns botões de pérola que subiam pela lombar. Kestrel estava acostumada a cingir sozinha a adaga cravejada de joias em sua cintura. Assim que ficou sozinha, percebeu que seu cabelo seria um problema, mas não quis chamar Lirah, a pessoa mais habilitada a ajudá-la.

Sentou-se na penteadeira, observando o reflexo com certo receio. Seu cabelo estava solto, caindo sobre os ombros, alguns tons mais escuros que o vestido. Pegou uma mexa e começou a trançar.

– Soube que você vai ao baile hoje.

Kestrel olhou pelo espelho para ver Arin parado atrás dela. Depois, mirou seus próprios olhos sombreados.

– Você não tem permissão para entrar aqui – Kestrel disse. Não voltou a olhar para ele, mas sentiu que ele esperava. Percebeu que ele esperava algo: que ela o mandasse embora.

Ela suspirou e continuou a trançar.

Ele disse:

– Não é uma boa ideia você ir ao baile.

– Duvido que você esteja em posição de me aconselhar sobre o que devo ou não fazer. – Ela voltou a olhar para o reflexo de Arin. O rosto dele estourou seus nervos já exaustos. A trança escapou de seus dedos e se desfez. – Que foi? – ela perguntou, cortante. – Você acha isso engraçado?

O canto da boca dele se ergueu e Arin voltou a ser ele mesmo, aquela pessoa que ela conhecia desde o fim do verão.

– Engraçado não é bem a palavra.

Cachos pesados caíram, cobrindo o rosto dela.

– Lirah costuma fazer meu cabelo – ela murmurou. Ela ouviu Arin inspirar

como se fosse dizer algo, mas ele ficou em silêncio.

Depois, baixinho, ele disse:

- Eu posso fazer.
- O quê?
- Posso fazer suas tranças.
- Você?
- Sim.

O coração de Kestrel subiu pela garganta. Ela abriu a boca, porém, antes que pudesse dizer algo, ele já tinha cruzado a sala e pegado o cabelo dela em suas mãos. Seus dedos começaram a se mover.

Foi estranho como a sala ficou tão silenciosa. Deveria haver algum som quando a ponta de um dedo tocava o pescoço dela. Ou quando ele puxava um cacho esticado e o prendia no lugar. Ou quando deixou uma trança fina cair para a frente de modo a resvalar na bochecha dela. Cada gesto ressoava como música, e Kestrel não conseguia acreditar que não ouvia nenhuma nota, aguda ou grave. Soltou o ar devagar.

As mãos dele pararam.

- Machuquei você?
- Não.

Grampos foram desaparecendo rapidamente da penteadeira. Kestrel observou tranças pequenas se perderem dentro de outras maiores, se afundando embaixo e em volta de um penteado intrincado. Sentiu um leve puxão. Uma torção. Um sopro.

Embora Arin não estivesse tocando nela, ou em nenhuma parte viva dela, Kestrel sentia como se uma rede fina tivesse sido lançada sobre si, uma rede que enevoava sua visão e cintilava em sua pele.

– Pronto – ele disse.

Kestrel observou seu reflexo levando uma mão à cabeça. Não soube o que dizer. Arin tinha se afastado, com as mãos nos bolsos. Mas seus olhos encaravam os dela no espelho, e seu rosto estava mais suave, como quando ela tinha tocado piano para ele. Ela perguntou:

– Como...?

Ele sorriu.

– Como um ferreiro tem um talento tão inesperado?

– Bom, sim.

– Minha irmã mais velha me obrigava a fazer isso quando eu era pequeno.

Kestrel quase perguntou onde ela estava agora, e imaginou o pior. Viu Arin observando-a enquanto ela imaginava, e entendeu que o pior era verdade. Mas o sorriso dele não se desfez.

– Eu odiava, claro – ele disse. – O jeito como ela me dava ordens, e como eu permitia. Mas agora... é uma boa lembrança.

Ela se levantou e ficou de frente para Arin. A cadeira estava entre eles e ela não sabia ao certo se estava ou não feliz com aquela barreira.

– Kestrel, se precisa ir ao baile, me leve junto.

– Não entendo você – ela disse, frustrada. – Não entendo o que você diz, como você *muda*, como age de um jeito e depois vem aqui e age de outro.

– Eu nem sempre me entendo também. Mas sei que quero ir hoje com você.

Kestrel deixou as palavras ecoarem em sua mente. Havia uma força servil na voz dele. Uma melodia inconsciente. Kestrel se perguntou se Arin sabia que se denunciava como um cantor a cada palavra simples do dia a dia. Se perguntou se o objetivo dele era hipnotizá-la com a sua voz.

– Se você acha idiota da minha parte ir ao baile de Primeiro Inverno – ela disse –, pode ter certeza de que é muito pior se eu levar você comigo.

Ele ergueu os ombros.

– Ou você pode aproveitar esta ocasião para enviar à sociedade uma mensagem destemida que nós dois sabemos ser verdade: que você não tem nada a esconder.



A mulher do governador, Neril, vacilou por um breve segundo quando viu Kestrel na fila de recepção para o baile. Mas o governador tinha o general Trajan em alta conta e, mais importante, dependia dele. Isso tornava os dois homens aliados – o que, por sua vez, significava que Neril deveria ser cautelosa perto da filha do general. Kestrel sabia muito bem disso.

– Minha querida! – Neril disse. – Você está deslumbrante. – Seus olhos, porém, não pousaram em Kestrel. Moveram-se para trás dela, onde Arin esperava.

– Obrigada – Kestrel disse.

O sorriso de Neril era tenso, e seu olhar não deixou Arin.

– Lady Kestrel, posso lhe pedir um favor? Sabe, metade dos meus escravos adoeceu esta noite.

– Tantos assim?

– Eles estão fingindo, obviamente. Mas espancá-los para pararem de mentir não vai me arranjar mais mão de obra hoje. Um escravo açoitado dificilmente poderia servir meus convidados, pelo menos não com a postura e o equilíbrio necessários.

Kestrel não estava gostando do rumo da conversa.

– Lady Neril...

– Posso pegar seu escravo emprestado?

Kestrel sentiu a tensão em Arin tão claramente como se ele estivesse ao seu lado, ombro a ombro, e não atrás, quase fora do seu campo de visão. Ela disse:

– Talvez eu *precise* dele.

– Precise dele? – Neril abaixou a voz. – Kestrel, estou fazendo um favor para você. Mande-o para a cozinha agora, antes que o baile comece de verdade e outras pessoas notem. Duvido que ele se importe.

Kestrel observou Arin enquanto passava pela farsa de traduzir o valoriano de Neril para ele. Ela achou que, sim, ele se importaria. Mas, quando ele respondeu, sua voz era humilde. Suas palavras saíram em valoriano, como se ele não se preocupasse mais se descobrissem como ele falava bem a língua do império.

– Milady – ele se dirigiu a Neril. – Não sei o caminho até a cozinha e seria fácil me perder numa casa tão grandiosa. Um de seus escravos poderia me guiar, mas vejo que todos estão ocupados...

– Está bem. – Neril fez um sinal impaciente com a mão. – Vou mandar um escravo buscar você. *Logo* – ela acrescentou, direcionando esta última palavra a Kestrel. Em seguida, voltou a atenção para os próximos convidados da fila.

A casa do governador era de estilo valoriano, construída depois da conquista, portanto o corredor de recepção levava a uma câmara de escudos. Escudos ornamentados com relevos enfeitavam as paredes e cintilavam sob a luz das tochas enquanto os convidados conversavam e bebiam.

Um escravo doméstico colocou uma taça de vinho na mão de Kestrel, que a

ergueu até os lábios.

A taça caiu de suas mãos, e o vinho se derramou perto de seus sapatos. As pessoas pararam de conversar e a fitaram.

– Desculpe – Arin murmurou. – Eu tropecei.

Kestrel sentiu o calor na maneira como todos olhavam para ela. Para ele. Para ela, parada junto dele. Ela notou Neril, ainda visível entre o corredor de recepção e a câmara dos escudos, se virar e analisar a cena. A mulher revirou os olhos. Pegou um escravo pelo cotovelo e o empurrou na direção de Kestrel e Arin.

– Kestrel, não beba vinho hoje – Arin disse.

– Como assim? Por que não?

O escravo de Neril se aproximou.

– Você precisa ficar com a cabeça clara – Arin disse a ela.

– Minha cabeça está perfeitamente clara – ela falou baixo, sem que a multidão murmurante pudesse ouvir. – O que há de *errado* com você, Arin? Você pede para me acompanhar num evento a que acha que eu não devo ir, fica em silêncio o caminho todo na carruagem, e *agora*...

– Só me prometa que não vai beber.

– Muito bem. Não vou beber, se é tão importante para você. – Será que esse momento, como outros no jantar de Irex, ocultava algum trauma de Arin que ela não conseguia ver? – Mas o que...

– Arin. – Era o escravo de Neril. O homem parecia surpreso ao vê-lo, mas também contente. – Pediram para você me acompanhar.



Quando Arin entrou na cozinha, os herranis ficaram em silêncio. Ele viu as expressões mudarem, e a maneira como olharam para ele o fez sentir como se houvesse algo pegajoso em sua pele.

Como se ele fosse um herói.

Ele os ignorou, passando por lacaios e serviçais até chegar ao cozinheiro, que assava um leitão num espeto sobre o fogo. Arin o pegou pelo braço.

– *Que vinho?* – ele perguntou. Depois que o veneno fosse servido, a

destruição cairia sobre todos os valorianos naquela casa.

– Arin – o cozinheiro sorriu –, pensei que você estaria na propriedade do general hoje.

– Que vinho?

O cozinheiro pestanejou, finalmente entendendo a urgência na voz de Arin.

– É um vinho de maçãs, gelado, muito doce, doce o bastante para ocultar o veneno.

– Quando?

– Quando será servido? Ora, depois da terceira dança.

DEPOIS DA ENTRADA, O SALÃO DE BAILE RESS

gargalhadas e conversas sonoras. O calor fervilhava sobre a soleira até o corredor onde Kestrel estava.

Ela entrelaçou os dedos, tensa. Estava nervosa.

Ela *parecia* nervosa.

Ninguém poderia saber como ela se sentia.

Finalmente, separou as mãos e entrou no salão de baile.

Fez-se um silêncio súbito. Se as janelas estivessem abertas e o ar corresse por entre as pessoas, Kestrel teria ouvido os candelabros tilintando, tamanho o silêncio.

Os rostos esfriaram. Um a um, foram desviando o olhar.

Ela vasculhou a multidão em busca de um amigo e só percebeu que estava segurando a respiração quando encontrou Benix. Sorriu. Caminhou na direção dele.

Ele a viu, ela sabia. Mas seus olhos se recusaram a vê-la. Era como se ela fosse transparente. Feito gelo, ou vidro, ou algo igualmente quebradiço.

Ela parou.

Benix deu as costas para ela. Virou-se para o outro lado do salão.

Os murmúrios começaram. Irex, um pouco afastado mas não longe o bastante, riu e disse algo no ouvido de lady Faris. O rosto de Kestrel ardeu de vergonha, mas ela não conseguiu recuar. Não conseguiu se mover.

Ela viu primeiro o sorriso. Depois, o rosto. Era o capitão Wensan, vindo resgatá-la, desviando das pessoas. Ele a convidaria para a primeira dança e as aparências seriam salvas, pelo menos por enquanto, mesmo se sua reputação estivesse destruída. E ela aceitaria, já que não tinha outra escolha além de aceitar a pena do capitão.

Pena. Aquele pensamento afugentou o rubor de seu rosto.

Ela examinou a multidão. Antes que o capitão conseguisse alcançá-la, abordou um homem solitário. O senador Caran tinha duas vezes a idade de Kestrel. Tinha o cabelo fino, o rosto também. Sua reputação era impecável,

talvez porque fosse tímido demais para se destacar na alta sociedade.

– Me convide para dançar – ela disse baixinho.

– Perdão?

Pelo menos ele estava falando com ela.

– Me convide para dançar – ela repetiu – ou vou contar para todo mundo o que sei sobre você.

A boca aberta dele se fechou subitamente.

Kestrel não sabia nenhum segredo de Caran. Talvez ele não tivesse nenhum. Mas ela estava contando que ele tivesse medo demais para correr o risco.

Ele a convidou para dançar.

Obviamente, ele não era a escolha ideal. Mas Ronan não havia chegado e Benix ainda se recusava a olhar para ela. Ou ele tinha mudado de opinião sobre ela desde o duelo ou lhe faltava coragem na ausência de Ronan e Jess. Ou talvez simplesmente não estivesse mais disposto a afundar sua reputação.

A dança começou. Caran permaneceu em silêncio o tempo inteiro.

Os instrumentos foram diminuindo, um alaúde tocou um acorde suave e decrescente até a música parar. Kestrel se distanciou. Caran lhe fez uma reverência acanhada e saiu.

– Bom, *isso* não pareceu nada divertido – disse uma voz atrás dela. Kestrel se virou e sentiu um alívio tomar conta de si.

Era Ronan.

– Estou envergonhado – ele continuou. – Profundamente envergonhado por ter me atrasado tanto que você teve de dançar com um parceiro tão insosso quanto Caran. Como isso foi acontecer?

– Eu o chantageei.

– Ah. – Os olhos de Ronan se encheram de preocupação. – Então as coisas não estão indo bem.

– Kestrel! – Jess cortou a multidão e se aproximou. – Pensamos que você não viria. Se soubéssemos, teríamos chegado antes. – Jess pegou a mão dela e a puxou para o canto da pista de dança. Ronan as seguiu. Atrás deles, os convidados começaram a segunda dança. – Na verdade – Jess continuou –, nós quase não viemos. Ronan estava tão *desinteressado*, dizendo que não tinha por que vir se não pudesse ficar com você.

– Minha querida irmã – Ronan disse –, já chegou a minha vez de

compartilhar seus segredos?

– Bobinho. Eu não tenho segredos. Nem você, quando o assunto é Kestrel. Certo? – Jess olhou de um para outro, triunfante. – Tem, Ronan?

Ele beliscou a parte de cima do próprio nariz, franzindo as sobrancelhas numa expressão atormentada.

– Não mais.

– Você está linda, Kestrel – Jess disse. – Eu estava certa sobre o vestido, não? E a cor vai combinar perfeitamente com o vinho gelado de maçã.

Kestrel se sentia tonta, sem saber ao certo se pelo alívio de ver seus amigos ou pela confissão forçada de Ronan. Ela sorriu.

– Você escolheu o tecido do meu vestido para combinar com o vinho?

– É um vinho *especial*. Lady Neril tem muito orgulho dele. Ela me falou há meses que planejava importar vários barris da capital para o baile, e eu pensei que era fácil demais combinar um vestido simplesmente com joias, adagas e sapatos. Mas uma taça de vinho numa mão é muito semelhante a uma joia, não é? Uma joia líquida e grande?

– É melhor eu tomar uma taça então. Para completar o conjunto. – Kestrel não tinha esquecido a promessa que fizera a Arin de não beber, mas quis esquecê-la, junto com tudo mais a respeito dele.

– Ah, sim – disse Jess. – Você precisa. Não concorda, Ronan?

– Não concordo. Concordo com tudo que Kestrel quiser que eu concorde, especialmente se ela quiser dançar comigo. Se não me engano, vai haver uma última dança antes desse lendário vinho ser servido.

A felicidade de Kestrel vacilou.

– Eu adoraria, mas... seus pais não vão se importar?

Ronan e Jess trocaram olhares.

– Eles não estão aqui – Ronan disse. – Viajaram para passar a temporada de inverno na capital.

O que significava que, se eles estivessem ali, eles se *oporiam* – assim como quaisquer pais, dado o escândalo em torno de Kestrel.

Ronan viu isso no rosto dela.

– Não importa o que eles pensam. Dance comigo.

Ele pegou a mão dela e, pela primeira vez em muito tempo, ela se sentiu segura. Ele a puxou até o centro da pista e guiou os movimentos da dança.

Ronan não falou nada por alguns momentos, depois tocou uma trança fina que descia como um cacho pela bochecha de Kestrel.

– Que lindo isso.

A lembrança das mãos de Arin a deixaram tensa.

– Maravilhoso? – Ronan tentou de novo. – Transcendental? Kestrel, o adjetivo certo não foi inventado para descrever você.

Ela experimentou um tom descontraído.

– O que as damas vão fazer quando esse tipo de flerte exagerado não estiver mais na moda? Queremos ser mimadas.

– Você sabe que isso não é só um flerte – Ronan disse. – Sempre soube.

Kestrel sabia, era verdade, por mais que não quisesse tirar esse conhecimento da sua cabeça para olhar para ele e realmente vê-lo. Sentiu uma pontada de pavor.

– Case comigo, Kestrel.

Ela perdeu o ar.

– Sei que as coisas andam difíceis – Ronan continuou – e que você não merece isso. Você precisou ser tão forte, tão orgulhosa, tão inteligente. Mas todo esse aborrecimento vai desaparecer no instante em que anunciamos nosso noivado. Você pode voltar a ser você mesma.

Ela já era forte. Orgulhosa. Inteligente. Quem ele pensava que ela era, senão a pessoa que o derrotava impiedosamente em toda partida de Morder e Picar? A pessoa que lhe entregara o dote da morte de Irex e dissera exatamente o que fazer com aquilo? Porém, Kestrel conteve suas palavras. Ela se recostou no braço dele. Era fácil dançar com Ronan. Seria fácil dizer sim.

– Seu pai vai ficar feliz. Meu presente de casamento para você vai ser o melhor piano que a capital puder oferecer.

Kestrel olhou em seus olhos.

– Ou fique com o seu – ele corrigiu, rápido. – Sei que você é apegada a ele.

– É só que... você é muito gentil.

Ele deu uma risada breve e nervosa.

– Não tem nada a ver com gentileza.

A dança ficou mais lenta. Logo chegaria ao fim.

– Então? – Ronan parou, ainda que a música continuasse e os dançarinos girassem ao redor. – O que... enfim, o que você acha?

Kestrel não sabia o que pensar. Ronan estava oferecendo tudo que ela poderia querer. Por que, então, as palavras dele a deixavam triste? Por que ela sentia como se algo tivesse se perdido? Com cuidado, ela disse:

- Os motivos que você me deu não são motivos para casar.
- Eu te amo. Não é motivo suficiente?

Talvez. Talvez fosse. Mas, quando a música silenciou, Kestrel avistou Arin à beira da multidão. Ele a observava com uma expressão estranha, angustiada. Como se ele também estivesse perdendo algo, ou já tivesse perdido.

Ela o viu e não entendeu como nunca tinha enxergado sua beleza. Não entendeu como aquela beleza não a atingira antes como atingia agora, feito um golpe.

- Não – Kestrel sussurrou.
- O quê? – A voz de Ronan cortou o silêncio.
- Desculpe.

Ronan se virou para encontrar o alvo do olhar de Kestrel. Pragou.

Kestrel saiu andando, passando por escravos que seguravam bandejas carregadas de vinho de um dourado pálido. As luzes e as pessoas se misturavam diante do ardor de seus olhos. Ela atravessou as portas, desceu o corredor, saiu do solar e adentrou a noite escura, sabendo, mesmo sem ver, ouvir ou tocar, que Arin estava ao seu lado.



Kestrel não entendia por que os bancos da carruagem tinham de ser de frente um para o outro. Por que não podiam ter sido projetados para momentos como aquele, quando tudo que ela queria era se esconder? Lançou um olhar para Arin. Ela não tinha mandado que as lamparinas da carruagem fossem acesas, mas o luar era forte e banhava Arin de prata. Ele olhava fixamente pela janela, para o palácio do governador, que ia ficando menor conforme a carruagem se movia de volta para casa. Então tirou os olhos da janela com uma virada súbita da cabeça e se afundou no banco, com o rosto tomado pelo que parecia um alívio espantado.

Kestrel sentiu uma centelha de curiosidade instintiva. Depois se lembrou, amargurada, de que era isto que a curiosidade havia lhe custado: cinquenta

pilares por um cantor que se recusava a cantar, um amigo que não era seu amigo, alguém que era dela mas que nunca seria dela. Kestrel tirou os olhos de Arin. Jurou que nunca mais voltaria a olhar para ele.

Com a voz suave, ele disse:

– Por que você está chorando?

As palavras dele fizeram as lágrimas caírem mais rápido.

– Kestrel.

Ela inspirou, trêmula.

– Porque, quando meu pai voltar, vou admitir que ele venceu. Vou entrar para o Exército.

Instalou-se um silêncio.

– Não entendo por quê.

Kestrel encolheu os ombros. Ela não deveria se importar com a compreensão dele.

– Você vai desistir da música?

Sim. Ela desistiria.

– Mas seu acordo com o general era para a primavera. – Arin ainda estava confuso. – Você tem até a primavera para casar ou se alistar. Ronan... Ronan pediria ao deus das almas por você. Ele vai pedir você em casamento.

– Ele pediu.

Arin não disse nada.

– Mas eu não posso – ela disse.

– Kestrel.

– Não posso.

– Kestrel, por favor, não chore.

Dedos vacilantes tocaram o rosto dela. Um polegar desceu pela pele úmida de seu maxilar. Ela sofreu com a angústia de saber que o que o levava a fazer aquilo não era mais do que compaixão. Ele a estimava. Mas não o suficiente.

– Por que não pode se casar com ele? – ele sussurrou.

Ela quebrou a promessa que tinha feito a si mesma e olhou para ele.

– Por sua causa.

A mão de Arin se crispou contra a bochecha dela. Ele baixou a cabeça e sumiu em suas próprias sombras. Então, desceu do banco e se ajoelhou diante de Kestrel. Suas mãos caíram sobre os punhos no colo dela e os afastou com

delicadeza, segurando-os como se pegasse água. Inspirou antes de falar.

Ela o teria impedido. Teria desejado ser surda, cega, feita de fumaça insensível. Teria impedido as palavras dele por pavor, desejo. Pela forma como pavor e desejo tinham se tornado indissociáveis.

Entretanto, ele segurava suas mãos, e não havia nada que ela pudesse fazer.

Ele disse:

– Quero o mesmo que você.

Kestrel retirou as mãos. Não era possível que as palavras dele significassem o que pareciam.

– Não tem sido fácil para mim. – Arin ergueu o rosto para que ela pudesse ver sua expressão. Uma emoção profunda tomava conta de seu rosto, se oferecendo e pedindo para ser chamada pelo nome correto.

Esperança.

– Mas você já entregou seu coração – ela observou.

Ele franziu a testa, e depois voltou ao normal.

– Ah, não. Não é como você pensa. – Ele riu um pouco, baixinho, mas um tanto feroz. – Me pergunte por que eu ia ao mercado.

Aquilo era crueldade.

– Nós dois sabemos por quê.

Ele fez que não.

– Finja que ganhou uma partida de Morder e Picar. Por que eu ia? Pergunte.

Não era para ver uma pessoa que não existe.

– Ela... não existe?

– Eu menti.

Kestrel pestanejou.

– Então por que você ia ao mercado?

– Porque queria me sentir livre. – Arin ergueu a mão para empurrar o ar ao lado da têmpora. Depois a deixou cair, encabulado.

Kestrel entendeu de repente o gesto que já tinha visto tantas vezes. Era um hábito antigo. Ele estava afastando um fantasma, o cabelo que ela tinha dado ordens de cortar.

Ela se debruçou e beijou a testa dele.

A mão de Arin segurava a dela com leveza. Sua bochecha roçava contra a dela. Então os lábios dele tocaram a sua sobrancelha, seus olhos fechados, a

linha onde seu maxilar encontrava a garganta.

A boca de Kestrel encontrou a dele. Ela tinha os lábios ainda salgados de lágrimas, e aquele gosto, o gosto dele, de seu beijo se aprofundando, a encheu com a sensação da risada baixa dele momentos antes. Uma suavidade feroz, uma ferocidade suave. Nas mãos dele, subindo pelo vestido fino. No calor dele, queimando sua pele... e dentro dela, afundando-se dentro dele.

Ele se afastou um pouco.

– Eu não te contei tudo – ele disse.

A carruagem chacoalhou, jogando o peso do corpo dele contra o dela, e depois para longe novamente.

Kestrel sorriu.

– Você tem outros amigos imaginários?

– Eu...

Uma explosão distante ecoou pela noite. Um dos cavalos relinchou. A carruagem tremeu, batendo a cabeça de Kestrel contra o caixilho da janela. Ela ouviu o grito do cocheiro, o estalar do chicote. A carruagem parou. O cabo da adaga de Kestrel se afundou em seu torso.

– Kestrel? Você está bem?

Zonza, ela tocou a lateral da cabeça. Seus dedos voltaram úmidos.

Houve uma segunda explosão. A carruagem chacoalhou novamente com os cavalos assustados, mas a mão de Arin segurou Kestrel com firmeza. Ela olhou pela janela na direção da cidade, e viu um brilho tênue no céu.

– O que foi isso?

Arin ficou em silêncio. Depois disse:

– Pólvora negra. A primeira explosão foi no barracão da guarda da cidade. A segunda no depósito de armas.

Poderia ter sido um palpite, mas não soava como um. Metade de Kestrel compreendia o que significava Arin saber aquilo, mas a outra metade ignorou esse conhecimento, deixando-a entender apenas as implicações se ele estivesse certo.

A cidade estava sob ataque.

Os guardas tinham sido mortos enquanto dormiam.

Os inimigos estavam saqueando armas do arsenal.

Kestrel saiu cambaleando pela porta da carruagem.

Arin estava logo atrás dela.

– Kestrel, é melhor você voltar para a carroça.

Ela o ignorou.

– Você está sangrando – ele disse.

Kestrel olhou para o cocheiro hirani puxando as rédeas e xingando os cavalos agitados. Ela viu a luz que crescia no centro da cidade, um claro sinal de fogo. Olhou para a estrada à frente. Estavam a poucos minutos de casa.

Kestrel deu um passo em direção à mansão.

– Não. – Arin pegou o braço dela. – Precisamos voltar juntos.

Os cavalos se acalmaram. O ritmo irregular de suas respirações e cascos batendo flutuaram na noite enquanto Kestrel digeria a palavra de Arin: *precisamos*.

A porta que ela havia trancado em sua mente se abriu com tudo.

Por que Arin não tinha deixado que ela bebesse o vinho?

O que havia de errado com o vinho?

Ela pensou em Jess e Ronan e em todos os dançarinos no baile.

– Kestrel. – A voz de Arin era baixa, mas insistente. O começo de uma explicação que ela não queria ouvir.

– Me solte.

Ele retirou a mão. Kestrel viu que Arin notara a compreensão dela dos acontecimentos recentes. Ela entendera que, o que quer que estivesse acontecendo naquela noite, não era surpresa para ele. Que o que quer que a esperava em casa era tão perigoso quanto pólvora negra ou vinho envenenado.

Tanto Arin quanto Kestrel sabiam que eram poucas as opções dela ali, naquela estrada, sozinha, à noite.

– O que está acontecendo? – O cocheiro hirani desceu do seu banco e se aproximou, depois olhou para o cume escuro de uma montanha contra a luz fraca da cidade. Encontrou os olhos de Arin. – O deus da vingança chegou – murmurou.

Kestrel sacou a adaga e a pressionou contra a garganta do cocheiro.

– Malditos sejam seus deuses – ela disse. – Destrelle um cavalo.

– Não – Arin disse ao homem, que engoliu em seco contra a lâmina de Kestrel. – Ela não vai te matar.

– Sou valoriana. Eu vou.

– Kestrel, as coisas vão... mudar, depois desta noite. Mas me dê uma chance de explicar.

– Acho que não.

– Então pense. – Sob o luar, o maxilar de Arin se endurecia em uma linha preta. – O que você vai fazer depois que matar o cocheiro? Me atacar? Vai conseguir?

– Vou me matar.

Arin deu um passo para trás.

– Você não faria isso. – Mas havia medo nos olhos dele.

– Que tal um suicídio de honra? Todas as crianças valorianas aprendem a se suicidar quando chegam à maioridade. Meu pai me ensinou como fazer.

– Não. Você não faria. Você fica no jogo até o fim.

– Os herranis foram escravizados porque eram muito ruins em matar e muito covardes para morrer. Eu falei que não queria matar, não que jamais mataria. E nunca disse que tinha medo da morte.

Arin olhou para o cocheiro.

– Destrele os dois cavalos.

Kestrel manteve a faca firme enquanto o cocheiro soltava o primeiro cavalo do arreio.

Quando ela montou no dorso sem sela, Arin pulou para cima dela. Ela esperava por isso, e tinha a vantagem da altura e de um tamanco de salto de madeira. Deu um chute na testa dele, o viu cambalear, afundou a mão na crina do cavalo e o obrigou a galopar.

Kestrel podia ver o suficiente sob a luz da lua para desviar dos sulcos fundos na estrada. Concentrou-se nisso, e não na traição queimando sua pele, cauterizando sua boca. Os sapatos caíram de seus pés, e as tranças batiam contra suas costas.

Não demorou para que ela ouvisse cascos atrás dela.



O portão da propriedade estava aberto, e a trilha, coberta de corpos da guarda do general. Kestrel avistou Rax, com os olhos inertes e fixos. Uma espada curta estava enfiada em seu intestino.

O cavalo dela atravessava o terreno rapidamente em direção à casa quando a flecha de uma besta silvou pelo ar e perfurou o torso do animal.

O cavalo berrou. Kestrel foi jogada no chão. Atordoada, ficou ali. Então os dedos de sua mão direita perceberam o que faltava e começaram a tatear em busca da faca.

Sua mão se fechou em volta do cabo no exato momento em que uma bota se materializou no seu campo de visão. O calcanhar se afundou na terra invernal, a sola pairou sobre seus dedos.

— É a dona da casa — disse o leiloeiro. Kestrel o encarou, e depois olhou para a besta que ele portava com tranquilidade. Notou a forma como ele a examinava, passando dos pés descalços ao vestido rasgado e à testa sangrando. — A pianista. — Sua bota baixou e fez uma leve pressão sobre os ossos de seus dedos. — Solte a faca ou vou esmagar sua mão.

Kestrel soltou.

Ele a pegou pela nuca e a levantou. A respiração dela estava rápida e curta de medo. Ele sorriu, e ela viu nele o que tinha visto no fosso, oferecendo Arin. *Este escravo foi treinado como ferreiro. Seria perfeito para qualquer soldado, especialmente para um oficial com uma guarda própria e armas para cuidar.*

Nenhum valoriano na cidade tinha guarda própria, exceto o general Trajan.

Kestrel se lembrou da maneira como o leiloeiro tinha olhado nos olhos dela naquele dia. Da sua alegria, quando ela fizera a oferta. Da sua expressão, quando outros começaram a participar. Ele não estava animado por ver o preço subir, Kestrel entendeu. Estava ansioso.

Como se a venda de Arin fosse direcionada a *ela* e apenas ela.

O chão tremeu com a aproximação de cascos.

O sorriso do leiloeiro se abriu ainda mais quando Arin parou o cavalo. O leiloeiro fez sinal para as sombras das árvores. Herranis armados surgiram. Eles apontaram as armas contra Kestrel.

O leiloeiro caminhou na direção de Arin, que desceu do cavalo. Colocou uma mão na bochecha dele, e Arin fez o mesmo. Eles ficaram parados, criando uma imagem que Kestrel tinha visto apenas em obras de arte herranis cobertas de pó. Era um gesto de amizade tão profunda quanto um parentesco.

Os olhos de Arin encontraram os dela.

– Você é o deus das mentiras – ela sussurrou, furiosa.

ELES A LEVARAM ATÉ A CASA. KESTREL NÃO D
enquanto pedras e gravetos cortavam seus pés descalços. Quando o leiloeiro a empurrou pela entrada, ela deixou pegadas sangrentas no piso.

Mas se distraiu com uma visão. Harman, seu mordomo, estava flutuando na fonte de barriga para baixo, com o cabelo louro ondulando feito alga marinha.

Os escravos do general estavam amontoados no corredor atrás da fonte, gritando perguntas aos homens armados, cujas respostas eram uma mistura de frases como: “Conquistamos a cidade”, “O governador morreu” e, várias e várias vezes, “Vocês estão livres”.

– Cadê a governanta? – o leiloeiro perguntou.

Houve uma agitação entre os escravos. Eles não empurraram a governanta valoriana à frente, mas deram um passo para o lado para revelá-la.

O leiloeiro pegou a mulher pelos ombros, a jogou contra a parede, pressionou o braço largo contra o peito dela e sacou uma faca.

Ela começou a chorar.

– Pare – Kestrel disse. Ela avançou na direção dos escravos. – Parem com isso. Ela era boa com vocês.

Eles não se moveram.

– Boa com vocês? – o leiloeiro lhes perguntou. – Ela era boa quando mandava vocês lavarem as latrinas? Quando batia em vocês por terem quebrado um prato?

– Ela não machucaria ninguém. – A voz de Kestrel saiu aguda, com um medo que ela não conseguia mais conter, que a fez dizer a coisa errada. – Eu não teria permitido.

– Você não manda mais aqui – o leiloeiro disse, e cortou a garganta da mulher.

Ela caiu contra as flores pintadas na parede, sufocando em seu próprio sangue, pressionando as mãos no pescoço como se pudesse segurar tudo dentro dela. O leiloeiro não recuou. Deixou que o sangue o banhasse até ela cair no chão.

– Mas ela não fez nada. – Kestrel não se deteve, mesmo sabendo que era idiota, extremamente idiota, abrir a boca. – Ela só fazia o que eu a pagava para fazer.

– Kestrel. – A voz de Arin era cortante.

O leiloeiro virou para encará-la, erguendo mais uma vez a faca. Kestrel teve tempo suficiente para visualizar um martelo contra uma bigorna, para pensar em todas as armas que Arin tinha forjado, e perceber que, se ele quisesse fazer mais por fora, não teria sido difícil.

O leiloeiro avançou contra ela.

Nem um pouco difícil.

– Não – Arin disse. – Ela é minha.

O homem parou.

– O quê?

Arin caminhou na direção deles, pisando no sangue da governanta. Parou ao lado do leiloeiro, com a postura tranquila e relaxada.

– Ela é minha. Minha recompensa. Pagamento pelos serviços feitos. Espólio de guerra. – Arin deu de ombros. – Chame-a como quiser. Chame-a de minha escrava.

A vergonha tomou conta de Kestrel. Tão venenosa quanto o que quer que seus amigos tinhama bebido no baile.

Devagar, o leiloeiro disse:

– Estou um pouco preocupado com você, Arin. Acho que perdeu a clareza da situação.

– Tem algo de errado em tratá-la como ela me tratou?

– Não, mas...

– O Exército valoriano vai voltar. Ela é filha do general. É valiosa demais para desperdiçarmos.

O leiloeiro guardou a faca, mas Kestrel não conseguiu guardar seu medo. Aquela alternativa inesperada à morte não lhe parecia melhor.

– Lembre-se do que aconteceu com seus pais – o leiloeiro falou a Arin. – Lembre-se do que os soldados valorianos fizeram com sua irmã.

O olhar de Arin se voltou para Kestrel, cortante.

– Eu lembro.

– Mesmo? Onde você estava durante o ataque à propriedade? Pensei que

encontraria meu braço direito aqui. Em vez disso, você estava na festa.

– Porque descobri que um escravo da capitania do porto estaria lá. Ele me deu informações valiosas. Ainda precisamos lidar com os navios mercantes, Logro. Mande-me para lá. Deixe que eu faça isso para você. – A necessidade de agradar aquele homem estava clara no rosto de Arin.

Logro também viu isso. Suspirou.

– Leve alguns soldados. Você vai encontrar outros nas docas. Tome todos os navios ou os queime. Se um sequer partir para alertar o império de que tomamos a cidade, esta vai ser uma revolução muito curta.

– Vou cuidar disso. Eles não vão deixar o porto.

– Talvez alguns já tenham deixado. Os marinheiros a bordo devem ter ouvido as explosões.

– É mais um motivo para esperarem seus companheiros em terra voltarem.

Logro reconheceu aquilo com uma expressão de otimismo contido.

– Vá. Vou limpar o que sobrou na casa do governador.

Kestrel pensou em seus amigos. Olhou para o sangue no chão. Não estava vendo ou ouvindo quando Arin caminhou na sua direção. Então o leiloeiro disse:

– As mãos.

Ela ergueu os olhos. O olhar de Arin se voltou para os punhos dela.

– Claro – ele respondeu ao leiloeiro, e Kestrel entendeu que eles tinham acabado de discutir a melhor maneira de ameaçá-la.

Seu braço ficou mole quando Arin o pegou. Ela lembrou do leiloeiro no fosso, no auge do verão. *Este rapaz sabe cantar*, ele dissera. Ela lembrou da bota do homem sobre sua mão. Do fato de que a cidade inteira sabia da sua inclinação por música. Quando Arin a tirou da sala, Kestrel pensou que essa poderia ser a maior de todas as dores.

Que eles tinham usado algo que ela amava contra ela.



Ela tinha jurado a si mesma que não falaria com Arin, mas então ele disse:

– Você vem comigo para o porto.

Ela ficou tão surpresa que respondeu:

– Para fazer o quê? Por que não me tranca nos barracões? Seria a prisão perfeita para a sua recompensa.

Ele continuou a guiá-la pelos corredores da casa.

– A menos que Logro mude de ideia sobre você.

Kestrel imaginou o leiloeiro destrancando a porta da cela.

– Imagino que morta eu não valha muito.

– Eu nunca deixaria isso acontecer.

– Que preocupação tocante com uma vida valoriana. Como se você não tivesse deixado seu líder matar aquela mulher. Como se não fosse responsável pela morte dos meus amigos.

Eles pararam diante da porta da suíte de Kestrel. Arin a encarou.

– Vou deixar todos os valorianos da cidade morrerem se isso mantiver você viva.

– Como Jess? – Os olhos dela umedeceram com lágrimas súbitas não derramadas. – Ronan?

Arin desviou o olhar. Sua pálpebra estava começando a enegrecer onde ela o tinha chutado.

– Passei dez anos como escravo. Não conseguia mais. O que você imaginou hoje, na carruagem? Que eu não veria mal em sempre ter medo de te tocar?

– *Aquilo* não tem nada a ver. Eu não sou idiota. Você se vendeu para mim com a *intenção* de me traír.

– Mas eu não conhecia você. Eu não sabia como você...

– Tem razão. Você não me conhece. Você é um estranho.

Ele apoiou a mão contra a porta.

– E as crianças valorianas? – ela perguntou. – O que vocês fizeram com elas? Envenenaram todas também?

– *Não*. Kestrel, não, claro que não. Elas vão ser cuidadas. Com conforto. Pelas amas. Isso sempre foi parte do plano. Você acha que somos monstros?

– Acho que você é.

Seus dedos se curvaram contra a porta. Ele a abriu.

Arin a guiou para o vestiário, abriu o guarda-roupa e vasculhou suas roupas. Pegou uma túnica, uma calça justa e uma jaqueta pretas, e as jogou para Kestrel.

Com frieza, ela disse:

– Este é um uniforme de luta ceremonial. Você espera que eu lute um duelo nas docas?

– Você está chamativa demais. – Havia algo de estranho na voz dele. – No escuro. Você... parece uma chama acesa. – Ele encontrou outra túnica preta e a rasgou entre as mãos. – Toma. Amarre isso em volta do cabelo.

Kestrel ficou parada, com o pano preto caído em seus braços enquanto lembrava a última vez que tinha usado aquelas roupas.

– Troque de roupa – Arin disse.

– Saia daqui.

Ele balançou a cabeça.

– Não vou olhar.

– Verdade. Não vai olhar porque vai *sair*.

– Não posso deixar você sozinha.

– Não seja idiota. O que posso fazer? Reconquistar a cidade sozinha, do conforto do meu vestiário?

Arin passou a mão no cabelo.

– Você pode se matar.

Amargurada, ela disse:

– Pensei que estivesse claro pela maneira como deixei você e seu amigo me empurrarem de um lado para o outro que quero continuar viva.

– Você pode mudar de ideia.

– E fazer o quê, exatamente?

– Você pode se enforcar com o cinto da adaga.

– Então leve o cinto.

– Você pode usar as roupas. A calça.

– Enforcamento é uma forma indigna de morrer.

– Pode quebrar o espelho da penteadeira e se cortar. – A voz de Arin estava estranha de novo. – Kestrel, eu não vou olhar.

Ela entendeu por que as palavras dele soaram duras. Em algum momento, ela tinha passado a falar em valoriano e ele a tinha acompanhado. Era o seu sotaque que ela estava ouvindo.

– Prometo – ele disse.

– Suas promessas não têm valor. – Kestrel deu as costas e começou a se despir.

ELE PEGOU O CAVALO DELA.

Kestrel entendeu a lógica. Sua carruagem tinha sido abandonada na estrada e os estábulos estavam praticamente vazios, já que muitos cavalos tinham sido levados com seu pai. Dardo era o melhor dos que restaram. Na guerra, as propriedades ficavam com quem quer que as conquistasse, então o garanhão era de Arin. Mas aquilo doía.

Ele a examinou com desconfiança enquanto selava Dardo. Os estábulos ressoavam com o barulho dos outros herranis preparando cavalos, os animais farejando ao sentir a tensão humana, os baques da madeira sob cascos e pés. Arin, porém, estava quieto, observando Kestrel. A primeira coisa que ele fez ao entrar no estábulo foi pegar um par de rédeas, cortar o couro com a faca, amarrar as mãos de Kestrel e colocá-la sob sua guarda. Não importava que ela estivesse impotente. Ele a vigiava como se não estivesse.

Ou talvez Arin só estivesse contemplando a dificuldade de levar uma cativa no dorso de um cavalo pela cidade até o porto. Isso teria dado certa satisfação a Kestrel se ela não soubesse o que ele devia fazer.

Ele devia deixá-la inconsciente, se quisesse mesmo manter sua recompensa. Matá-la, se mudasse de ideia. Prendê-la, se as outras opções fossem muito trabalhosas.

Ela viu as respostas tão claramente quanto ele devia ver.

Alguém chamou Arin. Ele e Kestrel se viraram. Uma herrani estava apoiada na porta do estábulo, arfando. Seu rosto estava empapado de suor. Ela parecia familiar, e Kestrel entendeu o porquê na mesma hora em que entendeu por que a mulher estava ali.

Ela era uma das escravas do governador. Tinha vindo como mensageira, trazendo notícias do que tinha acontecido no baile depois que Kestrel e Arin partiram.

Arin caminhou na direção dela. Kestrel tentou fazer o mesmo, mas foi puxada para trás pelo seu guarda. Arin a fitou, e ela não gostou daquele olhar. Era a expressão de alguém que tinha acabado de ganhar uma vantagem.

Como se ele precisasse de mais alguma.

– Em particular – ele disse à mulher. – Depois conte para o Logro, se é que já não contou.

Arin e a escrava do governador saíram do estábulo. A porta se fechou atrás deles.

Quando voltou, estava sozinho.

– Meus amigos morreram? – Kestrel perguntou. – Me diga.

– Vou dizer depois de colocá-la no cavalo, e você não vai resistir, depois que eu estiver sentado atrás de você, e não vai ter nenhuma ideia espertinha para me empurrar do cavalo. Vou dizer só quando tivermos chegado ao porto.

Ele se aproximou. Ela não falou nada, então concluiu que Kestrel tinha concordado, ou talvez ele não quisesse ouvir sua voz mais do que ela queria falar. Arin não esperou uma resposta. Colocou Kestrel no lombo de Dardo e se acomodou atrás dela num movimento rápido e fluido. Kestrel sentiu o corpo dele se ajustar ao dela.

A proximidade foi um choque. Decidiu, porém, aceitar o acordo. Ela não fez sinal para Dardo recuar. Não bateu a cabeça contra o queixo de Arin. Decidiu se comportar. Concentrou-se no que importava.

Aquele beijo não tinha significado nada. Nada. Tudo que restava eram as peças que ela havia tirado e como iria jogar.

Os cavalos saíram dos estábulos a pleno galope.



Kestrel sentiu Arin suspirar assim que avistaram o porto, e soube que era de alívio, já que todos os barcos que tinha visto naquela manhã ainda estavam lá. Ficou desapontada, mas não surpresa, pois sabia, desde que aprendera a velejar, que as tripulações viam seus navios como ilhas. Os marinheiros a bordo não consideravam que uma ameaça em terra fosse uma ameaça a eles, e a lealdade a seus companheiros os manteria ancorados enquanto pudessem esperar em segurança. Quanto aos pescadores, donos dos barcos menores, quase todos tinham casas na costa, e estariam lá, em meio à densa fumaça de pólvora negra e às chamas e aos corpos de que Dardo havia desviado enquanto atravessavam a cidade. Os pescadores que tivessem dormido em seus barcos dificilmente

arriscariam velejar para a capital durante o auge da estação de tempestades verdes, e Kestrel viu nuvens se acumulando na noite enquanto cavalgavam rumo ao porto. As embarcações menores eram especialmente vulneráveis.

Enquanto Kestrel pensava nisso, uma pequena ideia cintilou.

Os navios não podiam ser queimados. Muito menos os barcos de pesca. Ela poderia precisar de embarcações depois.

Arin desceu do cavalo e a pegou. Ela se crispou. Fingiu que não era por causa do toque dele, mas pelo ardor que sentiu quando seus pés machucados, enfiados nas botas de combate, tocaram o chão.

– Me conte – ela disse a Arin. – Me conte o que aconteceu no baile.

O rosto dele estava iluminado pela luz do fogo. O quartel da guarda da cidade estava em chamas, embora não ficasse perto das docas, e tinha mergulhado num caos infernal. O céu tinha uma aura laranja acinzentada.

– Ronan está bem – Arin disse.

Kestrel perdeu o ar. A escolha de palavras dele só podia significar uma coisa.

– Jess.

– Está viva. – Arin pegou as mãos amarradas de Kestrel.

Ela recuou.

Arin parou, depois olhou para os herranis em volta deles, que ouviam tudo. Eles olhavam para ela com ódio descarado, e para ele com desconfiança. Ele pegou os punhos dela e apertou os nós.

– Ela está mal – ele disse brevemente. – Bebeu um pouco do vinho envenenado.

As palavras tremularam em torno de Kestrel e, por mais que ela dissesse a si mesma para não demonstrar nada a ninguém, muito menos para Arin (jamais!), ela não pôde conter o medo.

– Ela vai sobreviver?

– Não sei.

Jess não está morta, Kestrel disse a si mesma. Ela não vai morrer.

– E Benix?

Arin balançou a cabeça.

Kestrel se lembrou de Benix virando as costas para ela no baile. A maneira como ele baixou os olhos. Lembrou também da sua gargalhada sonora e soube que poderia tê-lo provocado até ele admitir seu erro. Ela poderia ter lhe dito

que entendia como uma pessoa se sentia frágil quando estava sob os olhares da sociedade. Poderia ter feito tudo isso, se a morte não tivesse lhe roubado a chance de consertar essa amizade.

Ela não choraria. Não de novo.

– E o capitão Wensan?

Arin franziu a testa.

– Chega de perguntas. Agora você está armando. Não quer mais saber dos seus amigos, mas me atolar de perguntas ou procurar uma vantagem que não consigo ver. Ele não era nada para você.

Kestrel abriu a boca, depois fechou. Ela tinha uma resposta – e não queria corrigi-lo nem revelar mais nada de si.

– Não tenho tempo para lhe dar uma lista dos vivos e dos mortos, mesmo se tivesse uma – Arin disse.

Ele lançou um olhar rápido para os herranis armados, depois fez sinal com a mão ordenando que os seguissem. Os que ainda não tinham desmontado de seus cavalos o fizeram, e marcharam na direção da pequena construção perto das docas centrais, que abrigava a capitania do porto. Conforme se aproximavam, Kestrel viu outro grupo de herranis, vestidos com roupas de escravos estivadores. Eles cercavam a casa. Os únicos valorianos à vista jaziam mortos no chão.

– O capitão do porto? – Arin perguntou a um homem que parecia ser o líder desse grupo.

– Lá dentro – disse o herrani. – Sob guarda. – Seu olhar pousou em Kestrel.

– Me diga que isso não é o que eu estou pensando.

– Ela não importa. Está sob o meu comando, assim como você. – Arin abriu a porta. Kestrel viu a expressão defensiva na boca dele e o asco no rosto do homem. Embora já desconfiasse que os boatos sobre ela e Arin eram tão perturbadores para o povo dele como para o dela, só agora esse conhecimento assumira o potencial de uma arma.

Era bom que os herranis pensassem que ela era amante de Arin. Isso só os faria duvidar das intenções e da lealdade do homem que Logro havia chamado de seu braço direito no comando.

Kestrel seguiu Arin para dentro da capitania do porto.

O lugar cheirava a piche e cânhamo, já que o capitão vendia mercadorias,

além de trabalhar como uma espécie de escrivão, anotando no seu livro de registros quais navios chegavam, partiam ou ficavam ancorados em cada píer. A capitania estava abarrotada de barris de alcatrão e rolos de corda, e o cheiro do estaleiro era mais forte até do que o da urina que manchava as calças do capitão do porto.

O valoriano estava com medo. Embora as últimas horas tivessem abalado as crenças de Kestrel, o medo daquele homem a abalou mais ainda, porque ele estava na flor da idade. Tinha sido treinado como soldado, e sua função no porto era parecida com a da guarda da cidade. Se ele estava com medo, o que seria do princípio que dizia que um valoriano nunca temia nada?

Como os valorianos tinham sido tão facilmente surpreendidos, tão facilmente conquistados?

E ela tinha sido.

Por causa de Arin. Arin, que tinha agido como espião em sua casa. Arin, cuja mente sagaz vinha esculpindo um plano secreto, entalhando-o com armas feitas às escondidas, com informações que ela deixava escapar. Que havia tratado com desprezo as desconfianças dela sobre o suicídio do guarda da cidade, quando ela expôs que poderia não ter sido suicídio, mas um passo homicida em direção à revolução. Arin tinha dado pouca importância à estranheza do fato do senador Andrax vender pólvora negra aos bárbaros orientais – o que era óbvio, pois Arin sabia que ela não tinha sido vendida, mas roubada por escravos herranis.

Arin, que havia colocado anzóis no seu coração e atraído para ele de modo que não pudesse ver nada além de seus olhos.

Arin era o inimigo.

Todo inimigo devia ser vigiado. *Sempre identifique as vantagens e fraquezas de seu oponente*, seu pai dizia. Kestrel achou que deveria sentir gratidão por aquele momento, enfiada na capitania do porto com vinte e poucos herranis, e cinquenta outros esperando do lado de fora. Aquela era uma chance de ver se Arin era tão bom como líder quanto era como espião e jogador de Morder e Picar.

Talvez Kestrel pudesse aproveitar a oportunidade para virar o jogo a seu favor.

– Quero nomes – Arin disse ao capitão do porto – de todos os marinheiros

em terra no momento, e seus navios.

O capitão os entregou, com a voz trêmula. Kestrel viu Arin coçar a bochecha, considerando o homem, claramente pensando, assim como ela, que seu plano de conquistar ou queimar as embarcações exigiria o maior número possível de pessoas. Ninguém deveria ser deixado na costa para vigiar o capitão do porto, que já não tinha mais utilidade.

Matá-lo era o próximo passo mais óbvio e rápido.

Arin acertou a cabeça do homem com a lateral do punho. Foi um golpe preciso, alvejado na têmpora. Ele caiu contra a mesa. Sua respiração agitou as páginas do livro de registros.

– Temos duas opções – Arin disse ao seu grupo. – Estamos indo bem até agora. Conquistamos a cidade. A liderança foi extermínada ou está sob nosso poder. Agora precisamos de tempo, o maior tempo possível antes que o império descubra o que aconteceu. Temos pessoas guardando o desfiladeiro da montanha. A única saída para levar a notícia ao império é pelo mar. Vamos tomar os navios ou queimá-los. Precisamos decidir agora.

Ele continuou:

– Seja como for, nossa estratégia não se alterou. As nuvens de tempestade estão soprando do sul. Quando cobrirem a lua, vamos conduzir pequenos ataques na escuridão, cercando a baía até dar a volta e chegarmos às popas deles. Todas as proas estão apontadas para a cidade e suas luzes. Estaremos no lado escuro do mar aberto quando os marujos se reunirem na proa, observando as chamas da cidade. Para capturar todos os navios, precisamos nos dividir em duas equipes. Uma vai começar com o maior e mais mortal: o navio do capitão Wensan. A outra vai esperar no segundo maior. Tomamos o navio de Wensan, depois apontamos seus canhões para o segundo, que será dominado pelo segundo grupo. Com esses dois navios, podemos forçar a rendição do terceiro maior e mais próximo, e continuar diminuindo a possibilidade dos mercadores revidarem. Os pescadores não têm canhões, então eles serão nossos depois da batalha no mar. Vamos afundar todo navio que tentar fugir da baía. Desse jeito, não só compraremos o tempo necessário como também teremos os navios como *nossas* armas contra o império, assim como todas as mercadorias a bordo.

Pelo jeito, Arin não era tão esperto quanto Kestrel pensava para discutir

aquele plano na frente *dela*. Ou ele achava que ela não poderia fazer nada com a informação. Talvez não se importasse com o que ela ouvisse. Mesmo assim, era um plano razoável... exceto por um detalhe.

– *Como* vamos dominar o navio de Wensan? – perguntou um herrani.

– Vamos subir a escada de mão do casco.

Kestrel deu risada.

– Vocês serão mortos um a um pela tripulação de Wensan assim que eles perceberem o que está acontecendo.

A sala parou. As pessoas se empertigaram. Arin, que estava voltado para os herranis, virou-se para encarar Kestrel. O olhar que ele lhe lançou atiçou o ar entre eles feito estática.

– Então vamos fingir que somos os marujos valorianos que estavam na costa – ele disse – e pedir para nossos botes serem erguidos da água para o convés.

– Fingir ser valorianos? Até parece que eles vão acreditar.

– Vai estar escuro. Eles não vão ver nossos rostos, e temos os nomes dos marinheiros na costa.

– E seu sotaque?

Arin não respondeu.

– Você acha que o vento pode levar seu sotaque embora – Kestrel ironizou.

– Mas talvez os marujos peçam o código de chamada. Talvez seu plano morra na água, assim como todos vocês.

Caiu um silêncio.

– O código de chamada – ela repetiu. – A senha que toda tripulação em sá consciência usa e não compartilha com ninguém para evitar ataques como esse que vocês querem colocar em prática.

– Kestrel, o que você está fazendo?

– Dando alguns conselhos.

Ele soltou um som impaciente.

– Você quer que eu queime os navios.

– Quero? É isso que eu quero?

– Vamos ficar mais fracos contra o império sem eles.

Ela deu de ombros.

– Mesmo com eles, vocês não têm a menor chance.

Arin deve ter sentido a mudança de atmosfera na sala quando as palavras de

Kestrel expuseram o que todos deveriam saber: que a revolução herrani era uma campanha sem chances, que seria destruída quando as forças imperiais marchassem, como planejado, pelo desfiladeiro da montanha para substituir os regimentos mandados a leste. Eles cercariam a cidade e enviariam mensageiros pedindo mais tropas. Dessa vez, quando os herranis perdessem, não seriam escravizados. Seriam condenados à morte.

– Comece a carregar os botes com aqueles barris de piche – Arin disse aos herranis. – Vamos usá-los para queimar os navios.

– Não vai ser necessário – Kestrel disse. – Porque eu sei o código de chamada de Wensan.

– Você – Arin disse. – Você sabe.

– Sei.

Ela não sabia. Tinha, porém, um bom palpite. Ela tinha um leque limitado de possibilidades – todos os pássaros na “Canção das penas de morte” – e a lembrança de como o capitão Wensan tinha olhado para o prato de Kestrel. Ela teria apostado moedas de ouro no código que ele teria escolhido para a noite do baile. Kestrel conseguia ler uma expressão como se olhasse pela água reverberante para ver o fundo cinzento, o lodo subindo ou descendo, o salto de um peixe. Ela tinha visto Wensan tomando sua decisão, assim como via agora a desconfiança nos olhos de Arin.

A certeza dela vacilou.

Arin. Arin não contradizia sua capacidade de interpretar as pessoas? Pois ela pensou que ele estava sendo sincero na carruagem. Pensou que seus lábios tinham se movido contra os dela como em uma oração. Mas ela tinha se enganado.

Arin puxou Kestrel para fora da capitania do porto. A porta bateu atrás deles, e ele a levou para a ponta oposta do píer vazio.

– Eu não acredito em você – ele disse.

– Acho que você teve um conhecimento bem íntimo da minha casa. O que foi entregue, que cartas saíram. Quem entrava, quem saía. Desconfio que você saiba que o capitão Wensan jantou na nossa casa na noite passada.

– Ele era amigo do seu pai – Arin disse, devagar.

– O navio dele trouxe o piano da minha mãe da capital quando eu era criança. Ele sempre foi gentil comigo. E agora está morto. Não está?

Arin não negou.

O luar estava mais fraco, mas Kestrel sabia que Arin podia ver a tristeza se enraizando no rosto dela.

Ele que visse. Servia para os propósitos dela.

– Eu sei a senha – ela disse.

– Você nunca a revelaria. – Nuvens cobriram a lua, lançando sombras sobre os traços de Arin. – Você está me provocando. Quer que eu me odeie pelo que fiz. Você nunca vai me perdoar, muito menos me *ajudar*.

– Você tem uma coisa que eu quero.

A escuridão fria pareceu se derramar ao redor deles.

– Dúvido – Arin disse.

– Eu quero Jess. Ajudo você a conquistar os navios, e você me entrega Jess.

A verdade é capaz de enganar tão bem quanto uma mentira. Kestrel queria, *sim*, negociar a chance de ajudar Jess ou, pelo menos, estar ao lado dela quando chegasse sua hora. Mas ela também contava que essa verdade fosse crível o bastante para que Arin não visse que ela escondia outra coisa: que ela precisava que pelo menos um barco de pesca continuasse no porto.

– Não posso simplesmente *dar* a menina para você – Arin disse. – Logro vai decidir o que vai acontecer com os sobreviventes.

– Ah, mas você parece ter certos privilégios. Se pôde ficar com uma menina, por que não duas?

A boca dele se contorceu com o que parecia repulsa.

– Vou providenciar para que você a veja assim que possível. Confia na minha palavra?

– Não tenho muita escolha. Agora, aos objetivos. Você falou para Logro que foi ao baile para pegar informações do escravo do capitão do porto. Que informações são essas?

– Não foi por isso que fui ao baile.

– Como assim?

– Não tem informação nenhuma. Eu menti.

Kestrel ergueu a sobrancelha.

– Que surpreendente. Você não acabou de fazer uma promessa e pedir para eu confiar na sua palavra? Sério, Arin. Você precisa separar suas mentiras das suas verdades, senão nem você vai saber diferenciar.

Silêncio. Será que ela o tinha magoado? Esperava que sim.

– Seu plano de conquistar os navios é sólido o bastante – ela disse –, mas você vai precisar afinar alguns detalhes importantes. – E contou o que tinha em mente. Ela se perguntou se Arin percebia que aceitar a sua ajuda aumentaria a desconfiança do seu povo de que eles eram amantes, que ele estava colaborando com uma valoriana que não necessariamente queria o mesmo que eles. Se perguntou se ele sabia que, se os herranis atingissem seu objetivo naquela noite, a vitória seria enfraquecida pela maneira como a tinham conquistado.

Provavelmente sim. Arin deveria saber que não havia como conquistar uma vitória limpa.

Mas Kestrel duvidava se ele sabia que o capitão Wensan a tinha ensinado a velejar. E, mesmo se soubesse, ela achava que a mente dele estava ocupada demais para notar que um barco de pesca era sua melhor chance de escapar para a capital.

Quando visse a oportunidade de fugir, ela a aproveitaria. E traria as forças do império para cima da cidade.

ARIN JÁ TINHA TRABALHADO NO PORTO ANTES

pedreira, ele tinha sido vendido para outra forja e, quando seu segundo mestre ferreiro morreu, Arin foi parte dos bens divididos por seus herdeiros. Seu nome ainda era apresentado como Smith, mas ele havia escondido suas habilidades de seus novos proprietários e foi vendido com prejuízo aos estaleiros. Nunca tinha navegado, mas reconhecia um navio herrani quando via um. Ele os trazia à doca seca junto com outros escravos, e puxava cordas para virar os enormes navios para o lado na maré baixa. Depois, chafurdava na lama para arrancar fora as cracas endurecidas no casco. Pedaços de crustáceos caíam em volta dele, cortando sua pele, arranhando finas linhas vermelhas. Ele se lembrava do gosto de suor na boca, da água subindo por suas panturrilhas e de tudo ser feito rápido, muito rápido, com os escravos puxando as polias e virando o navio e limpando o outro lado antes que a maré subisse.

Depois, os valorianos pegavam seu navio roubado e partiam.

Enquanto remava o bote na direção do navio de Wesan, construído por herranis e cravejado com canhões valorianos, Arin se lembrou da exaustão daquele trabalho, mas também de como ele tinha consolidado seus músculos até que a dor em seus braços virasse pedra. Ele era grato aos valorianos por terem o tornado forte. Se fosse forte o bastante, poderia sobreviver àquela noite. Se sobrevivesse, poderia recolher os fragmentos de quem um dia foi e se explicar a Kestrel de uma forma que ela pudesse entender.

Ela estava sentada no bote em silêncio ao lado dele. Os outros herranis nos remos observaram quando ela ergueu as mãos amarradas para apertar o tecido preto que cobria seu cabelo. Era uma ação estranha. Era também necessária, já que uma nova reviravolta no plano exigia que Kestrel fosse vista e reconhecida.

Os herranis observaram o esforço dela. Observaram Arin colocar o remo no suporte para lhe oferecer uma mão. Ela recuou com tanta força que seu peso balançou o barco. Foi apenas um tremor leve, mas todos sentiram.

A vergonha consumiu as tripas de Arin.

Kestrel tirou o pano da cabeça. Embora as nuvens enchessem o céu,

engolindo a lua e aprofundando a escuridão, o cabelo e a pele pálida dela pareciam brilhar. Ela parecia se iluminar por dentro.

Era algo que Arin não suportava ver. Ele voltou aos remos.

Mais que qualquer um dos dez herranis no bote, Arin sabia que Kestrel podia ser manipuladora. Que ele não devia confiar no plano dela, assim como não devia ter caído nos seus estratagemas nas partidas de Morder e Picar, nem caído cegamente na armadilha montada para ele na manhã do duelo.

O plano de Kestrel para capturar o navio era bom. Sua melhor opção. No entanto, Arin continuava examinando-o como o casco de um cavalo, vasculhando a superfície em busca de uma falha, uma fenda perigosa.

Não conseguiu encontrar. Achava que devia haver uma, então percebeu que a falha estava dentro dele. Aquela noite havia deflagrado Arin. Havia transformado a batalha dentro dele numa guerra em ebulação.

Claro que ele tinha certeza de que algo estava errado.

Impossível. Era impossível amar uma valoriana e também amar seu povo.

A falha era ele.



Kestrel observou os outros quatro botes deslizando pela água escura. Dois se aproximaram do navio de Wensan e pararam perto da escada de mão, escondida pela escuridão e pelo ângulo do casco, se estendendo para dentro do amplo convés central até a parte estreita da proa na linha da água. Para ver aqueles botes, os marinheiros teriam de se pendurar nos parapeitos.

Eles não soltaram nenhum grito de alarde.

Outros dois botes se aproximaram do segundo maior navio, que tinha dois mastros e uma fileira de canhões, um óbvio segundo lugar se comparado ao navio de três mastros e dois conveses armados de Wensan.

Os herranis olharam para Arin. Ele fez um sinal com a cabeça e eles começaram a remar sem se importar com a discrição, apenas com a velocidade. Os remos matracaram em seus suportes, mergulhando e espirrando e empurrando a água. Quando o bote chegou perto do navio de Wensan, os marinheiros já estavam na balaustrada, olhando para eles. Seus rostos eram sombras na escuridão.

Kestrel se levantou.

– Revolta na cidade! – ela gritou, declarando o que eles obviamente podiam ver com seus próprios olhos para além do porto e das muralhas da cidade. – Nos levem a bordo.

– Você não é um de nós – desceu uma voz do convés principal.

– Sou amiga do capitão Wensan. Sou Kestrel, filha do general Trajan. O capitão me mandou junto com sua tripulação para me proteger.

– Onde está o capitão?

– Não sei. Estamos isolados da cidade.

– Quem está com você?

– Terex – Arin gritou, tomado cuidado com a entonação do *r*.

Um a um, os herranis no bote gritaram os nomes dos marinheiros desaparecidos, revelados pelo capitão do porto. Eles os disseram rapidamente, alguns engolindo sílabas, mas todos deram versões passáveis das pronúncias que Kestrel havia ensaiado com eles assim que deixaram a costa.

O marinheiro voltou a falar:

– Qual é o código de chamada?

– Sou eu – Kestrel disse, com toda a confiança que na verdade não sentia. – Meu nome, Kestrel.

Uma pausa. Segundos angustiantes. Kestrel torceu para que estivesse certa, torceu para que estivesse errada e sentiu ódio de si mesma pelo que estava fazendo.

Um retintim metálico. Correntes se desenrolavam.

Polias com ganchos eram baixadas do convés principal. Houve um ruído ansioso enquanto os herranis as prendiam ao bote.

Arin, porém, não se moveu. Ficou encarando Kestrel. Talvez até então não estivesse convencido de que ela sabia a senha. Ou talvez não conseguia acreditar que ela pudesse trair seu próprio povo.

Kestrel olhou para ele como se olhasse para uma janela. Não importava o que ele pensava. Não mais.

As polias presas com cordas rangeram. O bote foi erguido, pingando água. Chacoalhou e balançou enquanto os marinheiros a bordo puxavam as cordas. Então começou a subir.

Kestrel não conseguia ver a escada do casco ao longo da popa nem os

herranis nos outros botes lá embaixo. Eles eram só sombras vagas coloridas pela noite. Mas ela notou uma agitação no casco. Os herranis estavam subindo a escada.

Não era tarde demais para gritar um aviso aos marinheiros.

Ela poderia escolher não os trair. Ela não entendia como seu pai conseguiu fazer aquilo tantas e tantas vezes: tomar decisões que colocavam vidas nas garras de um objetivo maior.

Valeria a pena, se garantisse uma rota de fuga para alertar a capital?

A resposta dependia de quantos valorianos morreriam no navio de Wensan, pensou ela.

A frieza do seu cálculo a deixou horrorizada. Isso era parte do que a fazia resistir ao Exército: o fato de ela *conseguir* tomar decisões como aquela, de ela ter *mesmo* talento para a estratégia, de que as pessoas poderiam muito facilmente se tornar peças num jogo que ela estava decidida a vencer.

O bote foi subindo.

Kestrel fechou bem os lábios.

Arin olhou de soslaio para o tecido preto que antes cobria seu cabelo, depois para ela. Ele devia estar considerando amordaçar Kestrel, agora que ela tinha executado seu papel. Era o que ela teria feito se estivesse no lugar dele. Mas ele não o fez, o que a fez se sentir pior do que se Arin tivesse feito. Era pura hipocrisia da parte dele não corresponder às expectativas de crueldade que, agora, Kestrel sabia de que ele era capaz.

Assim como ela.

O bote chegou à altura do convés principal. Kestrel teve tempo suficiente para ver o choque no rosto dos marinheiros antes que os herranis no bote saltassem para o convés, com as armas erguidas. O pequeno barco balançou furiosamente, vazio exceto por Kestrel.

Arin desviou da faca de um marinheiro, a jogou para o lado com a sua, e deu um soco na garganta do homem. Ele cambaleou para trás. Arin lhe deu uma rasteira no mesmo momento em que dava outro soco. O marinheiro caiu no chão.

Era assim em todo o convés. Herranis espancavam valorianos, muitos dos quais nem tiveram tempo de sacar suas armas. Enquanto os marinheiros lidavam com a ameaça súbita que tinham trazido a bordo, eles não viram a

segunda: mais herranis subindo no convés pela escada do casco. Como Kestrel havia planejado, essa segunda onda atacou os valorianos por trás. Encurralados, logo se renderam. Embora outros marujos estivessem subindo do convés inferior, eles faziam isso por escotilhas estreitas, como ratos saindo de túneis. Os herranis os atacavam um a um.

Sangue manchou as madeiras. Muitos dos marinheiros caídos não se moviam. Do bote balouçante, Kestrel podia ouvir o homem que Arin havia atacado primeiro. Ele segurava a garganta. Os sons que fazia eram horríveis, algo entre arfar e sufocar. E havia Arin, abrindo caminho pelo combate, distribuindo golpes que talvez não fossem letais, mas machucariam e marcariam e sangrariam.

Kestrel havia entrevisto isso no dia em que o comprou. Uma brutalidade. Ela tinha se permitido esquecer esse detalhe porque a mente dele possuía uma harmonia tão delicada. Porque seu toque era gentil. Mas era isso que ele havia se tornado.

Era isso o que ele era.

E o que era ela, orquestrando a derrocada de um navio valoriano nas mãos do inimigo? Kestrel não conseguia acreditar. Era difícil crer que tinha sido tão fácil. Valorianos nunca eram emboscados. Nunca se rendiam. Eram um povo corajoso, feroz. Preferiam morrer a serem conquistados.

O bote foi parando de balançar. Ela se levantou e olhou para a água lá embaixo. No começo daquela noite, quando ela tinha ameaçado se matar, dissera aquilo sem realmente considerar a possibilidade. Ameaçar tinha sido a melhor jogada. Então ela jogou.

Depois, Logro aproximou as botas dos dedos de Kestrel.

Não havia música após a morte.

Ela decidiu viver.

Agora, estava no bote balouçante, sabendo que, se atingisse a superfície da água daquela altura, ela provavelmente quebraria algum osso e afundaria em segundos, sem ter como usar as mãos atadas.

O que o pai de Kestrel escolheria para ela? Uma morte honrosa ou uma vida como prêmio de Arin? Fechou os olhos, imaginando o general vendo-a se render a Logro, vendo-a agora.

Ela realmente tinha como navegar até a capital? Valeria a pena continuar

viva para reencontrar Jess, nem que para assistir à morte da amiga?

Kestrel ouviu o rebentar das ondas contra o navio, os gritos de luta e de morte. Lembrou-se de como seu coração tenso havia se aberto como um pergaminho quando Arin a beijou. Ele tinha se desenrolado.

No entanto, se seu coração fosse mesmo um pergaminho, ela poderia queimá-lo. Ele se tornaria um túnel de chamas, um punhado de cinzas. Os segredos que ela havia escrito ali ficariam para trás. Ninguém os descobriria.

Seu pai escolheria a água, se pudesse.

Mas ela não era capaz. No fim, não era a astúcia que a impedia de pular nem a determinação. Era medo.

Ela não queria morrer. Arin tinha razão. Ela sempre jogava até o fim.

De repente, ouviu a voz dele. Abriu os olhos. Ele estava gritando. Estava gritando o nome dela. Estava atropelando as pessoas, abrindo caminho entre o mastro principal e o balaústre ao lado do bote. Kestrel viu o horror nele refletir o que ela tinha sentido ao encarar a água.

Juntou forças e saltou para o convés.

Seus pés acertaram as tábuas, e a força do movimento a fez tombar. Mas ela tinha aprendido com Rax a proteger as mãos. Manteve-as junto ao corpo, pressionando os nós duros de suas amarras contra o peito, o que a fez cair de ombro e sair rolando.

Arin a ergueu. Embora tivesse visto a decisão estampada no rosto dela, ele a chacoalhou. Não parou de repetir as palavras que havia gritado enquanto se aproximava da balaustrada:

– Não, Kestrel. Não.

Suas mãos aninharam o rosto dela.

– Não encoste em mim – ela disse.

Arin recuou.

– Meus deuses – ele disse com a voz rouca.

– Sim, que triste seria para você, não? Se perdesse sua moedinha de troca contra o general? Não há o que temer. – Ela abriu um sorriso frágil. – Descobri que sou covarde.

Arin balançou a cabeça.

– É mais difícil viver.

Sim. Era. Kestrel sabia que não haveria como fugir naquela noite, e

provavelmente não teria outra oportunidade tão cedo.

Seu plano tinha funcionado à perfeição. Agora mesmo, o navio capturado estava voltando seus canhões para o de dois mastros, onde outros herranis aguardavam, prontos para atacar os marinheiros assim que se distraíssem com a surpresa do fogo de canhão. Depois que aquela embarcação caísse nas mãos de Arin, as outras no porto também seriam dele.

Começou a chover. Uma garoa fina e gelada. Kestrel não tremeu, embora soubesse que deveria – senão de frio, pelo menos de apreensão. Ela tinha decidido viver e, por isso, deveria ter medo da vida naquele mundo novo.

KESTREL FOI LEVADA À SALA DE RECEPÇÃO DA CAS.
melhor, de Arin. As armas valorianas acenavam de seus suportes nas paredes, perguntando por que ela não desequilibrava o guarda mais próximo e apanhava o cabo de uma lâmina. Mesmo com as mãos atadas, Kestrel conseguiria causar estrago.

Arin foi o primeiro a entrar na casa. Ele caminhava à frente de Kestrel, com as costas viradas. Movia-se com tanta avidez que sua emoção era óbvia. Seria fácil surpreendê-lo. Um golpe entre as escápulas.

Mas Kestrel não se moveu.

Ela tinha um plano, repetiu a si mesma, que não incluía a própria morte, o que seria a consequência lógica caso ela matasse Arin.

Os herranis a empurraram pelo corredor.

Uma jovem morena estava esperando no átrio perto da fonte. Quando avistou Arin, seu rosto se encheu de luz e de lágrimas. Ele quase correu para tomá-la nos braços.

– Irmã ou amante? – Kestrel perguntou.

A mulher ergueu os olhos do abraço. Sua expressão endureceu. Ela se afastou de Arin.

– Como é que é?

– Você é irmã ou amante dele?

Ela caminhou até Kestrel e lhe deu um tapa no rosto.

– Sarsine! – Arin a puxou para trás.

– A irmã dele morreu – Sarsine disse –, e espero que você sofra tanto quanto ela.

Kestrel levou os dedos à bochecha para pressionar o ardor – e cobrir um sorriso com o punho da mão atada. Ela se lembrou dos hematomas que Arin trazia quando o comprara. De sua rebeldia. Ela sempre se perguntou por que os escravos buscavam a punição. Mas quando aquela mão estalou em seu rosto, a sensação de poder, ainda que leve, tinha sido doce. Era bom saber que, apesar da dor, por um momento era Kestrel quem estava no controle.

– Sarsine é minha prima – Arin disse. – Não a vejo há anos. Depois da guerra, ela foi vendida como escrava doméstica. Eu era um trabalhador braçal, então...

– Não me importo – Kestrel disse.

Os olhos dele encontraram os dela. Tinham a cor do mar de inverno – da água aos pés de Kestrel quando ela olhou para baixo e imaginou como seria se afogar.

Ele desviou o olhar e fitou sua prima.

– Preciso que você seja guardiã dela. Leve-a para a *ala leste*, deixe que ela fique com a suíte...

– Arin! Você está maluco?

– Retire tudo que possa servir como arma. Mantenha a porta externa trancada o tempo todo. Cuide para que não falte nada a ela, mas não se esqueça de que ela é uma prisioneira.

– Na ala leste. – A voz de Sarsine estava coberta de repulsa.

– Ela é filha do general.

– Ah, isso eu sei.

– É prisioneira política – Arin disse. – Precisamos ser melhores que os valorianos. Somos mais do que selvagens.

– Você realmente acredita que manter seu passarinho sem asas numa gaiola de luxo vai mudar a maneira como os valorianos nos veem?

– Vai mudar a maneira como nós nos vemos.

– Não, Arin. Vai mudar a maneira como todos veem você.

Ele balançou a cabeça.

– Ela é minha, e eu faço o que achar que convém.

Houve um burburinho de tensão entre os herranis. Kestrel sentiu um aperto no peito. Ela vivia tentando esquecer o que significava pertencer a Arin. Ele buscou o braço dela, puxando-a com firmeza para si, fazendo as botas dela se arrastarem e cantarem contra os ladrilhos. Com um golpe rápido da faca, cortou as amarras dos pulsos dela, e o som do couro caindo no chão soou alto pelo átrio – quase tão alto quanto o protesto abafado de Sarsine.

Arin soltou Kestrel.

– Por favor, Sarsine. Leve-a.

A prima o encarou. Depois de um tempo, concordou com a cabeça, mas sua

expressão deixava claro que ela achava aquilo desastroso.

– Venha comigo – ela disse a Kestrel, e guiou o caminho.

Elas não estavam longe quando Kestrel percebeu que Arin devia ter retornado ao corredor da recepção. Ela ouviu o som de armas sendo arrancadas das paredes e jogadas ao chão.

O som áspero ecoou pela casa.



Os cômodos irradiavam do centro da suíte. O quarto era um espaço extremamente silencioso, iluminado pelo cinza da alvorada que se aproximava, filtrada pelas janelas. A suíte era elegante como uma pérola lisa e pura. Suas cores eram suaves, embora Kestrel soubesse, pelo que Arin dissera muito tempo antes, o que elas significavam. Apesar dos móveis de decoração valoriana, aquela tinha sido a suíte de uma aristocrata herrani.

Sarsine não disse nada, apenas ergueu o avental de seu uniforme doméstico para formar uma trouxa. Começou a enché-la com espelhos, um apagador de velas, um pesado pote de tinta de mármore... Os objetos foram inchando o tecido e ameaçavam rasgá-lo.

– Busque uma cesta – Kestrel disse – ou um baú.

Sarsine olhou feio, porque as duas sabiam que ela teria de fazer exatamente isso. Havia coisas demais na suíte que poderiam virar armas nas mãos da pessoa certa. Kestrel odiava ver aqueles objetos partirem. Ainda sim ficou contente – pelo menos teria a sensação de que tinha dado uma ordem e Sarsine obedecera.

Mas a mulher foi até a porta externa e pediu assistência. Em pouco tempo, herranis entravam e saíam dos quartos, carregando atiçadores de lareira, um jarro de cobre, um relógio com ponteiros afiados.

Kestrel ficou só observando tudo aquilo ir embora. Pelo jeito, Sarsine conseguia ver quase tantas ameaças em objetos cotidianos quanto Kestrel. Tudo bem. Ela poderia desparafusar o pé de uma das mesas.

Mas precisaria de mais que uma arma para escapar. A suíte ficava no alto, não seria possível pular de uma das janelas. Apenas um cômodo e uma porta levava ao restante da casa, e a fechadura parecia muito resistente.

Quando os herranis saíram, deixando Sarsine e ela a sós, Kestrel disse:

– Espere.

Sarsine não abaixou a mão que segurava a chave grossa.

– Era para eu ver minha amiga – Kestrel disse.

– Seus dias de visitas sociais acabaram.

– Arin prometeu. – Kestrel sentiu um nó na garganta. – Ela está doente.

Arin falou que eu poderiavê-la.

– Ele não comentou nada comigo.

Sarsine trancou a porta externa atrás de si e Kestrel não suplicou. Ela não quis lhe dar a satisfação de saber quanto doía ouvir a chave ranger na fechadura e o ferrolho se fechar com um som surdo.



– O que você pensa que está fazendo, Arin?

Ele ergueu os olhos para Sarsine, esfregando os olhos turvos de sono. Tinha cochilado numa poltrona. A manhã estava no auge.

– Não consegui dormir nos meus antigos aposentos. Pelo menos aqui, na suíte de Etta...

– Não estou falando da sua escolha de quarto, embora eu não consiga deixar de notar como ele é *próximo* da ala leste.

Arin se crispou. Só haveria um motivo para um homem manter uma prisioneira conquistada numa batalha.

– Não é o que parece.

– Ah, não? Muita gente ouviu você chamá-la de espólio de guerra.

– Não é verdade.

Sarsine ergueu as mãos para o alto.

– Então por que você disse aquilo?

– Porque não consegui pensar em outra forma de salvá-la!

Sarsine ficou imóvel. Depois, se debruçou sobre ele e chacoalhou seu ombro como se quisesse despertá-lo de um pesadelo.

– Você? Salvar uma *valoriana*?

Arin tomou a mão dela.

– Por favor, me escute.

– Eu vou escutar quando você disser algo que eu consiga entender.

- Eu fazia suas lições por você quando éramos crianças.
 - E daí?
 - Falei para Anireh calar a boca quando ela tirou sarro do seu nariz. Lembra-se? Ela me empurrou no chão.
 - Sua irmã era bonita demais para o bem dela. Mas tudo isso foi há muito tempo. Aonde você quer chegar?
- Arin segurou as duas mãos dela.
- Temos algo em comum, e provavelmente não por muito tempo. Os valorianos vão chegar. Vai haver um cerco. – Ele procurou as palavras. – Pelos deuses, apenas me escute.
 - Ah, Arin. Você não aprendeu nada? Os deuses não vão te escutar. – Ela suspirou. – Mas eu sim.

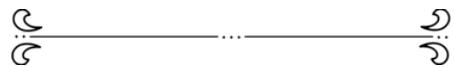
Ele lhe contou do dia em que foi vendido a Kestrel e todos os dias depois daquele. Não escondeu nada.

Quando terminou, a expressão de Sarsine havia mudado.

- Você continua o mesmo tolo – ela disse com doçura.
- Sim – ele murmurou.
- O que planeja fazer com ela?

Desamparado, Arin recostou a cabeça contra o encosto entalhado da poltrona de seu pai.

- Não sei.
- Ela pediu para ver uma amiga doente. Disse que você tinha prometido.
- Sim, mas não posso cumprir essa promessa.
- Por que não?
- Kestrel me odeia, mas ainda está falando comigo. Depois que vir Jess... ela nunca mais vai querer me ver.



Kestrel se sentou no jardim de inverno. Era quente, repleto de vasos de plantas, e sua fragrância mineral era quase leitosa. O sol já estava alto sobre a claraboia. Tinha secado as gotas de chuva deixadas no vidro pela tempestade da noite, que apagara o incêndio na cidade. Pela janela ao sul, Kestrel observou as chamas enfraquecendo.

Foi uma noite longa, uma manhã longa. Mas ela não queria dormir.

Seus olhos pousaram sobre um vaso. A palavra herrani para aquela planta era espinho-de-donzela. Era uma planta grande e de tronco grosso, provavelmente mais velha que a guerra. Ela tinha folhas que lembravam flores, porque seu verde ficava vermelho-vivo sob o sol.

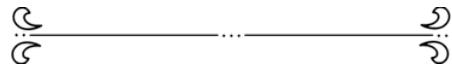
Contra a sua vontade, Kestrel se lembrou do beijo de Arin. Como ele tinha acendido uma luz dentro dela e transformado seu verde em fogo.

Kestrel abriu a porta do jardim de inverno e entrou no jardim do terraço, cercado por paredes altas. Inspiou o ar frio. Ali tudo estava morto. Os galhos quebrariam ao toque. As pedras jaziam espalhadas em formas engenhosas no chão, cinza, azuis e brancas, no formato de ovos de pássaros.

Passou as mãos pelas paredes frias. Lisas. Não havia nada que oferecesse apoio a seus dedos. Não teria como escalar. Havia uma porta dupla na outra parede, mas provavelmente nunca saberia aonde ela dava. Estava trancada.

Kestrel parou, considerando. Mordeu o lábio com força. Então, entrou de volta no jardim de inverno e trouxe o espinho-de-donzela para fora.

E quebrou o vaso contra as pedras.



O dia passou. Kestrel observou a luz lá fora amarelar. Sarsine veio e viu os escombros de plantas no jardim. Ela juntou os cacos de cerâmica, depois mandou um grupo de herranis vasculhar a suíte em busca de outros.

Kestrel fez questão de esconder alguns cacos cortantes em lugares onde seriam encontrados. Mas o melhor – aquele que cortaria uma garganta com a mesma facilidade que uma faca – ela pendurou para fora da janela. Ela o amarrou com um pedaço de pano, dependurando-o em meio à densa hera sempre-viva que subia pelas paredes do lado de fora da sala de banho. Fechou a janela na ponta do tecido, escondendo-o entre o caixilho e o parapeito.

Esse pedaço não foi encontrado, e Kestrel mais uma vez foi deixada sozinha.

Seus olhos coçavam e seus ossos viravam chumbo, mas ela se recusava a dormir.

Enfim, fez algo que vinha temendo. Tentou desfazer as tranças do cabelo. Puxou as dobras, xingou os nós que se emaranhavam. A dor a manteve

acordada.

A vergonha também. Ela se lembrou das mãos de Arin mergulhando em seus fios, do toque dos dedos dele atrás da sua orelha.

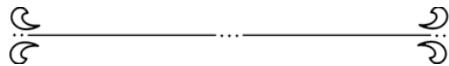
Sarsine retornou.

- Traga uma tesoura – Kestrel disse.
- Você sabe que eu não vou fazer isso.
- Porque tem medo que eu mate você com ela?

A mulher não respondeu. Kestrel não olhou para ela, surpresa com o silêncio e com a expressão pensativa de Sarsine, curiosa até.

– Corte você então – Kestrel disse. Ela mesma teria cortado com a adaga improvisada escondida na hera se isso não fosse levantar perguntas.

- Uma dama da sociedade como você pode se arrepender de cortar o cabelo.
- Kestrel sentiu outra onda de exaustão.
- Por favor – ela disse. – Não aguento mais.



O sono de Arin foi inquieto. Ele acordou desorientado por estar nos aposentados do pai. Apesar de tudo, estava feliz por estar lá. Talvez fosse a felicidade, e não o lugar, que o desorientava. Era um sentimento estranho. Antigo e um tanto quanto duro, como se suas articulações dozessem ao se mover.

Ele passou a mão no rosto e se levantou. Precisava sair. Logro não reclamaria por Arin ter retornado ao seu lar, mas precisavam fazer planos.

Descia a escada da ala oeste quando viu Sarsine no andar de baixo, vindo da ala leste com uma cesta nas mãos. Ele se deteve.

Parecia que ela segurava uma cesta cheia de ouro entrançado.

Desceu a escada aos saltos. Caminhou até a prima e pegou seu braço.

– Arin!

– O que você *fez*?

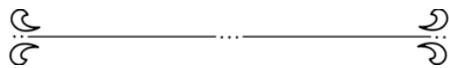
Sarsine recuou.

– O que ela queria. Controle-se.

Ele se lembrou de Kestrel na noite anterior ao baile. Como seu cabelo derramava uma luz baixa sobre as mãos dele. Ele havia colocado seu desejo

naquelas tranças, querendo que ela o sentisse, ao mesmo tempo em que temia aquilo. Tinha olhado nos olhos dela no espelho e não soube, não conseguiu ver, o que ela sentia. Só sabia da sua própria chama.

- É só cabelo – Sarsine disse. – Vai crescer de novo.
- Sim – Arin disse –, mas nem tudo tem volta.



A tarde foi caindo. Fazia quase um dia inteiro desde o baile de Primeiro Inverno, e mais de um dia que Kestrel não dormia. Ela ficou acordada, encarando a porta externa de seus aposentos.

Arin a abriu. Depois recuou, como se ela o tivesse assustado. Sua mão ficou tensa no batente da porta, e ele permaneceu olhando. Não disse nada sobre ela ainda estar usando o uniforme preto de duelo. Não mencionou as pontas mal cortadas de seu cabelo na altura dos ombros.

- Você precisa vir comigo – ele disse.
 - Para ver Jess?
- A boca dele afinou.
- Não.
 - Você disse que me levaria. Parece que não existe mesmo honra entre os herranis.
 - Vou levar assim que puder. Agora não posso.
 - Quando?
 - Kestrel, Logro está aqui. Ele quer ver você.
- Ela cerrou os punhos.
- Arin disse:
- Não posso dizer não.
 - Porque você é um covarde.
 - Porque, se eu disser não, as coisas vão piorar para você.
- Kestrel ergueu o queixo.
- Eu vou – ela disse – se você nunca mais fingir que faz algo pelo meu bem.
- Arin não comentou o óbvio: que ela não tinha opção. Simplesmente concordou com a cabeça.
- Tome cuidado – ele avisou.



Logro estava usando um paletó valoriano que Kestrel tinha certeza de ter visto no governador na véspera. Ele estava sentado à direita da cabeceira vazia da mesa de jantar, mas se levantou quando Kestrel e Arin entraram. Aproximou-se.

Passou os olhos por ela.

– Arin, sua escrava parece definitivamente selvagem.

A falta de sono deixava os pensamentos dela frágeis e luminosos, como pedaços de espelho presos em barbantes. As palavras de Logro giraram dentro da sua cabeça. Arin ficou tenso ao seu lado.

– Sem ofensa – Logro disse a ele. – Foi um elogio ao seu bom gosto.

– O que você quer, Logro? – Arin perguntou.

O homem passou o polegar sobre o lábio inferior.

– Vinho. – Ele olhou nos olhos de Kestrel. – Vá buscar.

A ordem em si não era importante. Era a forma como ele disse, para inaugurar a primeira de muitas ordens, e como, no fim, ela se traduzia numa palavra: obedeça.

A única coisa que impediu Kestrel de revelar seus sentimentos era saber que Logro sentiria prazer com qualquer resistência. Mesmo assim, ela não conseguiu se mover.

– Deixe que eu busco o vinho – Arin disse.

– Não – Kestrel retrucou. Ela não queria ser deixada a sós com Logro. – Eu vou.

Por um momento de hesitação, Arin ficou imóvel, sem saber o que fazer. Então, caminhou até a porta e chamou uma garota herrani.

– Por favor, leve Kestrel à adega, depois a traga de volta.

– Escolha uma boa safra – Logro disse a Kestrel. Você vai saber a melhor.

Enquanto ela saía da sala, os olhos dele a seguiram, brilhando.

Ela voltou com uma garrafa de vinho valoriano datada do ano da Guerra de Herran. Ela o colocou na mesa diante dos dois homens sentados. Arin ficou tenso e balançou a cabeça ligeiramente. Logro fechou o sorriso.

– Era o melhor – Kestrel afirmou.

– Sirva. – Logro empurrou a taça na direção dela. Ela abriu a garrafa e

serviu, e continuou servindo, mesmo quando o vinho transbordou da taça, escorreu pela mesa e caiu no colo de Logro.

Ele se levantou com um pulo, esfregando suas elegantes roupas roubadas.

– Maldição!

– Você me mandou servir. Não falou quando eu devia parar.

Kestrel não sabia o que teria acontecido se Arin não tivesse intervindo.

– Logro – ele disse –, vou ter de pedir para você parar de fazer joguinhos com o que me pertence.

Foi quase chocante a rapidez com que a raiva de Logro desapareceu. Revelando uma túnica simples por baixo, ele tirou o paletó manchado e o usou para secar o vinho.

– Tem roupas de sobra de onde esta veio. – Ele jogou o paletó para o lado. – Ainda mais com tantos mortos. Por que não vamos direto ao que interessa?

– Eu adoraria – Arin disse.

– Escute só o rapaz... – Logro disse a Kestrel, com um tom amigável. – Já retomou os modos de classe alta. Arin nunca foi um plebeu, mesmo quando quebrava pedras. Ao contrário de mim. – Quando Kestrel ficou em silêncio, Logro continuou: – Tenho uma pequena tarefa para você, garota. Quero que escreva uma carta para seu pai.

– Imagino que seja para dizer que está tudo bem, para que vocês possam manter a revolução em segredo pelo maior tempo possível.

– Você deveria agradecer. São essas cartas com informações falsas que mantêm valorianos vivos. Se quiser viver, deve ser boa em alguma função. Embora eu tenha a impressão de que você não está interessada em ser boa. Lembre-se de que não precisa de todos os dedos para escrever uma carta. Acho que três em uma mão bastam.

A respiração de Arin silvou.

– Que tal manchar as páginas com meu sangue? – Kestrel disse friamente. – Duvido que isso vá convencer meu pai de que estou em boa saúde. – Quando Logro fez menção de retrucar, Kestrel o interrompeu. – Sim, aposto que você tem uma longa lista de ameaças criativas que adoraria fazer. Não precisa. Vou escrever a carta.

– Não – Arin disse. – Você vai *transcrever* a carta. Eu vou ditar. Estou certo de que você encontraria um jeito de avisar seu pai através de algum código.

O coração de Kestrel apertou. Aquele realmente era o seu plano.
Papel e tinta foram colocados diante dela.

Arin começou:

– Querido pai.

A pena tremia. Ela segurou a respiração contra uma dor que subia pela sua garganta. Seria bom se as letras de nanquim se inclinassem trêmulas, ela concluiu. Seu pai poderia ver a tensão em sua caligrafia.

– “O baile correu melhor do que o esperado” – Arin continuou. – Ronan me pediu em casamento, e eu aceitei. – Ele fez uma pausa. – “Essa notícia talvez o desaponte, mas você vai trazer glória para o império por nós dois. Sei que vai. Também sei que não deve estar surpreso. Não escondi de você os meus desejos em relação a uma vida militar. E o afeto de Ronan estava claro para mim fazia algum tempo”.

Kestrel ergueu a pena, se perguntando quando Arin notou algo que ela se recusou a ver por tanto tempo. Onde estaria Ronan agora? Será que ele a desprezava tanto quando ela mesma se desprezava?

– “Fique feliz por mim” – Arin disse. Ela levou um momento para entender que essas palavras eram destinadas à carta. – Agora assine.

Era exatamente o tipo de carta que Kestrel teria escrito em circunstâncias normais. Ela sentiu o quão profundamente tinha falhado com seu pai. Arin entendia seu coração, seus pensamentos, a forma como ela falava com alguém que amava. E ela não sabia nada sobre ele.

Ele pegou a carta e a examinou.

– De novo. Mais caprichada desta vez.

Escreveu várias cópias até ele ficar satisfeito. A última versão tinha uma caligrafia firme.

– Muito bem – Logro disse. – Uma última coisa.

Exausta, Kestrel esfregou a tinta em sua pele. Ela podia dormir agora. Ela queria dormir. O sono era cego, era surdo, e a levaria para longe daquela sala e daqueles homens.

Logro exigiu:

– Diga quanto tempo temos até os reforços chegarem.

– Não.

– Agora pode ser a hora em que começo a fazer minhas ameaças criativas.

– Kestrel vai nos contar – Arin falou. – Ela vai entender que é a opção sensata.

Logro ergueu as sobrancelhas.

– Ela vai nos contar quando vir o que podemos fazer com o povo dela. – A expressão de Arin estava tentando dizer a ela algo que suas palavras não diziam. Kestrel se concentrou e notou que já tinha visto aquele olhar antes. Era o brilho cauteloso de quando ele oferecia um acordo. – Vou levá-la ao palácio do governador, onde ela vai ver os mortos e os moribundos. Vai ver os amigos dela.

Jess.

– NÃO PROVOQUE LOGRO – ARIN DISSE QUANDO ELE da carroagem para a trilha obscura que levava ao palácio do governador. A construção pareceu perturbadora para Kestrel porque sua impressionante fachada era a mesma da noite anterior, mas eram poucas as luzes queimando nas janelas agora. – Kestrel, está me ouvindo? Você não deve brincar com ele.

– Foi ele que começou.

– A questão não é essa. – O cascalho resmungou sob as botas pesadas de Arin enquanto ele subia a trilha. – Você não entende que ele quer ver você morta? Ele adoraria ter essa oportunidade – Arin disse, com as mãos no bolso e a cabeça baixa, quase falando sozinho. Ele caminhava à frente; suas pernas longas eram mais rápidas que as dela. – Eu não posso... Kestrel, você precisa entender que nunca quis ser seu dono. Chamar você de recompensa... minha recompensa... foram apenas palavras. Mas funcionaram. Logro não vai fazer mal a você, juro que não, mas você precisa... se esconder um pouco. Ajudar um pouco. Basta dizer quanto tempo temos até a batalha. Dê a ele um motivo para acreditar que você é mais valiosa viva. Engula seu orgulho.

– Talvez não seja tão fácil para mim como é para você.

Ele se voltou para ela.

– Não é fácil para mim – ele disse a contragosto. – Você sabe que não. O que acha que *eu* tive que engolir nesses últimos dez anos? O que acha que *eu* precisei fazer para sobreviver?

Eles pararam diante da porta do palácio.

– Sinceramente – ela disse –, não tenho a menor curiosidade. Pode ir contar sua historinha triste para outra pessoa.

Ele recuou como se tivesse levado um tapa. Sua voz saiu baixa:

– Você sabe como fazer as pessoas se sentirem insignificantes.

Kestrel ficou vermelha de vergonha – depois se envergonhou por sentir vergonha. Quem era ele para achar que *ela* devia pedir desculpas? Ele a tinha usado. Tinha mentido. Nada que ele dissesse teria valor. Se era para sentir vergonha, era por ter sido enganada tão facilmente.

Ele passou os dedos devagar pelo cabelo curto, a raiva tinha sido substituída por algo mais pesado. Não olhou para ela. Sua respiração criava nuvens no ar gelado.

– Faça o que quiser comigo. Fale qualquer coisa. Mas me assusta como você se recusa a ver o perigo que está correndo. Talvez agora você veja. – Ele abriu a porta da casa do governador.

O cheiro a atingiu primeiro. Sangue e carne em putrefação. As tripas de Kestrel se contorceram. Ela se esforçou para não vomitar.

Corpos empilhavam-se no corredor da recepção. Lady Neril jazia de barriga para baixo, quase no mesmo lugar em que, na noite do baile, recebia os convidados. Kestrel a reconheceu pelo lenço no punho, um tecido brilhante sob a luz bruxuleante da tocha. Havia centenas de mortos. Ela viu o capitão Wensan, lady Faris, toda a família do senador Nicon, Benix...

Kestrel se ajoelhou ao lado dele. Sua grande mão pesada parecia argila fria. Ela podia ouvir as lágrimas pingando nas roupas dele. Formando gotas na pele de seu amigo.

Com a voz baixa, Arin disse:

– Ele vai ser enterrado hoje, junto com os outros.
– Ele devia ser cremado. Nós cremamos nossos mortos. – Ela não conseguia mais olhar para Benix, mas também não conseguia se levantar.

Arin a ajudou gentilmente.

– Vou cuidar para que seja feito do jeito certo.

Kestrel obrigou suas pernas a se moverem, a caminhar por entre os corpos amontoados feito entulho. Ela imaginou que devia ter pegado no sono e aquilo era um pesadelo.

Parou ao ver Irex. A boca dele tinha o tom roxo dos envenenados, mas ele tinha cortes fundos e coagulados no torso, e um corte final no pescoço. Mesmo envenenado, ele lutara.

As lágrimas retornaram.

Arin a apertou com mais força. Ele a fez passar reto por Irex.

– Não ouse chorar por ele. Se ele não estivesse morto, eu o mataria com minhas próprias mãos.



Os doentes foram colocados no salão de baile. Lá, o cheiro era pior – o lugar fedia com vômito e dejetos humanos. Os herranis se moviam por entre os catres, limpando rostos com panos úmidos, recolhendo penicos. Era estranho vê-los agindo como escravos, ver a compaixão em seus olhos, e saber que era apenas a compaixão que os fazia cuidar das pessoas que eles próprios haviam tentado destruir.

Um herrani ergueu os olhos, notando a presença de Kestrel. Começou a fazer perguntas a Arin, mas Kestrel não ouviu. Ela saiu do lado dele, tropeçando de tanta pressa, procurando entre os catres um par de olhos castanhos arregalados, um nariz arrebitado, uma boca delicada.

Kestrel quase não a reconheceu. Os lábios de Jess estavam arroxeados, suas pálpebras, cerradas de tão inchadas. Ainda usava seu vestido de baile, verdeclaro, que parecia completamente errado nela agora.

– Jess – Kestrel chamou. – Jess.

A respiração da menina parou, depois ela começou a ofegar. Foi o único sinal de consciência que ela deu.

Kestrel procurou Arin. Ele estava encostado à parede do outro lado. Não a encarou.

Ela caminhou até ele. Pegou-o pelo braço. Puxou-o na direção da sua amiga.

– O que é isto? – ela perguntou. – Que veneno vocês usaram?

– Eu não...

– Foi algo a que vocês tinham fácil acesso, no campo talvez. Uma planta?

– Kestrel...

– Vocês podem ter colhido meses atrás, deixado secar, depois transformado em pó. Devia ser incolor, para se misturar com o vinho gelado. – Kestrel vasculhou suas memórias de tudo que Enai já havia lhe falado sobre as plantas locais. – Amora-sima? Não, não teria agido tão rápido...

– Tranca-noturna.

– Não sei o que é isso.

– Uma raiz, secada no sol, depois enterrada.

– Então há um antídoto – Kestrel insistiu, embora Arin não tivesse indicado nada nesse sentido.

Ele demorou um pouco para responder.

– Não.

– Sim. Tem, sim! Os herranis eram os melhores médicos do mundo. Vocês nunca teriam deixado um veneno existir sem encontrar uma cura para ele.

– Não tem antídoto... só uma coisa que pode aliviar.

– Então é *isso* que vocês deviam dar para eles!

Ele a girou pelos ombros para que ela visse as fileiras de catres.

– Não temos. Ninguém planejou que haveria sobrevidentes. A erva de que precisamos deveria ter sido colhida no outono. Já é inverno. Não deve ter sobrado nada.

– Deve, sim. Ainda não nevou. Não geou. A maioria das plantas não morre até a primeira geada. Enai me explicou isso.

– Verdade, mas...

– Você vai encontrar.

Arin ficou em silêncio.

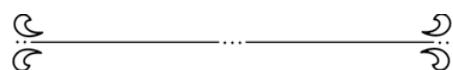
– Ajude a Jess. – A voz de Kestrel embargou. – Por favor.

– É uma planta delicada. Todas já podem ter morrido por causa do frio.

Não sei se vou conseguir...

– Prometa que vai procurar – Kestrel disse, como se já não acreditasse que as promessas dele não valiam nada.

– Tudo bem – ele disse. – Prometo.



Ele insistiu em levá-la para casa.

– Posso ir com você para as montanhas – ela disse. – Posso procurar também.

O sorriso dele era seco.

– Não foi você que passou horas na infância estudando livros de botânica, querendo saber por que uma espécie de árvore tinha folhas com quatro pontas e a outra, seis.

O balanço da carruagem deixou Kestrel sonolenta. As horas de sono perdido pesavam em suas pálpebras. Ela lutava para mantê-las abertas. Do lado de fora da janela, o entardecer tinha dado lugar à noite.

– Vocês têm menos de três dias – ela murmurou.

– O quê?

– Antes dos reforços chegarem.

Como ele não disse nada, Kestrel expressou o que ele devia estar pensando.

– Acho que não é o momento para ficar caçando uma planta nas montanhas.

– Prometi que iria. Então eu vou.

Os olhos de Kestrel se fecharam. Ela entrou e saiu do sono. Quando Arin voltou a falar, não sabia ao certo se ele esperava que ela o ouvisse.

– Lembro de estar numa carruagem com a minha mãe. – Houve uma longa pausa. Então, a voz de Arin recomeçou naquele ritmo lento e fluido que revelava o cantor dentro dele. – Na minha memória, sou bem pequeno e estou com sono, e ela está fazendo alguma coisa estranha. Toda vez que a carruagem virava para o sol, ela erguia a mão como se tentasse pegar alguma coisa. A luz envolvia seus dedos em chamas. Depois, a carruagem passava para as sombras, e ela descia a mão. Quando a luz do sol brilhava pela janela de novo, ela erguia a mão novamente. Virava um eclipse.

Kestrel estava ouvindo. Era como se a própria história fosse um eclipse, trazendo sua escuridão sobre ela.

– Logo antes de eu cair no sono – ele disse –, entendi que ela estava protegendo meus olhos do sol.

Ela ouviu Arin mudar de posição, e sentiu que ele estava olhando para ela.

– Kestrel. – Ela imaginou como ele estava sentado, inclinado para a frente. Como ele estaria sob o brilho da lanterna da carruagem. – Sobreviver não é errado. Você pode vender sua honra de formas pequenas desde que *se* proteja. Você pode servir um vinho, ver um homem beber e planejar vingança. – Talvez ele estivesse inclinando a cabeça levemente ao dizer isso. – Provavelmente você planeja até quando está dormindo.

Houve um silêncio da duração de um sorriso.

– Vá planejando, Kestrel. Sobreviva. Se eu não tivesse sobrevivido, ninguém se lembraria da minha mãe. Não como eu me lembro.

Kestrel não conseguia mais fugir do sono, que caiu pesado sobre ela.

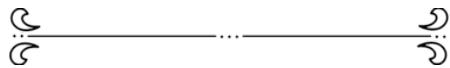
– E eu nunca teria conhecido você.



Kestrel notou vagamente que estava sendo erguida. Ela colocou os braços em volta do pescoço de alguém, enfiou a cabeça em seus ombros. Ouviu um suspiro, e não soube dizer se era seu ou de quem a carregava.

Sentiu os movimentos de ser carregada para o andar de cima. Foi colocada em algo macio. Os sapatos foram tirados de seus pés. Um cobertor grosso foi puxado até seu queixo e alguém murmurou bêncãos herranis para os sonhos. Enai? Kestrel franziu a testa. Não, aquela voz não era de Enai, mas quem diria aquelas palavras, senão sua ama?

Então tiraram a mão de sua testa. Kestrel decidiu resolver o enigma depois. E dormiu.



O cavalo escorregou num monte de pequenas rochas. Arin se manteve firme enquanto o animal tropeçava, logo recuperando a firmeza e o equilíbrio.

A situação ficaria ainda pior, Arin pensou, soturno, quando ele tivesse que descer em vez de subir a trilha no lombo do cavalo. Já fazia quase um dia inteiro que estava procurando. A pouca esperança que tinha de encontrar a planta foi minguando.

Finalmente, ele desmontou. A montanha era de um marrom-acinzentado infértil, sem árvores. Lá em cima, ele podia ver a cicatriz traiçoeira que os valorianos haviam aberto dez anos antes. Viu o luzir de metal da arma de um herrani, roupas camufladas enquanto ele ou ela – junto com vários outros – guardavam o desfiladeiro.

Moveu-se discretamente para trás de uma saliência rochosa, puxando seu cavalo. Prendeu as rédeas do animal numa fenda entre dois pedregulhos. Arin não podia ser visto – e seu cavalo também não.

Ele devia estar lá em cima defendendo o desfiladeiro ou, pelo menos, lutando de alguma forma para proteger sua terra.

Sua terra. Esse pensamento nunca deixava de emocioná-lo. Valia o risco. Valia quase tudo para voltar a ser quem ele era antes da Guerra de Herran. No entanto, lá estava ele, colocando em jogo suas poucas chances de vitória.

Procurando uma *planta*.

Imaginou a reação de Logro se o visse agora, vasculhando o chão atrás de

um punhado de verde desbotado. Escárnio poderia ignorar, e raiva poderia tolerar – e até entender. Mas não suportava o que via em sua mente.

Os olhos de Logro fixos em Kestrel. Transformando-a em alvo, atiçando seu próprio ódio com mais um motivo.

E, quanto mais tentava protegê-la, mais crescia a aversão de Logro.

Os punhos de Arin cerraram no frio. Ele os abriu, enfiou os dedos embaixo dos braços e começou a andar.

Ele devia deixar que ela fosse embora. Deixar que ela escapasse para o campo, para as terras isoladas que não sabiam da revolução.

O que aconteceria depois, se ele fizesse isso? Kestrel avisaria o pai. Ela daria um jeito. Então, a força total do Exército imperial recairia sobre a península. E Arin já duvidava que os herranis conseguiram lidar com o batalhão que atravessaria o desfiladeiro dali a menos de dois dias.

Se ele deixasse Kestrel partir, seria o mesmo que matar seu próprio povo.

Encostou a bota numa pedra e quis chutá-la.

Não chutou. Continuou andando.

Os pensamentos ameaçavam sua sanidade, propondo soluções que no fim só revelavam problemas, provocando-o com a certeza de que ele perderia tudo o que queria proteger.

Até que ele encontrou.

Arin encontrou a erva crescendo num trecho de terra. Era uma quantidade ridícula, e estava murcha, mas ele a arrancou do solo com uma esperança ferrenha.

Tirou os olhos das mãos sujas para descobrir que, de onde estava, podia ver novamente o desfiladeiro. Uma ideia roubou seu ar.

A ideia era tão pequenina quanto as folhas em sua mão. Mas ela cresceu, criou raízes, e ele começou a ver como os reforços valorianos poderiam ser derrotados.

Ele viu como poderiam vencer.

QUANDO ACORDOU NA CAMA, KESTREL NÃO QUIS como tinha ido parar lá.

O dia se consumiu. O frio foi entrando na casa, o cair da noite parecia pesar sobre seus ombros, e sua mente só pensava em Arin. E Jess.

Ela ouviu uma chave virar na fechadura. Levantou com um salto, só então percebendo que estava sentada com o olhar perdido. Perpassou os cômodos da suíte até alcançar a última porta, que se abriu.

Sarsine.

– Onde está Arin? – a mulher perguntou.

Melhor não revelar nada.

– Não sei.

– Isso é um problema.

Silêncio.

– É um problema para *você* – Sarsine esclareceu –, porque Logro está aqui, pedindo para ver Arin e, como o imprestável do meu primo não está em lugar nenhum, Logro quer falar com você.

O coração de Kestrel desacelerou, como acontecia quando Rax estava preparando algum ataque rápido ou quando seu pai fazia uma pergunta e ela não sabia a resposta.

– Diga que não vou.

Sarsine deu risada.

– Esta é a casa da sua família – Kestrel disse. – Ele é seu convidado. Quem é ele para mandar em você?

Sarsine balançou a cabeça, embora sua expressão melancólica demonstrasse que ela achava compreensível Kestrel tentar. Quando falou, suas palavras não tinham a intenção de soar como uma ameaça, mas Kestrel ouviu o eco de uma – de algo que Logro tinha dito.

– Se você não vier comigo, ele vai vir aqui para ver você.

Kestrel olhou para as paredes, pensando na forma dos quartos, como eles se fechavam como uma concha de caracol, dando a impressão de que estava

segregada do mundo, aconchegada num adorável espaço intimista.

Ou encurralada.

– Eu vou – ela disse.



Sarsine a levou até o átrio, onde Logro estava sentado num banco de mármore diante da fonte. A luz da tocha iluminava o cômodo, e a água caía em tons de vermelho e laranja.

– Quero conversar com ela a sós – Logro disse a Sarsine.

Ela começou:

– Arin...

– ...não é o líder dos herranis. O líder sou *eu*.

– Vamos ver por quanto tempo – Kestrel disse, depois mordeu o lábio. Ele a viu fazendo isso, e os dois sabiam o que isso significava.

Um erro.

– Não tem problema – Kestrel disse a Sarsine. – Pode ir. Vá.

Sarsine lhe lançou um olhar desconfiado, depois saiu.

Logro apoiou os cotovelos nos joelhos e ergueu os olhos para Kestrel. Ele a examinou: as longas mãos levemente unidas, as dobras do vestido. As roupas de Kestrel tinham aparecido misteriosamente no guarda-roupa da suíte, provavelmente enquanto ela dormia, e ela ficou grata. O conjunto de duelo tinha funcionado bem, mas um vestido fazia Kestrel se sentir pronta para outros tipos de batalha.

– Onde está Arin? – Logro perguntou.

– Nas montanhas.

– Fazendo o quê?

– Não sei. Imagino que, como os reforços valorianos vão passar pelo desfiladeiro, ele esteja analisando as vantagens e desvantagens do terreno como campo de batalha.

Logrou abriu um sorriso maldoso.

– Você não fica incomodada por ser uma traidora?

– Não vejo por que eu seria.

– Você acabou de confirmar que os reforços vão vir pelo desfiladeiro.

Obrigado.

– Não tem por que me agradecer – ela disse. – Quase todos os navios úteis do império foram mandados para o leste, o que significa que não há outro jeito de entrar na cidade. Qualquer pessoa com meio cérebro poderia perceber, e é por isso que Arin está nas montanhas, e você aqui.

Um rubor começou a crescer sob a pele de Logro. Ele falou:

– Meus pés estão sujos.

Kestrel não fazia ideia de como responder a isso.

– Lave-os – ele ordenou.

– quê?

Ele tirou as botas, esticou as pernas e se recostou no banco.

Kestrel, que já estava imóvel, virou pedra.

– É um costume herrani a dona da casa lavar os pés de seus convidados especiais – disse Logro.

– Mesmo *se* esse costume tiver existido um dia, ele morreu há dez anos. E eu não sou a dona da casa.

– Não é, você é uma escrava. Vai fazer o que eu mando.

Kestrel se lembrou de Arin falando que ela poderia se vender de maneiras pequenas. Seria isso o que ele queria dizer?

– Use a fonte – Logro disse.

A raiva tomou conta de Kestrel, mas ela sabia que era melhor não demonstrar. Sentou-se à beira da fonte, mergulhou o pé dele e o lavou vigorosamente, como tinha visto as escravas fazendo com a roupa. Se tivesse sido escrava, poderia fingir que estava lavando outra coisa, mas, como nunca tinha lavado nada além do próprio corpo, não havia como negar que o que estava segurando era pele e carne e osso.

Sentiu ódio.

Tirou os pés da fonte e os colocou nos ladrilhos.

Os olhos de Logro estavam um pouco baixos, e sua íris preta brilhava muito.

– Seque.

Kestrel se levantou.

– Você não vai sair – ele disse.

– Preciso buscar uma toalha. – Ela estava grata pela desculpa de sair, ir a

qualquer lugar e não voltar mais.

– Sua saia serve.

Ficou mais difícil impedir que seu rosto transpassasse o que sentia. Ela se agachou e, usando a bainha da saia, secou os pés dele.

– Agora passe óleo.

– Não tenho óleo.

– Embaixo do ladrilho decorado com o deus da hospitalidade. – Logro apontou para o chão. – Aperte o canto. Ele vai se abrir.

E lá estavam os frascos, cobertos por dez anos de poeira.

– Toda casa herrani tem – Logro disse. – A sua também. Ou, melhor dizendo, a *minha*. Você sabe que não há necessidade de ficar aqui contra a sua vontade. Você pode voltar para casa.

Kestrel jogou óleo nos pés de Logro e o espalhou na pele áspera.

– Não. Não há nada lá que eu queira.

Ela sentiu o olhar dele sobre sua cabeça abaixada, sobre os movimentos de suas mãos.

– Você faz isso em Arin?

– Não.

– O *que* você faz?

Kestrel se empertigou. Suas mãos estavam besuntadas. Ela as esfregou na saia, sem se importar que repulsa era pelo menos uma das coisas que Logro queria ver.

Por quê? Por que ele queria isso?

Ela se virou para sair.

– Ainda não acabamos – ele insistiu.

– Acabamos, sim – Kestrel respondeu –, a menos que queira ver o quanto meu pai me ensinou sobre combate sem armas. Vou afogar você naquela fonte. Se não conseguir, vou gritar alto o suficiente para fazer todos os herranis da casa virem correndo. Vou fazer com que se perguntiem que tipo de homem é o líder deles, que basta uma menininha valoriana para que ele perca o autocontrole.

Saiu andando, e ele não foi atrás, embora ela sentisse seus olhos a seguindo até entrar no corredor. Encontrou as cozinhas, o lugar mais povoadão da casa, e parou perto de uma chama, ouvindo o tinido metálico das chaleiras. Ignorou

os olhares estranhos.

Então, começou a tremer. De fúria e também outra coisa.

Conte para Arin.

Kestrel ignorou esse pensamento. De que adiantaria contar para ele?

Arin era uma caixa preta escondida sob um ladrilho liso. Um alçapão se abrindo embaixo dela. Ele não era o que ela pensava.

Talvez ele soubesse que isso ou algo do tipo aconteceria.

Talvez nem se importasse.

ARIN ATRAVESSOU A PORTA VOANDO. CORREU PEL
iluminados de sua casa e parou subitamente ao ver Logro olhando para a fonte do átrio.

De repente, ele voltou a ser um menino de doze anos, com as mãos endurecidas de pó branco por carregar o maior número de rochas possível para provar sua força àquele homem.

– Fiquei com medo de nos desencontrarmos – Arin falou. – Fui à sua casa primeiro, mas me falaram que você tinha vindo para cá.

– Por onde você andou? – Logro estava de mau humor.

– Estava fazendo o reconhecimento do desfiladeiro. – Como Logro franziu ainda mais a testa, Arin acrescentou: – Já que deve ser esse o caminho que os reforços vão fazer.

– Claro. Óbvio.

– Sei exatamente o que fazer com eles.

Uma chama se acendeu no rosto de Logro.

Arin mandou chamar Sarsine e, quando ela chegou, pediu para ela trazer Kestrel.

– Preciso da opinião dela.

Sarsine hesitou.

– Mas...

Logro apontou um dedo para ela.

– Tenho certeza de que você cuida bem desta casa, mas não vê que seu primo está prestes a explodir com um plano que pode salvar a pele de todos nós? Não o incomode com picuinhas domésticas, do tipo quem está brigado com quem ou se sua protegida está ou não se sentindo sociável. Vá chamar a garota de uma vez.

Ela saiu.

Arin buscou um mapa na biblioteca, depois foi correndo até a sala de jantar, onde Logro esperava com Kestrel e Sarsine. A prima lhe lançou um olhar exasperado, mostrando que ela se abstinha de opinar sobre os três. E saiu pela

porta.

Arin abriu o mapa sobre a mesa e colocou as rochas de seu bolso nos cantos para fixá-lo.

Kestrel se sentou, encorajada em um silêncio obstinado.

– Vamos lá, vamos ouvir seu plano, rapaz – Logro disse, olhando apenas para ele.

Arin sentiu aquele arroubo de euforia que havia sentido tempos antes, na primeira vez que planejaram tomar a cidade.

– Nós já retiramos os guardas valorianos do nosso lado da montanha. – Ele tocou o mapa, passando o dedo pela faixa do desfiladeiro. – Agora, mandaremos uma pequena força pelo desfiladeiro, para o lado deles. Vamos escolher os homens e as mulheres que melhor conseguirem se passar por valorianos até o momento final. Os guardas imperiais serão removidos. Alguns dos nossos vão assumir o lugar deles, outros se esconderão nos contrafortes, e um mensageiro será enviado pelo desfiladeiro para alertar nossos soldados, que vão ter barris de pólvora negra guardados aqui – Arin apontou para o meio do desfiladeiro –, dos dois lados. Vamos precisar de pessoas que conheçam as montanhas e consigam subir alto o bastante para ter uma boa vantagem sobre os valorianos. Elas também precisam estar preparadas para serem esmagadas por qualquer avalanche que as explosões causarem. Quatro pessoas, duas de cada lado, vão bastar.

– Não sobrou muita pólvora negra – Logro disse. – Devíamos economizar para a invasão em si.

– Não estaremos vivos na invasão se não usarmos a pólvora negra agora. – Arin colocou as palmas na mesa, debruçando-se sobre o mapa. – A maior parte das nossas forças, cerca de duas mil pessoas, vai estar flanqueando nossa entrada para o desfiladeiro. Um batalhão valoriano sempre tem mais ou menos o mesmo número, então...

– Sempre? – Logro perguntou.

Os olhos de Kestrel vinham se estreitando sem parar enquanto Arin explicava o plano, e agora sua testa estava franzida.

– Você aprendeu muito como escravo do general – Logro disse, com um tom de aprovação.

Não era exatamente assim que Arin aprendera sobre o exército valoriano,

mas tudo o que disse foi:

– As duas forças, as nossas e as deles, terão mais ou menos os mesmos números, mas não a mesma experiência ou o mesmo armamento. Somos mais fracos. E os valorianos têm arqueiros e besteiros. Mas, como eles não estão se planejando para a batalha, não vão trazer canhões pesados. É aí que vamos ter a vantagem.

– Arin, *nós* também não temos canhões.

– Temos, sim. Só precisamos descarregá-los dos navios que capturamos no porto e levá-los para a encosta da montanha.

Logro ficou encarando, depois deu um tapa no ombro de Arin.

– Genial.

Kestrel se recostou na poltrona e cruzou os braços.

– Quando todo o batalhão estiver no desfiladeiro – Arin continuou – e começar a invadir o nosso lado, nossos canhões vão disparar contra as linhas de frente deles. Uma surpresa total.

– Surpresa? – Logro balançou a cabeça. – Os valorianos vão ter batedores à frente. Quando eles virem os canhões, logo vão ficar desconfiados.

– Eles *não* vão ver os canhões, porque nossas armas e forças estarão disfarçadas sob tecidos dessa cor. – Arin apontou para as pedras claras. – Sacos de cânhamo e juta tirados das docas vão servir, e podemos rasgar as roupas de cama valorianas. Vamos nos camuflar nas encostas.

Logro sorriu.

– Então nossos canhões vão disparar contra a linha de frente – Arin completou –, que será a cavalaria. Se tudo der certo, os cavalos vão entrar em pânico, ou pelo menos terão dificuldade de se manterem em pé na descida. Enquanto isso, os barris de pólvora negra vão explodir e derrubar rochas, separando as duas metades do batalhão. Depois, nossas forças de cada lado do desfiladeiro vão entrar em ação, exterminando facilmente metade do batalhão valoriano, que estará encurralado e em meio ao caos. Vamos fazer o mesmo com a outra metade. Vamos vencer.

Logro não disse nada a princípio, mas sua expressão falava por si só.

– Então? – ele se voltou para Kestrel. – O que você acha?

Ela não olhou para ele.

– Faça essa menina falar, Arin – Logro resmungou. – Você disse que queria a

opinião dela.

Arin, que vinha observando as discretas alterações de humor e expressões de Kestrel, notando o ressentimento dela crescer, disse:

– Ela acha que o plano pode funcionar.

Logro olhou de um para o outro. Seu olhar se demorou em Kestrel, provavelmente tentando ver o que Arin via. Então, deu de ombros daquele jeito vistoso que fazia dele um leiloeiro tão talentoso.

– Bom, é melhor do que tudo que eu tenho. Vou repassar tarefas para todos.

Kestrel lançou um olhar furtivo a Arin, que ele não conseguiu interpretar.

Logro o abraçou com um braço e foi embora.

Ao se ver a sós com Kestrel, Arin retirou a planta do bolso: um punhado verde com um cabo fino e folhas de pontas delgadas. Ele a colocou na mesa diante dela, e seus olhos brilharam, transformando-se em joias de alegria. E a maneira como ela o encarou foi cheia de estima.

– Obrigada – ela murmurou.

– Eu devia ter procurado antes – ele disse. – Você não precisava ter que pedir. – Ele tocou três dedos no dorso da mão dela, o gesto herrani que servia de resposta a um agradecimento, mas que também era usado para pedir perdão.

A mão de Kestrel era macia. Lustrosa, como se tivesse passado óleo.

Ela a retirou. Mudou. Arin viu a transformação, viu a felicidade desaparecer de dentro dela. Ela disse:

– O que devo a você por isso?

– Nada – ele respondeu rápido, confuso. Não era *ele* quem devia a ela? Ela já não tinha lutado por ele uma vez? Ele não tinha se aproveitado da confiança dela para virar o seu mundo de cabeça para baixo?

Arin examinou Kestrel, percebendo que ela não tinha mudado, mas retomado a mesma fúria contida que tensionou seus ombros durante todo o tempo em que esteve sentada ao lado de Logro.

Claro que estava furiosa depois de ouvir um plano para destruir seu povo. Mas, assim que Arin concluiu isso, sua mente o trouxe de volta para o olhar inescrutável que ela lhe lançara. Ele o examinou como faria com uma concha do mar, curioso para saber que criatura havia habitado ali.

Lembrou-se daquele olhar, do tremular das sobrancelhas, da linha tensa em

sua boca.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

Pareceu que ela não responderia. Então falou:

– Logro vai dizer que suas ideias são dele.

Arin sabia disso.

– E daí?

Ela bufou.

– Precisamos de um líder – disse Arin. – Precisamos vencer. Não importa *como*.

– Você andou estudando – ela disse, e Arin percebeu que tinha citado um dos livros de guerra do pai dela. – Você andou pegando livros da minha biblioteca, lendo sobre formações de batalha e métodos de ataque valorianos.

– Você não faria o mesmo?

Ela girou a mão, impaciente.

Ele disse:

– Já era tempo de meu povo aprender algo com o seu. Afinal, vocês conquistaram metade do mundo conhecido. O que você acha, Kestrel? Eu não daria um bom valoriano?

– Não.

– Não? Nem quando planejo estratégias de ataque tão engenhosas que meu general quer roubá-las?

– E quem é *você* para deixar que ele roube? – Kestrel se levantou, com os ombros firmes e esguios, como uma espada.

– Sou um mentiroso – Arin falou lentamente. – Covarde. Não tenho honra.

Lá estava. Aquele olhar pálido, repleto de coisas ocultas.

Um segredo.

– Que foi, Kestrel? Me diga o que há de errado.

O rosto dela endureceu de uma maneira que ficou claro para Arin que ele não receberia nenhuma resposta.

– Quero ver Jess.

A planta jazia murcha e caída sobre a mesa.

Arin não sabia o que exatamente esperar da erva.



A neve caía sobre a trilha, invadindo a carroagem. Kestrel se sentia grata pela planta que Sarsine carregava consigo, mas o fim de tarde havia amargurado seus pensamentos, contorcendo seus órgãos com ansiedade. Ela pensou em Logro. Considerou o plano de Arin – um plano astucioso, com terríveis chances de dar certo.

Era mais urgente do que nunca que ela escapasse.

Mas como poderia, no pátio de Arin, cercada por herranis que pareciam cada vez menos com rebeldes desorganizados e mais como membros de um Exército?

Se ela *conseguisse* escapar, o que aconteceria com Jess?

Sarsine entrou na carroagem. Kestrel estava prestes a fazer o mesmo, quando relanceou para trás, para a casa. Ela brilhava, sombria, coberta pela neve vespertina. Kestrel viu a espiral arquitetônica que era a sua suíte na ala leste da casa. A pedra retangular era seu jardim do terraço, embora parecesse ter o dobro da largura à distância.

A porta.

Kestrel se lembrou da porta trancada em seu jardim e percebeu várias coisas.

Ela devia levar a outro jardim que espelhava o seu. Era por isso que aquela parede alta parentava ter o dobro da largura quando vista de fora.

Esse outro jardim se ligava à ala oeste, iluminado por janelas do mesmo tamanho que as da suíte dela, com os mesmos detalhes de diamante nas vidraças.

Mais importante, o telhado da ala leste se inclinava para baixo. Acabava sobre um cômodo no térreo que poderia ser a biblioteca ou a sala de visitas.

Kestrel sorriu.

Arin não era o único que tinha um plano.



– Só para Jess – Kestrel disse ao curandeiro herrani, e não se importou com as outras pessoas morrendo a seus pés. Ela seguiu o homem, sem querer correr o risco de aquela única folha ir para outra pessoa, mesmo reconhecendo alguns rostos sob a máscara arroxeadas do veneno.

Escolheu Jess.

Quando a bebida foi preparada e entornada na boca de Jess, a menina quis vomitar. O líquido escorreu pelo queixo. O curandeiro calmamente o pegou com a borda da tigela e tentou novamente, mas o mesmo se repetiu.

Kestrel pegou a vasilha do curandeiro.

– Beba isso – ela disse à amiga.

Jess gemeu.

– Beba – Kestrel insistiu – ou você vai se arrepender.

– Como você é gentil com os doentes – Sarsine disse.

– Se você não beber – Kestrel continuou –, você vai se arrepender porque nunca mais vai ter a chance de me provocar de novo, de ver o quanto sou teimosa e como faço tolices para conseguir o que quero. Nunca vai me ouvir dizer que te amo. Eu te amo, irmãzinha. Por favor, beba.

Jess soltou um estalo gutural. Kestrel tomou esse som como um consentimento e levou a tigela aos lábios da menina.

Jess bebeu.

Horas se passaram. A noite se aprofundou. Jess não deu sinal de melhora, Sarsine pegou no sono numa cadeira e, em algum lugar, Arin estava se preparando para uma batalha que poderia acontecer ao nascer do sol.

Então Jess inspirou – uma respiração fraca, aquosa. Porém melhor. Seus olhos se abriram e, ao ver Kestrel, ela disse com a voz rouca:

– Quero a minha mãe.

Foi o que Kestrel havia murmurado para ela uma vez, quando elas eram crianças e dormiam na mesma cama, com os pés frios e macios, juntos. Kestrel segurou a mão da amiga e fez o que Jess fizera anos antes, murmurando sons reconfortantes que não eram bem palavras, mas algo mais parecido com música.

Kestrel sentiu a frágil pressão dos dedos de Jess contra os dela.

– Não solte – Kestrel disse.

Jess ouviu. Seus olhos foram se abrindo, ganhando foco, despertando para o mundo.



– Você devia contar para Arin – Sarsine disse mais tarde, na carruagem.

Kestrel sabia que ela não estava falando sobre Jess.

– Não vou contar. E você também não. – Com desprezo, emendou: – Você tem medo de Logro.

Kestrel não acrescentou que ela também tinha.



Naquela noite, ela tentou abrir novamente a porta trancada do jardim. Puxou a maçaneta com toda a sua força. A porta era enorme. Nem se mexeu.

Ficou parada, tremendo sob a neve. Entrou em seus aposentos e voltou com uma mesa, que colocou junto à parede, no canto oposto. Subiu na mesa, mas não chegou nem perto de alcançar o topo do muro. Sua esperança era que os ângulos do canto dariam às suas mãos e aos seus pés apoio suficiente para ela se alçar.

Só que o muro era liso demais. Escorregou para baixo. Mesmo com uma cadeira em cima da mesa, era alto demais para ela, e colocar qualquer coisa em cima da cadeira deixaria a estrutura muito instável. Ela acabaria tombando nas pedras.

Kestrel desceu e examinou o jardim sob a luz da lamparina de seu jardim de inverno. Mordiscou a parte de dentro da bochecha, se perguntando se livros empilhados em cima da mesa fariam alguma diferença, quando ouviu algo.

O raspar de um sapato contra as pedras. Vinha de trás da porta, do outro lado do muro.

Alguém estivera ouvindo.

Ainda estava ouvindo.

O mais silenciosamente possível, Kestrel tirou a cadeira de cima da mesa e voltou para dentro.



Antes de partir para o desfiladeiro, durante as horas mais frias da noite, Arin encontrou tempo para ordenar que todos os móveis leves o bastante para Kestrel mudar de lugar fossem retirados de sua suíte.

ENQUANTO SEU COMANDO SE POSICIONAVA NO DE

em volta dele, Arin pensou que poderia ter interpretado mal o víncio em guerra dos valorianos. Ele tinha pensado que aquele víncio era movido por ganância. Por uma noção selvagem de superioridade. Nunca passou pela sua cabeça que os valorianos também iam à guerra por amor.

Arin amou aquelas horas de espera. A tensão silenciosa, radiante, feito faíscas de luz quente. Sua cidade lá embaixo e atrás dele, sua mão na curva do canhão, seus ouvidos atentos à acústica do desfiladeiro. Ele encarou o lugar e, embora sentisse o cheiro forte do medo nos homens e nas mulheres à sua volta, sentiu uma espécie de deslumbramento. Estava vibrante. Como se sua vida fosse uma fruta fresca, translúcida, de casca fina. Como se ela pudesse ser cortada ao meio e ele não se importasse. Nada trazia uma sensação parecida.

Nada exceto...

E isso era outra coisa que a guerra fazia. Ajudava Arin a esquecer o que, sozinho, ele não conseguia.

Ouviu alguém correndo. O barulho ecoou pelo desfiladeiro, cada vez mais alto até que um dos mensageiros de Logro surgiu, indo direto até o comandante. Arin não estava longe dele mas, mesmo se estivesse, poderia ouvir o grito esbaforido do rapaz.

– Estão vindo. Eles estão vindo!

Depois disso, foi só zumbido e correria. Correria para confirmar que os canhões estavam devidamente carregados. Confirmar uma segunda vez. Cortar os estopins dos longos rolos de corda inflamável. Esconder-se sob o tecido pardo.

Arin espiou por entre um buraco no lençol. Seus olhos ardiam por não piscar.

Obviamente ele os ouviu antes devê-los. A percussão de milhares de pés em marcha. Então, as linhas de frente valorianas atravessaram o desfiladeiro. Arin esperou e esperou pelo primeiro disparo de Logro.

Ele veio. A bola de canhão rasgou o tecido, voou pelo ar e atingiu a

cavalaria. Explodiu cavalos e pessoas. Arin ouviu gritos, mas os bloqueou da sua mente.

Os panos cor de pedra foram deixados de lado – não havia necessidade deles agora. Arin estava colocando uma bola no tubo do canhão, disparando, repetindo, com as mãos pretas de pólvora, quando uma mulher surgiu ao seu lado. Ela puxou sua manga.

– Logro está ferido – ela disse.

Os valorianos contra-atacavam. Flechas de arcos e de bestas cortavam o ar com uma precisão apavorante. Arin inspirou fundo. Saiu correndo.

As flechas passaram silvando por ele.

Ele se jogou atrás dos pedregulhos que protegiam parte do canhão de Logro. O homem estava caído de costas no chão, com o rosto manchado de pólvora negra. Herranis se amontoavam em volta dele, olhando-o fixamente, em choque.

– Não! – Arin gritou para eles. – Fiquem de olho nos valorianos, não nele! – Eles se sobressaltaram, depois voltaram ao que estavam fazendo, que era causar o maior número de buracos possível nas formações valorianas. – Exceto você – Arin puxou o homem mais próximo pela camisa. – Me conte o que aconteceu. – Arin se agachou e apalpou os braços de Logro, à procura de sangue. – Nenhuma ferida. Por que ele não tem nenhuma ferida?

– Ele simplesmente caiu para trás – disse o homem. – Quando o canhão disparou, a explosão o desequilibrou. Ele deve ter batido a cabeça.

Arin começou a rir. Já no início da batalha, o comandante tinha ficado inconsciente. Não podia ser um bom presságio.

Puxou Logro para um lugar mais seguro atrás dos pedregulhos e tirou um binóculo do bolso do homem. Tinha sido roubado da casa do general. Era de excelente qualidade.

Excelente até demais. Com ele, Arin viu que a cavalaria valoriana continuava de pé, com o controle dos cavalos, mesmo na descida íngreme e traíçoeira bombardeada por canhões. Eles estavam avançando.

Então Arin viu o pior. Enquanto observava, alguns soldados atrás das linhas de frente estavam virando o pescoço para olhar as encostas do desfiladeiro. Houve um lampejo súbito de um braço quando um valoriano sacou uma flecha, avistou um alvo sobre um rochedo e disparou.

Um dos quatro herranis encarregados de estourar os barris de pólvora negra caiu do despenhadeiro. Arin praguejou e ficou observando sem poder fazer nada enquanto os outros três herranis eram atingidos por tiros de besta.

É o fim, pensou Arin. Era o fim de tudo. Se eles não conseguissem dividir o batalhão valoriano em dois, derrubando as rochas sobre o desfiladeiro, os herranis seriam rapidamente massacrados por um exército experiente, que já se recuperava da surpresa.

Mas a última mulher herrani nas encostas se segurava no despenhadeiro, ainda viva, sabe-se lá como.

Até que ela caiu. Rodopiou em pleno ar e pegou fogo. Foi então que Arin notou o pequeno barril que ela segurava nos braços. Ela caiu no chão e explodiu. Uma chama devastou o exército valoriano.

Era o mais perto de uma segunda chance que Arin poderia chegar.

– Mire nos arqueiros – ele ordenou aos que estavam disparando o canhão de Logro. – Nos besteiros. Espalhem a ordem. Voltem todo o fogo contra aquele esquadrão.

– Mas os valorianos estão se aproximando...

– Obedeçam!

Arin encheu um saco com pólvora negra até a borda. Pegou um rolo de estopim, pendurou o saco nas costas e correu até o sopé do penhasco.

Era loucura o que estava fazendo. Tinha sido tocado pelos deuses, como se alguém o tivesse amaldiçoado com os nomes dos deuses da loucura e da morte quando ele era bebê. Estava correndo para uma trilha estreita no penhasco. Logo estaria lá e acabaria torcendo os tornozelos antes de alcançar aquele amontoado de pedras enredadas, perto dos galhos pretos dos arbustos de inverno. E, se não quebrasse os ossos antes, seria visto e levaria uma flechada.

E levou.

A dor se espalhou pela sua coxa. O cabo de uma flecha saltava de sua carne. Outra passou raspando por seu pescoço. Ele vacilou, depois forçou uma nova explosão de velocidade. As batidas de seu coração tremulavam em seus ouvidos, sonoras como disparos de um canhão.

Uma colina de rochas à sua esquerda ofereceu cobertura. Ele correu ao longo dela até o alto do desfiladeiro. Ali se agachou, tremendo e praguejando, sangrando em cima do saco de pólvora negra. Enfiou-o ao pé de um monte de

rochas despedaçadas e pegou o estopim com dificuldade.

Acendeu um fósforo e o segurou até seus dedos queimarem e o estopim acender.

Então *subiu*. Subiu como se todo seu corpo fosse feito para subir, lutando para ficar acima da explosão que estava para acontecer.

Ela veio. Ruiu a encosta da montanha. Lançou para longe os pedregulhos do desfiladeiro.

A terra deslizou sob os pés de Arin. Ele caiu em meio a uma chuva de rochas.

KESTREL OUVIU OS GRITOS DE ALEGRIA À DISTÂNCIA

Seu coração apertou. Os soldados valorianos não gritavam vivas quando venciam. Eles cantavam.

O plano de Arin tinha funcionado.

Foi até a janela de vidraça em formato de diamante que dava para o pátio e, além dele, para a cidade. Ela a abriu. O ar do inverno entrou com tudo, flocos de neve formigaram suas bochechas. Debruçou-se no parapeito.

Um pequeno grupo de cavaleiros se aproximava da casa, num ritmo lento o bastante para acompanhar o de Dardo, cujo cavaleiro estava caído sobre seu pescoço.

Os herranis não estariam gritando vivas de alegria se Arin estivesse morto ou quase morrendo, certo?

Que boba, Kestrel disse a si mesma. Mortos não cavalgam.

Uma tormenta de sentimentos a deixou confusa, e Kestrel não soube identificar suas emoções. Não sabia o que estava sentindo. Mal conseguia pensar.

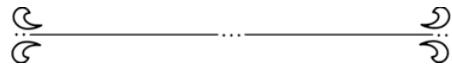
Então, os cavalos pararam. Arin desceu de Dardo e houve uma movimentação entre os herranis para ver quem o ajudaria primeiro. As pessoas o apoiaram, colocando os braços dele sobre seus ombros.

O rosto de Arin estava branco de dor e enegrecido por manchas de terra e hematomas. Suas roupas esfarrapadas estavam tingidas de carmim, em marcas brilhantes, ensanguentadas. Um pé estava descalço.

Ele virou a cabeça para trás, encontrou o olhar de Kestrel e sorriu.

Kestrel fechou a janela e fechou o peito, porque aquilo que sentiu ao ver Arin subir a trilha mancando não era nada do que ela estava esperando. Ela não devia sentir aquilo, sabia que não.

Um forte e arrebatador alívio.



– Um herói. – Logro encarava Arin, estirado na cama.

Arin começou a balançar a cabeça, então se crispou de dor.

– Pura sorte.

– Maldita sorte. Um monte de arbustos impediu que você caísse do penhasco, você ficou praticamente enterrado embaixo de uma pilha de rochas e ainda assim não quebrou nada.

– Sinto como se eu tivesse quebrado *tudo*.

Logro estava com uma estranha expressão no rosto.

Arin disse:

– Você também teve sorte.

– De bater a cabeça e perder a batalha? Acho que não, hein. – Mas Logro deu de ombros e sentou na beira da cama, dando um tapa no ombro ferido de Arin e rindo quando ele praguejou. – Sempre tem a próxima. Conte o que aconteceu depois que tiraram você debaixo das rochas.

– O plano deu certo. Os soldados valorianos na frente foram separados dos que estavam na retaguarda pelo deslizamento de terra, que exterminou boa parte das fileiras do meio. Eles se renderam. Acho que conseguimos garantir que nenhum mensageiro escapasse pelo lado valoriano do desfiladeiro. Mandei os feridos para o palácio do governador. Bem que podíamos transformar o lugar de uma vez em hospital.

– Para os nossos feridos, você quer dizer.

Arin se apoiou num cotovelo.

– Para os dois lados. Fiz prisioneiros.

– Arin, Arin. Não precisamos de mais valorianos de estimação. Já estamos até aqui de aristocratas. Pelo menos as cartas deles propagam informações falsas na capital. E eles servem de entretenimento.

– O que você teria me mandado fazer? Matar todos?

Logro abriu as mãos como se a resposta estivessem em suas palmas.

– Teria sido estupidez – Arin retrucou, exausto demais para ter medo de ofender. – Somos melhores do que isso.

O silêncio de Logro ficou grave.

– Veja da seguinte forma – Arin prosseguiu, com mais cautela. – Um dia poderemos estar em posição de trocar prisioneiros. Essa não foi a última batalha. Alguns dos nossos podem ser capturados na próxima.

Logro se levantou.

– Podemos discutir isso depois. Quem sou eu para impedir o repouso do nosso herói?

– Por favor, pare de me chamar assim.

Logro estalou a língua.

– As pessoas vão amar você por isso – ele disse.

Mas ele não falou como se fosse uma coisa boa.



A possibilidade de um futuro não parecia mais tão frágil para os herranis. Antes da batalha, a maioria dos que não tinham casas para onde retornar continuava morando onde tinham trabalhado como escravos. Agora, as casas valorianas vazias estavam ocupadas. As pessoas buscavam a permissão de Logro para se mudar para um ou outro lugar, mas, às vezes, os olhos se voltavam para Arin antes. Nesses casos, Logro sempre dizia não.

Arin se esforçou para transformar seus combatentes num Exército de verdade. Fez uma lista de pessoas que haviam se destacado durante a batalha e sugeriu que fossem transformadas em oficiais. Os títulos que indicou eram os mesmos usados pelo Exército herrani antes da conquista.

Logro franziu a testa diante da lista.

– Imagino que você queira trazer a monarquia de volta também.

– A família real morreu – Arin disse, devagar.

– Então o que você é, a segunda melhor opção?

– Eu nunca disse isso. E isso não tem nada a ver com nomear oficiais.

– Ah, não? Olhe só esta lista. Metade dessas pessoas tinha sangue azul, como você.

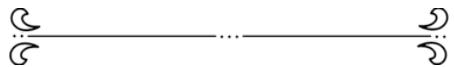
– Metade, não. – Arin suspirou. – É só uma lista, Logro. A decisão é sua.

Logro analisou o papel, riscou alguns nomes e incluiu outros. Assinou com um floreio.

Arin disse que eles deveriam começar a conquistar terras fora da cidade, capturando fazendas e trazendo grãos e outros itens alimentícios para se prepararem para um cerco.

– A propriedade Ethyra seria uma boa primeira opção.

- Certo, certo. – Logro acenou com a mão.
- Arin hesitou, depois ofereceu um pequeno saco pesado.
- Você pode achar estes livros interessantes. Sobre guerras e histórias valorianas.
- Sou velho demais para estudar – Logro disse e deixou Arin com a mão estendida.



Kestrel estava começando a odiar seus aposentos. Ela se perguntava que tipo de família Irex tinha para que uma fechadura que só trancava do lado de *fora* tivesse sido colocada numa suíte tão sumptuosa, que devia ter pertencido à sua mãe. A fechadura era de latão valoriano, intricada e sólida. A esta altura, Kestrel já a conhecia intimamente, de tanto tempo que passava testando-a para ver se podia ser arrombada.

Se tivesse de escolher que aspecto da suíte ela mais detestava, teria sido difícil decidir entre a fechadura e o jardim, embora nos últimos dias ela nutrisse um rancor especial contra as cortinas.

Kestrel se escondia atrás delas para observar Arin sair e voltar, quase sempre em cima do cavalo dela. Apesar de seu estado depois da batalha, seus ferimentos não eram graves. Ele mancava cada vez menos, o curativo em seu pescoço desapareceu, e os hematomas vermelhos foram se apagando em tons feios de verde e roxo.

Vários dias se passaram sem nenhuma palavra entre eles, e isso a deixava à beira de um ataque.

Era difícil apagar a lembrança do sorriso dele – exausto, doce.

E depois aquela cascata de alívio.

Kestrel enviou uma carta para ele. Jess provavelmente se recuperaria, ela escreveu. Pediu para visitar Ronan, que estava sendo mantido na prisão da cidade.

A resposta de Arin foi um bilhete curto: *Não*.

Achou melhor não insistir. Tinha feito o pedido com uma sensação de obrigação. Na verdade, morria de medo de ver Ronan. Mesmo se aceitasse falar

com ela, mesmo se ele não a odiasse agora, Kestrel sabia que olhar para ele seria como encarar o seu fracasso. Ela tinha feito tudo errado... incluindo não ser capaz de amá-lo.

Dobrou a carta de uma palavra só e a colocou de lado.



Arin estava saindo da casa do general, que se tornou o quartel do Exército, quando um dos novos soldados o saudou. Thryinne, um homem de meia-idade, examinava um bando de cavalos valorianos capturados na batalha.

– Eles vão ser ótimos para a nossa marcha à fazenda de Metrea – ele disse.

Arin franziu a testa.

– O quê?

– Logro está nos mandando para capturar a fazenda de Metrea.

Arin perdeu a paciência.

– Que estupidez! Metrea cultiva azeitonas. Você quer viver à base de *azeitonas* durante um cerco?

– Er... não.

– Então vão para Ethyra, onde eles têm estoques de grãos, além de gado.

– Agora?

– Sim.

– Não é melhor perguntar para Logro antes?

– *Não* – Arin esfregou a testa, cansado de pisar em ovos com Logro. – Vão de uma vez.

Thryinne levou suas tropas.

Quando Arin viu Logro no dia seguinte, ninguém mencionou a ordem do comandante ou como Arin tinha passado por cima dela. Logro estava bem-humorado e sugeriu que Arin visitasse seu “rebanho valoriano”, em referência aos prisioneiros da batalha.

– Vá ver se as condições estão do jeito que você quer – Logro disse. – Que tal amanhã?

Fazia tempo que Logro não lhe pedia para fazer nada. Arin tomou o pedido como um bom sinal.



Ele levou Sarsine consigo. Ela tinha um dom para organização e já havia transformado o palácio do governador em algo que começava a se assemelhar a um hospital de verdade. Arin pensou que ela poderia saber o que fazer com a possível superlotação da prisão.

Contudo, a superlotação não era o problema.

Sangue cobria o piso da prisão. Corpos jaziam estirados nas celas. Todos os soldados valorianos tinham sido mortos – atingidos por tiros através das grades ou trespassados por lanças enquanto dormiam.

O estômago de Arin se revirou. Ouviu o grito sufocado de Sarsine. Suas botas pisavam numa poça escura de sangue.

Mas nem todos os prisioneiros estavam mortos; os que tinham sido capturados na noite em que a revolução começou ainda estavam vivos, fitando Arin com pavor. Estavam em silêncio... Com medo, talvez, de serem os próximos. Um deles se aproximou das grades da cela, com o corpo esguio, o rosto bonito, os movimentos elegantes que Arin havia odiado. Invejado.

Ronan não falou. Não precisou. Sua expressão mordaz era pior do que palavras. Ele culpava Arin. Via Arin como um animal, com as mãos sujas de sangue.

Arin virou as costas. Desceu o longo corredor, tentando não sentir como se estivesse fugindo, e confrontou uma guarda.

– O que aconteceu? – ele perguntou, sabendo a resposta.

– Ordens – a guarda respondeu.

– De Logro?

– Claro. – Ela deu de ombros. – Devia ter sido feito há muito tempo, ele disse.

– E vocês não acharam que havia algo de errado nisso? Em matar centenas de pessoas?

– Mas nós tínhamos ordens – falou outro guarda. – Eles eram valorianos.

– Você transformaram esta prisão num abatedouro!

Um dos herranis pigarreou e cuspiu.

– Logro disse que você reagiria assim.

Sarsine pegou Arin pelo cotovelo e o tirou da prisão antes que ele fizesse

alguma idiotice.

Arin pestanejou diante do céu cor de ferro. Inspirou lufadas enormes de ar puro.

– Logro é um problema – Sarsine disse.

Respire, Arin se ordenou.

Sarsine torceu os dedos. Então, falou rápido:

– Tem uma coisa que eu devia ter te contado antes.

Ele olhou para a prima.

– Logro odeia Kestrel – ela disse.

– Claro que odeia. Ela é filha do general.

– Não, é mais do que isso. É o ódio de alguém que não está conseguindo o que quer.

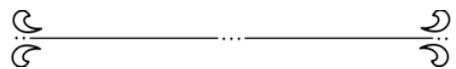
Sarsine explicou exatamente o que achava que Logro queria.

Arin começou a ferver. A informação borbulhou dentro dele: uma mistura de raiva e repulsa. Ele não tinha visto. Não tinha entendido. Por que tinha descoberto só agora que Logro esteve a sós com Kestrel, e daquela forma?

Ergueu a mão para deter as palavras de Sarsine, porque, em seguida ao último pensamento, veio outro ainda pior.

E se Logro quis que os assassinatos na prisão fossem mais que uma demonstração de seu poder sobre Arin?

E se fossem uma distração?



Kestrel encostou a testa contra uma das janelas de sua sala de estar e fitou o pátio vazio. Ela queria que o vidro gelado congelasse seu cérebro, porque achava que não seria mais capaz de suportar seus próprios pensamentos – nem sua própria incompetência. Como *ainda* era uma prisioneira?

Estava se maldizendo quando uma mão a pegou pela nuca.

Seu corpo soube como reagir antes de sua mente. Pisou com o calcanhar no dorso do pé do homem, bateu com o cotovelo no ponto abaixo das costelas, passou por sob um braço grosso...

...e foi pega pelo cabelo. Logro a puxou para perto de si. Usou o corpo todo para tirá-la de perto da janela e encostá-la contra uma parede.

Sua mão pressionou a boca dela. Ela virou a cabeça para o lado. O polegar de Logro apertou a parte de baixo do queixo dela e virou seu rosto para encarar o dele.

A outra mão encontrou seus dedos e apertou firme.

– Não resista – ele disse. – Coisas macias não quebram.

ELE TENTOU DERRUBÁ-LA NO CHÃO. ELA LIVROL
acertou o pulso contra o nariz dele. Ela o sentiu se quebrar. Sangue jorrou entre seus dedos.

Logro resmungou, sem fôlego. Ele levou as mãos ao nariz quebrado, abafando gemidos, contendo o sangue.

Soltou Kestrel.

Ela o empurrou e correu. Pensou: *faca*. Sua faca de cerâmica improvisada, escondida em meio à hera. Ela tinha uma arma, não estava indefesa, aquilo não aconteceria, ela não seria...

Logro deu um tapa na cara de Kestrel com o dorso da mão.

O golpe a desequilibrou. Ela caiu no chão, com a bochecha no carpete, crispando-se contra os desenhos entretecidos. Obrigou-se a se levantar. Foi empurrada de volta para baixo. Ouviu uma adaga sair da bainha, e Logro estava dizendo coisas que ela se recusava a entender.

Então houve um estrondo.

Kestrel não conseguiu entender o que era aquele som, não conseguia nem respirar sob o peso do homem. Mas, de repente, ele se levantou com dificuldade. Não estava mais olhando para ela.

Encarava Arin, que havia entrado, arrombando a porta.

Ele adentrava na sala a passos largos. Sua espada estava erguida. Seu rosto estava tão pálido e duro que parecia feito apenas de ossos e fúria.

– Arin, não aconteceu nada. – Logro disse, apaziguador.

Arin atacou e sua espada teria cortado o pescoço de Logro se o homem não tivesse desviado. Logro começou a falar como se eles estivessem discutindo um jogo cujas regras haviam sido esquecidas. Disse que não era justo que Arin tivesse a maior arma, e que velhos amigos não deviam brigar. A menina valoriana era quem tinha atacado.

– Olhe só meu rosto – Logro disse. – Olhe só o que ela fez comigo.

Arin enfiou a espada no peito dele. Ouviu-se o som de metal contra osso. Um grito sufocado, sangue jorrando. Arin enfiou a lâmina até o cabo. A

ponta da espada trespassou as costas de Logro e ele caiu, curvando-se sobre si mesmo, espirrando carmesim sobre Arin, cuja expressão não mudou: era composta apenas por linhas duras de morte.

Os olhos de Logro se arregalaram. Incrédulos. Depois, sem vida.

Arin o soltou. Ele se ajoelhou no chão ao lado de Kestrel. Sua mão ensanguentada se ergueu à bochecha machucada dela e ela recuou diante do toque úmido. Em seguida, se deixou ficar nos braços de Arin, encostada levemente contra o coração acelerado dele. Ela inspirou.

Um gole de ar. Rápido. Raso. Outro.

Começou a tremer. Dentes tiritavam em sua boca. Arin estava dizendo *shhh*, como se Kestrel estivesse chorando, o que a fez perceber que estava mesmo chorando. E se lembrou de que Arin não era um refúgio, mas uma cela.

Ela o empurrou.

– Chave – ela murmurou.

As mãos de Arin caíram ao lado do corpo.

– quê?

– Você deu a Logro *as chaves dos meus aposentos!*

Afinal, de que outro modo ele teria entrado tão silenciosamente? Arin o tinha convidado, aberto sua casa, oferecido suas posses, oferecido Kestrel...

– Não. – Arin parecia enojado. – Nunca. Você precisa acreditar que eu nunca faria isso.

Kestrel cerrou o maxilar.

– Pense, Kestrel. Por que eu daria a chave da sua suíte para Logro para depois matá-lo?

Ela balançou a cabeça. Não sabia.

Arin passou a mão na testa. O sangue se espalhou. Ele tentou se limpar com a manga, mas, quando olhou para ela, ainda havia uma faixa vermelha sobre seus olhos cinzentos. A ferocidade que tomara seu rosto quando ele entrou na sala tinha desaparecido. Agora ele só parecia jovem.

Ele se levantou, tirou a espada do corpo e apalpou os bolsos do homem. Pegou uma argola grossa de ferro com dezenas de chaves. Ele a virou, olhando-as penduradas, tilintando.

Fechou o punho em volta delas.

– Minha casa – ele disse, com a voz pesada, olhando para Kestrel. – Chaves

podem ser copiadas. – Seus olhos estavam suplicantes. – Não faço a menor ideia de quantos molhos a família de Irex tinha. Logro pode ter conseguido este muito antes do baile de Primeiro Inverno.

Aquilo podia ser verdade. Ela achava que ninguém poderia fingir tão bem o horror que viu no rosto de Arin ao encontrar Kestrel no chão. Ou a expressão que habitava seu rosto agora, como se o que tinha acontecido com ela estivesse acontecendo com ele.

– Acredite em mim, Kestrel.

Ela acreditava... e não acreditava.

Arin desmontou a argola, tirou duas chaves e as colocou na mão de Kestrel.

– Estas são as da sua suíte. Fique com elas.

Kestrel olhou para o metal sem brilho em sua mão. Reconheceu uma chave. A outra...

– Esta é a da porta do jardim?

– Sim, mas... – Arin desviou o olhar – você não vai querer usar.

Kestrel tinha imaginado que Arin vivia na suíte da ala oeste, que devia ter sido do pai dele, enquanto a sua era a da mãe. Só então entendeu para que serviam os dois jardins: era uma maneira de marido e mulher se visitarem sem que toda a casa soubesse.

– Kestrel... Você está muito machucada? – A pergunta de Arin foi algo que ele claramente odiara fazer.

Kestrel se levantou. Arin estava em pé, e ela já estava cansada de ficar agachada no chão.

– Nada além do que você pode ver. – Seu olho inchado estava fechado, e o carpete tinha ferido sua bochecha. – Só no rosto. Nada mais.

– Podia matá-lo mil vezes e ainda iria querer matá-lo de novo.

Ela olhou para o corpo caído de Logro, empapando de sangue o carpete.

– É melhor alguém limpar isso. Eu é que não vou limpar. Não sou sua escrava.

Com a voz baixa, ele concordou:

– Não mesmo.

– Eu poderia acreditar, se você me desse todo o molho de chaves.

O canto do lábio dele se contraiu.

– Ah, quer ter um pouco de respeito pela minha inteligência?



Ao cair da noite, Kestrel tentou abrir a porta do jardim, para descobrir que o jardim de Arin era tão vazio quanto o dela, com paredes igualmente lisas. O jardim de inverno era escuro, mas o corredor que ia dele para o restate da suíte era um túnel brilhante.

Em algum lugar entre as camadas e formas dos aposentos iluminados, uma sombra alongada se moveu.

Arin estava acordado.

Ela voltou para seu jardim e trancou a porta.

O tremor que a havia consumido antes retornou. Bem lá no fundo desta vez. Mesmo se ela tivesse entrado no jardim com a ideia de escapar, quando viu a sombra de Arin soube que, na verdade, tinha ido procurar a companhia dele.

Não aguentava mais ficar sozinha.

Começou a andar de um lado para o outro, espalhando as pedrinhas sob os pés.

Se continuasse se mexendo, poderia esquecer o peso de Logro. A dor ardente em seu rosto. O momento em que ela percebeu que não havia nada que pudesse fazer.

Arin fizera tudo. Pegou o corpo e o levou para longe. Enrolou o tapete ensanguentado e se livrou dele também. Ele provavelmente também teria consertado a porta, que pendia nas dobradiças.

Mas Kestrel pediu para ele sair. Ele o fez.

Arin estava virando o tipo de pessoa que o pai dela admirava. Impiedoso. Capaz de tomar uma decisão, segui-la e deixá-la para trás. Kestrel sentia que ele era a sombra dela própria – ou melhor, de quem ela deveria ser.

A filha do general Trajan não estaria nesta posição agora.

Não estaria com medo.

Seus pés pisavam fundo nas pedras.

Então ela ouviu algo e parou.

Quando a primeira nota cortou a escuridão fria, Kestrel não entendeu o que era. Um som puro, belo, baixinho. Esperou um pouco, e o som voltou.

Um canto.

Brotava como a seiva de uma árvore, gotejando no tronco de madeira,

dourada. Então ouviu uma rica escala. Um cantor testando seu alcance.

Surgiam nuances. A voz de Arin se elevava por sobre o muro do jardim. Ela espalhou-se em torno do medo de Kestrel e infiltrou-se. Aquele calor aconchegante da melodia era familiar.

Uma canção de ninar. Enai a cantara para Kestrel, e Arin a cantava para ela agora.

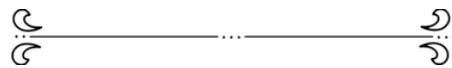
Talvez ele a tivesse visto no jardim ou ouvido sua caminhada inquieta. Kestrel não sabia como ele sabia que ela precisava de seu consolo tanto quanto precisava do muro de pedras entre eles. Quando a canção cessou e a noite ressoou um silêncio que também era um tipo de música, Kestrel não estava mais com medo.

E acreditou em Arin. Acreditou em tudo o que ele já havia dito para ela.

Acreditou em seu silêncio do outro lado do muro, lhe dizendo que ele ficaria ali pelo tempo que ela precisasse.

Quando entrou, Kestrel levou consigo a canção.

Era uma vela que iluminava seu caminho e permanecia de guarda enquanto ela dormia.



Arin acordou sentindo a garganta ainda cheia de música.

Então, lembrou-se que tinha matado seu amigo e que os herranis estavam sem um líder. Procurou algum remorso dentro de si. Não encontrou nada além do eco frio de sua própria raiva pungente.

Levantou-se e jogou água no rosto, espalhando-a no cabelo. O reflexo no espelho não parecia o dele, não exatamente.

Vestiu-se com cuidado e foi ver como estava o mundo.

Nos corredores depois de sua suíte, encontrou olhares de esguelha de pessoas que tinham sido servas de Irex e outras que tinham trabalhado naquela casa, na época de seus pais. Elas tinham retomado suas vidas. Quando Arin, constrangido, disse que não precisavam ocupar suas antigas funções, elas lhe responderam que preferiam limpar e cozinhar a combater. O pagamento poderia vir depois.

Outros herranis moravam na casa de Arin. Treinavam e logo se tornariam

soldados. Eles também observaram Arin passar, mas nada falaram sobre o corpo que ele tinha carregado pela casa na noite anterior e enterrado no jardim.

A falta de perguntas o deixou nervoso.

Passou pela biblioteca aberta, depois parou e voltou. Empurrou a porta para ver Kestrel por inteiro.

Uma chama ardia na lareira. O cômodo estava quente. Kestrel examinava as prateleiras como se aquela fosse a sua casa – o que Arin queria que fosse. De costas para ele, ela tirou um livro do lugar, com um dedo na lombada.

Ela pareceu sentir a presença dele. Colocou o livro de volta e se virou. Seu machucado na bochecha tinha coagulado. Seu olho roxo estava fechado. O outro o examinava, amendoadão, amarelo-âmbar, perfeito. A visão dela deixou Arin mais aturdido do que ele imaginava.

– Não conte a ninguém por que matou Logro – ela disse. – Você não vai ganhar nada com isso.

– Não ligo para o que as pessoas pensam de mim. Elas precisam saber o que aconteceu.

– Você não tem o direito de contar essa história.

Uma tora chamuscada se remexeu no fogo, crepitando, sonora.

– Você está certa – Arin falou, devagar –, mas não posso mentir sobre isso.

– Então não diga nada.

– Vou ser questionado. Vou ser considerado responsável pelo novo líder, embora não saiba direito quem vai assumir a posição de Logro...

– Você. Óbvio.

Ele balançou a cabeça.

Kestrel deu de ombros. Voltou aos livros.

– Kestrel, não vim aqui para discutir política.

A mão dela tremeu de leve, então remexeu nos ladrilhos para esconder o tremor.

Arin não sabia o quanto a última noite havia mudado a relação deles, ou de que maneira havia mudado.

– Desculpe. – Ele suspirou. – Logro nunca devia ter sido uma ameaça para você. Você não devia nem estar nesta casa. Está nessa posição porque eu te coloquei nela. *Coloquei* você aqui. Por favor, me perdoe.

Os dedos dela pararam, finos, fortes, imóveis.

Arin se arriscou a pegar a mão de Kestrel. Ela não recuou.

ELA TINHA RAZÃO. OS HERRANIS LOGO TOMARAM A novo líder, fosse porque sempre o admiraram ou porque gostavam do dom de Logro para selvageria e imaginaram que, se Arin o tinha matado, ele devia ser o melhor dos monstros.

Ele definitivamente era melhor estrategista. Trechos inteiros da península caíram sob controle herrani conforme os esquadrões foram mandados para capturar as fazendas. Comida e água foram estocados, o suficiente para um ano de cerco – pelo menos foi o que Kestrel ouviu dos guardas que conversavam entre si na entrada da casa.

– Como você pode ter esperança de vencer contra um cerco? – Kestrel perguntou a Arin durante uma das raras ocasiões em que ele estava em casa, em vez de liderando um ataque no interior. Eles estavam sentados à mesa de jantar. Kestrel não recebia uma faca para comer.

De noite, ela guardava com carinho a lembrança da canção de Arin. De dia, porém, não tinha como ignorar os fatos. A falta da faca. A forma como todas as saídas óbvias estavam protegidas, incluindo as janelas do térreo. Kestrel possuía duas chaves que faziam pouco mais do que provar que ela continuava sob uma forma privilegiada de prisão domiciliar.

Será que para conquistar sua liberdade teria que obter uma chave de cada vez?

E, quando seu pai voltasse com o Exército imperial – como inevitavelmente aconteceria —, o que seria dela? Kestrel tentou se imaginar transformando-se numa traidora e aconselhando os herranis ao longo da guerra iminente. Não seria capaz. Não importava que a causa de Arin fosse justa ou que Kestrel agora se permitia ver isso. Ela não conseguiria lutar contra o próprio pai.

– Podemos aguentar um cerco por algum tempo – Arin disse. – As muralhas da cidade são fortes. Foram construídas por valorianos.

– O que significa que sabemos como derrubá-las.

Arin rodou a taça, observando a água cristalina girar.

– Quer apostar? Tenho uns fósforos. Ouvi dizer que são uma excelente

aposta. – Um sorriso perpassou seus lábios.

– Não estamos jogando Morder e Picar.

– Mas, se estivéssemos e eu continuasse aumentando a aposta a ponto de você não poder arcar com a perda, o que você faria? Poderia desistir do jogo. A única esperança de Herran vencer o império é se a reconquista for dolorosa demais. Afundar os valorianos num cerco sem fim quando eles prefeririam estar em combate no oriente. Obrigá-los a reconquistar o interior, parte por parte, à custa de dinheiro e vidas. Algum dia, o império vai concluir que não vale a pena lutar por nós.

Kestrel balançou a cabeça.

– Herran sempre vai valer a pena.

Arin olhou para ela, com as mãos pousadas na mesa. Ele também não tinha uma faca. Kestrel sabia que era para tornar menos óbvio o fato de que ela não recebia uma. Em vez disso, fazia o contrário.

– Você perdeu um botão – ele disse abruptamente.

– O quê?

Ele estendeu o braço sobre a mesa e tocou o tecido no punho dela, no buraquinho aberto. A ponta do seu dedo resvalou o fio desfiado.

Kestrel esqueceu que estava incomodada. Percebeu que estava pensando sobre facas e agora falavam sobre botões, mas o que uma coisa tinha a ver com a outra ela não sabia.

– Por que não arruma? – ele disse.

Ela se recuperou.

– Que pergunta boba.

– Kestrel, você não sabe costurar um botão?

Ela se recusou a responder.

– Espere aqui – ele disse.

Arin voltou com um kit de costura e um botão. Enfiou a linha na agulha, a mordeu entre os dentes e segurou o punho de Kestrel com as duas mãos.

O sangue dela se transformou em vinho.

– É assim que se faz.

Tirou a agulha da boca e a perfurou no tecido.



“É assim que se acende a lareira.”

“É assim que se faz chá.”

Pequenas lições, pontilhadas aqui e ali, entre os dias. Através delas, Kestrel sentiu a história silenciosa de como Arin aprendeu o que sabia. Ela pensava nisso nos longos períodos em que ficava semvê-lo.

Dias se passaram depois que Arin costurou o botão firmemente em sua manga. Depois, uma semana inteira se passou desde que acendeu a chama na lareira da biblioteca, e mais outras desde que colocou uma caneca quente de chá perfeitamente infundido nas suas mãos. Então, estava fora de novo. Lutando, Sarsine disse, sem mencionar onde.

Com sua nova – ainda que limitada – liberdade, Kestrel vagava pelas alas onde as pessoas trabalhavam. Algumas portas lhe eram proibidas. As das cozinhas, por exemplo. Antes não eram, antes daquele dia terrível perto da fonte, mas eram agora que todos sabiam que ela podia vagar pela casa. As cozinhas tinham facas demais. Chamas demais.

Mas havia chamas acesas regularmente na biblioteca e em sua suíte, e Kestrel aprendeu a acender uma em qualquer lugar. Por que não botar fogo na casa e torcer para escapar em meio à confusão?

Certo dia, examinou a franja das cortinas de sua sala de estar e segurou um graveto com tanta força que lascas furaram sua mão. Então ela soltou. Um incêndio seria perigoso demais. Ela poderia morrer. Disse a si mesma que era por isso que estava devolvendo os gravetos ao piso da lareira. E não porque não conseguia suportar a ideia de destruir a casa da família de Arin. Não porque um incêndio também poderia matar os herranis que moravam ali.

Se escapasse e mandasse o exército imperial para a cidade, não seria o mesmo que levar à morte todos os herranis daquela casa? Incluindo Arin?

Ficou furiosa com a estupidez dele por tê-la ensinado uma habilidade tão perigosa como acender uma chama. Ficou furiosa com o que a ideia da morte dele fez com ela.

Bateu a tampa da caixa de gravetos e trancou o luto repentino em seus pensamentos. Saiu do quarto.

Vagou pela ala dos alojamentos dos servos: um corredor de cômodos pequenos muito próximos uns dos outros, com portas idênticas, brancas como giz, nos fundos da casa. Hoje, os herranis esvaziavam os quartos, passando por

ela com telas emolduradas nos braços. Kestrel observou uma mulher pegar uma grande lamparina iridescente a óleo e carregá-la no colo feito uma criança.

Como todas as outras famílias coloniais, a de Irex havia transformado o alojamento dos servos em depósito e mandado construir um prédio externo para os escravos. Privacidade era um luxo a que os escravos não tinham direito – ou pelo menos era isso que os valorianos pensavam... o que foi benéfico para a rebelião. Obrigar os escravos a dormirem e comerem juntos os ajudara a tramar contra seus conquistadores. Kestrel se espantou com a maneira como as pessoas montavam suas próprias armadilhas.

Lembrou-se do beijo na carroça na noite do baile de Primeiro Inverno. De como todo o seu ser desejou aquele beijo.

Ela também havia caído na própria armadilha.

Kestrel seguiu em frente. Desceu a escada para as oficinas. O andar de baixo era mais quente por causa do fogo das cozinhas. Ela passou pela destilaria. Pela lavanderia, com lençóis pendurados como velas de um barco. Viu pessoas ocupadas na área de serviço, onde as cubas estavam cheias de panelas e água fervente, e as pias de cobre vazias esperavam para lavar os conjuntos de jantar de porcelana.

Passou pela área de serviço, depois parou para sentir a brisa fresca nos tornozelos. Uma corrente de ar. O que significava que, em algum lugar por ali, uma porta tinha sido deixada aberta.

Seria essa sua chance de escapar?

Teria como aproveitar?

Iria aproveitar?

Kestrel seguiu a corrente de ar frio, que a levou até uma despensa. A porta estava entreaberta. Sacos de grãos estavam empilhados lá dentro.

Mas não era essa a origem da corrente de ar. Continuou descendo o corredor vazio. No fim, uma pálida faixa de luz cortava o chão. O frio aumentava.

A porta para o pátio da cozinha estava aberta. Alguns flocos de neve entravam rodopiantes no corredor e desapareciam.

Talvez *agora*. Talvez *agora* fosse o momento de escapar.

Kestrel deu outro passo. Seu coração subia pela garganta, trêmulo.

Então as dobradiças da porta cantaram alto, a luz inundou o corredor e Arin

apareceu.

Ela abafou um grito de susto. Ele também ficou surpreso por vê-la e se empertigou de súbito sob o peso do saco de grãos nos seus ombros. Rapidamente, seus olhos se voltaram para a porta aberta. Arin colocou o saco no chão e trancou a porta.

- Você voltou – ela disse.
 - Já vou sair de novo.
 - Para roubar mais grãos de uma fazenda capturada?
- O sorriso dele era perfeitamente irônico.
- Rebeldes também precisam comer.
 - E imagino que você esteja usando o meu cavalo nessas suas batalhas e roubos.
 - Ele está feliz por apoiar uma boa causa.
- Kestrel bufou. Já estava virando as costas quando ele perguntou:
- Você quer vê-lo? Dardo?
- Ela ficou imóvel.
- Ele sente sua falta – Arin completou.

Ela fez que sim. Depois que Arin empilhou o último saco de grãos na despensa e ofereceu seu casaco para ela, eles saíram para o pátio da cozinha e atravessaram os pavimentos de ardósia para chegar aos campos e ao estábulo.

Estava quente lá dentro. O lugar cheirava a feno, couro, estrume gramíneo e, sabe-se lá como, luz do sol, como se tivesse sido estocada ali para o inverno. Os cavalos de Irex eram lindos e elegantes. Estavam agitados. Vários bateram a pata em suas baías quando Kestrel e Arin entraram, e um ofereceu a cabeça. Mas Kestrel só tinha olhos para Dardo.

Ela foi direto à baia dele. Ele se assomou sobre ela, mas abaixou a cabeça para encostá-la em seu ombro, soprar forte em suas mãos erguidas e tocar os lábios no seu cabelo. Kestrel sentiu um nó na garganta.

Ela estava solitária. Achava que essa solidão não deveria doer tanto – não quando havia todo o *resto*. No entanto, ali estava um amigo. Passar a mão no focinho aveludado de Dardo a lembrou de quão poucos amigos ela tinha.

- Arin, que tinha ficado para atrás, se aproximou.
- Desculpe – ele falou –, mas preciso prepará-lo para cavalgar. O sol está se pondo. Preciso partir.

– Claro – ela concordou, e ficou horrorizada ao ouvir o som embargado em sua voz.

Sentiu Arin observá-la. Sentiu a pergunta em seu olhar. Sentiu que ele a percebeu à beira das lágrimas, e isso também doía, mais até que a solidão, porque entendeu que sua solidão era por ele, que o que a fizera vagar pela casa era a procura por outra pequena lição.

– Posso ficar – ele disse – e partir amanhã.

– Não. Quero que você vá agora.

– Quer?

– Quero.

– Ah, e a *minha* vontade não importa?

A suavidade na voz dele a fez erguer os olhos. Ela teria respondido – não sabia o quê – se a atenção de Dardo não tivesse se voltado para ele. O garanhão começou a acariciar Arin como se ele fosse sua pessoa preferida. Kestrel sentiu uma pontada de ciúme. Então, viu algo que fez o ciúme, a solidão e o desejo darem lugar à fúria. Dardo estava cutucando uma parte específica de Arin, cheirando um bolso exatamente do tamanho de uma...

– Maçã-de-inverno – Kestrel disse. – Arin, você anda subornando meu cavalo!

– Eu? Não.

– Anda, sim! É por isso que ele gosta de você.

– Tem certeza de que não é por causa da minha boa aparência e dos meus modos agradáveis? – ele perguntou, bem-humorado. Não era sarcasmo, mas sua voz sugeria que ele duvidava possuir essas características.

Mas ele era, *sim*, agradável. Ele a agradava. E ela nunca teria como esquecer sua beleza. Ela a conhecia muito bem.

Kestrel corou.

– Não é justo – ela disse.

Ele observou o rubor dela e sua boca se curvou. Embora Kestrel não soubesse ao certo se ele era capaz de interpretar o efeito que tinha sobre ela simplesmente por ficar na sua frente e dizer a palavra *agradável*, ela sabia que ele sempre notava quando tinha a vantagem.

Ele insistiu.

– A teoria de guerra do seu pai não inclui conquistar o inimigo oferecendo

doces? Não? Um descuido, acho. Será que... eu teria como subornar *você*?

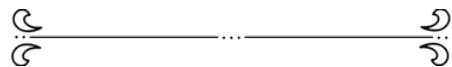
Kestrel cerrou os punhos. Provavelmente parecia raiva. Não era. Era o gesto instintivo de alguém sob uma tentação perigosa.

— Abra as mãos, Pequenos Punhos — Arin disse. — Abra os olhos. Não roubei o amor dele por você. Olhe. — Era verdade que, no decorrer da conversa, Dardo tinha deixado de dar atenção para Arin, desapontado com o bolso vazio. O cavalo cutucou o ombro de Kestrel. — Viu? Ele sabe a diferença entre um alvo fácil e sua dona.

Arin era *mesmo* um alvo fácil. Ele tinha oferecido levá-la ao estábulo e este era o resultado: de onde estava, Kestrel podia ver a sala de equipamentos, sua organização e tudo de que precisaria para selar Dardo rapidamente. Velocidade seria importante na hora de fugir. E ela ia fugir — *precisava* —, era apenas uma questão de sair da casa na hora certa, do jeito certo. Dardo seria o meio mais rápido de chegar ao porto e a um barco.

Quando Arin e Kestrel saíram dos estábulos, a neve tinha parado de cair e tudo estava cristalino. Kestrel não sabia ao certo se tinha ficado mais frio ou se era só impressão. Ela sentiu um calafrio. O casaco de Arin tinha o cheiro dele. Cheiro de terra escura de verão. Ela ficaria feliz em devolver o casaco. De ver Arin vestindo-o, se preparando para a missão que cumpriria longe dali. Ele nublava sua mente.

Ela inspirou o ar frio e quis ser como aquele sopro: uma pureza implacável e gélida.



O que o pai de Kestrel pensaria se soubesse como ela hesitava, como às vezes chegava perto de querer continuar prisioneira? Ele a renegaria. Nenhum filho do general escolheria a rendição.

Ela foi ver Jess, sob guarda.

O rosto da menina estava cinza, mas ela conseguia se sentar e comer por conta própria.

— Alguma notícia dos meus pais? — Jess perguntou.

Kestrel fez que não. Alguns valorianos — civis, nobres — haviam retornado

mais cedo de sua estadia na capital para a temporada de inverno. Eles foram detidos no desfiladeiro da montanha e aprisionados. Os pais de Jess não estavam entre eles.

– E Ronan?

– Não me deixam falar com ele – Kestrel disse.

– Deixam você falar *comigo*.

Kestrel lembrou do bilhete de uma palavra de Arin. Com cuidado, disse:

– Acho que Arin não vê você como uma ameaça.

– Eu queria ser – Jess murmurou, depois ficou em silêncio. Era inacreditável que Jess, logo *Jess*, pudesse estar tão desanimada.

– Você tem dormido? – Kestrel perguntou.

– Pesadelos demais.

Kestrel também tinha pesadelos. Eles começavam com a mão de Logro na sua nuca e terminavam com ela acordando sem fôlego no escuro, lembrando-se de que aquele homem estava morto. Sonhava com o bebê de Irex, com seus olhos castanhos fixados nela. Às vezes, ele falava como um adulto. Ele a acusava de deixá-lo órfão. Era culpa dela, dizia ele, por ter se deixado enganar por Arin. *Você não pode confiar nele*, o bebê dizia.

– Esqueça seus sonhos – Kestrel disse a Jess, mesmo sem conseguir seguir o próprio conselho. – Tenho uma coisa para animá-la. – Entregou uma pilha de vestidos dobrados para a amiga. Antes, suas roupas ficavam justas demais em Jess, mas agora ficariam largas. Kestrel pensou nisso. Pensou em Ronan, na prisão, em Benix, no capitão Wensan e no bebê de olhos castanhos.

– Como você conseguiu ficar com estas roupas? – Jess passou a mão na seda.

– Esqueça. Já sei. Arin. – Sua boca se contorceu como se estivesse bebendo o veneno de novo. – Kestrel, me diz que não é verdade o que dizem, que você é realmente *dele*, que está do lado *deles*.

– Não é.

Dando uma olhada ao redor para garantir que ninguém estava ouvindo, Jess se debruçou e murmurou:

– Prometa que vai fazer com que eles paguem.

Era o que Kestrel esperava ouvir de Jess. Era o motivo por que tinha vindo. Ela olhou nos olhos da amiga que tinha chegado tão perto da morte.

– Prometo – Kestrel afirmou.



Quando voltou para casa, Sarsine tinha um sorriso no rosto.

– Vá para o salão – ela disse.

Seu piano. A superfície do instrumento reluzia como tinta úmida. Uma emoção tomou conta de Kestrel, mas ela não quis nomeá-la. Não queria sentir isso, simplesmente porque Arin estava lhe devolvendo algo que ele próprio tinha lhe tirado. Mais ou menos.

Não devia tocar. Não devia sentar naquele velho banco de veludo nem pensar que transportar um piano pela cidade não era tarefa fácil. Precisava de pessoas. Polias. Cavalos lutando para puxar uma carroça. Não devia se perguntar como Arin encontrou tempo nem como teve que suplicar a boa vontade de seu povo para carregar o piano para cá.

Kestrel não devia tocar as teclas frias ou sentir aquela deliciosa tensão entre o silêncio e o som.

Lembrou que Arin havia se recusado a cantar por sabe-se lá quanto tempo.

Mas ela não tinha esse tipo de força.

Sentou-se e tocou.



No fim, não foi difícil descobrir quais eram os aposentos de Arin antes da guerra. Eles estavam silenciosos e cobertos de pó. Todos os móveis infantis tinham sido removidos, e a suíte era comum, com janelas decoradas por cortinas roxo-escuras. Parecia que, nos últimos dez anos, tinham servido como quarto de hóspedes para as visitas menos importantes. Suas únicas qualidades peculiares eram que a porta externa era feita de um tipo de madeira diferente, mais leve que as outras da casa... e a sala de estar tinha instrumentos pendurados nas paredes.

Decoração. Talvez a família de Irex tivesse considerado os instrumentos infantis algo excêntrico. Uma flauta de madeira estava inclinada sobre a cornija da lareira. Na parede oposta, havia uma fileira de pequenos violinos, em ordem crescente de tamanho. O último tinha a metade da dimensão de um violino

adulto.

Kestrel ia lá com frequência. Um dia, quando Sarsine lhe contou que Arin havia voltado para casa mas que ela ainda não o tinha visto, ela foi à suíte. Tocou em um dos violinos, esticando o braço furtivamente para alcançar a corda mais alta do instrumento maior. O som era áspero. O violino estava arruinado – sem dúvida, todos estavam. Era isso que acontecia quando um instrumento era deixado assim, pendurado e fora da caixa por dez anos.

Uma tábua do assoalho rangeu em algum lugar dos cômodos externos.

Arin. Ele entrou na sala e ela percebeu que estava esperando por ele. Por que outro motivo viria com tanta frequência, quase todo dia, senão na esperança de que alguém notasse e contasse a ele? No entanto, mesmo admitindo que queria estar lá com ele em seus antigos aposentos, ela não tinha imaginado que seria assim.

Com ela mexendo nas coisas dele.

Ela baixou os olhos.

– Desculpe – ela murmurou.

– Tudo bem – ele disse. – Não me importo.

Arin tirou o violino do suporte e o colocou nas mãos dela. Era leve, mas os braços de Kestrel desceram como se o instrumento fosse terrivelmente pesado.

Ela limpou a garganta.

– Você ainda toca?

Ele fez que não.

– Esqueci quase tudo. Eu já não era bom. Gostava de cantar. Antes da guerra, tinha medo que esse dom fosse me abandonar, como acontece com tantos meninos. Nós crescemos, mudamos, a voz engrossa... Não importa se você canta bem quando tem nove anos, sabe. Não quando é menino. Quando chega a hora, só resta torcer para que sua voz se transforme em algo que você goste. Minha voz mudou dois anos depois da invasão. Pelos deuses, eu guinchava. Quando ela finalmente se assentou, parecia uma piada cruel. Era boa demais. Eu mal sabia o que fazer com ela. Eu me sentia tão grato por ter esse dom... e tão furioso por ele significar tão pouco. E agora... – Ele encolheu os ombros num gesto autodepreciativo. – Bom, estou enferrujado.

– Não – Kestrel disse. – Não está. Sua voz é linda.

O silêncio que se seguiu foi suave.

Os dedos dela envolveram o violino. Ela queria fazer uma pergunta a Arin, mas não conseguia. Não podia dizer que não entendia o que havia acontecido com ele na noite da invasão. Não fazia sentido. A morte da família dele foi o que seu pai chamava de “desperdício de recursos”. A força valoriana não tivera compaixão com o exército herrani, mas havia tentado minimizar as mortes de civis. Não dava para obrigar um cadáver a trabalhar.

– O que foi, Kestrel?

Ela balançou a cabeça. Colocou o violino de volta na parede.

– Pergunte.

Ela se lembrou de estar na porta do palácio do governador, recusando-se a ouvir a história dele, e sentiu vergonha novamente.

– Pode me perguntar qualquer coisa – ele disse.

Todas as perguntas pareciam erradas. Por fim, ela disse:

– Como você sobreviveu à invasão?

Ele não falou nada a princípio. Depois, falou:

– Meus pais e minha irmã resistiram. Eu não.

Palavras eram inúteis, lamentavelmente inúteis – criminosas até. Palavras não eram capazes de dar conta do luto de Arin, e não tinham como justificar como os valorianos viveram em cima da ruína do povo dele. Mesmo assim, Kestrel disse:

– Sinto muito.

– Não é culpa sua.

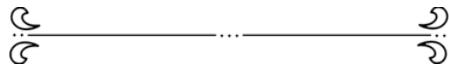
Ela sentia como se fosse.

Arin guiou o caminho para fora de sua antiga suíte. Quando chegaram ao último cômodo, a sala de recepção, ele parou diante da porta externa. Foi uma leve hesitação, como se o ponteiro de segundos tivesse se demorado um milésimo a mais do que deveria. Mas, nessa fração de tempo, Kestrel entendeu que a última porta não era mais pálida que as outras porque era de uma madeira diferente.

Ela era mais nova.

Pegou as mãos exaustas de Arin nas dela e sentiu seu calor áspero, suas unhas ainda marcadas pelo carvão da ferraria. Sua pele parecia esfolada: esfregada até ficar limpa, e esfregada com frequência. Mas a fuligem negra estava enraizada.

Entrelaçou os dedos nos dele. Atravessaram juntos o batente e o fantasma de sua antiga porta, que o povo dela arrombara dez anos atrás.



Depois disso, Kestrel o procurou. Ela usava aquelas pequenas lições como desculpa, dizia que queria mais. Adquiriu diversas habilidades servis, como engraxar botas.

Era fácil encontrar Arin. Embora as invasões no interior continuassem, ele confiava cada vez mais em seus tenentes para liderar os ataques. E passava mais tempo em casa.

– Não sei o que ele pensa que está fazendo – Sarsine indagou.

– Ele está dando aos oficiais sob o comando dele a chance de provarem seu valor – Kestrel explicou. – Está demonstrando confiança e deixando que eles desenvolvam segurança. É uma boa estratégia militar.

Sarsine lhe lançou um olhar severo.

– Ele está delegando – Kestrel disse.

– Ele está *fugindo* do dever. E tenho certeza de que você sabe *por quê*.

Isso acendeu um fósforo luminoso de alegria dentro de Kestrel.

Mas, assim como um fósforo, a alegria se apagou rapidamente quando se lembrou da promessa que fez a Jess de fazer os herranis pagarem.

Não queria pensar nisso.

Kestrel se deu conta de que nunca tinha agradecido Arin por trazer seu piano. Ela o encontrou na biblioteca. Pretendia dizer o que tinha planejado, mas, quando o viu examinando um mapa perto da fogueira, iluminado por uma chuva ascendente de faíscas enquanto uma tora de lenha caía sobre a outra, lembrou-se da promessa exatamente porque queria esquecê-la.

E soltou algo que não tinha nada a ver com nada.

– Você sabe fazer meias-luas com mel?

– Se eu sei...? – Ele abaixou o mapa. – Kestrel, odeio decepcionar você, mas nunca fui um bom cozinheiro.

– Você sabe fazer chá.

Ele deu risada.

– Você sabe que fervor água está dentro das capacidades de qualquer pessoa,

não?

– Ah. – Kestrel começou a sair, sentindo-se boba. O que a tinha possuído para fazer uma pergunta tão ridícula, afinal?

– Quero dizer, sim – Arin falou. – Sim, eu sei fazer meias-luas.

– Sério?

– Ah... não. Mas podemos tentar.

Eles foram para a cozinha. Bastou um olhar de Arin para o cômodo se esvaziar. Os dois ficaram a sós, derrubando farinha na bancada de madeira. Arin pegou um jarro de mel em um armário.

Kestrel quebrou um ovo numa tigela e então comprehendeu por que estava fazendo isso.

Para fingir que não havia existido nenhuma guerra, que não havia lados e que essa era a sua vida.

As meias-luas saíram duras como pedras.

– Hum. – Arin examinou uma. – Podemos usar essas meias-luas como armas.

Ela deu risada antes de conseguir dizer a si mesma que não era engraçado.

– Na verdade, elas são do tamanho da *sua* arma preferida – ele disse. – O que me lembra que você nunca me contou como venceu o duelo de Agulhas com o melhor lutador da cidade.

Seria um erro contar para ele. Seria como quebrar a regra mais simples de guerra: esconder as próprias forças e fraquezas pelo maior tempo possível. Mesmo assim, Kestrel contou a Arin a história de como tinha derrotado Irex.

Arin cobriu o rosto com uma mão cheia de farinha e a espiou por entre os dedos.

– Você é assustadora. Que os deuses me acudam se eu irritar você, Kestrel.

– Você já irritou – ela respondeu.

– Mas sou seu *inimigo*? – Arin diminuiu o espaço entre eles. Mais baixo, repetiu: – Sou?

Ela não respondeu. Concentrou-se na sensação da beirada da mesa pressionando sua lombar. A mesa era real e simples, feita de madeira maciça e pregos e ângulos retos. Não balançava. Não cedia.

– Você não é minha inimiga – Arin disse.

E deu um beijo nela.

Os lábios de Kestrel se abriram. Aquilo era real, mas nem um pouco simples. Ele cheirava a fumaça de lenha e açúcar. Doçura sob queimado. Tinha o sabor do mel que lambera dos dedos minutos antes. O coração dela saltou e foi *ela* quem se inclinou contra o beijo, sedenta, *ela* quem deslizou um joelho entre as pernas dele. Então ele ofegou e o beijo ficou mais sombrio e profundo. Ele a ergueu sobre a mesa para que o rosto dela ficasse na altura do dele e, enquanto se beijavam, as palavras pareciam se esconder no ar em volta deles, como criaturas invisíveis roçando contra ela e Arin, e cutucando, e zumbindo, e beliscando.

Fale, eles diziam.

Fale, o beijo respondia.

O amor estava na ponta da língua de Kestrel. Entretanto, ela não conseguia pronunciá-lo. Como ela poderia enunciar esse amor depois de tudo que se passara entre eles? Depois de cinquenta pilastras nas mãos do leiloeiro, depois de horas imaginando secretamente como seria se Arin cantasse enquanto ela tocava, depois de punhos atados e o estalar de seu joelho sob uma bota e a confissão de Arin na carruagem na noite de Primeiro Inverno?

Bom, *pareceu* uma confissão. Mas não era. Ele não falou nada sobre a conspiração. Mesmo se tivesse falado, ainda assim teria sido tarde demais.

Kestrel mais uma vez se lembrou de sua promessa a Jess.

Se ela não saísse daquela casa agora, trairia a si mesma. Acabaria se entregando a alguém cujo beijo do baile de Primeiro Inverno a tinha levado a crer que ela era tudo que ele queria, sendo que, secretamente, a vontade dele era virar o mundo de cabeça para baixo para que ele estivesse no topo e ela na base.

Kestrel se afastou.

Arin estava pedindo desculpas. Estava perguntando o que tinha feito de errado. Seu rosto estava vermelho, sua boca inchada. Ele estava falando algo sobre como talvez fosse cedo demais, mas que eles podiam levar uma vida ali. Juntos.

– Minha alma é sua – ele disse. – Você sabe.

Ela ergueu a mão, tanto para bloquear o rosto dele como para deter aquelas palavras.

Saiu da cozinha.

Precisou de todo o seu orgulho para não correr.



Kestrel foi até seus aposentos, vestiu suas roupas e botas pretas de duelo e pegou a faca improvisada na hera. Amarrou o pedaço de tecido que a prendia em volta da cintura. Foi ao jardim e esperou o cair da noite.

Ela sempre soube que o jardim do terraço era sua melhor chance de fuga, apesar de não conseguir ver como.

Passou os olhos pelas quatro paredes de pedra. De novo, não viu nada. Encarou a porta, mas como poderia ajudar? Ela levava à suíte de Arin, e Arin...

Não. Kestrel pensou que não, ela não atravessaria aquela porta, não poderia. De repente, encontrou a resposta.

Não adiantava considerar a porta como uma forma de *atravessar* o muro. A porta era uma maneira de *subir* o muro.

Colocou a mão direita na maçaneta e os dedos do pé esquerdo na dobradiça de baixo. Apoiou a mão esquerda na linha rochosa do batente da porta e se alçou, equilibrando-se em algo muito pequeno, apenas uma tira e um nó de metal. Então, subiu o pé direito ao encontro da mão na maçaneta. Ela contrabalançou o peso e se ergueu para alcançar a dobradiça de cima antes de enfiar os dedos na fenda onde o topo da porta encontrava as pedras.

Subiu na porta e no topo do muro que separava o jardim dela do de Arin. Seguiu ao longo dele para alcançar o telhado.

E então já estava descendo pelo declive, correndo para chegar ao chão.

ARIN SONHOU COM KESTREL. QUANDO ACORDOU, apagou como um perfume no ar. Ele não se lembrava de nada, mas a atmosfera ao seu redor tinha mudado. Piscou na escuridão.

Quando ouviu o barulho, percebeu que já esperava por isso havia muito tempo.

Pés de leve sobre o telhado.

Levantou da cama imediatamente.



Kestrel pulou para o primeiro piso, deslizou de barriga pelo telhado, sentindo os dedos dos pés encostarem num buraco. A calha. Ela se contorceu para segurá-la, depois se pendurou na beirada de pedra. Soltou.

Sentiu o choque do impacto e uma pontada aguda no joelho machucado, mas recuperou o equilíbrio e correu até o estábulo.

Dardo bufou no instante em que ela entrou.

– Shhh. – Ela o tirou de sua baia. – Quietinho.

Não havia necessidade de acender uma lamparina, que poderia ser vista da casa. Tateando, ela podia encontrar seu caminho no escuro para pegar as cordas de que precisava. Era fácil. Tinha decorado a localização dos freios e arreios e todo o resto naquele dia no estábulo. Selou Dardo depressa.

Quando saíram para o ar da noite, Kestrel olhou rapidamente para a casa adormecida. Não houve nenhum grito, alarme ou soldado saindo pelas portas.

Mas havia uma pequena luz na ala oeste.

Não era nada, ela disse a si mesma. Arin devia ter caído no sono com uma lamparina acesa.

Kestrel inspirou o aroma do cavalo. Era o cheiro de seu pai quando ele voltava de alguma campanha.

Ela conseguiria. Conseguiria chegar ao porto.

Montou em Dardo e esporou.



Kestrel correu pelo Distrito Jardim, apressando Dardo pelas trilhas de cavalos até o centro. Foi só quando estava quase alcançando as luzes da cidade que ouviu outro corredor nos morros atrás dela.

Sentiu um calafrio na espinha. Sentiu medo de que o cavaleiro fosse Arin.

Sentiu medo da esperança súbita de que fosse ele.

Freou Dardo e desmontou. Era melhor ir a pé pelas ruas estreitas até o porto. Àquela altura, ser furtiva era mais importante que ser rápida.

Cascos ecoavam, cada vez mais perto.

Ela abraçou o pescoço de Dardo com força, depois o afastou enquanto ainda conseguia. Deu um tapinha em suas ancas como um sinal para ele ir para casa. Se ia para a casa dela ou para a de Arin, ela não sabia. Mas ele partiu, e poderia atrair o outro corredor consigo se ela estivesse mesmo sendo seguida.

Kestrel adentrou as sombras da cidade.

E foi mágico. Era como se os deuses herranis tivessem se voltado contra seu próprio povo. Ninguém notou Kestrel se escondendo junto às paredes ou a ouviu quebrando o gelo fino de poças. Nenhum passante noturno olhou em seu rosto e viu uma valoriana. Ninguém reconheceu a filha do general. Kestrel chegou ao porto e desceu as docas.

Onde Arin estava esperando.

A respiração dele soltava nuvens brancas no ar. Seu cabelo estava preto de suor. Kestrel podia ter tomado a dianteira na trilha de cavalos, mas Arin podia correr abertamente pela cidade, enquanto ela atravessava os becos devagar.

Seus olhos se encontraram e Kestrel se sentiu totalmente indefesa.

Mas ela tinha uma arma. Ele não, não que ela pudesse ver. Por instinto, ela levou a mão à ponta afiada de sua faca.

Arin percebeu. Kestrel não divisou o que veio primeiro: a mágoa dele, tão pura e cortante, ou a certeza dela – igualmente pura e cortante – de que nunca conseguiria apontar uma arma contra ele.

Ele mantinha uma postura de corredor. Se endireitou. Seu rosto mudou. Até então, Kestrel não tinha visto sua expressão de desespero. Não tinha reconhecido a súplica muda até ela se desvanecer e o rosto dele envelhecer com algo triste. Resignado.

Arin desviou o olhar. Quando voltou a encará-la, era como se Kestrel fizesse parte do píer sob seus pés. Uma vela presa num navio. Uma corrente negra de água.

Como se ela nem estivesse ali.

Ele virou as costas, entrou na casa iluminada do novo capitão do porto herrani e fechou a porta atrás de si.

Por um momento, Kestrel não conseguiu se mover. Depois, correu até um barco de pesca parado longe dos outros. Ela poderia sair sem que os marinheiros nos outros barcos notassem. Pulou para o convés e fez uma análise rápida da embarcação. A minúscula cabine não tinha qualquer provisão.

Enquanto erguia a âncora e desenrolava a corda que prendia o barco à doca, ela soube, mesmo sem poder ver, que Arin estava conversando com o capitão do porto, distraindo-o, enquanto ela se preparava para navegar.

No inverno. Sem água nem comida, e tendo dormido definitivamente muito pouco para fazer uma viagem que levaria no mínimo três dias.

Pelo menos o vento estava forte.

Ela estava com sorte, Kestrel disse a si mesma. Sorte.

E partiu para a capital.

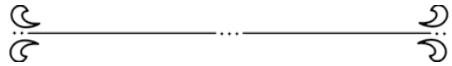


Depois que saiu da baía e as luzes da cidade se apagaram e desapareceram, Kestrel já não podia ver a costa. Mas conhecia as constelações, e as estrelas eram tão puras e brilhantes como as notas tocadas num piano alto e branco.

Navegou para oeste. Kestrel se movia constantemente sobre o pequeno convés, manobrando as rotas, deixando que o vento soprasse na vela mestra. Não havia descanso, e isso era bom. Se descansasse, sentiria frio. Se permitiria pensar. Poderia até cair no sono e sonhar com Arin libertando-a.

Ela memorizou o que diria quando chegasse ao porto da capital. *Sou lady Kestrel, filha do general Trajan. Os herranis tomaram a península. Vocês precisam chamar meu pai no leste para aniquilar a rebelião.*

Precisam.

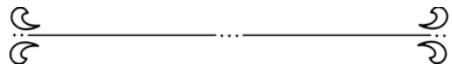


A alvorada era brilhante e frágil. Suas cores eram alucinatórias, e Kestrel se pegou pensando que rosa era mais frio que laranja, e amarelo não era muito melhor. Então, deu-se conta de que aquele não era um pensamento racional e que estava sentindo calafrios dentro de sua jaqueta fina. Obrigou-se a se mover.

Suas mãos, machucadas pelas cordas, estavam rachadas e sangravam sob o vento gélido. Sua boca virou uma cavidade seca. Sede e frio eram muito mais dolorosos que fome ou cansaço. Ela sabia que alguns dias sem água poderiam matar uma pessoa, mesmo nas melhores condições.

Não tinha aprendido a se fortalecer diante da necessidade?

Lembrou-se da expressão de Arin quando levou a mão à faca. Mas se obrigou a esquecer aquilo. Concentrou-se no subir e descer das ondas, passou por uma ilha rochosa sem vegetação, e recitou o que diria dali a dois dias, se o vento continuasse firme.



Não continuou. As velas se afrouxaram na segunda noite. O barco entrou à deriva. Ela tentou não olhar para o céu, porque às vezes via pontos luminosos mesmo quando sabia que as estrelas estavam escondidas atrás das nuvens.

Era um sinal perigoso. Ela estava ficando fraca.

Seu corpo se enfurecia de sede. Kestrel virou a cabine de cabeça para baixo, pensando que devia haver um frasco de água potável em algum lugar. Tudo que encontrou foi uma caneca de metal e uma colher.

Só lhe restava dormir, então. Dormiria até o vento voltar. Amarrou as velas na direção da capital, depois cortou dois pedaços de corda. Improvisou um sino com a caneca e a colher, para acordá-la se o vento soprasse.

Kestrel voltou para a cabine. Estava tudo parado. Sem vento. Sem ondas. Sem movimentação.

Ela se concentrou naquele vazio. Imaginou-o como tinta derramando-se sobre tudo que pensasse ou sentisse.

Adormeceu.



Foi um sono irregular, perturbado. Sua mente zumbia com as palavras que deveria dizer quando chegasse à capital.

Kestrel lutou contra as imagens de Arin segurando um mapa, uma espada ensanguentada, sua mão. Tentou esquecer a lembrança da sua pele contra a dele. Só que essa memória brilhava, iluminada no negror de sua mente, estendendo-se como joia líquida, destilando-se como álcool, uma substância química volátil que ficava mais forte quando era obrigada a desaparecer.

Meio dormindo, ela pensou: *Arin deixou você ir porque uma invasão valoriana era inevitável. Pelo menos assim ele saberá quando esperar por ela.*

Ouviu uma música a chamando de mentirosa.

Mentirosa, o sino tocou.

E continuou tocando, e tocando, até Kestrel acordar e sair da cabine de supetão, para encontrar a caneca e a colher batendo.

Contra um céu verde e feroz.

De tempestade verde.



Ondas vomitaram sobre o convés. Kestrel tinha se amarrado à cana do leme, e não podia fazer nada além de segurar firme, ver o vento rasgar as velas, e torcer para que ainda estivesse apontada para o oeste enquanto o barco subia, descia e tombava ao sabor das cristas das águas.

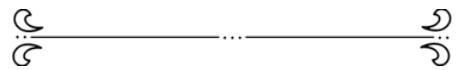
Arin deixou você ir para que morresse exatamente deste jeito.

No entanto, mesmo zonza, sua mente não encontrava sentido nisso.

Kestrel ensaiou novamente as palavras que diria, tirando-as de dentro de si como o tricô que tinha visto as escravas fazerem. Testou o tecido das palavras, sua fibra, e soube que não teria como enunciá-las.

Não iria falar.

Kestrel jurou pelos deuses de Arin que não as falaria.



Sem vento. Não havia muito o que fazer. A água salgada turvou seus olhos. Mas ela ouviu o barco encostar em algo. Então vieram vozes.

Vozes valorianas.

Desceu do barco sem firmeza. Mãos a seguraram e pessoas fizeram perguntas que ela não entendia direito. Até que uma fez sentido.

– Quem é você?

– Sou lady Kestrel – ela disse com a voz rouca. Espontâneas, vis, *erradas*, todas as palavras que ela havia memorizado saíram antes que ela pudesse se calar. – Filha do general Trajan. Os herranis tomaram a península...

ELA ACORDOU QUANDO ALGUÉM COLOCOU ÁGU
lábios. Ganhou vida instantaneamente e suplicou por mais água, que lhe era oferecida em goles tão pequenos que ela chegava a sofrer. Kestrel bebeu e pensou em coisas de beleza dura e fria.

Chuva em bacias de prata. Lírios na neve. Olhos cinzentos.

Ela tinha feito algo, lembrou. Algo cruel. Imperdoável.

Kestrel se forçou a se apoiar nos cotovelos. Estava deitada numa cama grande. Ainda enxergava mal, mas o suficiente para observar que a maciez sob seu corpo vinha de uma pele tão rara e valiosa que o animal tinha sido caçado quase até a extinção, e que o homem que oferecia o copo de água usava os mantos de médico do imperador valoriano.

– Menina corajosa – ele dizia. Seu sorriso era doce.

Kestrel entendeu que tinha conseguido. Tinha chegado à capital. Sabiam quem ela era. Acreditaram nela.

Não, ela tentou dizer. Não era verdade. Mas não conseguiu.

– Você passou por um martírio – disse o médico. – Precisa de repouso.

Havia um gosto estranho na sua língua, um leve amargor cujo gosto se transformou numa dormência, que desceu formigando pela sua garganta.

Uma droga.

O torpor a manteve deitada até o sono tomar conta.



Sonhou com Enai.

Mesmo dormindo, Kestrel sabia que não podia ser verdade, sabia que mortos não voltam. Mas ansiava por se deitar junto a Enai, ficar encolhida até ser pequena de novo. Não queria erguer os olhos e procurar no rosto da mulher a repreensão que devia estar lá.

Estava se perguntando como o fantasma de Arin olharia para ela.

Ele perseguiria seus sonhos. Mostraria visões dele morto em batalha. Teria

uma boca que em nada lembraria a que ela conhecia. Olhos cheios de ódio.

Ódio digno de uma traidora.

– Você veio para me amaldiçoar – Kestrel disse a si mesma. – Não precisa. Eu já me amaldiçoei.

– Danadinha – Enai disse, como sempre dizia quando Kestrel se comportava mal. Teve vontade de dizer que aquilo não era o mesmo que esconder partituras entre as vigas da sala de treino de Rax e pegá-las para ler quando devia estar exercitando o combate. Não era o mesmo que uma resposta ácida. Ou uma peça que ela tivesse pregado em alguém.

Kestrel tinha comprado uma vida, se apaixonado por ela e a vendido.

Enai disse:

- Uma história para você se sentir melhor.
- Não estou doente.
- Sim, está.
- Não preciso de uma história. Preciso acordar.
- E fazer o quê?

Kestrel não sabia.

Enai disse:

– Era uma vez uma costureira que conseguia fazer tecidos a partir de sentimentos. Ela costurava vestidos maravilhosos: diáfanos, reluzentes, esguios. Cortava panos de ambição e ardor, idílio e diligência. E ficou tão habilidosa em seu ofício que chamou a atenção de um deus. Ele quis contratar seus serviços.

– Que deus?

– Quieta – Enai interrompeu. Daquele jeito dos sonhos, Kestrel se via na sua cama de infância, com vários animais de caça entalhados. Enai estava sentada ao seu lado, com os ombros elegantes e em linhas retas que Kestrel sempre tentara imitar. A mulher continuou: – O deus foi até a costureira e disse: “Quero uma camisa feita de conforto”.

“Deuses não precisam dessas coisas”, disse a costureira. O deus olhou para ela.

“A jovem reconhecia uma ameaça quando via uma.

“Ela atendeu ao pedido e, quando o deus experimentou a camisa, ficou perfeita. As cores do tecido o transformaram, fazendo seu rosto parecer menos pálido. A costureira o examinou e pensou coisas que sabia que não era

prudente expressar.

“O deus a pagou generosamente, embora ela não tivesse dado um preço. Ele ficou agradecido.

“Mas não estava satisfeito. Ele retornou, pediu um manto feito de companhia e partiu antes que a costureira dissesse sim. Os dois sabiam que ela aceitaria o trabalho.

“Estava fazendo os retoques finais na bainha do manto quando uma velha entrou na loja e viu todas as coisas que não tinha como pagar. A mulher estendeu o braço sobre o balcão atrás do qual a costureira trabalhava. Dedos mirrados hesitaram sobre o manto. Olhos apagados ficaram tão brilhantes de desejo que a costureira lhe deu a peça e não pediu nada em troca. Ela conseguiria fazer outro – e rápido.

“O deus, porém, era ainda mais rápido. Ele voltou à vila antes do que havia combinado. O que viu senão a velha mulher dormindo perto de uma fogueira, envolta num manto grande demais para ela? O que sentiu senão o peso da traição, o golpe rápido e fundo do ciúme, capaz de humilhar um deus?

“Ele chegou à loja da costureira com aquele seu ar silencioso, como gelo se formando durante a noite. ‘Entregue o manto’, ele exigiou.

“A costureira empunhou a agulha. Não era nenhuma arma contra um deus. ‘Não está pronto’, ela disse.

“Mentirosa.”

A palavra tombou com seu peso. Kestrel perguntou:

– Eu sou a costureira nessa história? Ou o deus?

Enai continuou, como se não tivesse ouvido.

– Ele a teria destruído ali mesmo, mas pensou em outra forma de vingança. Uma maneira melhor de lhe causar sofrimento. Ele sabia que ela tinha um sobrinho, um menino, o único fiapo de família que lhe restava. Ela cuidava dele com seus rendimentos, e ele estava dormindo numa cidade vizinha, aconchegado sob o olhar atento de uma ama que o deus poderia distrair, enganar e embalar.

“Foi o que ele fez. Ele deixou a loja da costureira e pairou sobre o menino adormecido. Não houve compaixão pelos membros pequenos e gorduchos, as bochechas coradas de sono, o borrão do cabelo desgrenhado na escuridão. O deus já havia tomado crianças antes.”

Kestrel disse:

– É o deus da morte.

– Quando o deus tirou o cobertor, seus dedos tocaram o pijama do menino. Ele ficou imóvel. Nunca, em todos os seus anos imortais, havia tocado em algo tão belo.

“A camisa tinha sido costurada com o tecido do amor. Ele sentiu a maciez do veludo, o toque da seda, a textura maleável do tecido que não desfiaria. No entanto, havia uma coisa que não pertencia à peça: um pequeno círculo úmido do tamanho da ponta de um dedo.

“Ou da lágrima de um deus.

“A marca desapareceu. O tecido ficou liso novamente. O deus partiu.

“Enquanto isso, a costureira ficou ansiosa. Fazia dias que ela não ouvia notícias do seu melhor e mais terrível freguês. Não parecia possível que ela pudesse ter escapado de suas garras tão facilmente. Ninguém desafiava deuses, principalmente *aquele* deus. Uma fissura de pensamento se abriu na mente dela. Uma desconfiança, que cresceu até se tornar um terremoto que a fez tremer. De repente, ela viu, como o deus tinha visto, a maneira mais certeira de lhe causar desespero.

“Correu para a casa da ama na cidade vizinha. Sua mão vacilou contra a maçaneta, porque a morte era o que ela encontraria.

“A porta se abriu. O menino pulou em seus braços, ralhando com ela por ter ficado tanto tempo longe, perguntando por que tinha que trabalhar tanto. A costureira o apertou até que ele reclamasse. Quando passou os dedos no rosto dele, certa de que a morte havia estado lá de alguma forma e de que mostraria sua cara em uma hora ou um minuto, senão agora, ela viu que a testa do menino tinha sido marcada.

“Marcada pelo sinal da proteção de um deus. De sua benevolência. Era um presente sem um preço.

“A costureira voltou à loja e esperou. Suas mãos, como raramente acontecia, não estavam ocupadas, e permaneciam numa calmaria desconhecida. Elas também aguardaram, mas o deus não veio. Então a mulher fez algo assustador: sussurrou o nome dele.

“Ele veio, em silêncio. Não usava nada que ela tinha costurado, apenas suas próprias roupas. Eram cortadas de maneira impressionante, num ajuste

impecável. Mas a costureira não entendeu como nunca havia notado que eram puídas. O tecido estava todo desgastado, parecendo nuvens finas.

“Queria agradecer’, ela disse.

“Não mereço agradecimento nenhum’, disse o deus.

“Mesmo assim, quero agradecer.’

“O deus não respondeu. As mãos dela não se moveram.

“Ele disse: ‘Então teça para mim a roupa da sua alma’.

A costureira pousou as mãos nas dele. Ela o beijou e o deus a levou consigo.”

A história perpassou Kestrel como um vento forte que pungiu seus olhos e fez lágrimas correrem pelas suas bochechas.

– Ah, ora essa – Enai retrucou. – Pensei que a história fosse inspiradora.

– Inspiradora? A costureira *morre*.

– Que interpretação triste! Digamos que, em vez disso, ela fez uma escolha.

O deus permitiu que ela escolhesse e ela escolheu. Você, Kestrel, ainda não fez sua escolha.

– Eu fiz. Você acha que não? A esta altura, o imperador já mandou seus gaviões mensageiros para o meu pai. A guerra já começou. É tarde demais.

– É?



Kestrel acordou. Seu corpo estava fraco de fome e abalado pelos sonhos, mas ela se levantou com um propósito. Vestiu-se. Vieram escravos; seus rostos eram um mapa do império, desde a tundra do norte até as ilhas do sul, formando a península de Herran. Ela ignorou que o fato de eles estarem ali mostrava o respeito do imperador por ela. Ignorou que o pé-direito de seu quarto era tão alto que ela mal conseguia discernir a cor da tinta do forro. Preparou-se para se encontrar com o imperador.

Foi levada a uma sala oficial e deixada a sós com o homem que governava meio mundo.

Ele era mais magro que as estátuas dele, e o cabelo grisalho estava cortado no estilo militar. Ele sorriu. O sorriso de um imperador é como ouro e diamante, uma fortaleza, uma espada erguida pelo cabo – pelo menos quando

o sorriso é do tipo que ele abriu para ela.

– Veio buscar sua recompensa, lady Kestrel? O ataque a Herran começou dois dias atrás, enquanto a senhorita dormia.

– Estou aqui para pedir que pare o ataque.

– Parar...? – As rugas no rosto dele se afundaram. – Por que eu faria uma coisa dessas?

– Vossa majestade imperial já ouviu falar da maldição do vencedor?

– O IMPÉRIO SOFRE DESSA MALDIÇÃO – KESTREL I
não tem mais condições de manter aquilo que conquistou. Nossos territórios são extensos demais. Os bárbaros sabem disso. É por isso que têm coragem de atacar.

O imperador fez um sinal de desprezo com a mão.

– Eles não passam de camundongos beliscando os grãos.

– O *senhor* também sabe disso. É por isso que ataca primeiro, para fazer parecer que nossos recursos são infinitos e nosso Exército, inigualável, quando na verdade estamos puídos como um tecido velho. Os furos já começaram a aparecer.

O sorriso do imperador mostrou um quê de rispidez.

– Cuidado, Kestrel.

– Se não ouvir a verdade, é só uma questão de tempo até o império ruir. Os herranis nunca deveriam ter conseguido se insurgir contra nós.

– Esse problema vai ser solucionado. Enquanto conversamos, seu pai está esmagando a rebelião. As muralhas da cidade vão ceder. – O imperador se afundou em seu trono. – O general Trajan não está liderando uma guerra, mas um extermínio.

Kestrel viu todas as partes vulneráveis do corpo de Arin, e seu rosto desaparecendo num caos de sangue.

Arin a tinha deixado ir.

Era o mesmo que cortar o próprio pescoço.

O medo subiu pela sua garganta, denso como a bile. Ela o engoliu em seco. Pegou seus pensamentos e os arrumou como peças de um jogo.

Ela iria jogar e vencer.

– Vossa majestade já considerou o custo de mais uma guerra de Herran? – ela perguntou ao imperador.

– Vai ser menor do que a perda do território.

– Se as muralhas da cidade se mantiverem, os herranis vão conseguir sobreviver por um longo cerco que vai acabar com o nosso tesouro.

A boca do imperador se contorceu.

– Não existe outra opção.

– E se fosse possível manter o território sem uma guerra?

Ele deve ter ouvido, como Kestrel ouviu, a voz de seu pai saindo de sua boca. A cadência de certeza calculada. A postura do imperador não mudou, nem sua expressão. Mas um dedo se levantou e tocou uma vez o mármore, como se tocasse um sino para ouvir o som de seu repicar.

Kestrel disse:

– Dê a independência aos herranis.

Aquele dedo cortou o ar para apontar para a porta.

– Saia.

– Por favor, escute...

– O serviço do seu pai ao império não significará nada para mim, o seu serviço não significará nada, se você soltar mais uma palavra de insanidade e insolência.

– Herran continuaria sendo sua! Vossa majestade manteria o território, desde que deixasse que eles o governem. Dê a cidadania para eles, mas faça com que o líder preste um juramento de fidelidade ao senhor. Cobre impostos da população. Tire suas mercadorias. Tire suas lavouras. Eles querem a liberdade, as vidas e as casas deles. O resto é negociável.

O imperador ficou em silêncio.

– Nosso governador já está morto mesmo – Kestrel disse. – Deixe que os herranis ocupem a posição.

Ele continuou sem falar nada.

– O novo governador, obviamente, iria responder à vossa majestade – ela acrescentou.

– E você acha que os herranis aceitariam isso?

Kestrel pensou nas duas chaves que Arin havia colocado em sua mão. Uma liberdade limitada. Mas melhor do que nada.

– Sim.

O imperador fez que não.

– Não mencionei a melhor parte de um fim rápido à revolução de Herran – ela disse. – Agora, o leste acredita que vossa majestade recuou. Os bárbaros estão se congratulando. Ouviram de espiões ou falcões mensageiros capturados

sobre as dificuldades enfrentadas em Herran. – Eram apenas palpites, mas viraram certezas quando ela viu o rosto do imperador. Kestrel insistiu. – Os bárbaros sabem que um cerco contra as muralhas bem construídas da cidade levará tempo, então eles estão recuando das linhas de frente, onde os enfrentamos, e voltando à rainha deles para transmitir a boa-nova. Eles deixam alguns poucos batalhões simbólicos para ocupar a terra que acham que não precisam defender. Mas, se vossa majestade enviar as forças *de volta*, e pegar os bárbaros de surpresa...

– Entendo. – O imperador entrelaçou as mãos e pousou o queixo entre os nós dos dedos. – Mas você ignora que Herran é uma *colônia*. As casas que os herranis querem de volta pertencem aos meus senadores.

– Os bárbaros têm ouro. Enriqueça os senadores desapontados com a pilhagem do oriente.

– Mesmo assim. O que você propõe não seria uma decisão popular.

– Vossa majestade é o imperador. Por que se importa com a opinião pública?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Um comentário como esse me faz questionar se você é ingênua ou se está tentando me manipular. – Ele a examinou. – Você é astuciosa demais para ser ingênua.

Kestrel sabia que era melhor ficar em silêncio.

– Você é filha do general mais lendário da história valoriana.

Ela não entendia que forma os pensamentos do imperador estavam assumindo.

– Você também não é pouco bonita.

Os olhos dela saltaram para os dele.

Ele disse:

– Tenho um filho.

Sim, ela sabia, mas o que o herdeiro do império tinha a ver com...

– Um casamento imperial – ele disse. – Um que fizesse o Exército me adorar. Um que também distraísse os senadores e suas famílias, de maneira que a principal preocupação deles fosse como receber um convite. Gosto dos seus planos para Herran e o oriente, mas vou gostar ainda mais se você se casar com meu filho.

Não se gagueja diante do imperador. Kestrel inspirou fundo e segurou o ar até conseguir falar calmamente.

- Seu filho pode preferir outra pessoa.
- Não, ele não prefere.
- Nós não nos conhecemos.
- E?

O rosto do imperador foi tomado por algo que Kestrel reconheceu como crueldade no mesmo momento em que ela lembrou que seu pai sempre o respeitara. Ele disse:

– Existe algum motivo que explique por que você não aproveita a chance de se tornar minha filha? Ou por que defende os herranis de maneira tão ardorosa? Os boatos correm pela capital, e não sou o único que ouvi sobre seu duelo com o lorde Irex.

Ele continuou:

– Não, Kestrel, uma cara de inocente não vai funcionar agora. Já concordamos que você é inteligente demais para a inocência. Você deveria ficar grata por eu não exigir inocência de uma nora. O que exijo, porém, é uma escolha. Aceite se casar com meu filho e vou levantar o cerco, mandar nossas forças de volta para o leste e lidar com as consequências políticas. Recuse e haverá uma segunda guerra de Herran, com consequências diferentes.

E encerrou:

- Escolha.

QUANDO ARIN VIU A VASTA FROTA VALORIANA I

enseada, ficou aliviado. Quando ela destruiu os poucos navios capturados na noite do baile de Primeiro Inverno, ele ficou aliviado, mesmo ao ver a madeira em chamas cobrindo a água e os destroços carbonizados afundando.

Os herranis encontraram coragem com o destemor de Arin. Ele não conseguia imaginar a reação deles se soubessem que tinha provocado a guerra e que a expressão em seu rosto era de alegria.

Ele havia sofrido muito mais com a tempestade verde que assolara a costa dois dias depois da partida de Kestrel. A intempérie o devastou por dentro, exterminando tudo até que não restasse nada além de um espaço vazio ecoando com a certeza do que ele tinha feito, com a imagem do barquinho de pesca tombado, naufragado. Ele imaginou uma boca cheia de algas marinhas. Kestrel resistindo. Seus membros enfraquecendo, depois se perdendo num labirinto de ondas.

Provavelmente o início do cerco significaria a morte de Arin. Mas também significava que Kestrel estava viva.

Os herranis acreditavam que seu rosto exibia o prazer louco de um guerreiro diante da batalha. Ele deixou que acreditasse. “Você é o deus das mentiras”, Kestrel dissera. Ele olhou para seu povo e sorriu, e o sorriso era uma mentira – como um reflexo de espelho, o inverso da verdade.

Depois que ela partiu, Arin ordenou que o píer do porto fosse destruído.

Mas, quando os valorianos chegaram, eles ancoraram o mais perto possível da costa e mandaram sapadores em barcos pequenos. As docas logo foram reconstruídas sob guarda e os herranis nada puderam fazer além de olhar e esperar atrás das muralhas. Arin havia disposto canhões ao longo das ameias, mas o porto estava fora de alcance. Abrir os portões e mandar pessoas para atrapalhar a reconstrução do píer seria suicídio, por isso os herranis observaram o sol se pôr e nascer sobre as forças valorianas que desembarcavam para descarregar as máquinas de cerco. Puxavam canhões. Traziam barris de pólvora negra. Alinhavam cavalos e infantaria. E, sabe-se lá como, enviaram soldados

para darem a volta pela cidade até o lado das montanhas. Arin ouviu a notícia das medalhas costuradas em seus uniformes e soube que eles representavam os rangers, uma brigada de elite que servia como batedores, especializada em subterfúgios. Eles rapidamente se camuflaram entre as pedras e árvores desfolhadas.

Um mês atrás, Arin ordenara o escavamento de uma vala em volta da cidade. Quando os dias antes da tempestade verde trouxeram ventos quentes que deixaram o chão de inverno encharcado, os herranis atolaram entulhos na vala lamacenta – móveis, árvores derrubadas, garrafas quebradas. A terra congelou novamente.

Arin observou um homem se aproximar da beira do sulco fundo coberto de entulho. Seu rosto estava ocultado por um capacete, mas, mesmo sem a bandeira imperial pintada na armadura, Arin saberia quem ele era. Ele já tinha visto o passo calculado do general antes, a gravidade de seus movimentos.

O general Trajan inspecionou a vala. Olhou para os cavalos sendo desembarcados dos navios. Arin o viu imaginar a dificuldade de trazer seu exército através da vala – a desordem, as patas quebradas, o vidro cortando os cascos dos animais e perfurando as botas dos homens. Ele foi conversar com um grupo de sapadores.

Tábuas de madeira surgiram. Alicerces foram instalados. Em uma semana, os valorianos cruzaram as pontes improvisadas e alcançaram a muralha.



Eles mantiveram uma distância cautelosa depois que os herranis arremessaram bolas de piche em chamas, retiradas dos estaleiros e enoveladas em papel e madeira. Houve mortes. Um carro de provisões valoriano foi atingido e incendiado. Mas outros soldados deram um passo à frente para preencher os espaços nas fileiras, e os carros restantes foram puxados para as linhas de retaguarda.

Os sapadores começaram a construir três barragens.

– Matem-nos! – Arin exigiu dos seus melhores e poucos arqueiros, que tinham apenas um talento inato para arcos e bestas e alguma experiência que a conquista do interior havia lhes trazido.

O deus da guerra os ajudou. Os sapadores caíram.

Mas os soldados assumiram o trabalho. As barragens de terra e rocha continuaram a subir, e foram reforçadas com a madeira das pontes desmontadas. Torres começaram a ser formadas. Arin sabia que era questão de tempo até elas alcançarem a altura da muralha, e pontes serem construídas para cobrir o espaço.

– Construam um túnel sob a muralha – Arin disse a seus soldados. – Cavem o subterrâneo até chegarem àquelas torres. Depois as esvaziem a partir da base.



Demorou apenas alguns dias até os valorianos perceberem que as torres estavam afundando. Arin ouviu o general vociferar uma ordem. Pás se enfiaram na terra em volta das construções. Quando eles irromperam nos túneis, soldados desceram para dentro.

– Selem os túneis! – ordenou Arin.

Ele foi obedecido. Os valorianos não conseguiram entrar na cidade, bloqueada para eles – assim como para os herranis abandonados à morte nos túneis.



As torres cresceram. Arin tinha apenas um pequeno arsenal de balas de canhão e pólvora negra, mas usou a maior parte para explodir as torres.

Os valorianos trouxeram as catapultas à frente. Atiraram fogo na cidade.

Ela começou a queimar.



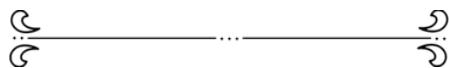
Uma tempestade de neve acalmou o incêndio, ajudando a apagá-lo. Fazia três semanas que Kestrel havia partido, e Arin – exausto, preto de fumaça – lembrava da confiança com que tinha garantido a ela que os herranis conseguiriam suportar um ano de cerco.

Como se um bom estoque de grãos e água bastasse.

Ele usou o último suprimento de artilharia do canhão para destruir as catapultas. Depois disso, os herranis tinham apenas a muralha e o que poderiam atirar por cima dela para se protegerem.

Houve uma calmaria nas atividades inimigas. Arin pensou que a neve tinha amortecido a determinação deles ou que o general estivesse planejando sua próxima ação. Mas, quando algo explodiu contra a muralha que dava para a montanha e ela tremeu como um ser vivo, ele se deu conta de que a calmaria era parte do plano.

Os rangers começaram a derrubar a muralha.



Os herranis jogaram água e alcatrão fervente sobre os rangers. Eles gritaram. Tombaram. Mas o general Trajan, assim como Arin, ouviu o som de seu sucesso. Ele fez suas tropas darem a volta pela cidade, e Arin percebeu que elas estavam posicionadas exatamente para esse momento. Em pouco tempo, elas trariam sua força impetuosa para atacar a parede enfraquecida. Forçariam contra os nacos de pedra. Esmurrariam a fachada em ruínas até um buraco surgir e crescer. Aumentariam essa abertura com ganchos fixantes puxados pelas máquinas de cerco. Os valorianos entrariam na cidade.

Seria um massacre.

Arin se posicionou na muralha da montanha e não viu um navio entrar no porto.

Mas viu um falcão – pequeno, um kestrel – voar por sobre a cidade e mergulhar na direção do general.

O homem tirou um tubo da pata da ave e o abriu. Ele ficou imóvel.

Desapareceu em meio às fileiras de soldados.

O exército valoriano parou o ataque.

Então, os pés de Arin se moveram ao longo da muralha, correndo para observar o mar. Embora não pudesse afirmar que sabia o que estava acontecendo, ele entendeu que algo tinha mudado e, na sua cabeça, só havia uma pessoa capaz de mudar seu mundo.

Outro falcão estava empoleirado na ameia do lado do mar. A ave olhou para

ele – com a cabeça inclinada, o bico afiado, as garras firmes na pedra. Neve cobria suas penas.

A mensagem que ela trazia era curta.

Arin,

Me deixe entrar.

Kestrel.

KESTREL OBSERVOU O PORTÃO SE ABRINDO. Arin (as portas se fecharam atrás dele de maneira que ele ficou de costas para a muralha, enquanto ela estava de costas para o mar. Ele avançou na sua direção. Então os olhos dele se voltaram para a testa dela – assim como os do general, quando ela o encontrou momentos antes. O rosto de Arin empalideceu.

Nas sobrancelhas dela havia uma linha cintilante de pó dourado e óleo de mirra. Era o sinal valoriano para indicar que ela estava noiva.

Kestrel se forçou a sorrir.

– Não confia em mim a ponto de me deixar entrar na cidade, Arin? Bom, eu entendo.

– O que você fez?

A devastação na voz dele devastou Kestrel. Mas ela se recompôs.

– Mas Ronan... – Arin não conseguiu terminar. – Como, Kestrel? *Quem?*

– Me dê parabéns. Vou me casar com o herdeiro do império.

Ela viu quando ele acreditou. Viu a traição cobrir seus traços, então a compreensão. Viu seus pensamentos.

Ela não havia fugido do seu abraço, escapado pelo telhado e quase apontado uma arma contra ele?

Quem ele era para ela?

Kestrel gostava de vencer. O papel de futura imperadora não era uma aposta tentadora? O poder devia tê-la persuadido do que Ronan não havia conseguido.

A suposição de Arin era cruel. Mas ela não disse nada para mudá-la. Se ele soubesse as verdadeiras condições da oferta do imperador, nunca as aceitaria.

– Por mais agradável que seja discutir os detalhes do meu futuro casamento – ela disse –, existem assuntos mais urgentes. O imperador tem uma mensagem para você.

Os olhos de Arin haviam escurecido. Sua voz era cortante.

– Mensagem?

– Liberdade, para você e seu povo. Ele quer nomear você como governador.

Você, claro, precisa jurar lealdade ao imperador, receber seus emissários e responder a ele. Se, entretanto, o assunto não for do interesse direto do império, você poderá governar seu povo como achar conveniente. – Kestrel lhe entregou uma folha de papel. – Aqui está uma lista dos impostos e tributos esperados de Herran, a serem pagos pela honra de fazer parte do império.

Arin amassou o papel no punho.

– É um golpe.

– Renda-se agora e aceite essa proposta generosa, ou renda-se em breve, quando meu pai derrubar sua muralha, e veja o fim do povo herrani. Pode ser um golpe, mas você vai aceitar.

– Por que o imperador faria isso?

Kestrel hesitou.

– Por quê?

– Se for verdade, é de fato uma oferta generosa. E não faz sentido.

– Aconselho você a não questionar a sabedoria do imperador. Se vê uma boa oportunidade, aproveite. – Kestrel apontou a própria mão para ressaltar sua elegância: a pele branca, o ouro, as joias. – *Eu* sem dúvida aproveitei.

Havia uma tensão terrível em Arin, que lembrava Kestrel do violino da infância dele. Ele havia sido forçado por tempo demais. Quando finalmente respondeu, sua resposta veio num grunhido baixo.

– Eu aceito.

– Então dê ordens para a abertura do portão. Meu pai entrará para escoltar todos os valorianos na sua cidade de volta para a capital.

– Eu aceito – Arin repetiu – sob uma condição. Você mencionou emissários.

Vai haver apenas *uma* emissária do império. Será você.

– Eu?

– Você, eu entendo. Você, eu sei ler nas entrelinhas.

Kestrel não tinha essa certeza.

– Acho aceitável – ela disse, e teve vontade de dar as costas para o quanto queria essa condição. Queria aproveitar qualquer oportunidade de vê-lo, mesmo com o objetivo de impor a vontade do imperador.

Como não podia dar as costas para o seu próprio desejo, deu as costas para Arin.

– Por favor, não faça isso – ele pediu. – Kestrel, você não sabe. Você não

entende.

– Vejo as coisas muito claramente. – Ela começou a andar para encontrar o pai. Aos olhos dele, ela finalmente tinha feito algo para deixá-lo orgulhoso.

– Não vê – Arin disse.

Ela fingiu não ouvi-lo. Observou o céu branco se dissolver na neve e se despedaçar sobre o mar plúmbeo. Sentiu as faíscas geladas na sua pele. A neve caiu sobre ela, caiu sobre ele, mas Kestrel sabia que nenhum floco nunca seria capaz de tocar os dois.

Ela não olhou para trás quando ele voltou a falar.

– Não vê, Kestrel, mesmo que o deus das mentiras ame você.

NOTA DA AUTORA

A ideia deste romance me veio quando eu estava sentada com a minha amiga Vasiliki Skreta num colchonete azul-escuro de academia na sala de brinquedos do nosso condomínio. Vasiliki é economista e estávamos discutindo leilões. Ela mencionou o conceito da “maldição do vencedor”. Em termos simples, ele descreve como o vencedor de um leilão também perde, porque venceu pagando mais do que a maioria das pessoas que fizeram ofertas julgara que o item valia. Claro, ninguém sabe quanto algo pode valer no futuro. A maldição do vencedor (pelo menos na teoria econômica) é sobre o momento da vitória em si, não sobre os resultados dela.

Fiquei fascinada por essa versão de vitória pírrica – vencer e perder ao mesmo tempo. Fui seduzida pela beleza do termo “maldição do vencedor”, introduzido em um artigo de 1971 chamado “Ofertas competitivas em situações de alto risco”, de E. C. Capen, R. V. Clapp e W. M. Campbell. Tentei imaginar um romance em que alguém vencesse um leilão que cobrasse um alto preço *emocional*. Então pensei: e se o item no leilão não fosse um objeto, mas uma pessoa? Nesse caso, qual poderia ser o custo da vitória?

Meu primeiro agradecimento por *A maldição do vencedor* vai para Vasiliki. Devo também agradecer aos vários textos que me acompanharam durante a escrita. Mesmo que o mundo que apresentei nestas páginas seja meu e não tenha qualquer relação concreta com o mundo real, fui inspirada pela antiguidade, em particular pelo período greco-romano, depois que Roma conquistou a Grécia e escravizou sua população, como era costume na época; a escravidão era uma consequência comum da guerra. Dois livros me ajudaram a compreender a mentalidade desse período: o romance *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, e *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides (que parafraseio em certo ponto). O poema que Kestrel lê na biblioteca é

muito parecido com a abertura do *Canto I*, de Ezra Pound (que, por sua vez, ecoa *A odisseia*, de Homero): “E assim se afundou o navio / Querenado pela rebentação, sobre o mar divino”.

Por isso, agradeço às minhas leituras... e aos meus leitores. Muitos amigos leram e comentaram *A maldição do vencedor*. Alguns leram um capítulo, outros trechos inteiros, e outros diversos rascunhos. Obrigada: Genn Albin, Marianna Baer, Betsy Bird, Elise Broach, Donna Freitas, Daphne Grab, Mordicai Knodel, Kekla Magoon, Caragh O’Brien, Jill Santopolo, Eliot Schrefer, Natalie Van Unen e Robin Wasserman. Seus conselhos foram indispensáveis.

Agradeço também àqueles que discutiram este projeto comigo e me ofereceram ideias ou apoio moral (muitas vezes os dois!): Kristin Cashore, Jenny Knodel, Thomas Philippon e Robert Rutkoski (que criou a expressão “código de chamada”). Nicole Cliffe, Denise Klein, Kate Moncrief e Ivan Werning tiveram várias coisas úteis para dizer a respeito de cavalos. David Verchere, como sempre, foi meu especialista em navios e navegação. Tiffany Werth, Georgi McCarthy e muitos amigos de Facebook opinaram em questões de linguagem.

Tenho dois lindos filhos pequenos e não poderia ter escrito este livro sem ajuda para cuidar deles. Agradeço aos meus pais, sogros e babás: Monica Ciucurel, Shaida Khan, Georgi McCarthy, Nora Meguetaoui, Christiane e Jean-Claude Philippon, e Marilyn e Robert Rutkoski.

Sou muito grata àqueles que cuidaram de mim. Minha sábia e calorosa agente, Charlotte Sheedy, e sua equipe: Mackenzie Brady, Carly Croll e Joan Rosen. Minha sagaz editora, Janine O’Malley, que deixa todos os livros muito melhores. Simon Boughton, por dar importância aos detalhes. Joy Peskin, por ser uma defensora tão maravilhosa. Todos na FSG e na Macmillan, por seu humor e seu prazer em trazer os livros à vida, especialmente Elizabeth Clark, Angus Killick, Kate Leid, Kathryn Little, Karen Ninnis, Karla Reganold, Caitlin Sweeny, Allison Verost e Ksenia Winnicki. Obrigada.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1^a edição, maio 2016

fontes Adobe Garamond Pro Regular 12,7/16,3pt;
Neutra Display Light Alt 12,7/16,3pt;
Neutra Display Thin 130/130pt.